



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LITERÁRIOS
CURSO DE DOUTORADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**



Jéssica Aparecida Souza Santos Alturuk

O legado literário da escritora cearense Alba Valdez (1874 – 1962)

Uberlândia / Mg

Agosto de 2024

Jéssica Aparecida Souza Santos Alturuk

O legado literário da escritora cearense Alba Valdez (1874 – 1962)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Curso de Doutorado, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Linha de pesquisa 1 - Literatura, Memória e Identidades

Uberlândia / Mg

Agosto de 2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

A469 Alturuk, Jéssica Aparecida Souza Santos, 1992-
2024 O legado literário da escritora cearense Alba Valdez
(1874 – 1962) [recurso eletrônico] / Jéssica Aparecida
Souza Santos Alturuk. - 2024.

Orientador: Carlos Augusto de Melo.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Estudos Literários.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.638>
Inclui bibliografia.

1. Literatura. I. Melo, Carlos Augusto de ,1982-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Estudos Literários. III. Título.

CDU: 82

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP
38400-902



Telefone: (34) 3239-4539 - www.ppglit.ileel.ufu.br - secppgelit@ileel.ufu.br, coppgelit@ileel.ufu.br e
atendppgelit@ileel.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários				
Defesa de:	Doutorado Acadêmico em Estudos Literários				
Data:	28 de junho de 2024	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	12013TLT005				
Nome do Discente:	Jéssica Aparecida Souza Santos Alturuk				
Título do Trabalho:	O legado literário da escritora cearense Alba Valdez (1874 -1962)				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	Linha de Pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	As literaturas indígenas como provocação à teoria e à história literárias no Brasil				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários composta pelos professores doutores: Carlos Augusto de Melo da Universidade Federal de Uberlândia / UFU, orientador da candidata; Fabiana Sena da Universidade Federal da Paraíba / UFPB; Germana Maria Araújo Sales da Universidade Federal do Pará / UFPA; Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro da Universidade Federal de Uberlândia/ UFU; Camila Soares López da Universidade Federal de Uberlândia / UFU.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, prof. Dr. Carlos Augusto de Melo, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e revisada, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Augusto de Melo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 01/07/2024, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Soares López, Professor(a) do Magistério Superior**, em 01/07/2024, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº](#)

[8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabiana Sena da Silva, Usuário Externo**, em 02/07/2024, às 10:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, Presidente**, em 02/07/2024, às 13:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de](#)

[outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jéssica Aparecida Souza Santos Alturuk, Usuário Externo**, em 03/07/2024, às 10:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Germana Maria Araujo Sales, Usuário Externo**, em 09/07/2024, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539,](#)

[de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5499641** e o código CRC **F6DC1D92**.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, que antes mesmo que eu compreendesse, já cuidava da minha trajetória.

Ao meu esposo, Rami, por compreender, estar ao meu lado e sempre me incentivar. Amo-te.

Aos meus pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos, pelo apoio e orações, e mesmo à distância, de alguma forma, fizeram-se presentes. Amo-os incondicionalmente.

Ao Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo, por sempre dispor de sua sabedoria, inteligência e paciência para me guiar em minha pesquisa, mesmo diante das minhas inúmeras dificuldades e falhas. Obrigada pelo seu olhar humano; as marcas profundas de sua docência levarei comigo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – UFU, por cada ensinamento, por ampliar meu universo literário e por cada novo conhecimento.

E a todos os meus amigos e amigas que torceram e compreenderam a distância, obrigada pela amizade de cada um.

É pouco, é quase nada! – opinarão alguns. E eu replicarei: - É movimento. É vibração.

Pesados, ultima ratio, os motivos de ordem geral, o meio ambiente com os seus prejuízos e mentalidade estática, a falta de convívio espiritual, onde tivessem notícias do progresso que civiliza, todas as circunstâncias, enfim, oriundas do clima social, que enlanguescia qualquer floração estranha – essas mulheres projetaram-se para o alto. Excederam do tempo e do espaço. Bem merecem que se as relembre com admiração e simpatia (Alba Valdez, 1937).

RESUMO

Nas últimas décadas, os estudos sobre a literatura de mulheres têm se fortalecido significativamente com o objetivo de contribuir para a visibilidade dos nomes e textos de escritoras que, por muito tempo, ficaram silenciadas no sistema literário. Entre elas, encontra-se Alba Valdez, uma mulher representativa do círculo literário cearense e brasileiro. Intelectual pioneira, suas obras foram publicadas nos principais almanaques, revistas e jornais de seu estado, assim como em outras regiões do Brasil. No entanto, seu nome também foi abafado pelo silêncio do cânone masculino e patriarcal. De caráter revisionista, esta proposta busca justamente retirá-la desse silenciamento ao propor analisar as obras *Em Sonho... (Fantasias)* (2017) e *Dias de Luz* (1907), com o objetivo de investigar os aspectos literários de sua escrita relacionados à saudade, à nostalgia, ao passado e à memória. A análise também se concentrará em como Alba Valdez representa o feminino em suas obras, explorando a saudade e a memória sob a perspectiva das suas personagens. Este estudo está estruturado em três capítulos, cada um explorando diferentes aspectos da obra de Alba Valdez e seu impacto na representação do feminino e da memória. Examina-se a vida docente e literária de Alba Valdez, ressaltando sua influência e contribuição para as associações acadêmicas da época. Reflete-se sobre como sua experiência como mulher e educadora moldou sua visão literária e seu engajamento com a educação feminina. Ao analisar *Em Sonho... (Fantasias)*, investiga-se como Alba Valdez utiliza sua escrita para explorar temas como saudade, nostalgia e transitoriedade da vida, revelando a profundidade emocional e a riqueza das lembranças femininas que permeiam suas histórias. Em *Dias de Luz*, examina-se sua construção as personagens sob a lente da memória e do feminino, buscando entender como Alba Valdez representa a condição feminina e os desafios enfrentados pelas mulheres, explorando o papel da saudade e das memórias na formação da identidade das personagens. Ao longo de ambos os capítulos, a temática da saudade emerge como um elemento central, oferecendo insights sobre a forma como a autora articula o espaço das lembranças femininas e a importância do passado na construção da identidade e da experiência das mulheres em suas obras. Desse modo, esta Tese pretende contribuir para a revisão de Alba Valdez e de suas obras na história da literatura brasileira.

Palavras-chave: Alba Valdez; escrita feminina; memória; saudade.

ABSTRACT

In the last decades, studies on women's literature have been significantly strengthened with the aim of contributing to the visibility of the names and texts of female writers who, for a long time, were silenced in the literary system. Among them is Alba Valdez, a representative woman of the literary circle of Ceará and Brazil. A pioneering intellectual, her works were published in the main almanacs, magazines and newspapers of her state, as well as in other regions of Brazil. However, her name was also stifled by the silence of the male and patriarchal canon. With a revisionist character, this proposal seeks precisely to remove her from this silence by proposing to analyse the works *Em Sonho... (Fantasias)* (2017) and *Dias de Luz* (1907), with the aim of investigating the literary aspects of her writing related to longing, nostalgia, the past and to the memory. The analysis will also focus on how Alba Valdez represents the feminine in her works, exploring longing and memory from the perspective of her characters. This study is structured in three chapters, each one exploring different aspects of the work Alba Valdez and its impact on the representation of femininity and memory. The study examines the teaching and literary life of Alba Valdez, highlighting her influence and contribution to the academic associations of the time. The study reflects on how her experience as a woman and educator shaped her literary vision and her engagement with female education. In analysing *Em Sonho... (Fantasias)*, this work investigates how Alba Valdez uses her writing to explore themes such as longing, nostalgia, and the temporariness of life, revealing the emotional depth and richness of female memories that crosses her stories. In *Dias de luz*, the study examines her construction of characters through the lens of memory and femininity, seeking to understand how Alba Valdez represents the feminine condition and the challenges faced by women, exploring the role of longing and memories in the formation of the identities of the characters. Throughout both chapters, the theme of longing emerges as a central element, offering insights on how the author articulates the space of female memories and the importance of the past in the construction of the identity of the experience of women in her works. Thus, this thesis aims to contribute to the review of Alba Valdez and her works in the history of Brazilian literature.

Keywords: Alba Valdez; feminine writing; memory; missing someone.

RESUMEN

En las últimas décadas, los estudios sobre la literatura de mujeres se han fortalecido significativamente con el objetivo de contribuir a la visibilidad de los nombres y textos de escritoras que, durante mucho tiempo, permanecieron silenciadas en el sistema literario. Entre ellas se encuentra Alba Valdez, una mujer representativa del círculo literario cearense y brasileño. Intelectual pionera, sus obras fueron publicadas en los principales almanaques, revistas y periódicos de su estado, así como en otras regiones de Brasil. Sin embargo, su nombre también fue suprimido por el silencio del canon masculino y patriarcal. De carácter revisionista, esta propuesta busca precisamente sacarla de ese silencio al proponer analizar las obras *Em Sonho... (Fantasias)* (2017) y *Dias de Luz* (1907), con el objetivo de investigar los aspectos literarios de su escritura relacionados con la añoranza, la nostalgia, el pasado y la memoria. El análisis también se centrará en cómo Alba Valdez representa lo femenino en sus obras, explorando la añoranza y la memoria desde la perspectiva de sus personajes. Este estudio está estructurado en tres capítulos, cada uno explorando diferentes aspectos de la obra de Alba Valdez y su impacto en la representación de lo femenino y la memoria. Se examina la vida docente y literaria de Alba Valdez, destacando su influencia y contribución a las asociaciones académicas de la época. Se reflexiona sobre cómo su experiencia como mujer y educadora moldeó su visión literaria y su compromiso con la educación femenina. Al analizar *Em Sonho... (Fantasias)*, se investiga cómo Alba Valdez utiliza su escritura para explorar temas como la añoranza, la nostalgia y la transitoriedad de la vida, revelando la profundidad emocional y la riqueza de los recuerdos femeninos que impregnan sus historias. En *Dias de Luz*, se examina su construcción de los personajes bajo la lente de la memoria y lo femenino, buscando entender cómo Alba Valdez representa la condición femenina y los desafíos enfrentados por las mujeres, explorando el papel de la añoranza y los recuerdos en la formación de la identidad de los personajes. A lo largo de ambos capítulos, la temática de la añoranza emerge como un elemento central, ofreciendo *insights* sobre la forma en que la autora articula el espacio de los recuerdos femeninos y la importancia del pasado en la construcción de la identidad y la experiencia de las mujeres en sus obras. De este modo, esta Tesis pretende contribuir a la revisión de Alba Valdez y sus obras en la historia de la literatura brasileña.

Palabras claves: Alba Valdez; escritura femenina; memoria; nostalgia.

LISTA DE IMAGENS

Imagem I: Alba Valdez.....	10
Imagem II: Capa da segunda edição da obra <i>Em Sonho... (Fantasias)</i>	43
Imagem III: Folha de rosto da segunda edição da obra <i>Em Sonho... (Fantasias)</i>	46
Imagem IV: Contracapa da segunda edição da obra <i>Em Sonho... (Fantasias)</i>	47
Imagem V: Alba Valdez.....	103
Imagem VI: Folha de rosto da obra <i>Dias de Luz</i>	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I.....	21
ALBA VALDEZ: UMA ESCRITORA CEARENSE PIONEIRA	21
1.1 Alba Valdez ou Maria Rodrigues Peixe?	22
1.2 Vida Docente.....	29
1.3 Participação na imprensa.....	34
1.4 Participações em Agremiações Literárias e Culturais	42
1.5 Alba Valdez: uma mulher feminista?	51
1.6 Textos/Discursos dedicados a Alba Valdez	57
CAPÍTULO II	61
ANÁLISE DA OBRA <i>EM SONHO...</i> (<i>FANTASIAS</i>)	61
2.1 Dedicatórias.....	65
2.2 Crítica sobre a obra <i>Em Sonho...</i> (<i>Fantasias</i>).....	68
2.3 <i>Em Sonho...</i> (<i>Fantasias</i>): visão geral.....	76
2.4 Análise.....	77
CAPÍTULO III:	120
ANÁLISE DA OBRA <i>DIAS DE LUZ</i> (1907).....	120
3.1 Nota Inicial: Minha Mãe	125
3.2 Memória e Saudade.....	129
3.3 Educação e Literatura.....	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	164
ANEXOS.....	172
ANEXO A – NARRATIVAS DA OBRA <i>EM SONHO...</i> (<i>FANTASIA</i>) (2017) ANALISADAS NA ELABORAÇÃO DESTA PESQUISA.....	173

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre minha jornada acadêmica até a elaboração desta tese em um curso de pós-graduação, percebo que o caminho amplo que percorri sempre esteve direcionado a esse objetivo. Originária de uma escola pública na zona rural do município de Francisco Sá, situado no sertão das Gerais e lar de Guimarães Rosa, um lugarejo quase esquecido e, por que não dizer, desconhecido por muitos em Minas e pelo Brasil. Embora não esteja nos mapas, o estado de Minas Gerais é, de certa forma, dividido entre Minas e os Gerais. Este último, um lugar onde, devido ao nosso sotaque, somos muitas vezes confundidos com os nordestinos. No entanto, mesmo estando praticamente na fronteira, ainda somos mineiros que desbravam seus montes sob um sol escaldante para sobreviver, e ainda temos orgulho de dizer: “__ Sô mineiro, lá do Norte de Minas”.

Para quem conhece Minas Gerais, sabe que não somos apenas feitos de queijo, mas também enfrentamos desafios e perseveramos. Há aproximadamente dez anos, a região norte do estado enfrenta escassez de chuvas. Foi durante esse período que ingressei no curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), no segundo semestre de 2011.

A graduação em Letras foi crucial para meu encantamento pela literatura e suas nuances. A partir daí, minha trajetória se encaminhou para uma imersão em seus aprofundamentos. Para meu trabalho de conclusão de curso, escolhi um estudo comparativo entre a obra *La Quijotita y su prima* do escritor mexicano José Joaquín Fernández de Lizardi e *Senhora* de José de Alencar. A comparação analisou as personagens femininas Quijotita e Aurélia, respectivamente, em relação às imposições da sociedade patriarcal, tanto no México quanto no Brasil. Após concluir a graduação em junho de 2015, ingressei no mestrado em Letras/Estudos Literários na UNIMONTES. Minha dissertação, intitulada “Perspectivas do matrimônio em *El sí de las niñas* e em *Senhora* - reafirmação ou crítica da tradição?”, foi defendida em 2018.

Em 2019, decidi expandir minha formação acadêmica e prestei o processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, sendo aceita. Inicialmente, planejava pesquisar a construção de personagens na literatura diante das imposições sociais, mas, a convite do meu orientador, o professor Doutor Carlos Augusto de Melo, aceitei o desafio de pesquisar sobre a escritora cearense Alba Valdez.

Embora nossa ideia inicial fosse garimpar diversos acervos em busca dos textos de Alba Valdez publicados em periódicos, as restrições impostas pela pandemia de COVID-19 nos levaram a repensar nossa abordagem. Optamos por analisar as obras já publicadas de Alba Valdez. O professor Doutor Carlos Augusto de Melo em contato com a professora e jornalista Regina Helena Ribeiro Silva nos cedeu um exemplar da segunda edição de *Em Sonho... (Fantasias)* (2017) e o Instituto do Ceará: Histórico, Geográfico e Antropológico nos concedeu um exemplar em PDF da obra *Dias de Luz* (1907).

Alba Valdez nasceu no interior do estado do Ceará e devido ao período de estiagem que atingiu a sua região a sua família se decidiu pela mudança para Fortaleza em busca de uma melhoria para a sobrevivência. Na capital terminou seus estudos na Escola Normal e, após finalizar já iniciou sua carreira no magistério, a qual se dedicou durante a sua vida e quando era oportuno usava o espaço que lhe era concedido para dá voz a sua visão também sobre o sistema educacional.

Passar por toda a trajetória percorrida por Alba Valdez nos leva a refletir sobre como a sua participação foi significativa para o cenário literário e educacional do estado de Ceará. Sendo uma mulher escritora, no final do século XIX e início do século XX, posicionou-se como aquela que entendia os direitos regados às mulheres e a necessidade da participação ativa da parcela feminina na luta por seu reconhecimento.

Para vislumbrarmos a mulher educadora, observamos o texto “A sempre nova questão do ensino” da referida escritora, publicado na revista *Ano Escolar* (Rio de Janeiro, 1921, s/p) e na *Revista Escolar* (Fortaleza, 1925, s/p), Alba Valdez afirma que

É fora de dúvida que o ensino deve harmonizar-se integralmente com a natureza, com o meio ambiente. Por experiências e exercício de observação direta dos objetos e dos fatos, a criança vai a pouco habituando-se ao mister de raciocinar, analisar e criticar, desenvolvendo-se destarte seus sentidos e sua inteligência que, norteadas, se internará vitoriosa e perseverante nos largos domínios da verdadeira ciência.

Porque ciência não abrange apenas aquisição de conhecimentos ministrados por um diagnóstico e puramente literário. É mais alguma coisa: - aquela em virtude da qual se aprende a viver qualquer que seja a especialidade das circunstâncias que se apresentem.

Pode-se dizer que há para mais de dois séculos pedagogistas e filósofos se têm insurgido contra a abstração do ensino elementar. Já Michel Montaigne, notável autor dos Ensaaios, o qual viveu de 1532 a 1592, por conseguinte, em pleno século XVI, considerava o estudo das coisas mais importante que o das palavras.

Ainda hoje pensa-se e escreve-se do mesmo modo, mas isto não significa que a teoria do precursor do ensino intuitivo se vulgarizasse de maneira a não ser mais oportuna sua repetição.

Evidencia-se que o livro, o verbalismo, continha em vigor na maioria das nossas escolas, caçando a memória, eximindo o aluno de compreender e de pensar por si mesmo.

Ao professor não cabe, porém, inteira culpa do delito. Existem cúmplices que folgam à sombra de suas altas imunidades.

No Brasil, máxime no Ceará, o mestre primário, ou antes a mestra, é vítima de quanta história mal contada corre a respeito de instrução. A acusação generaliza-se, desde a Secretaria competente até aos pais que, para se livrarem das travessuras dos filhos, os remetem à aula.

A propósito, adverte um adágio que a corda estala do lado mais fraco.

De ordinário, nas mensagens dos presidenciais as notícias relativas ao problema educativo dão que imaginar sobre o destino da nação em geral e do indivíduo em particular. Só os egoístas, os indiferentes, tipos moral e socialmente criminosos, ficarão imperturbáveis, ao lerem no documento oficial afirmativas como estas: - A instrução primária vai em decadência. - os resultados do ensino primário não compensam os sacrifícios pecuniários que com esse departamento do serviço público tem feito o Estado (Valdez, 1921, s/p).

Alba Valdez destaca a importância da integração do ensino com a natureza, a crítica à abstração no processo educacional e a responsabilidade compartilhada pelos problemas enfrentados no sistema educacional, uma vez que o ensino esteja em harmonia com a natureza, integrá-la ao processo educacional e enriquecer a experiência de aprendizado, assim promove uma compreensão mais profunda e holística do mundo.

Por conseguinte, a importância da experiência direta e da observação dos objetos e fatos como base para o desenvolvimento cognitivo é consistente com abordagens educacionais contemporâneas, que valorizam a aprendizagem experiencial. Transformando-a em uma abordagem mais prática e envolvente para o ensino, que pode aumentar a motivação e a compreensão dos alunos.

Alba Valdez apresenta sua crítica à abstração no ensino elementar e ao "verbalismo" ressoa com preocupações atuais sobre a relevância e eficácia do currículo escolar. A ênfase na memorização em detrimento da compreensão e do pensamento crítico é uma preocupação comum em muitos sistemas educacionais e destaca a necessidade de uma abordagem mais centrada no aluno e na compreensão profunda dos conceitos. Ainda pondera que a responsabilidade pelo estado da educação não recai apenas sobre os professores, mas também sobre outros atores, como as autoridades educacionais e os pais, é importante. Reconhecer que a melhoria da educação requer esforços colaborativos e mudanças sistêmicas é fundamental para promover uma mudança efetiva.

A discussão sobre a situação educacional no Brasil, especialmente no Ceará, a autora destaca desafios específicos enfrentados pelo sistema educacional na região, o que nos leva a

refletir que já em meados do século XX, possuía uma visão tão perspicaz do sistema educacional, uma mulher que possuía várias ideias preciosas para promover uma educação significativa e eficaz. Ao destacar a importância da experiência direta, do pensamento crítico, da ciência como vida e da responsabilidade compartilhada na educação, Alba Valdez nos oferece ferramentas valiosas que ainda são relevantes nos dias de hoje para se pensar o ensino e todo o sistema educacional.

Ainda é necessário refletir que Alba Valdez sendo uma mulher oitocentista, enfrentou inúmeros desafios em uma sociedade predominantemente patriarcal, onde sua voz e contribuição intelectual, seja para o ensino ou para a literatura, muitas vezes poderia ser silenciada ou marginalizada. No entanto, mesmo diante dessas adversidades, não somente Alba Valdez, mas também Francisca Clotilde, Henriqueta Galeno, Julia Vasconcellos, Ana Facó e muitas outras mulheres encontraram formas de expressão e resistência através da escrita feminina. No entanto, devemos ter em mente que estas e outras escritoras brasileiras enfrentaram desafios adicionais devido às condições sociais e culturais específicas do país.

A falta de acesso à educação formal e as restrições impostas às mulheres tornaram ainda mais difícil a tarefa alcançarem reconhecimento em um ambiente dominado por homens. No contexto cearense, figuras como Alba Valdez destacam-se como pioneiras na cena literária local. Apesar dos obstáculos enfrentados, escritoras como Alba Valdez contribuíram significativamente para o enriquecimento do cenário literário cearense e brasileiro, oferecendo perspectivas únicas sobre a vida e a cultura da região.

Outro aspecto a ser mencionado é o feminismo que desempenhou um papel fundamental no fortalecimento da literatura cearense e brasileira, ao abrir espaço para vozes femininas na busca incessante pela promoção da igualdade de gênero também no campo literário. O movimento feminista inspirou muitas escritoras a abordar questões de gênero e a lutar por uma representação mais equitativa das mulheres na literatura e na sociedade em geral. Lopes e Câmara afirmam que a

Anfitriã da escrita feminina nordestina, Alba Valdez foi pioneira na criação da representação da figura da mulher que representa a Liberdade (assim mesmo, com letra inicial maiúscula, representando sua importância para o elemento feminino). Esta relevância pode ser o motivo de ela ainda hoje não receber a devida atenção em termos de estudos acadêmicos dedicados a investigação sobre a escrita feminina, a figura feminina na História e todo o movimento representados por mulheres (Lopes; Câmara, 2023, p. 52).

Segundo o apontamento realizado pelas referidas autoras, há uma lacuna no reconhecimento acadêmico de Alba Valdez e sua obra, o qual no decorrer de nossa investigação foi possível notar, principalmente, na busca por seus textos e por arquivos que elucidam a sua trajetória biográfica. Mesmo que no pouco material disponível para desenvolver uma pesquisa, apesar destes a descrever como uma figura tão significativa entre fins do século XIX e meados do século XX, no cenário literário cearense e brasileiro, ela ainda não recebeu a atenção merecida nos estudos dedicados à escrita feminina e à representação das mulheres na história. Assim, percebemos certo descompasso entre a relevância do seu trabalho e o reconhecimento que ele recebe nos círculos acadêmicos. A falta de notoriedade pode ser atribuída a diversos fatores, como preconceitos de gênero, hierarquias literárias estabelecidas e até mesmo negligência por parte dos pesquisadores.

Ao optarmos por desenvolver uma pesquisa centrada em uma escritora, a consulta à obra *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*, resultado da pesquisa organizada pela professora Zahidé Muzart, tornou-se quase obrigatória. Este volume inclui um capítulo dedicado a Alba Valdez, escrito pela professora Constância Lima Duarte, que também se dedica à pesquisa sobre a mulher e a literatura de autoria feminina. Nesse contexto, surgiu-nos a indagação sobre qual foi a contribuição literária de Alba Valdez, uma intelectual expoente no cenário da literatura cearense e brasileiro nos anos finais do século XIX e início do século XX, cuja obra caiu no esquecimento?

Com o intuito de responder a essa questão, iniciamos nossa pesquisa buscando compreender quem foi Alba Valdez, escritora e educadora. De modo geral, o objetivo desta tese é o de revisitar a obra de Alba Valdez na tentativa de retirá-la do esquecimento e torná-la visível na história da literatura. Esta proposta busca analisar as obras *Em Sonho... (Fantasias)* (2017) e *Dias de Luz* (1907), com o objetivo de analisar os aspectos literários de sua escrita relacionados à saudade, à nostalgia, ao passado e à memória. A análise também se concentrará em como Alba Valdez representa o feminino em suas obras, explorando a saudade e a memória sob a perspectiva das suas personagens. Pretende-se investigar como a autora retrata a condição feminina e os desafios enfrentados pelas mulheres, bem como a forma como elas preservam suas memórias e experiências através da escrita. Assim, buscamos evidenciar a importância de Alba Valdez na literatura, destacando sua contribuição para a representação da mulher e para a valorização da memória.

Do ponto de vista literário, a tese pretende contribuir para dar visibilidade e valorização a uma autora ainda pouco conhecida na história da literatura brasileira ao oferecer uma análise de sua obra, ressaltando suas contribuições únicas para a literatura. Ao destacar

temas como saudade, nostalgia e memória, a pesquisa enriquece a compreensão desses conceitos na literatura brasileira e promove um olhar mais inclusivo sobre o cânone literário. Sendo assim, esta pesquisa serve como uma referência para estudos futuros sobre a autora e sobre temas relacionados à representação do feminino, à memória e à identidade na literatura. Além disso, contribui para os debates sobre a importância da recuperação de vozes esquecidas na literatura, fortalecendo a interdisciplinaridade entre estudos literários, estudos de gênero e história.

Podemos ainda afirmar que, ao promover a valorização das contribuições das mulheres para a cultura e a literatura, destaca-se a importância de reconhecer e celebrar vozes femininas que foram historicamente marginalizadas. Ao trazer à tona a obra de Alba Valdez, esta pesquisa inspira um maior reconhecimento e valorização das experiências e memórias femininas, contribuindo para uma sociedade mais igualitária e consciente da diversidade de narrativas que compõem seu tecido cultural. Portanto, contextualizando a produção literária de Alba Valdez dentro de seu tempo e estudando as influências e os impactos, a tese oferece uma reavaliação da história literária e a ajuda a reescrevê-la de maneira mais inclusiva e representativa, proporcionando uma pequena compreensão do panorama literário de seu período.

Diante do exposto, a estrutura desta tese foi pensada com o intuito de apresentar de forma reflexiva a vida e a obra de Alba Valdez. Nossa intenção foi trazer à luz sua contribuição literária, destacando elementos que são fundamentais para a compreensão de sua obra e relevância. Nesse segmento, a escolha de introduzir a vida de Alba Valdez foi motivada pela necessidade de contextualizar sua produção literária e educacional. Entender quem foi Alba Valdez e seu papel como educadora fornece uma base sólida para compreender suas motivações e influências. Por conseguinte, o primeiro capítulo busca dar certa notoriedade a Alba Valdez, estabelecendo a relevância de sua figura na história da literatura e da educação.

Partindo dessa breve reflexão, nossa pesquisa apresenta Alba Valdez em seu primeiro capítulo, a sua biografia, a sua atuação como educadora e o seu envolvimento na luta pelos direitos das mulheres. A escolha de introduzir a vida de Alba Valdez foi motivada pela necessidade de contextualizar sua produção literária e educacional. Entender quem foi Alba Valdez e seu papel como educadora e ativista pelos direitos das mulheres fornece uma base sólida para compreender suas motivações e influências. Este capítulo busca retirar Alba Valdez do esquecimento, estabelecendo a relevância de sua figura na história da literatura e da educação, e ressaltando sua contribuição para a luta feminista.

Utilizamos diversas fontes para investigar sua vida e obra, além de explorar a história das mulheres e sua presença na imprensa do século XIX. Para investigar sua vida e obra utilizamos o texto de Barroso (1971), Camurça (1968), Damasceno (1962), Duarte (2004), Fangueiro (2023), Girão (1963), Gutiérrez (2017), Silva (2019), Souza (2019). Na tentativa de traçar o perfil de escritora de Alba Valdez, desenvolvemos uma análise da história das mulheres, tendo como textos básicos, *Minha história das mulheres* de Michelle Perrot, *História das mulheres no Brasil*, de Mary Del Priore, *A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica* de Pierre Bourdieu.

Assim, para análise da escrita feminina na imprensa utilizamos textos como o *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil – século XIX* de Norma Telles, *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX* de Constância Lima Duarte, *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX* de Mônica Yumi Jinzenji. Para assim, entendermos como se deu o ingresso da mulher na escrita e na publicação de textos em periódicos e como era aceita a sua presença em um ambiente quase predominantemente masculino.

A escrita do segundo e terceiro capítulo se concentra em como Alba Valdez aborda a saudade e a nostalgia, refletindo sobre a memória e o passado. Estes temas são recorrentes em sua obra e são cruciais para entender sua visão literária. Além disso, há uma atenção especial à representação do feminino em suas obras, uma vez que aborda a condição feminina e dos desafios enfrentados pelas mulheres, e como essas questões são representadas por meio de suas personagens e seus temas. Assim, não nos limitamos a identificar temas isolados, mas demonstrar como a saudade e a memória são intrinsecamente ligadas a esses modos de representar literários.

Aqui ainda apresentamos o desenvolvimento do segundo capítulo é a partir da análise detalhada de textos selecionados da obra *Em Sonho... (Fantasias)*. Estes textos se conectam ao fazerem referência ao passado, a subjetividade e a recordações. Para esta análise, utilizamos a segunda edição da referida obra e textos de Bachelard (1993), Silva (2019), Tuan (2023) para obtermos um embasamento teórico. É importante destacar que, em anexo, apresentamos na íntegra as seguintes narrativas curtas: “Noite Cearense”, “Sonho e Saudade”, “Recordações”, “Epístola”, “O Frade de Pedra”, “Fugitivas”, “Cair de Folhas”, “O Inverno e o Campo”, “O Despertar de um Sonho”, “Ao Voltar”, “O Sonho do Cego”, “Rejuvenescimento: Uma Reminiscência Antiga”, “A Ermida”, “Caminho em Fora” e “Folha de um Livro”. Essas narrativas foram analisadas ao longo deste estudo e acreditamos que a disponibilização completa desses textos proporcionará ao leitor uma visão mais aprofundada da escrita de Alba

Valdez. A leitura dessas narrativas, que são verdadeiras joias literárias, enriquecerá a compreensão do contexto e da qualidade da produção literária da autora, além de oferecer uma experiência completa e satisfatória ao se deparar com uma escrita tão singular.

Para dar continuidade a esta tese de doutorado, elaboramos o terceiro capítulo, que consiste em uma análise da segunda obra de Alba Valdez, intitulada *Dias de Luz*, publicada em 1907. Essa obra encapsula bem os aspectos literários que se pretende explorar, como a saudade, a nostalgia, o passado e a memória. As análises se concentram em como Alba Valdez aborda a saudade e a nostalgia, refletindo sobre a memória e o passado. Estes temas são recorrentes em suas obras e são cruciais para entender sua visão literária. Além disso, há uma atenção especial à representação do feminino em suas obras. Alba Valdez trata da condição feminina e dos desafios enfrentados pelas mulheres, e como essas questões são narradas através de suas personagens e temas.

A escrita dos já referidos capítulos não se limita a identificar temas isolados, mas busca mostrar como saudade, memória, feminino, mulher, lembranças são intrinsecamente ligados à representação de suas personagens. Alba Valdez utiliza esses aspectos literários para construir suas personagens femininas e propor leituras da identidade e das experiências das mulheres em seu tempo. Portanto, ao estruturar a tese dessa maneira, buscamos criar uma narrativa coesa que apresentasse Alba Valdez e sua obra, por conseguinte, explicasse a importância de seu trabalho em múltiplas dimensões: literária, acadêmica, social e histórica. Cada capítulo foi pensado para construir um entendimento progressivo e aprofundado da relevância de Alba Valdez, contextualizando suas contribuições e destacando a importância de sua recuperação para a literatura e a história. Nossa abordagem permite ao leitor uma compreensão abrangente e detalhada, mostrando que a obra de Alba Valdez merece um lugar destacado na literatura brasileira e que sua visibilidade é vital para uma representação mais completa e inclusiva da nossa história literária.

Esta pesquisa sobre Alba Valdez é uma investigação acadêmica que valoriza uma voz literária feminina que foi, em grande parte, esquecida pela historiografia. Este trabalho visa contribuir para uma compreensão mais ampla e inclusiva da literatura brasileira, reconhecendo a importância das mulheres na construção do cânone literário nacional.

CAPÍTULO I

ALBA VALDEZ: UMA ESCRITORA CEARENSE PIONEIRA

Tudo o que eu poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me da obrigação de chegar a uma conclusão sobre esses dois assuntos – mulheres e ficção permanecem, no que me concerne, problemas não resolvidos (Woolf, 2020, p. 10).

Virginia Woolf foi uma escritora, cuja obra é um exemplo do potencial criativo e crítico das mulheres, bem como da importância de se garantir um espaço próprio para a escrita e a produção literária feminina. Na epígrafe acima, encontra-se o modo que a escritora britânica Virginia Woolf introduz o seu ensaio *Um teto todo seu* (1929), ao discutir a relação das mulheres com a escrita e a literatura, a partir de uma reflexão sobre as condições históricas e sociais que as impediram de desenvolver todo o seu potencial literário em geral. Com base nessa obra, é possível refletir sobre a presença das mulheres na literatura e sobre os desafios enfrentados por elas para que sejam reconhecidas como escritoras ao longo dos séculos.

Desde a Antiguidade, as mulheres têm sido mal representadas na literatura, tanto como personagens quanto como autoras. Durante muito tempo, a ideia de que a escrita era uma atividade masculina prevaleceu, o que dificultou o acesso das mulheres ao mundo literário. As mulheres enfrentaram diversas barreiras sociais e culturais que as impediam de desenvolver suas habilidades e de ter suas obras reconhecidas. No entanto, apesar dessas dificuldades, muitas mulheres escritoras têm conseguido superar as formas de controle da sociedade e deixado suas marcas na história da literatura.

No contexto brasileiro, desde o período colonial até os dias atuais, as mulheres escritoras têm contribuído para a construção e a ampliação do cânone literário brasileiro, trazendo suas vozes e perspectivas únicas para a arte da escrita. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para entrar no mundo literário, muitas delas conseguiram superar as barreiras impostas pelo patriarcado e deixaram uma marca significativa na história da literatura brasileira, como foi Alba Valdez.

Neste sentido, neste primeiro capítulo, pretendemos abordar os aspectos bibliográficos sobre Alba Valdez, ainda que seja difícil reunir dados sobre a sua vida e obra, buscando traçar

o seu percurso como educadora e escritora que a fez ser destaque entre os literatos cearenses, entre fins do século XIX e meados do século XX, antes de cair em esquecimento na história da literatura. Refletir sobre o perfil feminista de Alba Valdez é essencial, pois, mesmo em uma época em que o movimento feminista ainda não estava formalmente consolidado, sua escrita contribuiu significativamente para a luta pelos direitos e a conscientização das mulheres brasileiras. Essa análise nos permite investigar os elementos do feminino que permeiam sua obra, revelando como a autora, através da memória, saudade e das lembranças femininas de suas personagens, questiona e desafia as normas sociais de sua época. Nos capítulos subsequentes, exploraremos essas nuances, aprofundando a compreensão do impacto de sua narrativa na construção de uma identidade feminina consciente e engajada.

1.1 Alba Valdez ou Maria Rodrigues Peixe?



Imagem I: Alba Valdez

Fonte: Instituto do Ceará. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/socio/maria-rodrigues-peixe-alba-valdez/>

Ao buscar informações sobre quem foi a mulher escritora Alba Valdez nos deparamos com os registros bibliográficos produzidos por Olga Monte Barroso (1971), Zélia de Sá V. Camurça (1968), Pantaleão Damasceno (1962), Constância Lima Duarte (2004), Maria do Sameiro Fangueiro (2023), Andrade Furtado (1966), Angela Gutiérrez (2017), Odalice de

Castro Silva (2019) e Keyle Samara Ferreira de Souza (2019), pesquisadores que em seus referidos textos apresentam que a escritora cearense recebera, em seu registro, o nome Maria Rodrigues Peixe, filha de João Rodrigues Peixe e Isabel Alves Rodrigues Peixe. Nasceu em “12 de dezembro de 1874, no lugar Espírito Santo, do município de São Francisco, hoje denominado Itapajé” (Furtado, 1966, p. 1) no Ceará. No texto “Nosso lar, nossa escola”, na *Revista da Academia Cearense de Letras*, em 1940, Alba Valdez afirma que sua família era composta por quatro filhos, um menino e três meninas, que foram educados sob firme regime patriarcal.

A maior parte de sua vida se passou na capital do Ceará, em Fortaleza, uma vez que “devido à grande seca que alastrava o sertão cearense, em 1877, a família muda-se para Fortaleza” (Almeida, 2012, p. 114). O deslocamento feito por sua família não foi um caso isolado, mas um ato que marcou a vida de diversos cearenses ao longo dos séculos, como constata o historiador Raimundo Girão, na obra *Evolução Histórica Cearense* (1986). Girão aponta os primeiros registros e estudos relacionados ao clima do estado do Ceará, datando os principais períodos, longos e curtos, de estiagem. Sobre o ano de 1877, apontado como o da partida da família de Alba Valdez do interior para a capital, o referido historiador faz a seguinte afirmativa:

Trinta anos de alívio, curando da vida e da prosperidade, viveu o nordestino desprevenido das traições do céu, esquecido do amargor da taça que o sorvera.

[...]

A seca de 1877-79 fez descer ao índice mais rasteiro a curva ascensional da riqueza cearense, assim como a das províncias limítrofes. As forças infernais confluem para uma devastação sem termos, obrigando o despovoamento da terra pelo homem (Girão, 1986, p. 200)¹.

Depois do período de trinta anos em que o Ceará foi atingido por chuvas abundantes, vieram os anos de seca que não somente acabaram com a vegetação como também com os bens possuídos. A situação crítica levou os cearenses residentes no interior do estado a se retirarem de suas terras e a irem em busca de melhores condições de vida. A família de Alba Valdez também deixou a sua terra natal para fugir da seca que se alastrou por parte do interior do Ceará. Segundo dados apontados por Odalice de Castro Silva (2019, p. 18), o destino inicial da família seria a Amazônia. No entanto, essa decisão muda ao fazer uma parada em um lugarejo chamado Soure, atualmente Caucaia. Sem recursos a família recebe o

¹ Para todas as citações que compõem esta pesquisa se manteve a grafia de acordo com o período em que o texto foi escrito.

empréstimo de uma grande soma de dinheiro de um colono português e o conselho para seguir viagem em direção a Fortaleza, pois esta seria a melhor opção para recomeçarem a vida.

Alba Valdez cursou os “primeiros estudos na capital cearense, na escola primária de Isabel Teófilo Spinosa. Em março de 1886, matriculou-se na Escola Normal do Ceará, na qual foi aluna de Francisca Clotilde” (Almeida, 2012, p. 114). Para Maria Goretti Lopes Pereira e Silva (2001, p.51), em sua análise sobre o surgimento das Escolas Normais no Ceará, cita Castelo (1970), ao afirmar que por meio da Lei nº 95 de 5 de outubro, no governo do Padre José Martiniano Pereira de Alencar, estabeleceu-se em 1937 uma Escola Normal, que não se efetivou devido à falta de recursos financeiros do estado.

Alba Valdez é o pseudônimo usado por Maria Rodrigues Peixe. Em um texto publicado por Pantaleão Damasceno (1962), pela *Revista do Instituto do Ceará*, transcreve um trecho da carta de Alba Valdez endereçada a João Hipólito, a qual explica a razão que a levou a adotar um falso nome. No trecho ela afirma:

___ “O meu professor de Geografia e Historia do Brasil, dr. Tomaz Pompeu, tinha uma filha por nome Alba. Essa menina – Alba Pompeu – tornou-se, com o correr dos tempos, moça de apreciável cultura, prejudicada, infelizmente, por excessiva modéstia.
Alba! Achei o nome lindo. Bem. Descoberto esse. Agora, o outro, que não destoasse da prolação espanhola do primeiro.
Finalmente, o componente – Valdez – deparou-se-me, diversas vezes, em passos históricos e literarios. E assim, viveu e ainda vive, por que Deus quer, o pseudonimo de Alba Valdez” (Damasceno, 1962, p. 06).

O pseudônimo escolhido lhe transmitia o que considerava belo. Alba era o nome da filha de seu professor. O segundo estava ligado à literatura e à história, ambas importantes em sua formação e no decorrer de sua vida profissional. Nesta Tese, preferimos referir à autora como Alba Valdez, dado o valor que este pseudônimo representava para ela. Ao tomarmos conhecimento dos motivos que nortearam a decisão da nossa escritora ao se assumir como Alba Valdez, é importante pensarmos em como utilizou este pseudônimo, se foi para se esconder, para conseguir que seus textos fossem publicados, para estabelecer uma crítica social e/ou se queria manter o anonimato.

Na tentativa de definir o que vem a ser um pseudônimo, Suellen Oliveira Milani e Brisa Pozzi de Sousa (2018, p.336) citam Buonocore (1976, p. 387), ao afirmarem que este pode ser conceituado como um nome fictício utilizado por um autor em substituição ao seu nome real, sendo que alguns pseudônimos incorporam um nome especial. Sob essa perspectiva, é viável considerar que o pseudônimo desempenha a função de um nome e, de

acordo com os Princípios de Catalogação (2009), a configuração do nome pessoal envolve o ponto de acesso autorizado.

A conexão apresentada pelas referidas autoras é interessante ao destacar a importância do pseudônimo no contexto de catalogação e organização de informações. A menção ao ponto de acesso autorizado aponta para a necessidade de estabelecer uma forma específica do nome para garantir uma identificação adequada do autor. Além disso, vale lembrar que as possíveis implicações práticas do uso de pseudônimos podem estar conectadas a preservação da privacidade do autor, a criação de identidades literárias distintas e os desafios que os bibliotecários e catalogadores enfrentam ao lidar com obras de autores que utilizam pseudônimos.

Ainda refletindo sobre o uso de pseudônimos, Maria Lúcia Dal Farra (2022) afirma que essa foi uma estratégia

para as mulheres que escreviam nos idos de 1900 é muito comum, no Brasil e em Portugal. Firmar o próprio nome numa obra que abordasse (por longe que fosse) algum tipo, o mais vago, de intimidade, era demasiado temerário para as moças que não queriam afrontar as reputações e muito menos a ira de seus respectivos familiares (Dal Farra, 2022, p. 4).

Dessa forma, não podemos esquecer de que o uso de pseudônimos era uma prática bastante usual no século XIX e XX, tanto por escritores quanto por escritoras, tanto no Brasil quanto em outros países, e tinha diversas finalidades. Um dos principais motivos para o uso de pseudônimos era a necessidade de preservar a privacidade e a reputação dos autores, especialmente em casos em que as obras abordavam temas considerados polêmicos ou que poderiam ser malvistas pela sociedade da época. Além disso, muitos autores usavam pseudônimos para escapar da censura ou da perseguição política.

Constância Lima Duarte (1997, p. 87) ao abordar sobre essa prática no contexto relacionado a mulheres escritoras sob um regime patriarcal, postula que é possível recordar diversos casos análogos que evidenciam os desafios e esforços das mulheres ao longo da história para serem reconhecidas como escritoras e, conseqüentemente, incluídas no cânone literário. Muitas optaram por adotar pseudônimos masculinos como uma estratégia para contornar críticas e, ao mesmo tempo, resguardar-se da opinião pública. As relações familiares, marcadas por hierarquias funcionais, não favoreciam a emergência de uma nova escritora na família, especialmente quando a concorrência vinha de uma mulher. Faz referência ainda àquelas que escreveram à sombra de homens, “Não é por acaso que de

algumas só se sabe que foi "irmã de Balzac", "esposa de Musset", "mãe de Lamartine" e mal se conhecem seus nomes ou seus escritos" (Duarte, 1997, p.87), dessa forma, enfatiza a maneira como as relações familiares hierarquizadas e funcionais contribuíram para limitar a expressão criativa das mulheres, especialmente quando confrontadas com a concorrência masculina. Duarte ainda alega que

A larga utilização de pseudônimos por parte das escritoras, que mencionei há pouco, visava precisamente preservar a imagem e proteger o círculo mais íntimo da pressão social, advinda da exposição pública. Havia como que uma "censura no ar", uma oposição implícita contra a mulher que escrevesse. Daí muitas optarem por fazê-lo de forma camuflada, usando apenas as primeiras letras do nome, como Nísia Floresta, por exemplo, a pioneira do feminismo no Brasil e autora de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (de 1832), que assinou parte de sua obra como N.F.; N.F.B.A.; ou B.A. E as irmãs Brontë — lembram-se? — foram inicialmente conhecidas como os irmãos Bell, porque assinaram os primeiros livros, inclusive *Jane Eyre* e *O Morro dos Ventos Uivantes*, como Curren, Ellis e Acton Bell. Também o anonimato — a máscara perfeita da invisibilidade — permitiu às mulheres escamotear o conflito que deve ter sido para muitas um motivo de angústia: ou proteger-se e ter vida privada, ou assinar uma obra e expor-se pela publicação de suas idéias. Entre o ideal feminino e a imagem de artista havia, nesses tempos, uma incompatibilidade quase inconciliável (Duarte, 1997, p. 90).

Assim a pesquisadora nos oferece uma análise perspicaz sobre a prática comum de escritoras utilizarem pseudônimos como uma estratégia para preservar sua imagem e escapar da pressão social associada à exposição pública. Sua menção a Nísia Floresta e às irmãs Brontë ilustra vividamente como mulheres pioneiras na literatura recorreram a formas de camuflagem para contornar as barreiras impostas pela sociedade patriarcal.

A observação sobre o anonimato como "a máscara perfeita da invisibilidade" destaca a dualidade enfrentada por muitas mulheres na época: a escolha entre proteger sua vida privada e expor suas ideias através da assinatura de obras. A incompatibilidade entre o ideal feminino da época e a imagem do artista cria um conflito significativo que as mulheres escritoras enfrentavam.

No entanto, poderíamos aqui refletir sobre as implicações sociais e culturais ao fazerem uso de tais práticas. Podemos nos questionar até que ponto essas estratégias foram eficazes em mitigar a pressão social sobre as escritoras se, de fato, contribuíram para uma maior aceitação de suas obras e, se seria relevante considerar como tais práticas impactaram o reconhecimento e a legitimação do trabalho das mulheres no cenário literário.

Nessa perspectiva, faz sentido o uso de pseudônimos entre as mulheres escritoras, que muitas vezes enfrentavam preconceitos e discriminação no meio literário. Ao adotar nomes masculinos ou neutros, essas autoras conseguiam ter suas obras publicadas e reconhecidas sem terem que enfrentar o machismo e a misoginia da época. O uso de pseudônimos por escritoras durante o século XIX e XX tinha diversas finalidades e refletia as tensões e contradições da sociedade da época.

O pseudônimo possibilita para quem o utilizava duas situações, ser a pessoa e ser o sujeito ficcional. De acordo com Luiz Costa Lima (1991, p. 40-56), pessoa refere-se ao ser humano real e concreto, enquanto sujeito é o ser ficcional criado pelo autor de uma obra literária. Essa distinção é importante, porque, embora o sujeito ficcional possa ser dotado de características semelhantes às de uma pessoa real, ele não é real e não tem existência fora do universo da obra literária. O autor argumenta que a relação entre a pessoa e o sujeito ficcional é complexa e multifacetada, uma vez que a obra literária pode influenciar a forma como os leitores percebem e se relacionam com as pessoas e o mundo ao seu redor. Assim, a compreensão do papel do sujeito ficcional é fundamental para a análise da obra literária e para a compreensão de como a ficção pode moldar nossa visão de mundo. Além disso, a distinção entre pessoa e sujeito ficcional também tem implicações éticas e políticas, uma vez que a ficção pode ser usada para legitimar certas ideologias e opressões.

De acordo com os estudos levantados sobre Alba Valdez, pouco aparece assinado com o nome Maria Rodrigues Peixe. O seu nome de batismo parece ter sido usado somente antes de começar a publicar, assim que seus textos começam ir a público uma nova mulher ganhou identidade. Alba Valdez, aquela que circularia entre os literatos, dedicar-se-ia à educação feminina e se manifestaria em favor de melhorias na educação, aquela que organizaria ao lado de outras mulheres uma agremiação feminina. O seu pseudônimo Alba Valdez foi sua identidade literária, nome pelo qual a sociedade a conheceu em todos os locais por onde passou. A sua essência enquanto mulher, educadora e escritora era demonstrada quando portava o nome escolhido, Alba Valdez.

Para Odalice de Castro Silva (2019), a escolha pela mudança de nome demonstra ousadia, coragem e força de uma mulher que coloca sua verdadeira identidade de lado para dar relevância a signos herdados dos antepassados. Outra pesquisadora que faz referência ao pseudônimo Alba Valdez é Zélia de Sá V. Camurça ao destacar que “Alba Valdez é nome de guerra” (Camurça, 1968, p. 185), pois o escolheu para travar inúmeras batalhas com uma época de tão pouco ou quase nenhum direito às mulheres, que não recebiam uma educação

equiparada à recebida pelos homens, e poucas ousavam a escrever e tornar público os seus escritos.

Alba Valdez foi uma escritora vista, lida e ouvida em seu tempo - fim do século XIX até meados do século XX. Damasceno ainda postula que “Pouca gente conhece a história de Alba Valdez e o prestígio que desfrutou em nossa terra. Alba Valdez foi a primeira representante do belo sexo que apareceu na imprensa citadina escrevendo crônicas, artigos e concedendo entrevistas sobre os mais variados assuntos” (Damasceno, 1962, p. 05). Não somente escrevia, mas circulava pelo meio em que se aspirava a literatura e era reconhecida como uma escritora, destacava-se como uma mulher das letras.

Retomando à trajetória de Alba Valdez, no que concerne a sua inserção na literatura, alegou em entrevista concedida a *Revista Contemporânea*, em 1945, que: “O início da minha vida literária foi na imprensa. Escrevi pela primeira vez no ‘Diário da Tarde’, vespertino dirigido naquele tempo pelos drs. Justiniano Serpa e José Lino da Justa” (Valdez, 1945, p. 19). Suas primeiras publicações são por volta de 1895 e 1896. Alba Valdez estava com cerca de 20 anos quando começou a escrever textos para o referido periódico. Sobre a jovem Alba Valdez, Olga Monte Barroso afirma que:

Esta nota de precocidade, que se pode considerar uma tônica em sua vida, fê-la sempre antecipar-se na manifestação do seu talento literário, e de suas atividades feministas, não obstante as incompreensões e as dificuldades de um meio ambiente que jamais foi favorável à expansão do talento feminino. Reagiu constantemente contra as limitações desse condicionamento patriarcal, pastoril e provinciano, em que a mulher era inferiorizada, vivendo distanciada dos problemas sociais, políticos e econômicos do seu Estado (Barroso, 1971, p. 485).

A precocidade foi uma característica marcante na vida de Alba Valdez, impulsionando-a a mostrar seu talento literário e ativismo feminista antes mesmo do que seria esperado. Apesar das dificuldades impostas por um ambiente pouco favorável à expressão da criatividade feminina, ela sempre se antecipou na luta contra as limitações impostas pelo patriarcado provinciano, que inferiorizava a mulher e a mantinha distante dos problemas sociais, políticos e econômicos da sua região.

Alba Valdez, devido a problemas de saúde se mudou, em 1930, para a cidade do Rio de Janeiro, como afirma Keyle Samara Ferreira de Souza (2019). No tocante a sua morte:

também pode ser contada a partir dos periódicos que, em 1962, noticiaram o fato e homenagearam esta escritora e jornalista cearense. Os recortes de

jornais cearenses, *Unitário* (1962), *Correio do Ceará* (1962) e *Tribuna do Ceará* (1962), nos primeiros dias do mês de fevereiro, registraram a morte de Alba Valdez e homenagearam a escritora rememorando sua história de vida, sua trajetória bibliográfica, como também encontramos em meio aos obituários o convite da família para seu sepultamento (Souza, 2019, p. 158).

Não somente os seus textos, mas também a partida de grande escritora cearense foi evidente na imprensa brasileira. Ainda não é compreensível o esquecimento que a escritora teve após o seu falecimento, uma vez que ainda era lembrada pelas agremiações das quais fez parte.

1.2 Vida Docente

O debate sobre a qualificação do professorado no estado do Ceará perdurou ao longo do século XIX, se concretizando na fundação da Escola Normal apenas em 22 de março de 1884 (Pereira; Silva, 2001, p. 55). A sua criação foi um marco importante na história da educação do estado do Ceará e do Brasil. A Escola Normal tinha como objetivo formar professores para o ensino primário e secundário, capacitando-os para atuar de forma eficiente na formação de novas gerações.

A criação da Escola Normal do Ceará fazia parte de um movimento mais amplo de modernização da educação no país, que teve início no final do século XIX e que buscava aprimorar a formação de professores e a qualidade do ensino. Essa modernização se inspirava nos modelos educacionais europeus, especialmente na França e na Alemanha, que eram considerados referências em termos de qualidade e eficiência.

A Escola Normal teve um papel fundamental na formação de escritoras cearenses no final do século XIX e ao longo do século XX. Por meio da formação pedagógica oferecida pela escola, muitas mulheres tiveram a oportunidade de se dedicar à escrita e à literatura, e de encontrar um espaço de expressão e desenvolvimento intelectual que lhes era negado em outros contextos.

A educação oferecida ensinava técnicas pedagógicas ao proporcionar uma formação humanística, com ênfase em áreas como literatura, filosofia e história. Essa circunstância permitiu que muitas mulheres tivessem contato com os grandes autores e movimentos literários do seu tempo, o que foi fundamental para a formação de suas identidades como escritoras.

Além disso, a Escola Normal possibilitou que as mulheres tivessem acesso a um espaço de sociabilidade e troca de ideias que lhes era negado em outros ambientes. Na convivência com outras estudantes e professores, muitas escritoras puderam desenvolver suas habilidades e encontrar apoio para suas produções literárias.

Entre as escritoras cearenses formadas pela Escola Normal, destacamos nomes como Alba Valdez, Francisca Clotilde, Ana Facó, Henriqueta Galeno, Rachel de Queiroz, entre outras. Essas mulheres foram pioneiras na literatura brasileira, e suas obras foram fundamentais para a construção de uma identidade literária cearense e brasileira. Assim, a Escola Normal foi um espaço de formação e desenvolvimento para muitas escritoras cearenses, que puderam encontrar na literatura uma forma de expressão e desenvolvimento intelectual que lhes era negado em outros contextos.

É possível perceber que esse primeiro contato que Alba Valdez teve com Francisca Clotilde como sua formadora seria significativo para a sua formação profissional e literária, visto que foi um nome de peso para a educação e a literatura cearense. Carla Pereira de Castro (2021) afirma que:

A grandeza de Francisca Clotilde como poeta pode ser atestada pelo grande número de periódicos que publicaram poemas seus, tanto do Ceará quanto de outras unidades da federação, entre os quais *O Cearense*, *Gazeta do Norte*, *A Quinzena*, *Gazeta do Sertão* (Ipu-CE), *O Libertador*, *Pedro II*, *A Evolução*, *Gazetinha*, *Almanach do Ceará*, *Revista Fortaleza*, *Pacotilha* (MA), *A Província* (ES), *Lavras* (MG), *O Lyrio* (PE), *A Reforma* (AC). Nessas publicações, que trazem mais de cem poemas da autora, Francisca Clotilde assinou com os pseudônimos Jane Davy e D.J. e com diferentes abreviações do seu nome: Francisca Clotilde Barbosa Lima; F.C. Lima; Francisca Clotilde B. Lima; F. Clotilde Barbosa Lima; F.C.B. Lima; F. Clotilde B.C. (Castro, 2021, p. 62).

Desde muito jovem, Alba Valdez esteve próxima a uma mulher escritora, que publicava livros e escrevia em jornais, uma mulher conhecedora e produtora de literatura em um meio que ainda era raro aceitar que uma figura feminina exercesse um papel além do doméstico e educacional. As narrativas curtas de Alba Valdez, “Volta ao Ninho” e “Flor da Noite” que se encontram na obra *Em Sonho... (Fantasias)* (2017), possuem, respectivamente, dedicatórias/: A. F. Clotilde e À exímia poeta F. Clotilde. Para Alba Valdez, Francisca Clotilde não era apenas a sua antiga professora, mas uma mulher inspiradora, admirável por sua escrita e engajamento social.

A influência de uma mulher culta e com acesso à educação é evidente na produção ficcional de Alba Valdez, especialmente em sua obra *Dias de Luz* (1907). Em um momento

significativo da narrativa, as personagens femininas estão reunidas em uma sala de aula da Escola Normal, onde ocorre um debate sobre as preferências literárias de cada uma. Esse ambiente educacional facilitou o acesso ao conhecimento e ao ensino, assim como proporcionou às mulheres a oportunidade de publicar seus textos e se engajar nas questões literárias da época.

Vale ressaltar que nem sempre foi permitido a mulher receber alguma instrução que não fosse para se tornar esposa e mãe. Segundo Guacira Lopes Louro (2018, p. 443-444) com a Independência do Brasil surgiu o discurso e modernização, que incluía também a educação, uma vez que havia uma grande parcela da população em estado de analfabetismo. Sendo assim, a referida crítica apresenta que, por volta de 1827, foram constituídas nas cidades e pequenos povoados, as “escolas de primeiras letras”, tanto para os meninos quanto para as meninas. O ensino se baseava em aprender a “Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura (Louro, 2018, p. 444). Assim percebemos que a distinção entre os conteúdos ensinados evidencia ainda mais o lugar dos homens e das mulheres na sociedade brasileira pós-independência.

A educação das meninas esteve por alguns anos por responsabilidade de ordens religiosas femininas, com o passar do tempo as mulheres leigas se inseriram nas escolas como professoras, mas essas deveriam possuir certo perfil: “ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do país” (Louro, 2018, p. 447). Cada professora deveria cumprir com tais exigências, uma vez que educar os futuros líderes da nação também seria de sua responsabilidade.

Em relação a formação docente, Louro (2018, p. 448) postula que se deu devido ao surgimento de novas escolas em meados do século XIX, dessa forma surgiram as chamadas escolas normais, para formação de professores e professoras. O curioso é que as referidas escolas começaram a receber maior número de mulheres do que de homens. Louro (2018) afirma ainda que a diminuição da presença masculina na sala de aula poderia estar associada à urbanização e ao processo de industrialização que permitiu a ampliação do trabalho para o homem em outros setores, e, com isso se iniciou a feminização do magistério.

Como a quantidade reduzida de homens na educação, as mulheres começaram a não somente ensinar as meninas como aos meninos, apesar das classes ainda serem separadas; contudo, o trabalho de ser professora, que ainda não era reconhecido como uma profissão, por

consequente não era visto com bons olhos se fosse desempenhado por mulheres casadas, mas para as solteiras e, após o casamento deveriam abandoná-lo, pois não seria compatível com o cuidado do lar (Louro, 2018). A projeção da função professora foi estruturando associada à ideia que poderia ser uma função feminina, pois a mulher inspirava cuidado, docilidade e o ato de ensinar seria uma espécie de instinto feminino. Na obra *Dias de Luz* (1907), Alba Valdez constrói a figura da professora através da personagem Celeste, uma jovem inteligente e dedicada que vê no magistério somente como uma oportunidade de crescimento intelectual, mas um caminho para sustentar sua mãe viúva após a morte do pai. A escolha de Celeste reflete as limitadas opções profissionais respeitáveis para mulheres solteiras naquela época, destacando a realidade social em que elas viviam. A profissão docente, embora desafiadora, representava uma possibilidade de autonomia e respeito em uma sociedade que restringia as oportunidades femininas. Além disso, a figura de Celeste como educadora remete ao papel da mulher como guardiã do saber e da moralidade, reforçando o espaço das lembranças femininas, onde a memória do esforço e dedicação se entrelaça com as saudades e desafios de uma vida marcada pela busca de dignidade e reconhecimento.

Ainda assim, é em meados do século XIX que muitas mulheres, por meio do magistério, conseguiram sair do lar para exercer uma função laboral, ainda que a sua maior função seria se casar e o cuidado com os filhos e marido, pois o “trabalho fora seria aceitável para as moças solteiras até o momento do casamento, ou para as mulheres que ficassem sós – as solteironas e viúvas” (Louro, 2018, p. 453). Dessa forma, nem todas conseguiam manter a profissão ao contrair matrimônio, já que a concepção de que a mulher deveria se dedicar exclusivamente ao lar – e este ser sua única responsabilidade - ainda estava muito enraizada naquela sociedade patriarcal.

Com a necessidade de se alfabetizar a população, a ordem escolar também passou por uma reformulação pela qual se iniciou a adoção dos grupos escolares a educação brasileira em meados do século XIX. Sâmia Ketley Guerra Assunção e Aline Pinheiro de Sousa (2012), ao citar Veiga (2007), afirmam que os grupos escolares brasileiros seguiram os moldes dos alemães e norte-americanos, visto que esse novo modelo permitia a concentração no mesmo ambiente educativo da direção e da inspeção, propiciando a utilização do espaço comum aliado às práticas pedagógicas.

Como já abordamos anteriormente, Alba Valdez, além de escritora, foi professora, obteve o seu diploma de magistério em 1889 e, aos quinze anos, foi nomeada docente do Grupo Escolar Nogueira Accioly (Grupo Escolar N° 1) (Almeida, 2012). Seu anseio de ingressar no sistema de ensino sempre foi algo que desejou desde o seu tempo de infância,

assim como sugere em seu texto “Nosso lar, nossa escola”, publicado pela *Revista da Academia Cearense de Letras* em 1940:

__ Já era tempo de dizermos qual a nossa vocação - insinuou meu pai, deitando significativo olhar para minha mãe. O primeiro a ser auscultado foi o menino, que ficou indeciso, olhar parado, sem responder. Assaltá-lo-ia o pressentimento de que desapareceria cedo? Eu respondi logo que desejava ser professora. Meu pai aprovou calorosamente a idéia:

__ Sim, senhora! Ótima ocupação para mulher. Não via outra que se lhe avantajasse. E vocês?

Minhas irmãs, sorrindo manhosamente, baixaram os olhos (Valdez, 1940, p. 49).

Essa passagem revela dinâmicas familiares e sociais que envolvem a questão da vocação e das expectativas de gênero pela qual Alba Valdez também passou. O pai parece valorizar a profissão de professora como uma "ótima ocupação para mulher", o que evidencia que ele tem uma visão tradicional dos papéis de gênero. A resposta da menina, ainda Maria Rodrigues, indica que de certa forma ela se conforma com essa visão e tem o desejo de seguir essa profissão considerada apropriada para uma mulher.

O grupo escolar ao qual Alba Valdez pertenceu foi inaugurado no dia 12 de julho de 1907, sendo este o primeiro da cidade de Fortaleza, que recebeu o nome do governador do estado do Ceará naquele ano. Assunção e Sousa expõem que:

Quando o grupo escolar foi criado na capital fortalezense, era voltado para atender os estudantes do gênero feminino que residissem nas proximidades do prédio. Segundo o Regulamento da instituição, criado em 1907, cada grupo escolar poderia comportar até trezentos alunos. Ainda na sua estrutura física, poderíamos encontrar um espaço que condizia com um modelo adequado de instituição de ensino, onde dispunha de salas de aula, secretaria, museu, biblioteca e diretoria (Assunção; Sousa, 2012, p. 32).

A escola de ensino para as mulheres foi estruturada para receber um grande público feminino além de fornecer um espaço físico condizente com a nova formação escolar. Após obter o seu diploma de magistério, Alba Valdez ingressou no Grupo Escolar Nogueira Accioly e um fator importante a se observar é que a diretora do grupo escolar era Ana Facó, cuja “formação se deu na Escola Normal. A diretora tinha como função regular a assiduidade das professoras, dos funcionários e dos próprios alunos” (Assunção; Sousa, 2012, p.33), além de educadora diretamente inserida ao grupo escolar, também foi escritora.

Podemos destacar que Alba Valdez esteve próxima de Ana Facó, ambas provenientes da mesma formação educacional e alunas de Francisca Clotilde. Conforme afirma Almeida (2012, p. 121), Alba Valdez e Ana Facó não só trabalharam no mesmo grupo escolar, como também se dedicaram à escrita literária. Esses aspectos não devem ser vistos apenas como meras coincidências, mas como reflexos de um cenário em que mulheres, antes da metade do século XX, conseguiam, através do magistério, exercer uma profissão respeitável ao se afirmar como vozes literárias significativas. Esse contexto de apoio mútuo e de compartilhamento de experiências entre essas mulheres é emblemático do espaço das lembranças femininas, onde a memória das lutas e conquistas é preservada e a saudade de um tempo em que o caminho para o reconhecimento era árduo se faz presente. A capacidade de transformar essas vivências em inspiração para outras mulheres evidencia a importância do legado de Alba Valdez e Ana Facó, que ultrapassa as barreiras do tempo, consolidando-se como uma referência para o público feminino.

Ainda em relação a Ana Facó, Almeida expõe que

Paralelamente a sua vida de magistério, Ana Facó realizava produções literárias. No mesmo ano que assume a direção do 1º Grupo Escolar, a professora apresenta ao público cearense, em forma de folhetins, no Jornal do Ceará, os romances: *Rapto Jocosos* e *Nuvens*. O primeiro é um romance de natureza rural, popular e histórico. O segundo também um romance de amor, contudo de natureza urbana, no qual o enredo é sobre o amor de dois namorados que se separam por causa de intrigas de uma falsa amiga (Almeida, 2012, p. 123-124).

Em sua história pessoal sofreu com a perda prematura dos pais e do irmão e como refúgio da dor escreveu a obra memorialista *Páginas Íntimas*, que foi publicado postumamente em 1938. Em vida publicou *Minha palmatória* (contos e hinos) e *Comédias e cançonetas* (teatro), mas não possuía recursos para a edição dos romances. Dessa forma só vieram a público após sua morte quando o seu irmão custeou as edições, afirma Almeida (2012). Ana Facó faleceu na cidade de Fortaleza em 22 de junho de 1926, nunca se casou, e dedicou toda a sua vida ao ensino e à escrita.

1.3 Participação na imprensa

No século XIX, a imprensa teve um papel significativo na educação e na formação das mulheres no Brasil, apesar das limitações impostas pela cultura patriarcal da época. Embora o

acesso à educação formal fosse restrito para as mulheres, a imprensa se tornou uma ferramenta importante para a disseminação de conhecimentos e ideias que contribuíram para a emancipação e empoderamento feminino.

Por meio dos periódicos femininos as mulheres tinham acesso a informações que anteriormente eram restritas a homens, o que lhes permitiam ampliar seu conhecimento e sua visão de mundo. Além disso, essas publicações ajudaram a consolidar a identidade feminina ao estimular a reflexão sobre o papel das mulheres na sociedade e na família, e a promover o diálogo entre as mulheres sobre suas experiências e opiniões.

No entanto, a educação oferecida pelos periódicos femininos não era suficiente para promover a emancipação total das mulheres. Muitas vezes, os conteúdos eram permeados por valores conservadores, que reforçavam a ideia de que a mulher deveria se dedicar exclusivamente ao lar e à família. Além disso, o acesso à leitura e à educação formal ainda era restrito para a maioria das mulheres brasileiras, especialmente aquelas das camadas populares. Apesar dessas limitações, a imprensa feminina do século XIX foi um importante canal de comunicação e educação para as mulheres, que puderam ampliar seus horizontes e participar ativamente do processo de construção da identidade feminina no Brasil.

Alba Valdez manteve uma colaboração expressiva na imprensa. Segundo Pantaleão Damasceno (1962) o seu primeiro texto escrito fora publicado por um pequeno jornal do município de Maranguape e suas demais cooperações com a imprensa ocorreram em vários jornais, revistas, almanaques. Segundo o levantamento feito por Keyle Samara Ferreira de Souza, destaca que

a autora publicou em Portugal, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiras* (1903; 1905) [...] as suas publicações fora do Ceará *A Cidade* (1900; 1904) de Sobral, interior do Ceará, na revista *Anais - do Congresso Maranhense de Letras* (1910) e *Renascença* (1911) e no Maranhão; na revista *Íris* (1920) de Porto Alegre; no Rio de Janeiro, também encontramos publicações na revista *Nação Brasileira* (1930) e no jornal *Diário da Manhã* (1945); em Pernambuco, o jornal *Correio da Manhã* (1935) publicou uma produção de Alba Valdez (SOUZA, 2019, p. 197).

Já em solo cearense, alguns dos jornais e revistas os quais publicaram seus textos foram: *A República* (1892-1897), *Unitário*, *Diário do Ceará* (1894-1896), *Correio do Ceará* (1915-1922), *A tribuna*², *Gazeta de Notícias* (1927), *O Povo* (1928), *A Razão*, *Jornal do*

² “Dentre os jornais publicados no século XX no Ceará e que desapareceram em seguida estão “A folha do Povo”, de H. Firmeza, “A Tribuna”, de Fernando Távora, “O Ceará”, de Matos Ibiapina, e “O Diário do Povo”, de Jäder de Carvalho” (Barroso, 2014, s/p).

Comércio e do Estado, O Nordeste (1922-1967), Revista do Ceará, Almanach do Ceará, Revista do Instituto do Ceará (1887-), O Bandeirante, a Revista Escolar, como também, as revistas Ceará Intelectual, Ano Escolar, Panóplia, Poliantéa, A Jangada (1895), Atualidade. Ainda sobre a participação de Alba Valdez na imprensa, Zélia Sá V. Camurça apresenta:

Estreando na Imprensa em 1895 (Amora, 1954: 228), projetando-se na década seguinte, é a partir de 1901 que se firma no panorama literário, segundo assertiva de **Dolor Barreira** (Barreira, 1962: 180). Escreve, afora os livros, um mínimo de quarenta trabalhos (Valdez, Biografia) que são reproduzidos em periódicos de projeção local, nacional e além-mar. São, enfeitando-os, críticas literárias, autores e obras dissecados, comentários à margem de conceitos, análise de personalidades ilustres no mundo das idéias e da educação. Alguns versam sobre a questão do ensino ou do analfabetismo, outros sobre os direitos da mulher. Outros mais sobre patriotismo, caráter nacional, espírito, vida, **mores e folksways**, fatos e cenas de rua do cearense. Ecletismo de temas, em resumo (Camurça, 1968, p. 186-187).

O trecho apresentado menciona que, além de livros, Alba Valdez produziu pelo menos quarenta trabalhos, abrangendo temas diversos. A abordagem eclética de temas destaca a sua versatilidade ao explorar uma ampla gama de assuntos. Esse ecletismo pode ser interpretado como uma característica positiva, mostrando a sua capacidade de abordar temas variados e relevantes para a sociedade da época. No entanto, com relação a produção literária de Alba Valdez é ainda necessária uma análise mais profunda de seus escritos, assim como o impacto de suas obras, a recepção crítica e a influência que exerceu no cenário literário e social. Além disso, seria interessante a consistência de suas posições e a originalidade de suas contribuições para os debates da época. Tais elementos são cruciais para uma análise mais completa e crítica da relevância do autor no contexto literário e intelectual em que atuou.

Ainda com relação a imprensa, segundo Mônica Yumi Jinzenji (2010, p. 20), a sua instalação oficial é datada em 1808, sua propagação ocorreu impulsionada pela divulgação de temas políticos como liberdade, constituição, escravidão, dentre outros. Fator que propiciou a o surgimento de vários jornais no Brasil ao longo do século XIX. Jinzenji ainda afirma que,

A imprensa periódica, vista como agente da história e não simplesmente como registro dela, comporta vários sentidos específicos: ela “procura engendrar uma mentalidade – uma certa maneira de ver – no seu destinatário, constituindo um público leitor”. [...] No início do desenvolvimento da imprensa no Brasil, “o jornalista se confundia com o educador. Ele via como sua missão suprir a falta de escolas e de livros através dos seus escritos jornalísticos” (Jinzenji, 2010, p. 22).

É importante ressaltar aqui que a imprensa é um agente formador de opinião e influenciador da sociedade. No Brasil, desde o início, os jornalistas se viam como educadores responsáveis por suprir a falta de escolas e livros através de seus escritos. Esse aspecto mostra como a imprensa tem um papel fundamental na formação da mentalidade e na construção da identidade de um povo, influenciando o pensamento coletivo e moldando a cultura social de uma nação. É importante lembrar que, embora a imprensa tenha um papel importante na formação da opinião pública, ela pode ser usada como uma ferramenta de manipulação e controle.

Buscando informar a população em âmbito nacional e preencher a falta de escolarização, a imprensa assumiu o papel de formador de opiniões e tentou atrair um certo público leitor. Os jornalistas foram responsáveis³ por essa função e, para chamar ainda mais atenção, os periódicos começaram a publicar histórias que cativavam principalmente as mulheres, como afirmado por Gina Guedes Rafael (2012). Com o aumento do público leitor feminino, os jornais incluíram o romance-folhetim em suas publicações. Essa estratégia teve sucesso em atrair mais leitores e aumentar a influência da imprensa.

Nesse período do século XIX, segundo Maria Ângela D’Incao (2018), com o desenvolvimento das cidades, o interior da casa da família burguesa para a ser considerado um lugar de refúgio para as mulheres e a intimidade com a família, mas, por outro lado, a cidade começa a cultivar uma vida social, bailes, teatro e, as mulheres começaram a participar de tais acontecimentos. Se por um lado se tinha o lar como centro familiar, do outro havia salões e sala de jantar que se abriram para as reuniões públicas. Em ambos os espaços a leitura dos romance-folhetim estava presente. Segundo afirma D’Incao:

Leituras animadas pelos encontros sociais, ou feitas à sombra das árvores ou na mornidão das alcovas, geraram um público leitor eminentemente feminino. A possibilidade do ócio entre as mulheres de elite possibilitou a absorção das novelas românticas e sentimentais consumidas entre um bordado e outro, receitas de doces e confidências entre amigas. As histórias de heroínas românticas, langorosas e sofredoras acabaram por incentivar a

³ A existência do espaço do folhetim contribuiu para fazer do jornal um produto de circulação de massas, que entre outras coisas, oferecia literatura ao público. Para os jornais, o arranjo era extremamente vantajoso, já que o número de leitores aumentava e a publicação de romances-folhetins fracionados passava a ser o sustentáculo de vendas. Para os autores, a novidade na forma de publicar era assimilada como estratégia apelativa a ser usada na construção dos romances. A cada final de capítulo, impunha-se a questão: “E agora? O que irá acontecer?” E ao estimular a curiosidade do público, garantia-se a venda e aumentava-se o número de assinantes. A imprensa tenta cativar mais leitores e entre os objetivos utilizados, contam-se os da promoção da educação e instrução do povo: ora instruindo, ora distraindo de maneira inteligente e engenhosa. Por outro lado, em contraposição à imagem de que as mulheres não liam, surgem indícios que demonstram uma alteração de realidades e mentalidades como, por exemplo: a publicação de romances, de contos e novelas na imprensa periódica (Rafael, 2012, p. 34-35).

idealização das relações amorosas e das perspectivas de casamento (D’Incao, 2018, p. 229).

Sendo assim, foi uma oportunidade que a sociedade patriarcal se apoderou para moralizar⁴ a mulher, e dessa forma pudesse se tornar uma figura maternal preocupada com a educação dos filhos, que zelasse seu lar e cuidasse da imagem do marido. Durante o século XIX, as mulheres eram educadas de acordo com um sistema patriarcal que reforçava a ideia de que seu papel era limitado ao ambiente doméstico e familiar. Essa educação enfatizava a importância da modéstia, da obediência e da submissão às figuras masculinas de autoridade, como pais e maridos.

As mulheres eram frequentemente ensinadas a não questionar a autoridade masculina e a aceitar passivamente as normas e valores impostos pela sociedade patriarcal. A educação formal para as mulheres também era limitada, com acesso restrito a instituições de ensino e cursos específicos. Por conseguinte, essa educação patriarcal limitou as oportunidades e aspirações das mulheres, deixando-as em desvantagem em relação aos homens em termos de educação, carreira e autonomia pessoal.

Norma Telles (2018, p. 403) apresenta que a discussão em torno da “natureza feminina” surgiu a partir do século XVIII, a qual alegava que a mulher, sendo mãe e dócil, estaria agindo impulsionada pelo bem, mas ao procurar executar tarefas consideradas exclusivas aos homens, estaria agindo com uma força do mal. Sendo assim, foi essa prerrogativa utilizada pelos homens para dizer às mulheres teriam a função na sociedade apenas de reproduzir e cuidar da prole. A consideração da autora traz à tona a discussão sobre a construção social do gênero, demonstrando como a ideia de uma "natureza feminina" foi utilizada para manter as mulheres submissas e limitadas a um papel secundário na sociedade. Aponta ainda para a importância de se discutir e desconstruir as normas de gênero que ainda perpetuam desigualdades entre homens e mulheres.

No que tange as tarefas consideradas masculinas, para Pierre Bourdieu (2014), as relações sociais são firmadas pelo explorador e explorador e estabelecidas segundo a divisão entre os gêneros masculino e feminino:

⁴ O termo instrução e seus derivativos aparecem com uma frequência significativa nos jornais e demais documentos do período; entretanto, seu uso nem sempre parece coincidir com o significado encontrado nas definições dos dicionários da época. Nestes, os verbetes educação e instrução aparecem sempre relacionados um ao outro, havendo a diferenciação no que diz respeito à finalidade de uma e outra ação: “o fim da educação é desenvolver as faculdades morais, enquanto a instrução visa a enriquecer as faculdades intelectivas” (Jinzenji, 2010, p. 24).

Cabe aos homens, situados do lado exterior, do ofício, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizarem todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. Às mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, são atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar ervas daninhas ou fazer a jardinagem), com o leite, com a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes (Bourdieu, 2014, p. 49-50).

Com esse apontamento, podemos notar como a construção social do gênero afetou a educação feminina ao longo dos séculos. Bourdieu apresenta uma visão de que às mulheres foram atribuídos trabalhos considerados inferiores, privados e escondidos, como cuidado das crianças e dos animais, trabalhos domésticos, jardinagem, entre outros, enquanto aos homens foram atribuídas as atividades públicas, relacionadas ao trabalho e à produção, e que eram consideradas mais nobres e importantes. Essa concepção perpetuou uma desigualdade entre os gêneros, reforçando a ideia de que as mulheres eram incapazes de desempenhar atividades consideradas masculinas, o que afetou diretamente a educação feminina. As mulheres eram ensinadas a serem submissas e a dedicarem-se exclusivamente aos afazeres domésticos, sem terem acesso à educação formal ou a carreiras profissionais.

Mesmo que, para os homens, as mulheres devessem permanecer submissas, é importante lembrarmos que muitas não aceitavam essa condição. Citando novamente Telles (2018, p. 404), a autora expõe que, nas primeiras décadas do século XIX, a cidade de Recife era considerada um grande centro cultural e, por esse motivo, contava com vários jornais de ideias liberais e republicanas. Um ano após a independência, no periódico *Sentinela da Liberdade*, foi publicado um manifesto assinado por mais de 120 mulheres paraibanas em apoio à Independência, além de declararem publicamente a não concordância com a situação feminina e a negação de seus direitos como mulheres e seres sociais.

É importante aqui ressaltar que a difusão da imprensa e de jornais voltados para as mulheres não foi feita somente pelos homens, mas pelas mulheres que fundaram jornais e/ou escreviam para jornais. Daí pode surgir a interpelação se a colaboração de mulheres na mídia impressa ocasionou o surgimento de uma imprensa feminina ou feminista. Duarte afirma que, “se esta imprensa é dirigida e pensada para mulheres, a feminista – também destinada ao mesmo público – se diferenciará por protestar contra a opressão e a discriminação e exigir a ampliação de direitos civis e políticos” (Duarte, 2017, p. 14). A colaboração feminina na

imprensa não necessariamente resultou na criação de uma imprensa feminista, que se diferenciaria por lutar pela ampliação dos direitos civis e políticos das mulheres. A citação nos ajuda a esclarecer a distinção entre imprensa feminina e feminista, mostrando que esta última se caracteriza pelo seu caráter de protesto e reivindicação. É interessante destacar que a presença feminina na imprensa do século XIX teve um papel fundamental na luta pela igualdade de gênero, ao possibilitar a divulgação de ideias e valores que questionavam a opressão e a discriminação das mulheres.

Em relação aos periódicos escritos por mulheres e para mulheres, Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes (1988), em seu estudo sobre os jornais femininos que surgiram no Rio de Janeiro de 1852 a 1890, cita títulos como *O Jornal das Senhoras* (1854), *Belo Sexo* (1862), *O Sexo Feminino* (1875). O surgimento destes e muitos outros títulos posteriormente em várias cidades do Brasil demonstra que o “jornal abriu suas portas a todas as mulheres que nele quisessem colaborar, com ‘elaborados escritos’, dentro de seu programa de pugnar pela emancipação da mulher adquirida pela tríplice educação: física, moral e intelectual” (Bernardes, 1988, p. 110). Dessa forma, o jornal escrito por mulheres as incentivou a contribuir com sua inteligência e habilidades de escrita.

Os jornais citados anteriormente são apenas alguns exemplos do grande número que surgiu com o passar dos anos em várias regiões do Brasil, mas ainda é preciso notar que a luta pela autonomia feminina estava longe de ter um fim. Por isso, podemos constatar que “muitas dessas mulheres não ousavam sequer assumir publicamente seus textos. Viviam confinadas no seu ambiente doméstico e escreviam secretamente” (Prada, 2010, p. 29). Ainda que escrevessem no anonimato, a ousadia destas mulheres demonstrava a sua inconformidade com a realidade feminina.

Pensando na escrita apresentada pelas colaboradoras desses periódicos, Bernardes (1988, p. 122) comenta que as jornalistas eram sensíveis e conscientes da realidade das mulheres brasileiras, uma vez que eram subjugadas e colocadas em situação de desvantagem diante dos homens. Elas reconheciam certa acomodação por parte das mulheres a essa condição de inferioridade ao não se manifestarem e apenas viverem da forma que lhes fora imposto e foram movidas por uma grande inconformidade diante dessa realidade. Dessarte, os escritos destas mulheres jornalistas carregavam a marca da denúncia, ou seja, elas utilizavam esse espaço nos jornais para levar à tona questões que eram negligenciadas ou invisibilizadas pela sociedade.

Ao denunciar situações de opressão e discriminação, contribuía para a conscientização da sociedade em relação aos problemas enfrentados pelas mulheres e para a

mudança de padrões culturais e comportamentais. Portanto, a participação feminina no ativismo jornalístico revelou a importância ao combate às desigualdades de gênero, bem como a necessidade de se dar visibilidade às questões relacionadas às mulheres e a seus direitos. As mulheres, ao fundarem jornais e/ou produzirem seus textos, tiveram um papel fundamental na construção de uma sociedade mais igualitária.

Constatamos que Alba Valdez teve seus textos publicados em jornais e revistas de várias cidades, como em Fortaleza - CE, Recife - PE, Belém - PA, Rio de Janeiro - RJ, Amparo - SP, Lisboa - PT. Os periódicos para os quais escreveu não eram unicamente fundados por mulheres. Alba Valdez não era limitada a temas que o patriarcado encarava como femininos (por exemplo, bordados, receitas, moda, etc.). Ela tratava também de questões sociais e direitos das mulheres.

Além dos seus textos escritos em jornais e revistas, publicou duas obras. A primeira, em 1901, foi intitulada *Em Sonho... (Fantasias)*, obra que reunia diversos textos que a escritora havia primeiramente publicado em periódicos. Como a escritora afirmou na entrevista citada anteriormente: “Eram pequenos contos e crônicas que mais tarde, coligui, enfeixando num pequeno opúsculo que intitulei: “Em Sonho”. Era o meu primeiro livro; isto no ano de 1901” (Valdez, 1945, p. 19).

E sobre a segunda obra, *Dia de Luz*, Alba Valdez apenas afirma, “Escrevi depois outro livro. Mas a maior parte dos meus escritos estão mesmo espalhados pelos jornais” (Valdez, 1945, p. 19). Em nossa pesquisa não encontramos documentos ou entrevistas que a Alba Valdez tenha mencionado a data de publicação da obra *Dias de Luz*. Em uma nota de rodapé, em sua pesquisa sobre Alba Valdez, Duarte considera que *Dias de Luz* tenha sido publicado em 1906 e afirma que a escritora teria publicado um terceiro livro (Duarte, 2004). No entanto, não se tem plena certeza sobre a veracidade dessa informação, pois alguns críticos postulam que como a obra *Dia de Luz* recebeu o subtítulo *Recordações da adolescência*, este fato fez com que acreditassem que fosse outra obra. Damasceno considera que o livro tenha tido um segundo volume com o subtítulo “Recordações da Adolescência”, que veio a lume em 1906 (Damasceno, 1962, p. 5). Assim como Duarte, o referido crítico data a publicação da obra também em 1906, diferente de Camurça (1968), Furtado (1966), Santos (2019) e Silva (2019) ao afirmarem em seus textos que *Dias de Luz* é datado de 1907⁵.

⁵ No decorrer de nossa pesquisa, usaremos o ano de 1907 que é o ano da edição que temos em mãos.

1.4 Participações em Agremiações Literárias e Culturais

Com a sua colaboração para os periódicos cearenses, o nome Alba Valdez passou a ser conhecido no meio literário e, ao estar inserida nesse meio cultural e literato da época, como professora, escritora e colaboradora em periódicos, não era a única presença feminina, relacionava-se com as demais mulheres literatas. Brenda Lima dos Santos Lopes e Yis Rabelo Câmara afirmam que,

É essencial reconhecemos a importância da conquista da esfera pública pelas mulheres como um meio de valorizarmos o discurso feminino. Esse reconhecimento torna-se particularmente relevante quando uma mulher se ocupa de ser uma oradora pública, como foi o caso de Alba Valdez. Ela alcançou essa posição valendo-se de suas publicações em periódicos, livros e de sua ativa participação na imprensa cearense. Durante as sessões nas instituições culturais e literárias regionais às quais pertencia ou para as quais era convidada a participar por certo tempo, Alba Valdez proferiu discursos significativos que a eternizaram por suas palavras certas nas horas precisas e nos momentos exatos (Lopes; Câmara, 2023, p. 51).

O reconhecimento da importância da conquista da esfera pública pelas mulheres é fundamental para garantir que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas na sociedade. Ao destacar o papel de Alba Valdez como uma oradora pública, a citação ressalta a necessidade de valorizar as contribuições das mulheres para o discurso público e intelectual. A presença de mulheres na esfera pública além enriquecer o discurso público com perspectivas diversas, promove a inclusão e a representatividade das mulheres em espaços historicamente dominados por homens. Ao ocupar posições de destaque como oradora pública, Alba Valdez desafiou as normas de gênero da sua época e abriu caminho para outras mulheres seguirem seus passos.

No entanto, é importante reconhecer que as mulheres enfrentam desafios e obstáculos únicos ao buscarem uma presença significativa na esfera pública. Estereótipos de gênero, discriminação e misoginia podem dificultar o reconhecimento e a aceitação das vozes femininas, tornando ainda mais importante o apoio e o empoderamento das mulheres que buscam ocupar esses espaços.

Assim podemos observar que a notoriedade obtida por Alba Valdez e sua proximidade com outras mulheres literatas fez com que esse grupo criasse a Liga Feminina Cearense, sendo considerado o primeiro grupo literário feminino do estado do Ceará, datado em 26 de julho de

1904, como foi noticiado pelo *Jornal do Ceará* do referido ano, na seção “Echos e Notícia”. Transcreveremos o trecho a seguir:

ECHOS E NOTÍCIAS

Liga Feminina Cearense

Informam- nos que com o título acima será fundada brevemente nesta capital uma associação de letras tendo como socias fundadoras, dentre outras, as inteligentes senhoritas dd Julia Vasconcellos, Alba Valdez, Amelia e Olga Alencar, Julia Moura, Adelia de Luna Freire, Maria de Lima, Julieta Coelho e Maria Amelia de Torres Portugal.

Fazemos votos para que as talentosas patricias levem avante tão feliz quanto proveitosa idéa (*Jornal do Ceará*, 1904, s/p).

A agremiação era composta de mulheres educadoras e escritoras como a D. Julia Vasconcelos “que foi, por muitos anos,” lecionou “Geografia e História, na Escola Oficial Normal de Fortaleza” (Furtado, 1966, p. 240), além de ter sido sócia do Instituto do Ceará⁶. Outros nomes a se destacarem aqui são os de Amelia e Olga Alencar, irmãs do escritor José de Alencar, fundadoras do jornal feminino *O Astro*, em Baturité.

É interessante notar como a criação dessa liga reflete a luta das mulheres por direitos e reconhecimento intelectual, em uma época em que, como vimos, a participação feminina na vida pública era muito limitada. A liga tinha o princípio de não somente unir as mulheres, como também o de elevá-las intelectualmente. Keyle Samara Ferreira de Souza postula que “o nome da associação feminina era Liga Feminista Cearense” (Souza, 2019, p. 139), embora haja alguma incerteza em relação a uma possível mudança de nome que não foi encontrada em registros posteriores.

Segundo Regina Agostinho da Silva,

É significativa a criação da Liga como a primeira tentativa de organizada de inserção das mulheres no restrito mundo das Letras. Se não havia espaço nas seletas academias literárias ocupadas em sua maior parte por homens. Alba resolve fundar uma academia feminina, numa atitude evidentemente política (Agostinho da Silva, 2011, p. 16).

⁶ O Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) foi fundado em 4 de março de 1887, tendo por finalidade o estudo e a difusão da História, da Geografia, da Antropologia e ciências correlatas, especialmente no que se refere ao Ceará. Sediado no Palacete Jeremias Arruda, na Rua Barão do Rio Branco, 1594, no centro de Fortaleza, o Instituto do Ceará é a mais antiga instituição cultural do nosso estado e uma das mais antigas do Brasil, sendo reconhecido de utilidade pública por lei municipal, estadual e por decreto federal (Instituto do Ceará, 2023, s/p).

Ao descrever a criação da Liga como a primeira tentativa organizada de inserção das mulheres nas letras, o trecho destaca a importância dessa iniciativa como um marco na luta pela igualdade de gênero e pela representatividade feminina na esfera literária. Isso evidencia a necessidade de se reconhecer e valorizar o papel das mulheres na história da literatura. Assim, ao mencionar que a fundação da academia feminina por Alba Valdez é uma atitude evidentemente política ressalta a intencionalidade por trás dessa iniciativa. Isso sugere que a ação não é apenas uma resposta à exclusão das mulheres, mas também uma forma de desafiar ativamente as estruturas de poder existentes e reivindicar um espaço próprio no mundo das letras. A citação implícita ou explicitamente critica a exclusividade das academias literárias masculinas, destacando a importância da diversidade e da representação de diferentes vozes na produção e na crítica literária. Isso ressalta a necessidade de se questionar e superar os padrões estabelecidos que perpetuam a marginalização das mulheres e de outros grupos minoritários na literatura.

Em *Dias de Luz*, Alba Valdez sublinha a importância da interatividade e da união entre as mulheres ao narrar a criação do "Culto ao Saber", um grupo formado por jovens estudantes de um colégio feminino. Ao organizarem essa agremiação, as personagens se dedicam ao estudo e à discussão de temas relacionados à vida, dessa forma exemplificam a força do coletivo e o poder transformador da troca de conhecimentos entre mulheres. A obra reflete o espaço das lembranças femininas, onde a memória das experiências partilhadas e o apoio mútuo entre as jovens criam laços de solidariedade e sororidade. A saudade evocada nessas interações reforça o impacto duradouro dessas conexões, mostrando como o feminino se expressa na individualidade, assim como na construção conjunta de uma identidade e no fortalecimento dos laços comunitários.

Alba Valdez participa como membra do Centro Literário, da Boêmia Literária, da Iracema Literária e da Academia Feminina de Letras. Nesta ocupou a cadeira 16, cujo a patrona era Francisca Clotilde (Almeida, 2012). Outro ponto importante e marcante da vida de Alba Valdez foram as suas duas participações como sócia da Academia Cearense de Letras, seu primeiro ingresso ocorreu em 1922.

A *Revista da Academia Cearense de Letras*, do ano de 1937, data que a fundação da referida agremiação ocorreu em 15 de agosto de 1894, recebendo o nome de Academia Cearense, o que a faz ser a mais antiga do Brasil. Em sua primeira formação constava com 27 membros. Ainda a referida revista, em sua "Sumula Histórica", há uma apresentação sobre as reformulações pelas quais a academia passou. A primeira fase é apontada como a qual utilizava o nome que recebeu em sua formulação. A segunda fase consta que o então

presidente Justiniano de Serpa (quadriênio de 1920 – 1924), por ocasião do falecimento de alguns membros e mudança de domicílio de outros para fora do Ceará, fez a inclusão de novos membros para manter viva a associação, assim “alterando o nome para Academia Cearense de Letras, que passou a ter quarenta vagas e foram criados os nomes dos patronos das cadeiras” (Academia Cearense de Letras, 2023, p. 1). Alba Valdez que já era um nome conhecido no circuito literário, por conseguinte, segundo Souza, assumiu “uma cadeira, na Academia Cearense de Letras, em 1922, que tinha como patrono Álvaro Martins. Ela era pioneiramente uma mulher de letras em meio aos 39 sócios desta instituição” (Souza, 2019, p. 145).

A terceira fase se refere, segundo o que consta na “Sumula Histórica” (1937), à segunda reforma da Academia Cearense de Letras, em 1930, uma vez que alguns dos seus membros não residiam mais no estado do Ceará e outros não se mantinham participantes ativos nas atividades e produções, foi proposta e acatada a exclusão desses membros. Retomando o antigo modelo, Alba Valdez foi excluída do grupo. Até o ano de 1937, também pela referida súmula, na lista do quadro de membros efetivos, ainda que constassem com cadeiras vagas por ocasião da morte de seus respectivos patronos, o nome de Alba Valdez não apareceu, nem ao menos ao lado dos membros de honra.

A última ação da academia não foi bem aceita pelos ex-membros, pois ficaram insatisfeitos com a decisão que foi tomada; dessa forma, “como se soubesse que certos membros excluídos não se conformavam com a exclusão, ficou resolvido que os Estatutos diriam *constitue-se*, e não *reconstitue-se*, como se estabelecera” (Academia Cearense de Letras, 1937, p. 81). Mediante as queixas recebidas, algumas delas de forma pública como foi a feita por Alba Valdez, a Academia resolveu adotar novamente a formação com 40 associados, alegando que o desejo não era o de reformular, mas constituir e manter a tradição.

A escritora se sentiu indignada pelo ato que lhe foi cometido e, para demonstrar o seu inconformismo, escreveu o texto intitulado “De pé”, o qual foi publicado no *Jornal do Comércio*, em Fortaleza, e na revista *Nação Brasileira*, do Rio de Janeiro, ambos no ano de 1930. Segue o trecho em que aborda explicitamente a sua junção e exclusão da Academia:

Vivi. Louvei a ideia que alimenta e purifica. A obra que salva. Associei-me, por meio do pensamento escrito, a tudo que denotava cunho de utilidade e interesse coletivo dentro da órbita em que me agitava. Obreiro humilde que era, mas cheio de boa intenção e pertinácia, conquistei, por isso, a diferença de grandes arquitetos das letras indígenas.

Altos e generosos corações que me designaram um assento na Academia Cearense de Letras, quando da sua reorganização em 1922, nesse tempo o mais ambicionado posto da hierarquia literária do meio.

Alguém há de lembrar-se do motivo por que eram disputadas as cadeiras daquele importante congresso. A tábua é pequena e os caboclos conhecidos.

A cerimônia da inauguração constituiu uma das partes mais brilhantes dos programas oficiais comemorativos do centenário da independência nacional.

Acorreu ao suntuoso palacete do “Clube Iracema”, o que esta capital possui de mais refinado na sociedade. As flores confundiam-se com os lindos rostos femininos, que lá se viam em profusão. Os discursos dos oradores rivalizavam com as harmonias dos instrumentos musicais, que vibravam.

Tiraram-se fotografias. Estamparam-se “clichês”. De tudo os jornais cientificaram o público, enchendo colunas.

Sucederam-se os anos até chegar ocorrente mês de maio de 1930.

Agora a imprensa fortalezense divulga a nova sensacional de que literatos da terra vão fundar uma Academia Cearense de Letras.

É sério. Quem se recorda mais do que ocorreu na remotíssima era de 1922?

Pois os mencionados literatos vão fundar a mencionada Academia.

Pelos termos parece que foi coisa que nunca existiu no Ceará. E para não ficar atrás da sua congênere do Rio de Janeiro, mulher já não forma.

Ao fim, não sou eu a única envergonhada pela descortesia do gesto.

São vocês também minhas inteligentes e virtuosas patricias, especialmente vocês, mulheres que, como eu, mourejam na seara das letras.

Sois também vós, meus ilustres confrades, que sofrestes o desejar de serem postos em dúvida o vosso caráter e o vosso discernimento.

São ainda os senhores, respeitáveis conterrâneos, os senhores que assistiram a festa inaugural da Academia Cearense de Letras.

Os senhores que fazem parte do público que lê e julga, o público que constrói e destrói reputações, o público amado e temido, para quem, “*última ratio*”, apela o torturado artista (Valdez, 1930, p. 8-9).

Percebemos que Alba Valdez quis demonstrar inicialmente o seu histórico de literata, de mulher envolvida com a literatura e as várias associações possíveis que estivessem relacionadas com tema. A sua participação em meio a escritores não seria em vão ou mera casualidade, pois possuía formação e conhecimento para tanto. Resolveu expor, às claras, a falta de cortesia que lhe prestaram os sócios da Academia Cearense de Letras ao proporem uma reforma que implicava a sua exclusão. Deixa evidenciado que a ação se configurou pelo fato de ser mulher, como a escritora afirma, ela sendo mulher foi uma decisão óbvia a sua expulsão.

Escreve dirigindo-se, primeiramente, às mulheres, que a conheciam pelos seus textos, seus discursos e seu posicionamento na sociedade. A injusta ação praticada a uma mulher atingia a todas, o que se impunha certa necessidade declamar pela força e união feminina para lutar contra as tradições masculinas que mais uma vez queria calar a mulher. Convoca por último o público leitor que tem o poder para se tornar um escritor conhecido ou silenciá-lo. Rogou ao leitor uma participação ativa nesse acontecimento.

No que concerne à participação das mulheres na Academia Cearense de Letras, até o ano de 2002, além de Alba Valdez, somente mais cinco mulheres foram empossadas: Henriqueta Galeno em 1951, ocupando a cadeira 23. Cândida Galeno, em 1960, ocupando a cadeira 35 que foi deixada por Liviro de Carvalho e tem como patrono Tomás Pompeu. Rachel de Queiroz, em 1994, ocupou a cadeira 32, deixada por Moreira Campos e tem como patrono Ulisses Pennafort. Natércia Campos, em 2002, ocupou a cadeira 6 deixada por Francisco Alves de Andrade e Castro e tem como patrono Antônio Pompeu. Atualmente entre os seus quarenta associados, há somente doze mulheres, um número longe de ser equilibrado e, ao longo dos seus mais de 120 anos, somente uma mulher foi eleita presidente, Angela Gutiérrez de 2019 a 2020. A seguir apresentamos a relação dos nomes das sócias atuais, efetivas e ativas, e a data de ingresso na Academia:

Noemi Elisa Costa de Soriano Aderaldo em 1988, ocupa a cadeira 33, vaga com o falecimento do poeta Otacílio Colares, cujo patrono é o escritor Rodolfo Teófilo. Marly Sales Vasconcelos em 1990, ocupa a cadeira número 7, cujo patrono é o jurista Clóvis Beviláqua. Maria Beatriz Rosário de Alcântara em 1994, ocupa a cadeira deixada por Newton Gonçalves, número 16, cujo patrono é Franklin Távora. Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez em 1997, ocupa a vaga deixada pelo acadêmico Geraldo Fontenelle, cadeira número 18, cujo patrono é Moura Brasil. Regine Helena Limaverde Silva dos Fernandes Vieira em 1997, ocupa a vaga deixada pelo acadêmico Osmundo Pontes, cadeira número 21, cujo patrono é José de Alencar. Giselda de Medeiros Albuquerque em 2000, ocupa a vaga deixada pelo acadêmico João Jacques, cadeira número 28, cujo patrono é Mário da Silveira. Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa em 2013, ocupa a vaga deixada pelo acadêmico e poeta Francisco Carvalho, cadeira 31, cujo patrono é Farias Brito. Révia Maria Lima Herculanô em 2018, ocupa a vaga deixada pelo acadêmico Carlos d'Alge, cadeira 36, cujo patrono é o Senador Pompeu. Grecianny Carvalho Cordeiro, ocupa a vaga deixada pelo poeta Horácio Dídimo, cadeira número 8, cujo patrono é Domingos Olímpio. Laéria Bezerra Fontenele em 2020, ocupa a vaga deixada pelo acadêmico Pedro Paulo Montenegro, cadeira número 24, cujo patrono é Lívio Barreto. Vera Lucia Albuquerque de Moraes em 2022, ocupa a cadeira número 10, vaga em virtude do pedido de desligamento feito pelo acadêmico Ednilo Soárez, por não mais residir em Fortaleza. O patrono é o Padre Mororó. Celma Regina Prata de Almeida Cunha em 2022, ocupa a vaga deixada em virtude do pedido de desligamento do acadêmico Dimas Macedo, cadeira número 11, cujo patrono é o Barão de Studart (Academia Cearense de Letras, 2023, s/p).

Alba Valdez retornou ao quadro de sócio efetivo da Academia Cearense de Letras, em 1938, quando passou a ocupar a cadeira de nº 22, que tem como patrono Justiniano de Serpa, este que foi um dos fundadores da academia e um dos responsáveis pela mudança do nome de Academia Cearense para Academia Cearense de Letras, além da reformulação que aumentou

o número de cadeiras para quarenta. Justiniano José de Serpa nasceu em Aquiraz-CE, em 6 de janeiro de 1852. Estudou direito pela Faculdade de Direito de Recife, em 1888, contribuiu como “redator dos jornais “O Cearense”, “Constituição”, órgão do Partido Conservador, “A Pátria”, “O Norte” e “Diário do Ceará”, e colaborou com a revista “Iracema”, órgão do Centro Literário. Usava o pseudônimo de Jusser” (Academia Cearense de Letras, 2023, s/p). Justiniano de Serpa foi uma presença importante para a vida da escritora Alba Valdez, uma vez que a incentivou a fazer a sua primeira publicação para a imprensa, proporcional a sua primeira entrada na Academia Cearense de Letras e em sua segunda participação ocupou a cadeira de que é patrono.

Outra agremiação importante da qual Alba Valdez fez parte foi o Instituto do Ceará, ocupando em 1936 o cargo de bibliotecária, junto à diretoria. A associação teve sua fundação em 4 de março de 1887, com o intuito de promover o estudo e a disseminação da História, da Geografia, da Antropologia e ciências em especial relacionadas ao estado do Ceará (Instituto do Ceará, 2023). Segundo Camila de Sousa Freire e Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva (2018, p. 441), a referida agremiação desempenhou um papel significativo na documentação e narração da história da província, fornecendo uma base para compreender o desenvolvimento regional e nacional. Destacando o pioneirismo na abolição da escravidão. Além de sua função histórica, o Instituto do Ceará serviu como um espaço vital para os intelectuais da região se reunirem, trocarem ideias e consolidarem sua autoridade como narradores legítimos da história regional. Isso destaca a importância das redes intelectuais na construção e preservação da cultura e história local.

A escolha dos membros ainda ocorre por meio de votação. Em sua formação inicial contou com doze sócios fundadores, dentre eles não havia nenhuma mulher. A primeira a ingressar no Instituto do Ceará foi Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos em 5 de junho de 1930. Júlia Vasconcelos, como era conhecida, ocupou a cadeira de seu falecido pai, o professor de direito Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos.

Em relação a Júlia de Vasconcelos, Furtado postula que ela “lecionou, com reconhecida competência, catedrática que foi, por muitos anos, de Geografia e História, na Escola Oficial Normal de Fortaleza” (Furtado, 1966, p. 240). Além de ter sido uma professora dedicada e comprometida com o ensino, Camurça (1968, p. 184) exalta a sua intelectualidade e cultura, e que aos quatorze anos já era grande conhecedora da língua portuguesa, língua francesa, língua inglesa, língua alemã, história, geografia e literatura. Por todos esses atributos, Júlia de Vasconcelos foi eleita para fazer parte do Instituto do Ceará, mas essa

decisão não foi unânime. A posse recebeu críticas devido ao fato de ser mulher. Camurça destaca esse acontecimento da seguinte forma:

A mulher pioneira, quereis conhecê-la? – Júlia de Vasconcelos, que substitui a seu recém-falecido pai, um dos Fundadores. O homem? – Antônio Theodorico da Costa. Eis que ele avança, pede a palavra e “lendo uma brilhante peça oratória” ... “reafirma o seu modo de pensar contrário à coparticipação do elemento feminino em certames científicos”. Desta matéria já se ocupara em sessões anteriores. Na assembléia de eleição “justificara o seu ponto de vista contrário à coparticipação da mulher nos centros de cultura litero-científicos”. E agora, ao terminar, assim diz: - Senhora, neste exato momento de vossa posse, “... (lembrai) sempre que um membro daquela assembléia se opusera ao vosso ingresso no seio do Instituto” do Ceará. (R.I.C., 1931: 259-264) (Camurça, 1968, p. 183-184).

Júlia de Vasconcelos foi considerada inapta para tomar parte no Instituto, não por ser ativa e participativa intelectualmente nas áreas da história, geografia e antropologia, mas pelo simples fato de ser mulher, e, o também associado Antônio Teodorico da Costa deixa a sua insatisfação bem clara na citação exposta anteriormente. Não encontramos falas dos demais associados que tenham compartilhado dessa mesma inconformidade, mas podemos notar que possa ter existido, uma vez que a participação feminina até fins do século XIX era pouquíssima, a julgar pela quantidade de homens que eram membros.

Recordando mais uma vez a Júlia de Vasconcelos que a sua participação não foi inteiramente aceita. Camurça afirma que ela “Revida, porém, com os seus labores científicos, os magisteriais, e com os seus pensamentos, atos e palavras a serviço da educação” (Camurça, 1968, p. 184). Continuou a fazer o que ela fazia, dedicando-se ao ensino, ao estudo e à escrita. Publicou a obra *Memória histórica* (1920), o seu conteúdo abordado é relacionado a educação, os estudos científicos “Oceano e seu papel na harmonia do Globo. América meridional (parte física) – Esfera celeste e coordenadas” (1920); “Uma valiosa unidade brasileira” (1922); “A ilha Sylt e os insulares” (1925), todos esses títulos produzidos antes do seu ingresso no Instituto. Já como membra da referida agremiação, contribuiu para a imprensa e escreveu demais publicações científicas, no entanto, por motivos pessoais e familiares ocasionaram sua mudança para o sul do país, sendo assim, passou a usar o título de sócia honorária, como expõe Camurça (1968).

Júlia de Vasconcelos é um exemplo de que a realidade das mulheres poderia ser distinta da que fora pelos homens escolhida, ainda que com uma parcela de reprovação que enfrentou se manteve firme na realização de seus estudos, suas publicações e empenho na magistratura. Percebemos que Júlia de Vasconcelos foi uma mulher que serviu de exemplo

para outras mulheres, principalmente, para Alba Valdez que em seu discurso de posse expressou sua admiração por esta mulher que foi significativa para a educação no estado do Ceará. A seguir a sua fala:

- O voto excelso desta assembleia intelectual, com uma benevolência que me atordoava, designou-se uma das suas ambicionadas cadeiras de sócio efetivo. Ocupou-a Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, que, por inapagável atuação nos quefazer gloriosos da casa, foi elevada ao sólio dos sócios honorários. Com esta atitude, O Instituto criou para nós, mulheres que escrevemos, uma situação de positivo destaque. Não sei explicar bem, mas parecia que a gente andava sozinha dentro de uma paisagem sem contornos, de uma planície batida pela seca da dúvida, do desconforto. Converteram, porém, os lúcidos espíritos que animam o Instituto o isolamento de ontem na solidariedade de hoje, o que considero, falando por mim, uma democracia em letras. Na verdade, os meus títulos literários estão muito aquém da importância do posto que venho ocupar, quanto mais que a minha antecessora é figura grandemente visível no cenário educacional patricio (Valdez, 1936, s/p).

Além de fazer menção ao importante papel desempenhado por Julia de Vasconcelos para a educação cearense, Alba Valdez destaca que o Instituto do Ceará, ao nomeá-la membra, não somente a estavam honrando, como também a outras mulheres escritoras, que não recebiam destaque merecido no cenário literário.

Na lista de membros efetivos, antes da entrada do século XX, o Instituto do Ceará teve o total de cinco mulheres como sócias efetivas, sendo Júlia de Vasconcelos que tomou posse em 1930. Alba Valdez foi empossada em 1936; Zélia de Sá Viana Camurça, empossada em 1968; Maria da Conceição empossada em 1982; e Valdelice Carneiro Girão, empossada em 1988. Atualmente, há sete mulheres associadas ao Instituto, dentre os quarenta sócios efetivos, um número relativamente pequeno. Daí podemos nos fazer a seguinte reflexão: será que tão poucas mulheres fizeram trabalho significativo na história, geografia e antropologia ou foi o fato de serem mulheres dificultou esse reconhecimento do Instituto do Ceará ao longo dos seus mais de cem anos?

Retomando a história da escritora, objeto de nossa pesquisa, Alba Valdez ao ingressar no Instituto do Ceará ocupou a cadeira anteriormente deixada por Julia de Vasconcelos. Para Furtado, Alba Valdez “Sucedeu, assim, a legítima expressão feminina da cultura e do magistério cearense” (Furtado, 1966, p. 240), ainda era um período em que não eram todas as mulheres que tinham o privilégio de ser educada e/ou poder exercer uma profissão fora do lar.

1.5 Alba Valdez: uma mulher feminista?

A participação das mulheres na sociedade por diversas vezes é recordada ao citar a atuação do movimento feminista, apresentamos aqui que Duarte (2003, p. 197) o descreve como um movimento político e social que busca a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Ela enfatiza que o feminismo não é um movimento homogêneo e que podem existir diferentes correntes e abordagens dentro dele. Dessa forma, o feminismo pode ser designado como a resposta às desigualdades de gênero históricas e estruturais, que afetam não só as mulheres, mas também outras minorias e grupos marginalizados.

Ainda segundo Duarte (2003, p. 198-217), o feminismo pode ser separado em quatro momentos importantes ao longo dos anos, são as chamadas ondas do feminismo. Essas ondas do feminismo representam diferentes momentos históricos e contextos políticos em que as mulheres se organizaram para lutar por seus direitos e pela igualdade de gênero. Cada onda trouxe novas perspectivas e reivindicações, e todas foram fundamentais para o progresso da luta feminista.

A primeira onda, como apontada por Duarte (2003, p. 198-202) surgiu ao longo do século XIX que se concentrou na luta pelos direitos básicos das mulheres, o aprender a ler e a escrever. O objetivo principal era conseguir direitos básicos como o direito ao voto e à educação. As mulheres desta época eram frequentemente ridicularizadas e vistas como radicais. A segunda onda do feminismo ocorreu por volta de 1980 e se concentrou na luta pelos direitos sociais, econômicos e culturais das mulheres. Uma forte característica foi o a criação de jornais e revista com certo teor feminista. Nesta onda é perceptível do início de surgimento de um feminismo mais radical, que desafiou as noções tradicionais de gênero e sexualidade. A terceira onda do feminismo começou no século XX e foi caracterizada pelo reconhecimento da diversidade das experiências das mulheres. As feministas desta época concentraram-se em questões como a interseccionalidade, a diversidade sexual e a violência de gênero. A terceira onda também foi marcada pela apropriação do termo "empoderamento" e pela adoção de estratégias de protesto mais inclusivas e com menos confrontos. Por fim, a quarta onda do feminismo é a mais recente e está em curso desde meados do século XX. Ela se concentra em questões como a igualdade salarial, a representação política das mulheres e a violência contra a mulher, bem como na luta contra o assédio sexual e a cultura do estupro. A quarta onda também é caracterizada pela instituição do dia 8 de março, pela ONU, como o Dia Internacional da Mulher.

Ao destacarmos as quatro ondas descritas por Duarte, é importante percebermos que elas não ocorreram unilateralmente em todo o território nacional e nem em todas as classes sociais e muito menos que houve uma participação significativa e ativa das mulheres, dessa forma, não é possível afirmar que a cada onda ocorreram conquistas que atingiram de forma igual a todas às mulheres. Por conseguinte, quando abordamos a relação da Alba Valdez no contexto feminista no Brasil, lembrando que a sua participação social e literária é datada por volta de fins do século XIX e meados do século XX, levando em consideração as ondas feministas e suas datas apontadas pela referida crítica anteriormente citada, poderíamos dizer que Alba Valdez estaria presente na terceira onda, a qual ocorre o movimento das mulheres em prol do “direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho” (Duarte, 2003, p. 207). No entanto, por sua participação na imprensa, educação e agremiações literárias, percebemos que o seu discurso não era apenas para a profissionalização e mercado de trabalho, como também para o acesso a uma educação básica e até mesmo que fosse igualada a recebida pelos homens, ainda não seja possível afirmar que Alba Valdez era sim uma feminista, mas suas ações foram condizentes com alguns ideais do movimento.

Podemos perceber que para Duarte (2003), o feminismo não é uma luta contra os homens, mas contra as estruturas sociais que promovem a opressão e a discriminação de gênero. Além disso, destaca a importância da diversidade e da inclusão dentro do movimento feminista, uma vez que as lutas feministas devem considerar as diferentes experiências e demandas das mulheres, levando em conta questões como raça, etnia, classe social, orientação sexual e identidade de gênero. Por conseguinte, o feminismo é um movimento complexo e multifacetado, que busca a transformação das relações de gênero e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Heloisa Buarque de Hollanda em seu estudo sobre feminismo brasileiro, aponta para a diversidade e a complexidade do movimento feminista, destacando a importância de reconhecer e valorizar as diferentes correntes e abordagens dentro do feminismo, bem como as experiências e demandas específicas das mulheres de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, chama a atenção para a necessidade de se repensar as estratégias e as formas de mobilização do movimento feminista, de modo a torná-lo mais inclusivo, diverso e efetivo. Argumenta que é preciso buscar novas formas de diálogo e de articulação entre as diferentes correntes e abordagens do feminismo, bem como estabelecer alianças com outros movimentos sociais que compartilham das mesmas lutas e reivindicações (Hollanda, 2018).

Recordamos aqui que o posicionamento de Alba Valdez frente aos direitos das mulheres, à educação e aos problemas sociais foi de extrema importância para a sociedade

como um todo, uma vez que as mulheres têm lutado ao longo dos anos para obter igualdade de direitos e oportunidades em diversas áreas, incluindo trabalho, educação, saúde e política. Sua atuação em diversas associações e agremiações literárias, assim como suas publicações e discursos, evidenciam seu vasto conhecimento e comprometimento com a causa feminina. Em uma época marcada por restrições impostas às mulheres, Alba Valdez se destacou em um ambiente predominantemente masculino, enfrentando os desafios de ser mulher em uma sociedade patriarcal.

Através de sua escrita, Alba Valdez abordou com sensibilidade e profundidade as diferentes condições das figuras femininas, refletindo sobre as dificuldades e as limitações que as mulheres enfrentavam. Suas personagens femininas, imersas em memórias e saudades, revelam o espaço íntimo das lembranças e das lutas pessoais, onde a narrativa se torna um espelho das experiências vividas por muitas mulheres. Ao explorar esses temas, Alba Valdez deu voz às mulheres de sua época ao propor de certa forma uma reflexão sobre o feminino, destacando a importância de continuar a luta por igualdade e reconhecimento.

Outro momento utilizado para falar das mulheres escritoras e do papel na sociedade por elas desenvolvido foi durante o seu discurso em comemoração ao quinquagenário do Instituto do Ceará. Alba Valdez fez a seguinte interpelação:

Que fazer? Tudo em mim é fraqueza. A mulher é um ser fraco, propalam. Pois, da própria fraqueza, construirei a força necessária para comunicar as minhas emoções.

O panorama social cearense, no que concerne ao progresso intelectual da mulher, foi, até pouco tempo, de alcance mínimo (Valdez, 1937, p. 424).

Com essa pergunta, a escritora ressaltou a visão que a mulher era considerada frágil e emocional, que deveria ser mantida em segurança, sob a proteção masculina. No entanto, ciente de sua condição, Alba Valdez soube aproveitá-la para ensinar, escrever e se manifestar socialmente. Destacou ainda que, no cenário cearense, fazia pouco tempo que as mulheres estavam começando a serem notadas, educadas de forma que pudessem equiparar seu grau de instrução ao que era recebido pelo homem na busca por serem ouvidas.

Alba Valdez, em seus discursos, abordou criticamente o modelo educacional oferecido às mulheres de sua época, que se restringia ao ensino de tarefas domésticas e carecia de uma formação intelectual substantiva. Ela observou que a educação feminina era marcada por uma abordagem abstrata e desconectada das realidades práticas, como refletido na frase: “O preparo intelectual ressentia-se do senso das realidades, convindo-lhe bem a terminologia de

abstrato que os gramáticos conferem a determinados nomes” (Valdez, 1937, p. 425). Esse modelo limitava as mulheres a papéis domésticos e impedia o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.

Em sua obra *Dias de Luz*, Alba Valdez explora essas questões de forma incisiva durante uma discussão em sala de aula, onde as personagens femininas debatem o papel e a participação das mulheres na sociedade. Através desse diálogo, Alba Valdez ilustra a consciência crítica das personagens sobre as limitações impostas à educação feminina e destaca a importância da reflexão sobre o papel das mulheres em um ambiente educacional. Esse espaço de discussão reflete a busca das mulheres por reconhecimento e por uma formação que vá além dos limites impostos pelo contexto social da época, evidenciando a relevância da memória e da saudade na construção de um legado educacional mais inclusivo e igualitário.

Na sequência do seu discurso abordou a dificuldade enfrentada pelas mulheres cearenses para se tornarem letradas, tendo que enfrentar velhas teorias, preceitos que serviam de privações para as mulheres. E, com o passar dos anos “mudam-se os tempos e mudam-se os costumes. E certas filosofias também. [...] Nesse ínterim, a mulher trabalhava pelo aperfeiçoamento do seu eu, interessando-se pelo pelos problemas sociais” (Valdez, 1937, p. 428-429). Dessa forma, Alba Valdez estava alegando que para a mulher escritora, o transcorrer dos anos foi propício para que elas aprofundassem os seus conhecimentos, uma vez que estavam envolvidas nos problemas reais pelos quais a sociedade passava.

Para demonstrar que estava preocupada com o social, Alba Valdez (1937) cita Emilia de Freitas e Francisca Clotilde, envolvidas na causa abolicionista, a última se destacava também como redatora de jornal e de diversas revistas espalhadas por Fortaleza e do interior do estado. Amélia e Olga de Alencar, irmãs do escritor José de Alencar, fundadoras do jornal de produção feminina *O Astro*, e, sócias fundadoras da Liga Feminista Cearense. Antonieta Clotilde (filha de Francisca Clotilde), fundadora de mais um jornal feminino *A Estrela*. D. Maria Felismina fundadora do jornal *O Rosário*, que na sua edição comemorativa do primeiro aniversário produziu 1.200 exemplares. Por último, lembrou-se de Ana Facó, que foi uma “modelar figura de educadora, e outros espíritos femininos que, no jornalismo, exerceram atuação didática, literária ou doutrinária” (Valdez, 1937, p. 429-430). Os nomes destacados de algumas das mulheres cearenses que saíram de uma posição que se esperavam delas e foram além. Educadoras, escritoras, jornalistas redatoras, editoras, poetisas, dramaturgas, oradoras, buscaram seu espaço na sociedade, e, por conseguinte, inspiraram a outras mulheres.

Em um período em que a literatura era dominada por homens e valores patriarcais, Alba Valdez teve que lutar contra o preconceito e o menosprezo para ter sua voz e perspectiva reconhecidas. Barroso ainda expõe que:

A vida e obra de Alba Valdez, para quem as examina através de uma visão de conjunto, se desenvolvem num sentido de pioneirismo libertador, pois jamais lhe arrefeceu o ânimo forte e decidido em defesa de direitos que a mulher cearense teve dificuldades em ver reconhecidos. Vencendo tôdas as barreiras que a incompreensão da sociedade do seu tempo lhe antepunha, ao longo dessa caminhada de pioneirismo, certo é que Alba Valdez sempre as levou de vencida, impondo-se vitoriosamente e sendo sempre respeitada e enaltecida pelo destemor pertinaz com que soube defender o direito da ascensão cultural, econômica e política da mulher cearense. Soube encarnar, à perfeição, o ideal feminista do seu tempo (Barroso, 1971, p.489).

Alba Valdez foi uma mulher pioneira e destemida que lutou pelos direitos das mulheres cearenses, enfrentando todas as barreiras impostas pela sociedade conservadora da época ao seu modo, escrevendo e educando. Seu pioneirismo libertador em defesa dos direitos da mulher a levou a vencer as dificuldades que surgiram em sua caminhada, foi respeitada e enaltecida por sua coragem e determinação. A escritora encarnou o ideal feminista de seu tempo e é uma figura inspiradora para todos aqueles que lutam pela igualdade de gênero e pela emancipação das mulheres.

Com relação ao voto feminino, Barroso resgatou uma entrevista de Alba Valdez ao jornal *O Estado* em 1945, concedida ao jornalista Alencar Monteiro, em que a escritora expressa a sua opinião. Segue um trecho:

Não deve ser negado a mulher o direito de votar e de ser votada. E neste ponto a atual legislação eleitoral satisfaz a medida das aspirações femininas. É um ato de justiça. A cooperação da mulher na guerra que terminou em parte, foi deveras notável. A sua tarefa se multiplicou nas fábricas e nas oficinas; nos hospitais e nos campos de batalha; nas defesas anti-aéreas das cidades, nos navios de guerra e nos aviões de combate [...] Se as mulheres desempenharam brilhantemente encargos arriscadíssimos no cenário bélico e sangrento que passou, porque não enfrentar essa ARRISCADÍSSIMA tarefa de votar e ser votada? (Barroso, 1971, p.493).

A aprovação do voto feminino no Brasil em 1932 foi um marco importante na história do país, representando uma conquista significativa para as mulheres brasileiras na luta por seus direitos e pela igualdade de gênero. A partir desse momento, as mulheres puderam

participar de forma mais ativa na vida política do país e ter voz nas decisões que afetavam suas vidas e a sociedade como um todo.

Alba Valdez fez uma comparativa da participação feminina durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres brasileiras também desempenharam um papel fundamental ao se engajarem nos trabalhos braçais nas fábricas e nas plantações, enquanto muitos homens estavam combatendo. Essa participação foi essencial para a economia e o esforço de guerra do país, e contribuiu para a mudança de mentalidade em relação às mulheres e suas capacidades. Dessa forma, se a mulher teve que enfrentar uma nova realidade de trabalho e sustento da família e, até mesmo os confrontos diretos da guerra, exercer o seu direito de voto e direito de ser votada seria executado até com certo deleite.

Podemos entender que pelo período em que viveu Alba Valdez (1874-1962) o movimento feminista ainda não se apresentava organizado e com uma participação coletiva e efetiva das mulheres, posto que segundo Rebeca do Nascimento Coelho, o movimento feminista no Ceará somente na década de 1980 que se estruturou “com a criação da União das Mulheres Cearenses (UMC) que pretendia discutir a discriminação feminina, o machismo e a sexualidade sob a liderança de Maria Luiza e Rosa da Rosa da Fonseca foi militante estudantil, exercendo liderança na resistência ao regime militar” (Coelho, 2014, p. 79-80). Assim, entendemos que a não organização das mulheres não anula o posicionamento e luta de nomes mulheres como,

Bárbara de Alencar (1765-1832), que se destacou nas lutas pela independência e contra a monarquia. Jovita Alves Feitosa (1848-1867) lutou para participar da Guerra do Paraguai, mas teve seu pedido negado pela justificativa da incompatibilidade do sexo feminino com a atividade militar. Maria Tomásia Figueira Lima (1826-1902 ou 1903) participou do movimento abolicionista. Francisca Clotilde Barbosa Lima (1862-1935) escritora e professora da Escola Normal percebe na educação uma maneira de transformar a realidade feminina. Alba Valdez (1874-1962) fundou, em 1904, a Liga Feminista Cearense, primeiro grupo literário feminino do estado e foi primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras. Aliando escrita e política, defendeu melhores condições sociais, culturais e políticas para as mulheres e Henriqueta Galeno (1887-1964) escritora, primeira bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará, participou do 1º Encontro da Federação pelo Progresso Feminino, entidade dirigida por Bertha Lutz que defendia a liberdade profissional e participação política da mulher (Coelho, 2014, p. 78).

A citação aponta alguns nomes de mulheres que de alguma forma corroboraram com a luta pelos direitos das mulheres, fizeram em sua maioria uma luta individual, mas queremos destacar Alba Valdez que podemos intuir que se posicionava em favor da união feminina ao

criar a Liga Feminista Cearense. Como já citamos anteriormente, também em sua escrita a presença de uma certa unidade feminina, como no enredo da obra *Dias de Luz* (1907). Nesta obra, as personagens se reúnem para criar o chamado "clube do saber", uma organização composta apenas por adolescentes em uma escola dedicada exclusivamente à educação de mulheres. Dessa forma, é possível compreendermos que Alba Valdez foi uma escritora feminista, a seu modo e com as ferramentas que possuía, que se mostrou engajada e comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, utilizando sua produção literária, como uma forma de questionar e denunciar as desigualdades e injustiças existentes.

1.6 Textos/Discursos dedicados a Alba Valdez

Por ter se tornado uma figura pública, fatos da vida de Alba Valdez também foram publicados em jornais, assim como um texto em sua homenagem, publicado no Jornal do Ceará por Branca de Lanuza em 1905. A seção do jornal recebia o nome de Seção Feminina - Phantasia e o título do texto "Orvalhos", tendo a seguinte dedicatória: "(A' distinta escriptora D. Alba Valdez)". A seguir transcrevermos um trecho desta dedicatória:

Scisme! Scisme nos grandes mysterio de Deus, na belleza da natureza mais bela agora esmaltada pelo clarão do luar; pensei nos sonhos ideais que devem ter os grandes poetas nestas esplendidas noites enluzadas, e por agradável coincidência meu pensamento fixou-se sobre as intelligentes escriptoras cearenses e sobre tudo nas sympathicas figuras de D. Clotilde e D. Alba Valdez. Ah! se me fôra dado imital-as! Se eu soubesse escrever, pensei reproduziria este magnifico espetaculo que apresenta-se-me aos olhos [...] Impossivel! Não poderás imital-as. Ellas tem as scintilações do genio (Lanuza, 1905, s/p).

A publicação é datada de 1905, período em que Alba Valdez já escrevia para jornais e revista e havia publicado o seu primeiro livro, *Em Sonho... (Fantasia)*, além de exercer o magistério. A dedicatória nos faz perceber que a escritora gozava de certa notoriedade, principalmente por parte das mulheres que a admiravam pela forma como escrevia e se posicionava na sociedade. Apesar de ser reconhecida publicamente por seu talento de escrita, é preciso ressaltar que teve que enfrentar muitos desafios para ter suas obras reconhecidas e valorizadas. Outro texto em sua homenagem foi o poema "O Monge de Pedra" de Carline Martins, publicado no periódico *A Razão*, em 6 de julho de 1937 e, esse título é idealizado na

personagem da narrativa curta “O Frade de Pedra” que faz parte da primeira obra de Alba Valdez, *Em Sonho... (Fantasia)* de 1901.

A narrativa recebe o referido título por se tratar de uma viagem que a voz narrativa fez a sua terra natal ao lado de sua família e, ao passar por entre as matas, avistou uma grande escultura de pedra no alto da serra, “Lá estava de mãos postas, amplas vestes talaes, fonte pendido sobre o peito em atitude de profunda concentração, com a rezar, rezar eternamente...” (Valdez, 2017, p.63). Na narrativa, mesmo essa personagem surgindo apenas no final, ela assume um papel importante desde o seu início com a perspectiva do seu encontro. Dessa forma, a poeta buscou honrar a escritora cearense ao também exaltar a escultura talhada em pedra, como podemos notar no soneto que transcrevemos a seguir:

O Monge de Pedra

Dentro da solidão harmoniosa da mata,
Como um deus ancestral, de extinto e velho mito,
Ergue os olhos aos céus distantes, numa oblata,
De joelhos a rezar, o monge de granito.

Lampeje um sol de fôgo, ou esplenda um luar de prata,
Indiferente e absorto ante o azul do infinito,
Quem sabe, orando assim, no enlevo que o arrebatava,
Se de um claustro não foi, noutros tempos, proscrito!

Róla, disperso no ar, esquisito perfume;
Não há sombra, em redor, do mais leve queixume,
Nos lajedos do monte, onde a angustia não medra

Hora crepuscular. Enquanto a luz se obumbra,
O frade, em contrição, no dulçor da penumbra,
Com o turibulo, incensa o seu altar de pedra (Martins, 1937, p. 2).

A poesia evoca a imagem do monge como um deus ancestral, erguendo os olhos aos céus em oração, e sugere que talvez ele tenha sido banido de um claustro no passado. O contraste entre a imobilidade do monge de pedra e os elementos em constante movimento ao seu redor, como o sol, a lua e os perfumes dispersos no ar, ressalta a sua contemplação imperturbável do infinito. A ausência de sombras e as angústias nas redondezas enfatizam a paz e a tranquilidade desse ambiente natural.

No crepúsculo, enquanto a luz diminui, o monge, em profunda contrição, incensa o seu altar de pedra, mergulhando na doce penumbra. Esse momento sugere uma conexão espiritual intensa, transmitindo a ideia de que a natureza e a divindade estão intrinsecamente ligadas. O soneto captura a atmosfera de calma e espiritualidade, convidando o leitor a refletir

sobre a solidão, a busca pelo divino e a transcendência do ser humano. Através de sua linguagem poética e imagens vívidas, o poema nos convida a apreciar a beleza da natureza e a mergulhar nas profundezas da contemplação e da devoção. Assim, parece associar a imagem do monge à escritora Alba Valdez que na sua obra *Em Sonho... (Fantasia)* (1901) transmite ao leitor uma forte conexão com as paisagens cearenses, com o crepúsculo, com a vegetação, com seus conterrâneos, com as mazelas e as alegrias do povo cearense. Ela soube transmitir as características do seu estado sensível nas páginas da sua publicação.

Durante a posse de Eduardo Campos na Academia Cearense de Letras, Girão (1963, p. 171-172), profere o discurso de saudação durante a cerimônia, em que o orador faz uma breve apresentação da história da Cadeira nº 22 e de seus ocupantes anteriores, destacando a coincidência ou constância na linha de compostura dos patronos e ocupantes da Cadeira, que se caracterizam pela independência de seus caracteres e pela busca por pensar livremente, sem confinações escolásticas. Os ocupantes anteriores da Cadeira são elogiados por terem sido pensadores livres e corajosos, quebrando a morosidade da evolução pela revolução, ainda que comedida e sensata.

Para descrever a Alba Valdez, escritora e ocupante da Cadeira nº22, Girão usa as seguintes palavras:

Não menos a honrou Alba Valdez, a primeira mulher a conquistar o galardão acadêmico em nossa Ilustre Sociedade.

Recebeu-o pelo alto mérito de sua formação literária e consagrou-se na admiração geral pelos gestos francos, descobertos, altivos, rasgando sem temor o lençol das condenações, misonéistas e das prevenções santarronas contra as marchas do feminismo que já se desenhava. A sua pessoa varonil, embora disfarçada na aparência da sua simplicidade de mestre-escola, alçou-a aos píncaros da nossa cultura mental, como sócia efetiva do Instituto do Ceará, e como componente da Academia, que soube homenagear, com aprêço e afeto, a sua figura expressiva e forte. Católica, não fazia das suas convenções uma galé para as idéias que expendia, quer nas suas palestras sedutoras, que nas obras e nos trabalhos com que a sua pena enriqueceu a nossa literatura (Girão, 1963, p. 173-174).

No decorrer da fala, Alba Valdez foi reconhecida pelo alto mérito de sua formação literária e pela coragem de enfrentar as condenações e os preconceitos em relação ao feminismo que já se desenhava na época. Estabeleceu grande impacto na produção cultural da época e foi reconhecida pelos seus pares como uma referência na área em que atuava. A expressividade e a força da sua figura são indicativos da importância da sua contribuição e do legado que deixou para a cultura da região. Não se deixava prender pelas convenções da

sociedade e das ideias que defendia, seja em suas palestras, obras ou trabalhos literários. Girão soube aqui destacar a importância da escritora como uma pioneira na luta pela igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres no campo literário, representando um marco na história da Academia Cearense de Letras e da sociedade como um todo.

Não somente o referido autor, como também Eduardo Campos em seu discurso de posse ao proferir que:

Tão distinta pena Alba Valdez nem sempre a manejou com a ternura das rosas. Teve-a, às vezes, como esgrima a impor idéias contra os que teimavam desconhecer os direitos humanos [...] Detentora de um estilo sóbrio, objetiva em sua maneira de criar conceitos, Alba Valdez concebeu um mundo de ternura em admiráveis contos que foram vertidos, mercedamente, para outros idiomas (Campos, 1963, p. 189).

Eduardo Campos destaca que a escrita de Alba Valdez era poderosa e determinada, que usava como uma arma para defender suas ideias e lutar pelos direitos humanos. Embora nem sempre tenha utilizado a ternura como recurso em sua escrita, ela era capaz de criar histórias admiráveis e tocantes. E a descrição do seu estilo como "sóbrio" e "objetivo" sugere que ela priorizava a clareza e a precisão em sua escrita, buscando transmitir suas ideias de maneira direta e impactante, o que pode ser associado à sua postura combativa em relação às questões sociais e políticas de sua época, em que defendia seus ideais com firmeza e convicção.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DA OBRA *EM SONHO...* (*FANTASIAS*)

Após o percurso traçado no capítulo anterior, no qual exploramos a trajetória intelectual de Alba Valdez, voltamo-nos agora para sua primeira obra, *Em Sonho... (Fantasias)*, com o objetivo de aprofundar a compreensão de sua escrita literária inicial. No entanto, nossa análise não se limita a um estudo generalizado, como já foi dito anteriormente; pretendemos, além de entender os traços inaugurais de sua literatura, explorar como a memória e a saudade são articuladas nas narrativas breves da obra. Buscamos, assim, estabelecer conexões que vão além da mera descrição, entrelaçando esses elementos com as representações do feminino, da mulher, e do espaço das lembranças femininas das personagens, revelando como essas temáticas configuram o universo literário de Alba Valdez.

A edição de estreia esteve sob a responsabilidade da Tipografia Moderna a Vapor Ateliers Louis (Silva, 2019), em 1901 e, a sua segunda edição ocorreu após o intervalo de 116 anos, em 2017 pela Editora Demócrito Rocha, ambas sediadas na cidade de Fortaleza – CE. As duas edições apresentam trinta e sete narrativas curtas. Infelizmente, por ser uma obra rara, não conseguimos ter acesso a nenhum exemplar da primeira edição.

A segunda edição, a qual obtivemos um exemplar, gentilmente cedido pela professora e jornalista Regina Helena Ribeiro Silva e é a que utilizaremos para a nossa análise, possui cento e três páginas. A reedição da obra *Em Sonho... (Fantasias)*, consta com uma ilustração na capa feita pela técnica conhecida como xilogravura. A seguir, apresentamos esta imagem:

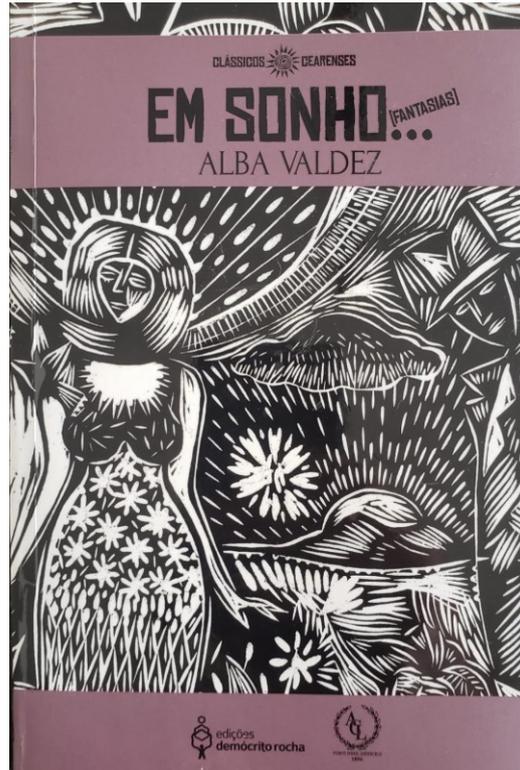


Figura II: Capa da segunda edição da obra *Em Sonho... (Fantasias)*
 Fonte: Arquivo Pessoal

Ao vislumbrarmos as imagens que compõem a capa de *Em Sonho... (Fantasias)* (2017), percebemos que, à esquerda, os traços dão forma a uma mulher que se sobrepõe a uma paisagem da natureza, montanhas, nuvens, flores, sol e chuva. Já à direita observamos a figura de um homem com chapéu com os típicos trajes usados pelos que desbravaram o sertão nordestino. Na obra *Viagens ao Nordeste do Brasil* (1942), Henry Koster fez a descrição dos referidos trajes que viu durante suas viagens, como expomos a seguir:

Sua roupa consistia em grandes calções ou polainas de couro taninado, mas não preparado, de côr suja de ferrugem, amarrados da cinta e por baixo víamos as ceroulas de algodão onde o couro não protegia. Sobre o peito havia uma pele de cabrito, ligada para detraz com quatro tiras, e uma jaquêta, também feita de couro, a qual é geralmente atirada num dos ombros. Seu chapéu, de couro, tinha a forma muito baixa e com as abas curtas. Tinha calçados os chinelos da mesma côr e as esporas de ferro eram sustidas nos seus pés nus por umas correias que prendiam os chinelos e as esporas (Koster, 1942, p. 133).

Assim, com sua vestimenta simples e produzida a partir do que o próprio sertão lhe proporcionava, o couro, seja do animal que criara para a manutenção da sua sobrevivência, seja daquele que não resistiu aos tempos de estiagem e veio a falecer. O sertanejo de uma

forma ou de outra fazia uso do que lhe era disposto e se preparava para enfrentar quaisquer situações adversas. Ainda em relação a capa de *Em Sonho... (Fantasias)* (2017), os traços que formam a paisagem na imagem dão uma ideia de movimento, uma natureza em constante mudança e que está presente na vida dos cearenses, que são representados pela figura do homem e da mulher, nos dando em antemão a percepção de que as páginas seguintes contarão aspectos da terra natal de Alba Valdez, assim como os traços de seus conterrâneos.

Na página sete encontramos o título “Conversa com o leitor”, escrito por José Augusto Bezerra, que, na ocasião, presidia a Academia Cearense de Letras. Ele utiliza dessas linhas para explicar um pouco sobre a Coleção Clássicos Cearenses, a qual é uma parceria entre a Academia Cearense de Letras e a Fundação Demócrito Rocha para a reedição das primeiras ou edições definitivas de grandes autores cearenses. Aponta ainda para o primeiro livro desse ciclo a ser reeditado: “*Em Sonho*, de Alba Valdez, mulher extraordinária, que abriu caminhos por sua maneira de ser e tornou-se um ícone feminino, numa época em que os sentimentos machistas predominavam plenamente” (Bezerra, 2017, p. 8). Notamos a importância de reapresentar à literatura nacional as mulheres escritoras que há muitos anos foram silenciadas e seus nomes esquecidos pelo cânone literário.

Após essa introdução feita, na página onze, encontramos o texto “Em Sonho: A escrita terna da libertária Alba Valdez”, escrito por Angela Gutiérrez, professora da Universidade Federal do Ceará, membra da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará. Em seu texto, tenciona apresentar um perfil da Alba Valdez e expor algumas informações biográficas, utilizando como suporte alguns dos poucos estudos que se tem da escritora. Ressaltamos que o texto escrito por Gutiérrez foi umas das fontes que também utilizamos em nossa pesquisa.

Outro aspecto importante da reedição de *Em Sonho... (Fantasias)* que queremos aqui destacar é a página vinte e sete, a qual apresenta para os leitores uma espécie de folha de rosto da primeira edição da obra. Vejamos a seguir:

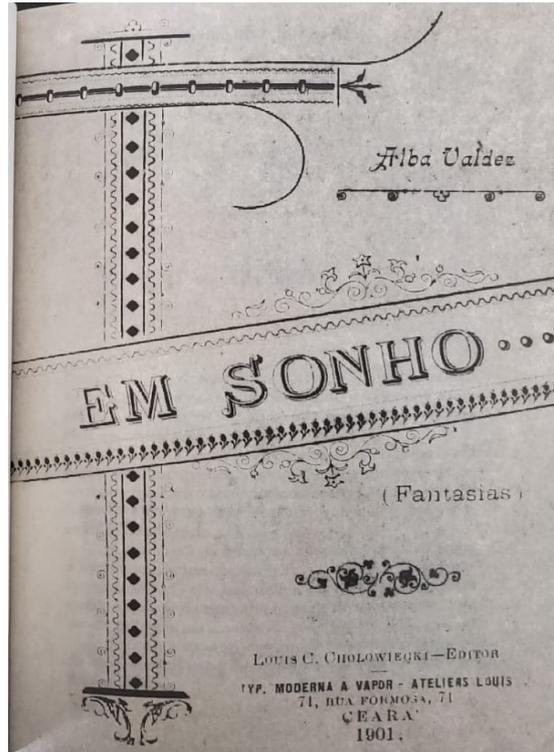


Figura III: Folha de Rosto da obra *Em Sonho... (Fantasias)*
 Fonte: Arquivo Pessoal

As informações que constam estão relacionadas ao nome da autora, ao título da obra, ao nome e endereço da primeira editora que publicou a obra, por fim, ao local e à data de publicação. Nos entremeios, traçados na cor preta. Logo em seguida, na página vinte e nove se iniciam as narrativas. Antes de falarmos dos textos, observamos que a chamada contracapa ou quarta capa da obra *Em Sonho... (Fantasias)* consta com uma breve apresentação sobre quem foi Alba Valdez e o que o leitor poderia esperar das páginas a serem lidas, feita por Regina Ribeiro, jornalista e editora. Possui ainda a figura da mulher em xilogravura que está na capa:



Figura IV: Contracapa da obra *Em Sonho... (Fantasias)*
 Fonte: Arquivo Pessoal

A presença de uma mulher em meio à natureza pode simbolizar a conexão entre a feminilidade e a própria essência da natureza. A mulher pode ser retratada como uma figura serena, em harmonia com o ambiente ao seu redor, transmitindo a ideia de equilíbrio e integração com a natureza. Essa representação pode ressaltar a relação íntima e profunda que as mulheres têm com o mundo natural, bem como destacar a sua capacidade de nutrir, dar vida e sustentar. Essa representação pode refletir a conexão íntima entre feminilidade e natureza, transmitindo ideias de equilíbrio, integração e poder feminino. É um convite para contemplar as relações profundas entre a mulher e o mundo natural, despertando reflexões sobre a nossa relação com a natureza e a importância do respeito e cuidado com o meio ambiente. Além de ser um chamado a contemplação, conexão e profundidade que a escrita de Alba Valdez pode proporcionar ao leitor que se permitir ter esse deleite.

2.1 Dedicatórias

Alba Valdez dedica a sua obra *Em Sonho... (Fantasias)* “Ao brilhante jornalista e tribuno Dr. J. de Serpa” (Valdez, 2017, p. 28), também o fez na narrativa “A Esperança”. Como abordamos no capítulo anterior, a proximidade entre ambos foi importante para a produção e publicação literária de Alba Valdez, assim como a sua participação na Academia

Cearense de Letras, na qual ocupou a cadeira nº 22 que tem como patrono Justiniano de Serpa. Além disso, dentre as trinta e sete narrativas curtas, vinte foram dedicadas a diversas pessoas, seja com algum grau parental, como a sua mãe, irmãos, irmã, ou com que teve alguma relação de importância em sua formação: professores, professoras, escritores e escritoras. Importante destacar que também a escritora e educadora Francisca Clotilde foram dedicadas duas narrativas curtas, “Volta ao Ninho” e “Flor da Noite”.

Em “Volta ao Ninho”, a dedicatória que consta é: “A. F. Clotilde” e, narra como a melancolia encontra às matas junto com a chegada do inverno, “Uma tristeza pairava no seio solitário das matas [...] o vento modula entre as folhas ondulantes parecia um soluço de infinita saudade” levando embora os “cores do verão” (Valdez, 2017, p. 52). A perda de alguém é um sentimento profundo que não só se sente no corpo, mas parece que toda a natureza também sentia, a voz narrativa sente todo o recinto chorar consigo. Ao final indaga que, “E tu, esperança, ave alvissareira do imaginar, por que também não voltas com as tuas canções paradisíacas a povoar os corações desertos?” (Valdez, 2017, p. 52). Já em “Flor da Noite” consta a seguinte dedicatória: “À exímia poetisa F. Clotilde”. Nas poucas linhas que o compõe exibe uma flor que rápido se desabrochou e rápido desapareceu, “Foi no fim de uma tarde tropical que o lindo botão soltou as néveas pétalas, fazendo-se flor [...] Desfibraram-lhe as pétalas em pólen tenuíssimo e lá ela se foi também, desfeita em ondas luminosas a dourar a areia dos caminhos” (Valdez, 2017, p. 96 - 97).

Como já referimos no capítulo anterior, Francisca Clotilde (1862 – 1935) foi professora, mãe, esposa e escritora. Possuiu participação ativa e significativa seja relacionada ao ensino, à literatura ou às questões sociais. Segundo os estudos apresentados por Anna Heloisa de Vasconcelos, essa autora cearense fez “sua primeira publicação em um jornal aos 14 anos. Sua poesia *Horas de Delírio* figura na edição de 1º de fevereiro de 1877 d’ *O Cearense*” (Vasconcelos, 2018, p. 18), ingressou jovem no magistério, fazendo com que dedicasse 50 anos de sua vida a educação. Conforme Vasconcelos,

Francisca participou intensamente da imprensa. É a autora que mais publicou no século XIX e na primeira década do século XX, em meio a um cenário quase exclusivamente masculino (CUNHA, 2008). Seus textos aparecem em jornais como *A Quinzena*, *O 19 Libertador*, *Gazeta do Norte*, *O Domingo*, *A Evolução* — do qual é co-fundadora —, *O Combate*, *Ceará Ilustrado*, *A República*, *Almanack do Ceará*, entre muitos e muitos outros. Ela publicou em 1889 o livro *Lições de Aritmética*, com objetivos pedagógicos, para a Ala Feminina da Escola Normal. Publicou também *Collecção de Contos* em 1897, com 42 contos. Em 1902 veio a público sua principal obra: o romance *A Divorciada*. Foi pioneira em abordar a temática do divórcio, 75 anos antes de a prática ser permitida por lei. Teve, ainda, dois livros publicados após

sua morte: *O Natal de Sabina* (1972) e *Tintino - O Espetáculo Continua* (1976) (ALMEIDA, 2012). (Vasconcelos, 2018, p. 18 - 19).

Outra escritora homenageada na obra *Em Sonho... (Fantasias)* é Auta de Souza, mas dessa vez não em forma de dedicatória. O nome da escritora dá título à uma das narrativas curtas. Segundo Souza (2019), “Auta de Souza” se trata de uma homenagem póstuma de Alba Valdez à poeta potiguar em decorrência de seu falecimento no ano de 1901. Assim, Alba Valdez elucida que:

Como uma estrela que brilha e desaparece, deixando após si um rastilho de luz, foi a tua vida, oh! doce filha das musas! Há nos teus versos aquela caridade suave que inunda o horizonte ao despontar das alvoradas de maio; a música divina, repassada de saudade, que um anjo exilado tange na lira, ao recordar as delícias santas do paraíso (Valdez, 2017, p. 44).

Para retratar a sensibilidade dos versos de Auta de Souza, compara-os com a natureza, os seres e os elementos celestiais, ou seja, algo que beira a perfeição e impossível de ser feito por um ser com defeitos. Com a sua perda “ficou escuro o céu azul da pátria” (Valdez, 2017, p. 45), o brilho desapareceu e a estrela deixou de reluzir, o cenário literário ficaria incompleto e escuro com a perda da poeta.

Importante ressaltar aqui que o trabalho intitulado *IPOMÉIAS: Mulheres do Século XIX na Imprensa Cearense*, escrito por Anna Heloisa de Vasconcelos, é uma contribuição valiosa para o entendimento da história e do papel das mulheres no contexto da imprensa no Ceará do século XIX. Vasconcelos apresenta uma análise minuciosa das representações femininas na imprensa da época, destacando tanto os estereótipos quanto as vozes individuais e coletivas das mulheres que se fizeram presentes nesse cenário. Sua pesquisa oferece marcas profundas sobre as experiências, lutas e conquistas das mulheres cearenses daquela era, contextualizando sua atuação em meio aos desafios e transformações sociais da época. Ao trazer à tona essas vozes esquecidas ou marginalizadas como Francisca Clotilde, Alba Valdez, e Henriqueta Galeno, Vasconcelos enriquece nosso entendimento da história local e da trajetória das mulheres na imprensa e na sociedade em geral.

Portanto, em nossa pesquisa buscamos destacar não somente a escritora Alba Valdez, dar importância e valorizar as contribuições das mulheres em diferentes esferas da sociedade. Além disso, tanto no estudo de Vasconcelos quanto em nossa análise sobre as obras escritas por Alba Valdez podem ser vistos como formas de resgate e empoderamento feminino, por meio do resgate as vozes do passado para compreender melhor a história das mulheres no

Ceará. Dessa forma, ambos os trabalhos oferecem uma visão mais completa e inclusiva da história e da literatura, reconhecendo o papel vital das mulheres na construção do tecido social e cultural.

2.2 Crítica sobre a obra *Em Sonho... (Fantasias)*

Com relação aos textos que compõem a referida obra, Almeida (2012, p. 115) os define como prosa – conto e crônica. Igualmente Silva se refere a eles como crônicas, nesse aspecto, acrescenta que, “Não há, do ponto de vista narrativo, um sequenciamento de ações que caracterizam um romance, uma novela, com um conjunto de atores representando etapas da ação encenada. Temos quadros, como a autora os classificou, como fantasias, ou textos-devaneios” (Silva, 2019, p. 50). A pesquisadora continua em sua análise tecendo elogios a Alba Valdez pela forma como expressa essas fantasias, demonstrando um certo amor pelas sonoridades lentas que ajudam a criar uma atmosfera onírica, fazendo referência ao filósofo Gaston Bachelard (1988 *apud* Silva, 2019) que seu estudo demonstrou os estados da alma ou *rêveries*, especialmente em relação às mulheres, que ele via como mais propensas a esse tipo de devaneio.

Silva (2019, p. 50) acredita que, ao escrever as narrativas curtas que fazem parte da obra *Em Sonho... (Fantasias)*, Alba Valdez encontrou formas de expressar a vida interior dos personagens e suas fantasias. Insufla também que a linguagem pode ser especialmente importante nesse tipo de expressão, e que certas palavras e sonoridades podem ajudar a criar a atmosfera necessária para que o leitor entre nesse mundo de devaneios e fantasias, ao usar a seu favor de uma abordagem mais poética e subjetiva na criação de seus textos.

A professora e escritora, Angela Gutiérrez, expõe que os textos de Alba Valdez no título *Em Sonho... (Fantasias)*, são “Escritos em prosa poética, derivam de meditações, saudades ou devaneios que surgem, sobretudo, no contato com a natureza, especialmente durante o crepúsculo” (Gutiérrez, 2017, p. 20). A prosa poética é uma forma literária que mescla elementos da prosa e da poesia, criando um ritmo e uma sonoridade particular que pode evocar sentimentos e emoções no leitor, resulta em um estilo híbrido e peculiar. Regina Lúcia Araújo define que a

prosa poética caracteriza-se pela estática do fragmento e constitui a desmistificação do poético em intensa rede intertextual, como se percebe com a presença de várias artes. Mas resumindo as características apresentadas no desenvolvimento da prosa poética no exterior, percebemos

que ela traz em essência o desejo de liberdade de criação (Araújo, 2006, p. 120).

A prosa poética busca criar um efeito poético por meio da linguagem, explorando ritmo, sonoridade, imagens e metáforas, ao mesmo tempo em que mantém a estrutura e a fluidez da prosa. Além disso, muitas vezes se utiliza de imagens vívidas e de linguagem figurada para transmitir emoções e sentimentos. Metáforas, comparações e símiles são frequentemente utilizados para enriquecer a experiência do leitor, levando-o a refletir sobre os significados subjacentes e a mergulhar em camadas mais profundas de significado.

Ainda em “relação à prosa poética, lembramos que, a partir do final do século XIX, essa forma híbrida pode ser encontrada. Então, a prosa literária e a poesia coexistem como prosa poética ou poemas em prosa em vários enunciados textuais” (Araújo, 2006, p.123). A autora apresenta que, a partir do período citado, observa-se a coexistência de elementos da prosa literária e da poesia em diversos enunciados textuais. A prosa poética representa uma fusão de estilos, combinando a liberdade associada à prosa com os elementos mais rítmicos e simbólicos da poesia. Nesse sentido, o termo pode ser aplicado a obras que apresentam uma linguagem mais elaborada e estilizada, explorando recursos poéticos, como metáforas, ritmo, e imagens sensoriais, enquanto mantêm uma estrutura narrativa ou descritiva típica da prosa. Sugere ainda que essa forma literária não é restrita a um gênero específico, pois pode ser encontrada em diversos enunciados textuais. Isso implica que a prosa poética pode aparecer em contos, ensaios, descrições, entre outros tipos de escritos, ampliando a sua presença e influência na literatura.

A liberdade estilística é outra característica marcante da prosa poética. Ao contrário da poesia tradicional, que muitas vezes segue métrica fixa e estruturas rígidas, a prosa poética permite uma maior flexibilidade em relação ao tamanho dos versos, à organização espacial no texto e ao uso de recursos estilísticos. Essa liberdade dá ao autor a oportunidade de experimentar e criar um estilo próprio, adaptando-se às necessidades e intenções da obra. Em seu estudo, *As Estruturas Narrativas*, Tzvetan Todorov analisou a estrutura e a função da narrativa, apresentando uma abordagem sistemática e analítica. Dessa forma, ao fazer uma distinção entre a poética e a prosa, o crítico chamou a atenção para que em uma análise não se cometa uma

redução, porém, ameaça prejudicar os resultados alcançados, e mostra bem qual o gênero de perigo que a poética tem a temer, onde passa o limite que ela não deve ultrapassar. Trata-se da excessiva generalidade que atinge

Cohen, tomando ao pé da letra um dos princípios do estruturalismo: estudar não os fenômenos mas sua diferença. A única tarefa da poética, nos diz ele, é estudar aquilo em que a poesia se diferencia da prosa. (Todorov, 2006, p. 71).

Ao apontar para a excessiva generalidade presente nas abordagens de Cohen, que interpretam literalmente um dos princípios do estruturalismo: estudar não os fenômenos, mas suas diferenças, podendo dessa forma realizar apenas uma análise equivocada ou resumida. Portanto, Todorov ainda estabelece que Cohen defende que a única tarefa da poética é estudar aquilo em que a poesia se diferencia da prosa. Essa abordagem, apesar de ter seus méritos, pode representar uma ameaça aos resultados alcançados pela poética. Essa excessiva generalidade pode limitar a compreensão e a análise da poesia, pois há muito mais nuances e complexidades a serem exploradas além da mera diferenciação entre poesia e prosa.

Ao afirmar que a poética tem um limite que não se deve ultrapassar, o autor indica que há um equilíbrio a ser mantido na abordagem do estudo da poesia. A poética deve evitar reduções simplistas que se concentram apenas nas diferenças formais entre poesia e prosa. Em vez disso, é necessário um olhar mais aprofundado e amplo, que considere a riqueza e a variedade de recursos poéticos, a expressão emocional, a estética e outras dimensões que contribuem para a singularidade da poesia.

Mesmo que por algum tempo eram consideradas duas opostas, a prosa e a poesia quando compostas conjuntamente em um texto literário, podem ser encontradas em diferentes gêneros literários, como romances, contos, ensaios e até mesmo em obras de não ficção. Autores renomados, como Charles Baudelaire, Fernando Pessoa e Clarice Lispector, exploraram esse estilo literário de maneira brilhante, deixando um legado de obras poéticas em prosa que continuam a fascinar os leitores até hoje. Por conseguinte, a escrita da prosa poética na literatura é uma forma de expressão artística que combina os elementos poéticos da linguagem com a estrutura e fluidez da prosa. Essa fusão resulta em uma experiência estética única, que busca emocionar, provocar reflexões e despertar a imaginação do leitor.

Por conseguinte, os textos publicados por Alba Valdez em fins do século XIX e meados do século XX, podemos notar que nestes as suas características estão associadas às pertencentes a prosa poética e sua escrita pode ser resquício e influência de um movimento simbolista presente na literatura brasileira. Importante ressaltarmos que Rosane Cordeiro de Lima (2006, p. 22) pontua que o Simbolismo no Brasil somente se estabelece em fins do século XIX.

Alba Valdez ao escrever pode explorar diversas sensações, desde a saudade até a fantasia, criando uma atmosfera envolvente que permite ao leitor se conectar com a natureza e com suas próprias vivências. Essa conexão pode ser profundamente enriquecedora e ajudar a promover uma apreciação mais profunda e significativa da beleza natural. Ainda sobre a sua escrita, Gutiérrez postula que,

é tempo de abriremos as primeiras páginas de *Em Sonho... (Fantasias)* e encontrarmos a escrita terna que, no livro de estreia de Alba Valdez, deixa transparecer a moça delicada a rememorar a vida de criança ao abrigo do carinho dos pais, a buscar a natureza que leva ao sonho e a faz acreditar na nobreza de sentimentos como esperança, amizade, saudade, amor maternal [...] essa escrita difere do discurso forte da aguerrida Alba, em sua meritória luta em favor dos direitos da mulher e de outras bandeiras igualmente nobres, seja na imprensa, seja em entidades que cria ou que se agrega (Gutiérrez, 2017, p. 20).

A observação exposta anteriormente é interessante, visto que demonstra como a escrita pode refletir diferentes aspectos da personalidade de um autor. Enquanto a escrita terna e delicada de Alba Valdez do seu primeiro livro reflete sua sensibilidade e sua relação com a natureza e a infância, seu discurso forte e aguerrido em defesa dos direitos das mulheres mostra sua força de vontade e seu compromisso com as causas as quais acreditava.

É importante destacar que a literatura pode ser uma forma de expressão muito versátil, e que um autor pode utilizar diferentes estilos e formas de escrita para transmitir suas ideias e emoções. A escrita dócil e suave pode ser tão poderosa quanto a escrita arrojada e contundente, dependendo do contexto e da mensagem que se deseja transmitir. O importante é que a escrita seja autêntica e verdadeira, e que reflita as subjetividades e as ideias do autor, como Alba Valdez deixou em seus textos transparecer as suas. Podemos refletir ainda que em alguns momentos mulheres escritoras utilizavam a estratégia da escrita dócil em suas obras literárias, enquanto adotavam uma abordagem mais aguerrida ao escrever para jornais. Essa dicotomia refletia as limitações e expectativas sociais impostas às mulheres na época, ao mesmo tempo em que buscavam encontrar espaços para expressar sua voz e opiniões. Esta escolha de escrita pode ser interpretada a partir da afirmação de Norma Telles ao expor que o

século XIX não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de ideia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair (Telles, 2018, p. 407).

A citação evidencia uma visão social predominantemente conservadora e sexista, que desvaloriza as contribuições e capacidades das mulheres em várias esferas sociais. Ao desconsiderar a capacidade das mulheres para se envolverem em assuntos políticos, sugere uma concepção limitada e estereotipada do papel da mulher na sociedade, restringindo-a a atividades consideradas tradicionalmente femininas. Além de apontar para uma percepção que se baseava em estereótipos de fragilidade e inferioridade intelectual, ignorando a diversidade de habilidades individuais.

Embora essas percepções do século XIX possam parecer ultrapassadas hoje em dia, é importante reconhecer que desafios semelhantes persistem em várias partes do mundo, evidenciando a necessidade contínua de promover a igualdade de gênero e superar estereótipos de gênero prejudiciais. Ainda segundo Telles, foi:

No século XIX, para as mulheres que pensaram ser algo mais do que “bonecas” ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto filosóficos, metafísicos e psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora do alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas a autoridade que as aprisionava. Mesmo assim, nesse período as mulheres escreveram e escreveram bastante. Desde os “cadernos-goiabada”, como os denomina a escritora contemporânea Lygia Fagundes Telles, até jornais, romances e polêmicas. Ao falar dos “cadernos-goiabada”, Lygia se refere aos cadernos onde as mocinhas escreviam pensamentos e estados de alma, diários que perdiam o sentido depois do casamento, pois a partir daí não mais se podia pensar em segredo – que se sabe, em se tratando da mulher casada, só podia ser bandalheira. Ficavam sim com o caderno do dia a dia, onde, em meio a receitas e gastos domésticos, ousavam escrever uma lembrança ou ideia. Cadernos que Lygia vê como um marco nas primeiras arremetidas da mulher brasileira na carreira de letras, ofício do homem (Telles, 2018, p. 408 - 409).

O texto aponta como a cultura e os textos masculinos subordinavam e aprisionavam as mulheres, relegando-as a papéis estereotipados e limitados, como ninharia, nulidade ou vacuidade. Essas representações reducionistas, muitas vezes ligadas a visões patriarcais, limitavam a autonomia e a autoexpressão das mulheres. A autora sugere que, antes de tentarem expressar suas próprias ideias por meio da escrita, as mulheres precisavam escapar das definições impostas pelos textos masculinos. Esse escape era crucial para adquirir

autonomia e propor alternativas às autoridades literárias e sociais que as mantinham aprisionadas em papéis preestabelecidos.

Apesar das restrições, a citação ressalta que as mulheres do século XIX escreveram bastante, utilizando diversos meios, desde cadernos-goiabada até jornais, romances e polêmicas. Essa produção literária é apresentada como uma forma de resistência e busca por voz própria dentro de uma sociedade que, muitas vezes, as relegava ao silêncio. A referência aos cadernos-goiabada como um marco nas primeiras incursões das mulheres brasileiras na carreira literária destaca a importância desses diários como espaços de expressão e reflexão para as mulheres. Lygia Fagundes Telles os enxerga como instrumentos simbólicos que marcaram o início da presença feminina no universo literário.

Na literatura, muitas mulheres escritoras sentiam a pressão de aderir às convenções sociais e às expectativas de gênero da época. Para serem aceitas e publicadas, elas frequentemente retratavam personagens femininas que se conformavam aos papéis tradicionais de esposa, mãe e dona de casa. Essa escrita dócil procurava agradar aos padrões estabelecidos e garantir a aceitação das obras no mercado literário dominado pelos homens. Por outro lado, ao escrever para jornais, as mulheres encontravam uma oportunidade para expressar opiniões mais fortes e desafiar as normas sociais vigentes. Nessas publicações, elas abordavam questões políticas, sociais e de gênero de forma mais franca e engajada. Por meio da escrita em jornais, as mulheres podiam levantar questões polêmicas, defender causas feministas, discutir igualdade de direitos e promover a mudança social.

Essa diferença de abordagem entre a escrita literária e a escrita para jornais ilustra as restrições e o ambiente restritivo que as mulheres enfrentavam. Embora tivessem a capacidade e o desejo de expressar suas opiniões e ideias de maneira mais aguerrida, as limitações impostas pela sociedade na época muitas vezes as levavam a adotar uma escrita mais conformista e alinhada às expectativas dominantes na literatura. É importante ressaltar que nem todas as mulheres escritoras da época se enquadravam nessas categorias. Algumas romperam com as normas sociais e produziram obras literárias que desafiavam as convenções estabelecidas, ao passo que outras adotaram uma postura mais conciliadora em sua escrita jornalística.

Camurça expõe que a primeira obra de Alba Valdez apresenta em seus textos "fragmentos de imaginação" (Camurça, 1968, p. 186), assim sugere que a ficção não é simplesmente uma representação da realidade, mas sim uma criação original da mente do autor. Além disso, propõe a ideia de que os contos são "contexturas de concepções líricas" (Camurça, 1968, p. 186) que evocam paradoxos poéticos como "tardes que são manhãs e

sombras que são claridades" (Camurça, 1968, p. 186). Ressalta a habilidade da Alba Valdez em criar imagens poderosas e surpreendentes. Por fim, buscou em Carvalho (Carvalho, 1902, p. 182) ao descrever os textos como "páginas de enlevos, ternas; ... fantasias e endeixas de uma alma artisticamente sonhadora" (Camurça, 1968, p. 186), para destacar a dimensão emocional e subjetiva da escrita ficcional, sugerindo que os escritos de Alba Valdez podem ser entendidos como narrativas bem construídas, expressões íntimas da sensibilidade e da imaginação da autora.

Dentre os temas contidos nas narrativas curtas da obra *Em Sonho... (Fantasias)*, quadros da natureza cearense são revelados em alguns deles. Silva compara os textos de Alba Valdez a texto-quadro, ao afirmar que

Constata-se, da leitura de textos-quadros, que a escrita está vinculada a uma linguagem de extração clássica, com o vocábulo erudito, oriundo da frequentação a escritores e poetas, a pensadores que primaram por uma expressão de excelência em língua portuguesa (Silva, 2019, p. 55).

Além sugestionar que os textos encontrados na referida obra transmitiram para o leitor a ideia de telas/imagens das paisagens naturais do Ceará, ainda pontua que os textos-quadros em questão possuem uma abordagem linguística sofisticada, utilizando termos e expressões que remetem à tradição clássica e a um estilo elevado de escrita. A frequência desses escritores e poetas, bem como dos pensadores com destaque na língua portuguesa é apontada como uma possível fonte dessa influência. Enfatiza ainda a importância da erudição e do conhecimento das obras literárias e filosóficas como base para uma escrita de excelência em língua portuguesa. Esse aspecto implica que a escrita de Alba Valdez também é vista pela pesquisadora como um meio de expressão refinado, o qual se baseia em modelos clássicos e em experiência acumulada ao longo da história da literatura e do pensamento.

Segundo Furtado, com relação à obra *Em Sonho... (Fantasias)*, Alba Valdez “Em 1904, deu à publicidade o seu primeiro livro no qual se encontram compendiados escritos dispersos, contos e fantasias, retratando as suas impressões de adolescente” (Furtado, 1966, p. 239). Outra autora que abordou sobre a primeira obra publicada de Alba Valdez foi Maria do Sameiro Figueiro ao expor que, em “1901, escreveu seu primeiro livro intitulado *Em Sonho*, coletânea constituída de crônicas, contos e textos em prosa. Alguns textos deste livro foram traduzidos para o sueco, e, para o francês. O conto intitulado *A Carta*, foi publicado no jornal *Le Matin*, de Paris” (Figueiro, 2023, s/p). Este fato foi comprovado pela própria Alba

Valdez em entrevista concedida à *Revista Contemporânea*, em 1945, ao ser indagada sobre as suas publicações, afirmou:

O início da minha vida literária foi na imprensa, escrevi pela primeira vez no “Diário da Tarde”, vespertino dirigido naquele tempo pelos drs. Justiniano de Serpa e José Lino da Justa. Eram pequenos contos e crônicas que mais tarde, coligui, enfeixando num pequeno opúsculo que intitulei: “Em sonho”.

Era o meu primeiro livro; isto no ano de 1901.

___ Como foi recebido pela crítica? – indagamos.

Dona Alba vai até uma estante próxima e retira um exemplar do livro, que nos apresenta.

___ A critica não foi tão severa comigo. Demais, era um livro de estudante. Simples fantasias. Recebí até mesmo elogios por parte da critica brasileira e portuguesa. Um dos trechos, “Recordações” foi traduzido para o sueco pelo dr. Göram Björkman, da comissão Nobel, com o título “Melodia Materna” (Valdez, 1945, p. 19).

Os textos produzidos por Alba Valdez ganharam além-mar e leitores em outras línguas, textos escritos por uma jovem mulher de vinte e sete anos. A obra de Alba Valdez, além de terem sido lidos em outros países, foi bem recebida pela imprensa, mesmo a autora sendo modesta ao falar de seus textos. Furtado alega que “A lisonja acolhida, que a crítica dispensou à promissora estreia, foi estímulo para que intensificasse a sua colaboração nos jornais e revistas da nossa capital” (Furtado, 1966, p. 239). A boa recepção tida por parte da mídia impressa impulsionou mais ainda a Alba Valdez na publicação de textos em jornais, revistas e almanaques.

A respeito da recepção de *Em Sonho... (Fantasias)* pela imprensa, localizamos um artigo intitulado “Cartas sem sello”, do periódico *A Cidade*, publicado em 3 de maio de 1902 e foi assinado por Tertuliano Felix⁷ que começa afirmando:

Venho tratar, ó meu adorável Frivolino, de uma interessante [...] intitulada – EM SONHO – da sra. Alba Valdez, tenue e gracioso pseudonymo, [...] a graciosa personalidade illustre, da illustre escriptora cearense, d. Maria Rodrigues, aquém, de coração agradeço a gentileza do exemplar, q’se dignou enviar-me.

Li o; e, francamente, essa leitura me deixou agradável impressão (Felix, 1902, p. 2).

Escrito como se fosse uma carta redigida a um amigo, há a seguinte dedicatória, “Excellent amigo, Frivolino” (Felix, 1902, p. 2), o qual o texto se presta a tecer comentários

⁷ Infelizmente não foi possível localizar maiores informações sobre o autor.

sobre a obra *Em Sonho... (Fantasias)* de Alba Valdez, que recebeu um exemplar diretamente da própria autora, a quem, pela afirmação exposta na citação, conhecia a sua participação na literatura até aquele momento. Destacou ainda: “A sua autora pertence como V. sabe à esplendida constellação dos <<Novos>> mas já é uma estrella de primeira grandeza brilhante e admirável” (Felix, 1902, p. 2). Além dos elogios à autora, descreve que:

O livro contém 118 páginas, nitidamente impressa, em excelente papel, e cujo trabalho graphico honra bastante ao antigo e acreditado <Atelier Louis> em Fortaleza onde foi editado.

O mimoso e delicado trabalho de que me vou ocupar ligeiramente, embora, é antes de tudo uma estréa; o que importa dizer: não merecerá, dos competentes critica severa e impiedosa.

<<Em Sonho>> é um livro que merece francamente, os nossos encomios.

Da vasta collecção do seu mimoso livrinho, destacam-se como admiraveis pela concepção e delicadeza do estylo, as seguintes fantasias: - <<Sonho do Cego, Esperança, Saudade>>, e tantas outras que nada desmerecem destas (Felix, 1902, p. 2).

A descrição acima nos chama a atenção, pois, além de fazer especificações sobre o livro, enaltece-o e, ao mesmo tempo, abranda alguma crítica que, porventura, viria fazer, uma vez que se tratava da obra de iniciação de Alba Valdez. Destaca alguns títulos das narrativas curtas que se encontram na obra, as denominou de fantasias, assim como fez Silva (2019). E já finalizando, o faz com mais apreciação a autora ao afirmar que ela “pertence à classe dos <<raros>> que, em literatura, são correctos e impeccaveis. Não fossem disculpaveis <<senões>> pequenos defeitos de <<egotismo>> comuns a quasi todos os estreantes, o livro de sra. Alba Valdez, seria correctissimo (Felix, 1902, p. 2). Para a sua obra de estreia, foi bem aclamada e, mesmo sendo mulher escritora, não há crítica ou alegação sobre a sua escrita ser menor que a dos homens escritores.

2.3 *Em Sonho... (Fantasias)*: visão geral

Ao mergulhar nas páginas da estreia literária de Alba Valdez, intitulada *Em Sonho... (Fantasias)*, o leitor é imerso em um universo meticulosamente tecido pela imaginação. Composta por trinta e sete narrativas curtas, ou como são denominadas por Silva (2019, p. 54), "textos-fantasias", essa obra transporta o leitor para cenários ricos em elementos naturais como florestas, montanhas, pássaros, flores e antigas choupanas. Essa profusão de elementos cria uma atmosfera bucólica, que vai além da mera narração de histórias, buscando transmitir integralmente os sentimentos que permeiam as personagens.

Narrados tanto em primeira pessoa do singular quanto em terceira pessoa do plural, os textos de Alba Valdez revelam uma profunda imersão em momentos marcantes do passado e do presente, todos permeados por uma intensa nostalgia. O crepúsculo e a noite emergem como os cenários prediletos da autora, nos quais suas personagens femininas encontram espaço para relembrar e reviver eventos passados, ou para expressar a saudade de algo ou alguém significativo. Essas narrativas não evocam somente memórias, mas tecem um elo íntimo entre o feminino e o espaço das lembranças, destacando como a memória e a saudade são elementos centrais na construção da identidade e do universo emocional das mulheres retratadas na obra.

Dessa forma, Alba Valdez não conta histórias, mas cria um espaço onde os sentimentos fluem livremente, tocando o leitor com a intensidade das emoções vivenciadas pelas personagens. A obra não se limita a entreter, mas sim a provocar reflexões sobre a natureza humana e suas complexidades emocionais, estabelecendo um diálogo profundo entre a ficção e a realidade vivida. Ainda sobre *Em Sonho... (Fantasias)*, Silva afirma que

na sequência dos textos emoldurados por títulos cheios de subjetividade e sentimentos, destacam-se temas e afetos que conferem ao conjunto uma natureza particular, ou seja, aproximam-se de sentimentos românticos. Tal natureza textual é capaz de apontar para ausências, faltas, o que é simbólico, na raiz da palavra, da saudade. Ao leitor é possível compartilhar de tal natureza simbólica desde o título, na sugestão da fuga ao real *Em sonho... Fantasias* (Silva, 2019, p. 54).

Ao destacar temas recorrentes da obra *Em Sonho... (Fantasias)*, postula que estes possuem sentimentos subjetivos que evocam uma sensação romântica, possivelmente marcada pela nostalgia e pela idealização. É importante ressaltar que a interpretação dos temas e sentimentos como "românticos" pode ser subjetiva e depender muito da perspectiva do leitor. O que é romântico para uma pessoa pode não ser para outra, e essa generalização pode limitar a interpretação dos textos. Além disso, a sugestão de "fuga ao real" em títulos como "Em sonho... Fantasias" pode indicar uma tentativa de escapismo ou de busca por uma realidade alternativa nos textos, o que pode ser uma leitura interessante, mas também pode ser vista como uma interpretação limitadora, deixando de considerar outras possíveis camadas de significado nos textos.

2.4 Análise

A partir deste ponto, dedicaremos nossa atenção à análise de algumas das narrativas curtas que compõem *Em Sonho... (Fantasias)*, de Alba Valdez, com foco especial nas histórias em que as personagens evocam lembranças do passado. Essa escolha nos permitirá aprofundar a compreensão das nuances da obra, explorando como a saudade e a memória permeiam essas narrativas ao se entrelaçarem com o feminino. Ao trazer à tona as lembranças, Alba Valdez dá voz às experiências e às emoções das mulheres, revelando como a memória se torna um espaço privilegiado para a expressão de suas identidades, desejos e saudades.

Ao nos concentrarmos nessas histórias específicas, pretendemos examinar como a memória funciona como um elemento central na construção das narrativas, influenciando as experiências dos personagens e dando forma aos seus relacionamentos e percepções do mundo ao seu redor. Dessa forma, exploraremos o conteúdo das memórias evocadas e, como essas lembranças moldam as identidades e os destinos das personagens ao longo da obra. Assim, ao abordarmos a relação entre memória e passado, buscaremos uma compreensão mais profunda da forma como Alba Valdez utiliza esses elementos para criar uma narrativa rica e complexa, que ressoa com questões universais sobre a natureza da experiência humana e a passagem do tempo.

Maurice Halbwachs, um dos principais teóricos da memória coletiva, oferece uma perspectiva valiosa para compreender a relação entre memória individual e memória coletiva na literatura. Halbwachs (1990, p. 55) argumenta que a memória individual está sempre enraizada na memória coletiva, ou seja, as lembranças pessoais de um indivíduo são moldadas e influenciadas pelas lembranças compartilhadas por seu grupo social ou cultural.

Quando aplicamos essa perspectiva à literatura, podemos observar como os escritores incorporam e refletem a memória coletiva em suas obras, enquanto também exploram a memória individual de seus personagens. A literatura muitas vezes serve como um meio através do qual a memória coletiva é transmitida, preservada e reimaginada ao longo do tempo.

Muitas obras literárias são impregnadas de memórias coletivas, como eventos históricos, tradições culturais, mitos e narrativas compartilhadas por uma comunidade ou sociedade. Os escritores frequentemente incorporam essas memórias coletivas em suas narrativas para contextualizar as experiências individuais de seus personagens e dar profundidade histórica e cultural às histórias que contam.

A literatura tem o poder de transcender as fronteiras da memória individual, oferecendo uma visão mais ampla e inclusiva da experiência humana. Ao explorar a interação entre memória coletiva e individual, os escritores podem criar narrativas que ressoam com

leitores de diferentes origens e contextos culturais, conectando-se através de experiências compartilhadas e memórias coletivas.

Para darmos início a nossa análise, temos “Noite Cearense” que é narrada em terceira pessoa e, para anunciar fim da tarde e a chegada do anoitecer, afirma que “Um sino canta dolentemente ao longe” (Valdez, 2017, p.31). O som da badalada de um sino nos remete a um costume cristão que é o dos sinos nas igrejas demarcando as horas ao longo do dia com uma badalada, mas que, em três horários específicos, seis da manhã, meio-dia e dezoito horas. O som do sino expressado na narrativa é o do final dia, o qual, na tradição católica, é mantida por algumas igrejas, também chamado de a hora do *Angelus*, atmosfera evocada na estética simbolista de entresséculos. Após as badaladas se entoa a oração em latim rememorando a passagem bíblica quando anjo Gabriel fez o anúncio da gravidez a Maria. Esse momento, ao fim da tarde, representa um costume religioso muito presente na formação nacional, na região nordestina e, por extensão, no cotidiano da escritora. A menção desse sino como demarcação do início da noite envolve o leitor em um ar contemplativo, quase de adoração ao cenário que se modificará com o pôr do sol.

Apesar do teor sacro descrito na cena, Camurça (1968) ao citar Girão (1962, p. 11), afirma que mesmo sendo “Católica, [Alba Valdez] não fazia das suas convicções uma galé para as idéias que expendia” (Camurça, 1968, p. 187). O traço de sacralidade apresentado pela escritora cearense possivelmente intenta expor um aspecto relacionado a sua terra natal, ao modo de enfrentar a vida e a tudo que ela possa oferecer, seja alegria ou sofrimento, visto que, segundo Adriano Rodrigues Alves, “conforme os estudos de Girard (2008), o sagrado é esse mistério que vagueia ao redor dos homens e não sabemos como a violência é impulsionada para fora deles mesmos” (Alves, 2015, p. 34). René Girard, antropólogo, historiador da religião e filósofo francês, afirma que o sagrado é percebido como um mistério que circunda os seres humanos. Dessa forma a violência é de alguma forma contida ou canalizada para fora dos indivíduos por meio do sagrado. Em outras palavras, o sagrado pode servir como um mecanismo que ajuda a manter a coesão social ao redirecionar ou controlar impulsos violentos.

A voz narrativa de “Noite Cearense” afirma que “É a hora misteriosa da saudade” (Valdez, 2017, p.31). O findar do dia se apresenta como uma incógnita àquele que o contempla, transferindo-lhe uma sensação de falta e é designada como saudade, que segundo o dicionário Aurélio esta é uma “*sf.* Lembrança melancólica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoa(s) ou coisa(s) distante(s) ou extinta(s)” (Ferreira, 2008, p.727). Segundo Afonso Botelho (1990, p. 8), saudade faz parte da história do povo português, e por muito tempo os

estudos ao seu redor se embasavam praticamente em apontar para a exclusividade de sua existência apenas em língua portuguesa. No entanto, afirma que

A saudade tem um conteúdo dinâmico que, se não for atendido, falseia qualquer investigação fenomenológica. Esse dinamismo percorre não só interiormente os extremos limites da sua natureza, entre o desejo e a lembrança, como os limites da história, que a divisão desgarrada do tempo descreve. Ela, porém, é, simultaneamente, o nexó metafísico da consciência humana e dos eventos que desenham o perfil temporal dos portugueses, por isso a sua sombra se projeta não só a intimidade da alma como no destino do povo (Botelho, 1990, p. 9).

Destaca a saudade como uma emoção profundamente enraizada na experiência humana, com implicações individuais, culturais e históricas, especialmente no contexto português. Ela é apresentada como uma força dinâmica que transcende categorias simples e desafia uma compreensão fácil, requerendo uma abordagem fenomenológica cuidadosa e sensível. Por conseguinte, se a saudade não for atendida, ela pode falsear qualquer investigação fenomenológica. Essa condição sugere que a saudade é uma experiência tão intrincada e subjetiva que, se não for tratada ou compreendida adequadamente, pode distorcer ou prejudicar qualquer tentativa de estudá-la de maneira fenomenológica, ou seja, a partir da perspectiva das experiências individuais. A saudade é apresentada como atravessando os extremos limites da sua natureza, situando-se entre o desejo e a lembrança, o que caracteriza a complexidade dessa emoção, não se encaixando facilmente em categorias definidas, mas fluindo entre diferentes estados emocionais.

A voz narrativa continua a observar a natureza ao seu redor com uma visão que aparenta estar carregado de saudade, pois lhe proporciona uma sensação melancólica com o findar do dia e a chegada da noite. Podemos notar o uso da personificação pela voz narrativa observador, que consiste em atribuir características humanas a elementos não humanos. Nesse caso, as montanhas são personificadas ao serem descritas como "que debruam o poente" e "para onde, em tardes de ouro, foge o meu olhar". Essas características atribuídas às montanhas as fazem parecer ter ação e intenção, como se estivessem contemplando ou "debruando" sobre o poente e atraindo o olhar do observador.

A sua percepção com o cenário pode ser notada, uma vez que os raios do sol que iluminavam a paisagem estavam desaparecendo e o seu olhar não verá mais "a elevação longínqua das montanhas azuis que debruam o poente para onde, em tardes de ouro, foge o meu olhar" (Valdez, 2017, p.31), como se o sol levasse embora toda a alegria e a noite

esfriassem as emoções. Na continuação descreve as cores da paisagem, a forma das aves em busca de abrigo, ainda o aspecto que a paisagem vai tomando não é mais possível distinguir “senão muito vagamente a silhueta dessas montanhas que amo, porque evocam as de minha terra natal-anos deixadas” (Valdez, 2017, p.31). A paisagem é descrita de forma que a sua atmosfera envolva também ao leitor, uma vez que o crepúsculo provoca a voz narrativa memórias e a saudade de sua terra natal ao ouvir a melodia que passou a entoar de “uma viola preludia uma toada popular, uma toada melancólica [...] alguém entoa, à meia voz, uma cantiga que sei de muito tempo, porque sempre a cantavam nas noites de fulgor os habitantes de minha serra” (Valdez, 2017, p.31-32). Todo o cenário é propício a aflorar recordações, o entardecer, os sons, a floresta tornaram o seu passado vivo em todo o seu ser.

Ao fazer uma abordagem sobre o espaço literário, no texto "Espaço Literário, Percepção e Perspectiva" de Paulo Astor Soethe (2007, p. 223), o autor nos convida a refletir sobre a interseção entre espaço físico e espaço literário, e como essa relação influencia nossa percepção e compreensão das narrativas. Soethe nos conduz por uma análise profunda que transcende a mera descrição de ambientes e locais dentro da literatura, adentrando em como esses espaços são construídos e interpretados pelos personagens e pelo leitor.

Uma das contribuições mais marcantes desse texto é a maneira como Soethe destaca a importância do espaço na configuração da identidade dos personagens e na progressão da trama. Ele nos lembra que os espaços literários não são meros cenários, mas sim elementos ativos que moldam e refletem as experiências e emoções dos personagens.

Assim, na narrativa de Alba Valdez, o tempo, a natureza, os sons, todos esses aspectos ativam as lembranças de suas personagens de um passado que viveu em sua terra, dessa forma a voz narrativa continua a sua evocação do passado:

Para longe me levas – para passado remoto – doce saudada! Infante me vou por umbrosos caminhos, sob céus de turquesas, ouvindo o chilrear de águas vivas que emalam qual música. No vasto alpendre de rústica vivenda, à beira da estrada, palpita a multidão alegre (Valdez, 2017, p. 32).

A citação é um exemplo claro de como a escrita de Alba Valdez infunde sua escrita com uma poética da saudade. Ao mencionar a saudade, faz sentir através de descrições sensoriais ricas e emocionais. Faz uso de uma linguagem rica em detalhes sensoriais para criar uma experiência imersiva, assim, não só enriquece a leitura, mas também torna a saudade palpável e quase tangível para o leitor.

No restante do relato, a voz narrativa continua a fazer memória do seu passado, com a música tocada pela viola e passa a visualizar uma espécie de reunião festiva entre pessoas, com jovens, bonitas e sorridentes, que dançam e demonstram “olhares que valem mil juramentos, segredam graciosas finezas que lhes vêm dos corações” (Valdez, 2017, p.32). Os pensamentos se dirigem a várias recordações da infância e, no instante que tais imagens começam, surge também um sentimento saudosista. Não é uma sensação qualquer, é caracterizado como uma dor, uma vez que o que viveu não retornará e agora só lhe resta sentir o vazio que aquilo lhe traz.

Para finalizar, afirma que: “O sonho levou-me ao passado, ao jardim em flor das belas crianças antigas. E a viola a suspirar ainda maviosos trenos ao luar merencório do novilúnio” (Valdez, 2017, p. 32). Esse fato sugere uma experiência onírica, na qual o sonho atua como um meio de transporte temporal, levando a narradora a revisitar momentos antigos. Esse começo estabelece um tom de reflexão e nostalgia.

O jardim em flor simboliza vitalidade, beleza e crescimento, enquanto "belas crianças antigas" sugere uma memória idílica e encantadora da infância. A referência às "belas crianças antigas" e ao "lunar merencório" sugere uma reflexão sobre a passagem do tempo e a perda da inocência. Há uma dualidade entre a beleza da infância e a tristeza da sua transitoriedade. A combinação de elementos visuais, auditivos e emocionais cria uma experiência literária profunda e envolvente.

Ao ouvir os diversos sons, o movimento do coqueiral, a brisa, a areia da praia, constrói-se uma ambientação cuja comoção estranhada gera a saudade, um estado que esteve e que agora mora apenas no sentir. O sentimento expressado pela personagem se assemelha ao que António José Saraiva afirma: “O sentimento chamado saudade caracteriza-se pela duplicidade contraditória: é uma dor da ausência e um comprazimento da presença, pela memória. É um estar em dois tempos e em dois sítios ao mesmo tempo” (Saraiva, 1945, p.88). É estar no presente se perdendo ao passado e querer que o passado esteja no presente, dualidade que causa dor por não poder torná-la real, o que resta é apenas sentir. Para finalizar a narrativa, a voz narrativa ressalta que “O sonho levou-me ao passado” (Valdez, 2017, p.32) e tal experiência a fez avivar em seu ser a saudade de um tempo de outrora, saudades da vegetação que não está mais, saudades de pessoas, saudade de sua terra natal.

Na obra *Em Sonho... (Fantasias)*, saudade, na sua forma singular e/ou plural, aparece aproximadamente vinte e nove vezes e relaciona-se ao sentido de falta, nostalgia, ausência de pessoas, algo, espaço das lembranças, lugares ou da terra natal. A voz narrativa recorre a essa palavra específica para expressar sua profunda ligação com o sentimento de saudade, que se

encontra intrinsecamente entrelaçado à sua existência. Essa saudade reflete as lembranças e afetos das personagens. Por meio dessa escolha linguística, a narrativa captura as experiências emocionais, revelando como a saudade se torna uma parte essencial da identidade e do espaço de lembranças das protagonistas. Eduardo Lourenço postula que:

A saudade não é da ordem da representação, mas da pura vivência. A consciência “saudosa” não joga consigo mesma, é palco de um jogo. Não é o seu eu que contempla a saudade, analisa-a ou joga com ela; é ela que faz dele joguete, que o avassala: o eu converte-se, por inteiro, em saudade (Lourenço, 1999, p. 33).

A saudade não é algo que possa ser encapsulado ou expresso completamente por meio de símbolos ou palavras. É subjetividade que se manifesta de forma integral na experiência humana. O indivíduo não somente sente saudades, mas é submerso por ela, tornando-se um participante passivo em seu jogo. Essa perspectiva desafia a visão convencional da saudade como um simples sentimento nostálgico, ressaltando sua complexidade e seu poder de transformação. Ao entender a saudade como algo que transcende a análise racional e se torna uma força ativa na vida de uma pessoa, somos levados a reconhecer sua importância e seu impacto profundo na condição humana, assim como percebemos nas revelações concedidas pela voz narrativa.

Em “Sonho e Saudade”, dedicada a Ulysses Bezerra⁸, narra a história da personagem Agostinho que, ao caminhar “pela estrada larga, cheia de sol, àquela hora embebendo-se em imagens do passado” (Valdez, 2017, p. 35). Nesse momento, Agostinho está refazendo o caminho que havia feito quando jovem, no auge dos seus dezoito anos. Dessa forma as imagens do passado que se formam em sua mente são as do dia de sua partida em destino ao exílio. Deixar a casa paterna não foi uma escolha fácil de ser tomada, saiu “a custo recalçando

⁸ “nasceu êle na antiga Vila de Arneiroz, nos sertões dos Inhamuns, a 6 de dezembro de 1865. Em virtude da crise climática que devastou o Ceará, de 1887 a 1889, conhecida, na história, como a “Sêca dos três oitos”, Ulysses Bezerra veio para Fortaleza no mês de abril de 1887, iniciando aqui os estudos primários [...] Possuidor de conhecimentos da língua pátria e de literatura, o especialmente de autores portugueses, Ulysses Bezerra, aos 22 anos de idade, surgiu na imprensa fortalezense, sendo que o primeiro artigo por êle subscrito foi estampado no jornal *A Idéia*, órgão da “Sociedade 25 de Março”, onde pontificavam diversos rapazes de merecimento. Algum tempo depois, passou a colaborar no órgão denominado *Meirinho*, que, ‘imbuído do ideal republicano, fazia propaganda da queda do Império. Ao lado de Adolfo Caminha, Américo Barreira, Antônio de Lafayette, Lopes Filho, Sabino Batista, Tiago Ribas e outros, publicou no aludido jornal numerosas produções em prosa [...] Colaborou nos seguintes jornais: *O Pão*, órgão da “Padaria Espiritual”; *Praça do Ferreira*, revista orientada por Bruno Barbosa, Francisco Gonçalves, Godofredo Maciel, José Sombra, Paulo de Aguiar e outros; *Fortaleza*, revista onde pontificaram Mário Linhares e Raul Uchôa; *Panóplia*, publicação das melhores, onde fulguravam as inteligências de Irineu Filho, Pedro de Queirós, Soriano de Albuquerque, Rodolfo Teófilo e diversas outras figuras da mentalidade cearense; e, finalmente, *A Jangada*, por êle fundada junto a Elcias Lopes, Gil Amora, Mário Linhares e Liberato Nogueira” (Martins, 1969, p. 98-99).

lágrimas ao despedir-se dos pais para se ir pelo mundo afora onde ganhar a vida” (Valdez, 2017, p. 35), podemos identificar elementos de contexto, pois Agostinho está se despedindo dos pais e está claramente emocionada, tentando segurar as lágrimas. A sua despedida é motivada pelo fato de estar iniciando uma longa viagem, com o propósito de ir em busca de oportunidades para ganhar a vida.

Não somente na despedida as lágrimas molharam a sua face, como também quando recordava de sua terra natal, “No exílio, esse pranto por vezes inundou-lhe a vista, como as cheias em tempo de inverno fazem transbordar dos leitos dos rios de sua terra” (Valdez, 2017, p. 35). A metáfora sugerida ao comparar as lágrimas do exilado com as cheias dos rios durante o inverno é uma forma de ressaltar a abundância e a força do sentimento. Durante as cheias, os rios transbordam de seus leitos, inundando as áreas ao redor. Essa imagem sugere que as lágrimas do exilado são tão numerosas e avassaladoras quanto as águas que transbordam dos rios em sua terra natal durante o inverno. Além disso, a menção da "terra natal" reforça a ideia de que o exilado está distante de seu lar e de suas origens.

No entanto, “agora voltava... Bastaria transpor o juremal que se via além para divisar o saudoso lar, abraçar os santos velhinhos, os irmãos; nunca mais sairia do seu lugarejo que, através da nostalgia, lhe parecera a região mais encantadora do mundo” (Valdez, 2017, p. 35). A idealização do passado e do lar, ambiente da esfera privada das mulheres, amplificada pela saudade, cria uma conexão profunda entre a personagem e seu lugar de origem, destacando a importância dos laços familiares e do sentimento de pertencimento feminino. O sujeito em situação de exílio era por diversas vezes retratado na literatura como alguém que se sentia perdido e isolado em um ambiente estrangeiro. A separação de sua terra natal e de suas raízes muitas vezes resultava em uma profunda sensação de solidão e deslocamento. Os exilados frequentemente ansiavam por suas casas, famílias e paisagens familiares, e essa nostalgia era frequentemente descrita de maneira intensa e emotiva. Muitas vezes, os exilados lutavam com conflitos internos, debatendo-se com sentimentos de lealdade dividida, ressentimento contra aqueles que os forçaram ao exílio e angústia sobre seu futuro incerto. Apesar das dificuldades, muitos personagens exilados na literatura oitocentista também demonstravam resiliência e resistência. Eles lutavam para encontrar um sentido de identidade e propósito em meio à adversidade, muitas vezes mantendo a esperança de um eventual retorno à sua terra natal.

Durante toda a sua estadia em uma terra distante, o seu passado e a sua família o acompanharam em suas lembranças. Essa retomada do passado nos leva às palavras de Beatriz Sarlo que afirma

Justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro (Sarlo, 2007, p. 12).

O papel que o passado assumirá em nossa vida depende da forma como lidamos com ele, para somar ou destruir. Destaca-se a necessidade de organizar o tempo passado por meio de procedimentos narrativos e uma ideologia que evidencie a continuidade e a interpretação do tempo. A citação sugere que a forma como abordamos o passado tem implicações para o presente e o futuro, destacando a importância de contar histórias e interpretar o tempo de maneira significativa.

Nesse momento em que as lembranças do passado se faziam presentes, estava retornando ao seu lar, para o seio de sua família, da qual não se afastaria mais, uma vez que a distância lhe dava a sensação da passagem dos anos se arrastar vagorosamente, “Que pungir de saudade durante aquele decorrer lento de anos!” (Valdez, 2017, p. 35) e a vida havia perdido todo o seu brilho, Agostinho já não mais vivia, deixava os anos passarem vagorosamente. Por alguns momentos do seu exílio, a personagem não soube o que fazer com o seu passado, deixando-se viver abatido, uma vez que o se afastar de seus entes queridos, de sua terra natal, trouxe-lhe muitas vezes as lágrimas.

Somente quando soube transformar dor da distância em sua fortaleza e se fizera um novo homem, “Porém, fizera-se homem, forte; ah! a dor tem também seu lado útil” (Valdez, 2017, p. 36). O derramar das lágrimas não foi mais uma escolha, a tristeza passou a ser sua constância, passou assim a controlar as reações que o passado teria na sua vida presente e conseqüentemente em seu futuro. Certa vez, um de seus companheiros o viu com os olhos molhados de lágrimas, o repreendeu ao dizer que: “__ Ânimo, Agostinho! [...] __ Chorar não é próprio de homem” (Valdez, 2017, p. 36). Com essa constatação percebemos mais uma vez a diferenciação que a sociedade faz entre homens e mulheres, apontando o que cada um deve ou não fazer, estipulando o que cada um pode e não pode fazer.

As lágrimas de Agostinho tinham um motivo específico para o seu surgimento e seu nome era “Aninhas, a dona daquelas lágrimas que o indiscreto companheiro surpreendera!” (Valdez, 2017, p. 36). A jovem com a qual sonhava e sentia muita falta, tinha quinze anos quando Agostinho partiu de sua pátria, “na graciosa simpleza de menina criada nos campos, crisálida tornando-se borboleta e, por isso, mais linda” (Valdez, 2017, p. 36). Na frase, notamos que a menina é comparada a uma crisálida que se transforma em borboleta. A

estrutura da narrativa segue uma progressão natural de transformação, partindo da simplicidade da menina criada nos campos, passando pela metamorfose da crisálida, até alcançar a beleza exuberante da borboleta. Essa estrutura de transformação cria uma imagem poética e evocativa, transmitindo a ideia de crescimento, amadurecimento e beleza emergente.

Além das suas lágrimas, Aninhas também foi o motivo da partida de Agostinho, já que queria ser sua noiva e ao lado dele formar um lar, seguiu em direção ao exílio, em busca de melhorias para a sua vida, enquanto a jovem esperava por sua volta, como seu pai afirmava em suas cartas, ““Espera-te sempre”, dizia o velho pai nas cartas” (Valdez, 2017, p. 37). Mantiveram o sentimento da esperança do reencontro no futuro e a saudade da separação inevitável.

Ademais de sempre falar a Agostinho sobre a determinação da Aninhas em aguardar o seu regresso, a descreve: “É uma moça qual não há outra por estas redondezas; estimo-a como se filha de meu sangue fora. Desde que lhe morreu a avó, temo-la em nossa companhia; cada dia que passa torna-se mais querida e mais bela. Deus abençoe” (Valdez, 2017, p. 37). E foram essas palavras que recebia de sua terra sobre sua amada que o fazia se empenhar seu exílio, mas também o fazia ter ânsia em retornar para o seu lar, já que todos os seus esforços foram aleijando a sua volta para assim constituir uma família ao lado da pessoa que sempre amou.

Como afirmado, no início da narrativa, ao fazer o caminho de regresso “É como se a saudade arrebatasse as suas doces e intangíveis asas, ele viu lá, se alvejar por entre o rendado da folhagem, a moradia de seus pais, no fundo da várzea verdejante” (Valdez, 2017, p. 37). Essa cena retrata a experiência poética da personagem que sente a saudade como um sentimento avassalador, que o priva da leveza e liberdade simbolizadas pelas asas. A visão da moradia dos pais na várzea verdejante destaca a conexão emocional com o passado e evoca uma sensação de nostalgia. Anseia pelo reencontro com os seus entes queridos, pelo abraço, pelo afeto que só o toque lhe proporcionará.

Em “Recordações” que consta com a dedicatória, ‘A minha mãe’, é narrada em primeira pessoa. Assim a voz narrativa faz memória de uma certa viagem, a qual foi “transpondo serras, agrestes, vencendo planícies” (Valdez, 2017, p. 42) e, nessa travessia, algo a marcou durante o fim de uma tarde “melancólica e serena” (Valdez, 2017, p. 42). Observamos que ao descrever do findar do dia o compara com um sentimento que causa angústia a sua alma, apesar de ser um momento calma. Parece lhe causar certo pesar que, segundo Lourenço

só quando à ausência vivida, física, se acrescenta o sentimento de que se romperam os laços com esse lugar que fazia parte de nós, sentimos, no seu sentido pleno, a nostalgia [...] A nostalgia, sofrimento por conta de um bem perdido que era constitutivamente nosso, desvenda-se e revela-se como um sentimento essencialmente negativo, espécie de luto que o tempo desvanece sem o deixar esquecer (Lourenço, 1999, p. 33).

A nostalgia vai além da simples ausência física de um lugar ou pessoa. É quando percebemos que os laços emocionais com esse lugar ou pessoa foram rompidos, assim compreendemos completamente a perda e o impacto que teve em nossa vida. Podemos caracterizá-la como um sentimento essencialmente negativo, assemelhando-se ao luto. O tempo pode atenuar essa dor, mas ela nunca desaparece completamente, deixando sempre uma marca na nossa memória e na nossa experiência emocional. Dessa forma, ela sempre causará um sentimento de pesar em nosso ser quando a associamos a algo do nosso passado que não conseguimos alcançar no presente. No trecho anteriormente destacado, ligada à nostalgia está o uso da memória para recordar fato de sua vida, por conseguinte, Lourenço postula que:

A memória é a autonegação do presente, o seu esquecimento vivido, voluntário, que idealmente nos proporciona um passado (ou o passado) como tal, idêntico na sua manifestação, na sua relação com a consciência, ao passado suspenso, apesar do sentimento de irrealidade de que se acompanha (Lourenço, 1999, p. 32).

O crítico citado destaca a complexidade da memória como um processo que envolve tanto a negação do presente quanto a reconstrução seletiva do passado, resultando em uma experiência que pode parecer real, mas que também é permeada pela sensação de irrealidade. Essa seletividade é evidente na escrita de *Em Sonho... (Fantasias)*, especialmente nas narrativas curtas que selecionamos para esta análise. Nessas estórias, a memória se manifesta através da voz narrativa, que revela momentos, lugares e pessoas que deixaram marcas profundas na vida das personagens. Dessa forma, o espaço das lembranças se configura como um elemento central, onde cada personagem criada por Alba Valdez carrega consigo as impressões e afetos que moldam sua identidade e trajetória.

Na sequência a voz narrativa aborda que, com toda aquela calma ocasionalmente, “uma asa de andorinha retardatária cortava o silêncio da noite em busca de abrigo” (Valdez, 2017, p. 42). Dessa forma, o seu caminhar estava repleto de silêncio e solidão, fazendo com que fosse despertado em seu ser outro sentimento, “Saudades torturavam-me porque, além

muito além, tinham ficado minha mãe, meus irmãos a quem talvez não abraçaria tão cedo;” (Valdez, 2017, p. 42). O sentimento da falta, do vazio se fez presente, o desejo de ter o abraço materno e o carinho do lugar a qual denomina de ninho paterno e fazia já muito tempo que saiu, mas as memórias e o sentimento de segurança permaneceram. Afirma que o “o corpo ia, porém, a alma, essa se desprendera de mim e volitava em torno do ninho paterno desde que de lá eu partira!” (Valdez, 2017, p. 42). A separação entre corpo e alma representa a dualidade entre a presença física e o vínculo emocional, destacando a persistência da saudade e do afeto, mesmo a distância, assim a linguagem rica e imaginativa intensifica a experiência de nostalgia e do pertencimento.

Ao longo da narrativa descreve a paisagem que avistava com suas montanhas e quase deserta, de vegetação e de pessoas, até que um som em meio ao silêncio do caminho lhe prendeu a atenção:

Despertou-nos voz de mulher, voz suavíssima, que entoava uma canção cuja música jamais ouvira, porém, os versos eram semelhantes aos que cantava minha mãe, quando em pequeninos, nos punha ao regaço, a mim e aos meus irmãos. O canto era muito belo, que mais o fazia a solidão do ermo e nesse momento nem sei o que me passou pelo coração ao ouvi-lo!
Velara-me a percepção nuvem misteriosa ventura que outra me parecera a travessia; nem mais me envolvia a tristeza; a cada folha rumorosa, em cada canto silencioso esvoaçavam na sombra os segredamentos dos bosques numa música suave de toda longínqua.
Partiam esses sons de pobre choupana que demorava à margem do caminho (Valdez, 2017, p. 43).

A "voz de mulher, voz suavíssima" que desperta a voz narrativa remete diretamente à figura materna, àquela que, através do canto, nutre e conforta, estabelecendo uma ligação entre a memória da infância e o presente. O canto, descrito como semelhante ao que a mãe da voz narrativa entoava, torna-se um símbolo de afeto e segurança, elementos frequentemente associados ao feminino na obra de Valdez.

Além disso, a descrição do ambiente, onde "os segredamentos dos bosques" e "a música suave" criam uma atmosfera de mistério e introspecção, reforça a ideia de que o espaço das lembranças é um lugar de introspecção e de conexão com o passado. Nesse contexto, as personagens femininas de Alba Valdez vivem suas vidas, fazem-no ao carregarem consigo as memórias e afetos que moldam sua identidade. Podemos notar que esse trecho da narrativa entrelaça a memória, a saudade e o feminino, criando um espaço literário onde as lembranças femininas são centrais na construção da narrativa e das identidades das personagens, assim tal fato pode ser segundo pontuado como Yi-Fu Tuan

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade [...] As emoções dão um colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento [...] O pensamento dá colorido a toda experiência humana, incluindo as sensações primárias de calor e frio, prazer e dor (Tuan, 1983, p. 9).

As emoções têm o poder de influenciar e moldar a forma como percebemos e vivenciamos o mundo ao nosso redor. Mesmo nos níveis mais elevados do pensamento, as emoções desempenham um papel significativo. Por outro lado, o pensamento pode transformar a maneira como experienciamos algo, incluindo até mesmo as sensações físicas básicas. A forma como pensamos sobre e interpretamos essas sensações pode afetar nossa experiência emocional e subjetiva. Assim, a personagem que narra se recordaria dos seus momentos junto a sua mãe de acordo como sentiu aquela experiência relacionando-a com o seu momento presente, a lembrança poderia aquecer o seu coração, mas o fato de não ter a sua mãe por perto poderia lhe provocar certa tristeza e vazio.

Ao seguir viagem embalada por aqueles sons, afirma que por se tratar de uma música belíssima, a tristeza já não mais a acompanhava. Por fim, ao passar por uma velha cabana entre as árvores, descobriu que era a intérprete da melodia, “Uma mulher ainda jovem acalentava nos braços, meio adormecida, uma criança de poucos meses; radioso sorriso entreabria-lhe os lábios como se visse no filho a felicidade sonhada” (Valdez, 2017, p. 43). Sem parar para admirar a cena, que ainda estava viva em sua memória da infância, seguiu o seu caminho e, “Por muito tempo embalou-me aquela melopeia lindíssima, que infinita saudade e amor até cessou de todo, extinguindo-se lentamente, a morrer pelas quebradas” (Valdez, 2017, p. 43). Esses trechos evidenciam a presença marcante de elementos emocionais, como a saudade e o amor, mostrando como a memória e as experiências sensoriais impactam profundamente a voz narrativa. A cena descrita, em que uma jovem mulher acalenta uma criança, evoca sentimentos de ternura e nostalgia ao refletir sobre o espaço das lembranças femininas que permeia a narrativa de Alba Valdez. A melodia mencionada, carregada de significado emocional, atua como um gatilho para essas memórias, influenciando o estado de espírito da voz narrativa e revelando como as experiências vividas, especialmente aquelas ligadas ao feminino e à maternidade, moldam sua percepção e visão de mundo.

A autora enlaça a memória com o universo feminino, destacando a importância dessas lembranças na construção da identidade e na expressão dos afetos das personagens. Nesse sentido, Glória Pondé postula que,

A literatura feminista antecipa esta utopia, desenhando outras representações sociais, no imaginário viciado de estereótipos. Encarando a cultura, não só pela produção humana do plano material, mas também pela esfera da linguagem, na qual todos os conflitos se formularam, a literatura deixa de ser ornamento, para assumir a consciência que uma época tem de suas crises e paixões (Pondé, 2015, p. 74).

Assim, a literatura feminista desempenha um papel fundamental na antecipação de uma utopia social, oferecendo novas representações que desafiam e subvertem os estereótipos enraizados no imaginário cultural. Ao abordar a cultura como uma produção material, e também como um espaço de linguagem onde se articulam conflitos e tensões, a literatura feminista vai além de ser um mero ornamento estético. Ela se torna uma ferramenta crítica que reflete e dá voz às crises e paixões de uma época, questionando as normas e expectativas sociais impostas, especialmente em relação ao gênero.

Em “Epístola” a voz narrativa inicia a sua carta se dirigindo a sua amiga “Elmira – Doce amiga que tu foste! (Valdez, 2017, p. 50), recordando-a quando se deu a aproximação entre ambos, expõe que “Nossa amizade veio com os primeiros alhures de julho, lembra-te? No tempo em que a tepidez do verão fazia voltar aos desertos lares a leva errante dos passarinhos” (Valdez, 2017, p. 50). Prossegue narrando sobre como em certos momentos da vida buscava na natureza um refúgio, pois

O amor à solidão muitas vezes levou-me a me embrenhar nas árvores, no seio aromal da natureza, para desafogar melancolias vindas não sei de onde, para serenar lágrimas que assoberbavam; e sobre arrelvados macios e recendentes que de vezes esta cabeça não repousou! (Valdez, 2017, p. 50).

Não é em qualquer lugar que o seu desejo por estar só se manifestava, mas é em meio a natureza, das árvores, de diversos cheiros que despertam em seu ser a sensação do acolhimento e da serenidade. Seu ser se entrega aquele espaço de aconchego que a faz libertar suas dores e angústias que em outros espaços não se permitiria senti-las. Dessa forma, ainda segundo Tuan, podemos compreender o espaço

é dado pela capacidade de mover-se. Os movimentos frequentemente são dirigidos para, ou repelidos por, objetos e lugares. Por isso o espaço pode ser experienciado de várias maneiras: como a localização relativa de objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que se separam ou ligam os lugares, e – mais abstratamente – como a área definida por uma rede de lugares (Tuan, 1983, p.14).

As nossas ações e os nossos deslocamentos estão ligados à nossa interação com o ambiente físico ao nosso redor e, essa interação influencia a forma como experienciamos o espaço. O espaço também pode ser compreendido de maneira abstrata, como a área definida por uma rede de lugares interconectados. Além disso, há diferentes formas pelas quais o espaço pode ser experienciado, seja em termos de localização relativa, distâncias e extensões, ou em termos de uma rede de lugares interconectados. É naquele espaço em meio a natureza que se deixa novamente sentir a experiência que já vivera com a amiga, as alegrias e inocências da infância, se permite recordar.

A comodidade é tamanha que compara aquele momento como um espaço “Ali tão longe da vida real, tão perto do paraíso! E na alma entrava-me algo de aventura que crera para sempre haver perdido” (Valdez, 2017, p. 50). Segundo o dicionário Aurélio, o substantivo paraíso é um “*sm.* 1. Lugar de delícias, onde, ao que reza a Bíblia, Deus colocou Adão e Eva; Éden. [Com inicial maiúscula] 2. *Rel.* O céu (4). 3. Lugar aprazível; éden.” (Ferreira, 2008, p.608). Plenitude era o que sentia, pois a falta da amiga levava a buscar esse lugar para preencher o vazio que Elmira deixou em seu coração. Volta a se dirigir a sua amiga ao indagar:

Nunca, Elmira, um marinheiro te narrou o fenômeno da calmaria no mar Alto? É a falta de monção para o termo da viagem, é a sombra da morte que perpassa na imensidade, envolta em clâmide sombria. Também as calmarias da vida têm dessas visões escuras e, por vezes, mais terríveis (Valdez, 2017, p. 51).

A sua fala transmite uma atmosfera sombria e melancólica, percebemos aqui novamente uma espécie de nostalgia. A calmaria no mar Alto é retratada como um fenômeno perigoso e ameaçador, associado a ideia de morte. A menção a Elmira preconiza que a personagem está compartilhando essa experiência com ela, possivelmente buscando evocar uma resposta emocional ou compartilhar uma reflexão sobre a natureza perigosa e imprevisível do mar.

A frase anteriormente apresentada estabelece imediatamente o contexto de interação entre personagens, o que por conseguinte o trecho "um marinheiro te narrou o fenômeno da calmaria no mar Alto?" - introduz uma pergunta retórica que cria interesse e prepara o terreno para a exploração desse tema na continuação da sentença. Dessa forma, a narrativa responde à pergunta retórica, explicando que a calmaria no mar Alto é devido à falta de monção para o termo da viagem. Isso adiciona profundidade à discussão do fenômeno marítimo, fornecendo uma explicação plausível para sua ocorrência. Ao finalizar a sentença, a voz narrativa evoca imagens poéticas e intensas, descrevendo a calmaria como uma ameaça iminente, personificando-a como "a sombra da morte" envolta em "clâmide sombria". Isso adiciona um elemento de tensão e drama à narrativa. Portanto, a estrutura narrativa da frase combina diálogo, questionamento, resposta e descrição para criar uma cena vívida e envolvente, que transporta o leitor para o ambiente marítimo enquanto explora temas como natureza, perigo e mortalidade. Em seguida, faz-lhe um pedido:

___ Canta, Elmira, e que a tua voz me embale como as canções da minha mãe quando eu estava na infância e modulavas umas suaves harmonias que escutava com o corpo na terra e no espírito no céu. Assim evocas os anjos vestidos de luz que, em obscuras eras, desciam das surpresas delícias às masmorras dos mártires pela crença em Deus para despedaçar-lhes os pesados grilhões que os tolhiam (Valdez, 2017, p. 51).

Ao fazer o pedido para ouvir a sua voz, lembra-se dos momentos ternos que a música e a voz materna lhe acalentaram o sono, as compara com um som celestial, "que evocas os anjos vestidos de luz". Para finalizar afirma a sua "alma é folha caída na onda sonora da saudade" (Valdez, 2017, p. 51). Ao recordar esses momentos ternos, a narração compara a voz de Elmira a um som celestial, evocando a imagem de anjos vestidos de luz. Essa comparação ressalta a pureza e a beleza da voz de Elmira ao elevar a um status quase divino, sugerindo que ela encarna uma figura feminina idealizada, repleta de graça e espiritualidade. A voz narrativa, ao afirmar que sua alma é como uma folha caída na onda sonora da saudade, utiliza uma metáfora poderosa para expressar como a saudade permeia sua existência de maneira profunda e inescapável. Essa imagem reforça a ideia de que a saudade, especialmente quando ligada à lembrança de uma mulher, como Elmira, é um sentimento avassalador que envolve e molda a voz narrativa. Por meio dessa metáfora, Alba Valdez explora o espaço das lembranças femininas, mostrando como as memórias e emoções associadas às figuras femininas são centrais na construção do universo emocional de quem narra.

Aqui retomamos a Lourenço na busca por compreender a separação que há entre a nostalgia e a saudade, assim afirma que

A nostalgia inscreve-se no horizonte da espacialidade humanizada e nele toma forma. Nessa medida, pode mesmo findar se reintegrarmos o espaço humano cujo afastamento a provocou. Só em princípio, porém, porque pode acontecer (como sempre acontece) que o “tempo” – que é mais, nesse caso, que a ação humana ou medida exterior – tenha desfigurado o lugar de origem de que sentimos nostalgia saudosa, o que mostra bem que a saudade se enraíza numa outra experiência, mais radical ainda que a do espaço afetivo. Experiência que é ao mesmo tempo a mais universal e a mais pessoal das experiências, porquanto não tem outro conteúdo que não seja o vivido temporal, nós próprios, noutras palavras, como filhos nascidos no coração do tempo e expulsos do seu lugar de nascimento. É essa sensação-sentimento de ardermos no tempo sem nele nos consumirmos a que propriamente chamamos saudade (Lourenço, 1999, p. 33-34).

O autor sugere que a nostalgia é mais do que simplesmente uma emoção ligada a espaços físicos específicos; é uma manifestação de uma experiência mais profunda e universal, enraizada na própria natureza do tempo e da existência humana. No entanto, ele também ressalta que essa conexão pode ser perdida ou desfigurada ao longo do tempo, devido às mudanças na própria natureza dos lugares ou às transformações que ocorrem em nossa percepção deles.

A noção de tempo desempenha um papel crucial nesse entendimento, uma vez que o tempo não é apenas uma medida exterior ou uma sequência de eventos, mas algo que pode desfigurar ou distorcer nossa percepção dos lugares que evocam nostalgia. Isso sugere que a nostalgia não é apenas sobre a saudade de um espaço físico, mas também sobre a saudade de uma experiência temporal perdida. Portanto, a experiência da saudade é tanto universal quanto pessoal, pois todos nós compartilhamos a condição de existir no tempo, mas também somos indivíduos com experiências únicas e subjetivas.

A saudade, então, é descrita como uma sensação de "ardermos no tempo sem nele nos consumirmos", uma metáfora poderosa que evoca a ideia de que a nostalgia nos conecta de forma intensa ao passado, mas também nos mantém presentes no fluxo contínuo da existência. Dessa forma são compreensíveis as palavras da voz narrativa direcionadas a Elmira provocadas pelos anos de separação e a recordação do que vivenciaram juntos provocava o pesar da quebra da proximidade, dando-lhe um tom saudoso às suas palavras.

“O Frade de Pedra”, consta com a dedicatória “Ao ilustre romancista Rodolfo Teófilo”⁹, é narrada em primeira pessoa e se trata de uma recordação de quando a personagem tinha doze anos e fez uma viagem para as terras onde nasceu, afirma que “fui em romaria da saudade à serra onde nasci, que, misteriosa e linda, me passava nas esfumadas reminiscências da primeira infância” (Valdez, 2017, p. 61). Interessante o nome que utiliza ao se referir à viagem, “romaria da saudade”, se pensarmos no significado atribuído ao substantivo romaria. Segundo o dicionário Aurélio, “ro.ma.ri.a *sf.* Peregrinação de caráter religioso” (Ferreira, 2008, p. 714). Sua expressão nos dá a ideia de que a sua expedição tinha um ar de sacralidade, o retornar para as suas origens movidos pelo sentimento da saudade é algo sagrado, pois é onde nascera e pode se reencontrar com os momentos mais importantes da sua primeira fase da vida.

Começa a descrever a paisagem que surgia a sua frente durante aquele “Princípio de verão quando partimos; corria o mês de junho, de manhãs frias e tardes radiosas e serenas” (Valdez, 2017, p. 61). Assim, a natureza que surgia pelo

caminho, já muito longe da cidade, era na maior parte sombreado de árvores cujos longos ramos se enlaçavam no alto, formando virentes caramanchões cheios de discreta placidez.

Ninhos se balançavam entre as folhas e pássaros, à hora matinal, soltavam canções de inspirada música.

Eu caminhava no encantamento de um grande sonho... Aqueles recantos povoados de aromas, de sons melódiosos enchiam-me de inominável ventura” (Valdez, 2017, p. 61).

A voz narrativa nos oferece uma bela e detalhada descrição de um caminho natural afastado da cidade. Através de uma linguagem rica e poética, captura a serenidade e a harmonia da natureza, contrastando-a com a agitação urbana. A cena descrita é um convite ao leitor para se conectar com a beleza e a tranquilidade do mundo natural, destacando a paz e a inspiração que podem ser encontradas longe do tumulto da vida urbana. Ao passar por esse emaranhado de árvores, o seu cheiro, a sua sombra fazia o seu espírito se ligar ainda mais às

⁹ Rodolfo Marcos Teófilo nasceu em Salvador - BA, no dia 6 de maio de 1853. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922, quando da primeira reorganização do sodalício, ocupando a cadeira número 36. Na reorganização de 1930, passou para o quadro de honra. Em 1951, foi escolhido para patrono da cadeira número 33. Pertenceu à Padaria Espiritual (sob o pseudônimo de “Marcos Serrano”), ao Clube Literário, ao Centro Literário, ao Instituto do Ceará e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Faleceu em Fortaleza, no dia 2 de julho de 1932 (Academia Cearense de Letras, 2023, s/p).

lembranças de seu passado, “Ah! Os meus brinquedos, os meus companheiros de momentos solitários, que deixei esquecidos num canto do baú!” (Valdez, 2017, p. 61).

Depois daquelas doces recordações, sua narrativa se volta para outra viagem anos depois pelo mesmo caminho anteriormente percorrido, mas que a sua beleza já não era igual, pois,

O machado cruel esfacelou toda a poesia selvagem daqueles sítios, e o viajante que tiver hoje de atravessá-los só se desviando da rota é que conseguirá alcançar sombra e pouco. É uma larga estrada, sempre em frente, que às vezes ondula para mais além estender-se infinitamente (Valdez, 2017, p. 62).

Não há mais aromas, uma sombra e um caminho reconfortantes para percorrer, o homem o destruiu, esfacelando não somente as árvores que havia ali, como também sonhos e recordações dos que por aquela paisagem passavam, agora somente restavam as memórias. Dessa forma reafirma que: “Pode ser ainda bela e pitoresca, não para mim, que retratei na mente a antiga. Abençoo-te, saudade, consoladora e amiga! Apropinquas o passado e para o triste és como a visão daquela terra das lendas bíblicas donde manavam leite e mel” (Valdez, 2017, p. 62). Aqui mais uma vez percebemos a saudade quase como um personagem, a provoca sentimentos e mantém os momentos importantes vivos. A expressão "Abençoo-te, saudade, consoladora e amiga!" revela uma atitude positiva em relação à saudade. A voz narrativa vê a saudade como uma força reconfortante e amiga, sugerindo que a presença desse sentimento traz consolo e prazer, mesmo que esteja ligado à nostalgia e às memórias do passado.

Transmite uma sensação de apreço pela saudade e pela forma como ela molda as percepções e experiências da voz narrativa. Ao afirmar que o que é belo para os outros não é para ele, da voz narrativa destaca a subjetividade das emoções e das conexões pessoais com lugares e memórias. Assim, é possível notar que a fala destaca a complexidade da saudade, mostrando como ela pode ser uma força positiva que consola e traz o passado mais perto. A idealização do passado e a transformação das memórias em algo perfeito e quase mítico refletem a poderosa influência da nostalgia. A saudade, aqui, não é apenas um sentimento de perda, mas uma forma de manter viva a conexão com o que foi amado e perdido.

Ao continuar a abordagem sobre a viagem, exalta a hospitalidade com a qual o viajante encontrará em qualquer casa de um sertanejo que encontrar pelo caminho, pois para ele o receber bem é quase como uma religião, assim providenciará sempre “agasalho e

alimento [...] ouvireis narrativas interessantes, crônicas de velhos tempos que vos farão esquecer as fadigas do corpo lasso” (Valdez, 2017, p. 62). Outro momento importante para a sua viagem é o ponto alto da narrativa quando descreve que ao passar pela serra e olhar para o alto é que se vê o frade de pedra que dá o título da narrativa, “- É aquela! – falou-me minha mãe apontando com o índice. Em breve verás o frade de granito que dizem ser percebido de uma altura do oceano. Vi-o na realidade. Seu enorme vulto destacava-se imponente e majestoso na tela grandiosa do infinito” (Valdez, 2017, p. 63). Ainda fixa sua atenção na disposição de suas mãos, frente ao peito, em gesto de oração, como se a sua função seja a de rezar constantemente.

A imagem apresentada, vista pelo seu olhar de quem estava entrando na adolescência, era de uma estátua imponente, provocava uma mistura de admiração e de assombro, mas que o seu papel seria a súplica e a oração constantemente. A cena anteriormente descrita faz jus ao que Soethe postula, em relação “a elaboração literária de narrativas ficcionais mostra-se particularmente atenta ao fato social e cognitivo de que perceber o espaço possibilita conceber a imersão dos sujeitos perceptivos em um mundo partilhado” (Soethe, 2007, p. 221). O frade de pedra descrito pela voz narrativa propõe a interação do leitor com o ambiente, uma imagem que aparenta demonstrar a religiosidade de um povo, aqui sua colaboração a ideia dos que partem de sua terra em busca de melhorias para o seu viver, o olhar para a estátua é o pedir de bençãos para a longa jornada de irá percorrer.

A escultura presente no meio da natureza é simbólico para o cearense, que ao sair de sua terra natal, em seu destino incerto, se apegam às divindades para manterem a esperança, sendo utilizada nesta narrativa para expressar a conectividade do espaço descrito, uma vez que ainda segundo o crítico, “figurar o espaço é tematizar condicionamentos recíprocos entre figuras humanas e seu entorno, mas também problematizar as relações entre as figuras humanas, elas mesmas, na partilha de espaços comuns” (Soethe, 2007, p. 221). As linhas traçadas por Alba Valdez chamam a atenção por essa conectividade entre o homem e a sua terra, o quão é marcante para a sua trajetória, mesmo se passando anos estando distantes, o retorno a certeza que o seu amor por suas raízes ainda se mantém vivas.

Ainda se tratando da função do espaço na narrativa, segundo Soethe, os elementos nela contido, natureza, mata, árvores, ou seja, o ambiente descrito, tem o valor de causar um conflito com a personagem central, uma vez que “o que fundamenta a conformação ficcional da percepção do espaço por elas é a descrição da forma visual como limite que delinea e separa corpos e objetos do meio e entre si” (Soethe, 2007, p. 222-223). Para a organização literária do espaço é necessário está atento à implementação de cada detalhe, assim como às

cores, à linguagem, aos elementos naturais e às formas como são concebidas. Toda essa junção propositalmente promoverá a ordem dos significados na narrativa, como o são nos textos de Alba Valdez, que torna o espaço um elemento e ao mesmo tempo um personagem importante de seus textos na obra *Em Sonho... (Fantasias)*.

“Fugitivas” é narrado em primeira pessoa do singular e para iniciar destaca a estação do ano, juntamente com a paisagem que esta proporciona, “Foi no inverno, quando os campos alfombram-se de macia relva, quando dos jardins floridos evolam-se os aromas sutis das primaveras e dos jasmims, que me veio ao pensamento ocioso essa loucura cuja lembrança ainda me enche de indefiníveis mágoas o coração” (Valdez, 2017, p. 64). Juntamente com a nova estação é possível sentir novas sensações e novos aromas, assim como alguns sentimentos, indefiníveis mágoas que a essas recordações lhe traziam. O que confessa ao lembrar o fato do passado que está disposto a contar é a contradição de sentimentos, o “despeito, talvez (eu o confesso), de ver em derredor, por toda parte, pela casa opulenta, pela choupana, campinas e matas um aspecto de felicidade que me obumbrava a visão, que me atordoava!” (Valdez, 2017, p. 64). Apesar de rodeado por toda a felicidade que a natureza oferecia sua alma sentia desprezo e não se deixava contagiar. O sentimento de despeito é intensificado pelo fato de que a felicidade ao seu redor parece contrastar com sua própria situação, provocando um impacto negativo em sua percepção. Ao revelar essa emoção, a voz narrativa revela uma vulnerabilidade e uma luta interna com seus próprios sentimentos.

Na sequência da narrativa continua a destacar a natureza se manifestando ao seu redor que lhe causava desconforto e estranheza, “no brando calor do ninho, os pássaros, saudando alegres os primeiros albores do dia, garganteavam irresistíveis canções que voavam levadas pela aura da manhã, meiga como uma carícia de criança” (Valdez, 2017, p. 64). A alegria despertada em meio à natureza não lhe contagiava, fazia apenas que o amargor perdurasse em sua alma. A estrutura narrativa desta frase é rica em elementos descritivos e sensoriais, criando uma atmosfera vívida e envolvente. Assim, em "no brando calor do ninho," - a frase começa estabelecendo o ambiente onde a cena se passa, que é o ninho. O uso de "brando calor" sugere uma sensação de conforto e acolhimento, criando uma atmosfera agradável desde o início. Em "os pássaros, saudando alegres os primeiros albores do dia, garganteavam irresistíveis canções" - aqui, são introduzidos os personagens principais da cena, os pássaros, e sua ação de saudar os primeiros raios do sol com canções alegres. Esta parte da frase adiciona movimento à narrativa e cria uma imagem de animação e vitalidade na cena. Na parte, "que voavam levadas pela aura da manhã, meiga como uma carícia de criança" - a narrativa se concentra em descrever a atmosfera da manhã de forma poética e sensorial. A

expressão "aura da manhã" evoca uma sensação de beleza e tranquilidade, enquanto a comparação da manhã com "uma carícia de criança" adiciona uma dimensão de ternura e inocência à cena.

Na sequência, as águas do rio lhe chegavam ao ouvido “como a música estranhamente deliciadora de algum concerto ignoto convocado pelas amorosas náiades habitadoras das águas mansas” (Valdez, 2017, p. 64), mas a melodia escutada

Enloqueceu-me a natureza em festa [...] pedi ao coração que descerrasse a uma perfumosa das ilusões e que deixasse soltar doidamente no ambiente azul, quais vapores aéreos, as adoráveis prisioneiras. Mas só existia solidão, onde eu julgara encontrar todas as minhas fantasias de mocidade entremeadas de sorrisos! (Valdez, 2017, p. 65).

Em contraste com a beleza da cena inicial, o trecho então revela o estado emocional conflituoso da voz narrativa. Ele descreve como a melodia escutada enlouqueceu-o, e ele ansiava por liberar suas emoções no ambiente azul. No entanto, ao fazer isso, ele percebe que apenas encontra solidão, ao invés das fantasias e sorrisos que esperava encontrar. Dessa forma, Alba Valdez utiliza de metáforas e imagens poéticas para transmitir as emoções da voz narrativa de forma intensa e vívida. A comparação da melodia do rio com um concerto convocado pelas náiades e a referência à natureza em festa enfatizam a intensidade das sensações experimentadas pela voz narrativa.

Naquele instante somente o vazio e a desolação estavam em seu ser, toda a animação que o seu derredor se encontrava não era o bastante para suprir a solidão que,

As caprichosas haviam-se escapado uma a uma sem que eu desse por isso, e tamanha desolação espalharam no itinerário, que chorei amargamente, sem consolo, sobre aquelas ruínas de extinta felicidade. Nenhuma lembrança da passada alegria, um rasto sequer deixaram as cruéis prófugas que pairam... nem eu sei onde (Valdez, 2017, p. 65).

A fala transmite um sentimento profundo de tristeza e desesperança. A voz narrativa lamenta o fato de ter perdido essas coisas valiosas sem perceber e agora se encontra diante de uma paisagem de ruínas e desolação. O choro amargo e a falta de consolo indicam o impacto emocional intenso causado por essa perda. Evoca uma sensação de melancolia e nostalgia, destacando a fragilidade da felicidade e como ela pode escapar sem ser devidamente apreciada no momento. Ao final compreendemos o motivo de toda a sua dor e amargura, a

ausência das denominadas de fugitivas, que não mais ali estavam e esta falta o devastou, trazendo a tristeza para o lugar que elas antes ocupavam, extinguindo a felicidade.

“Cair das Folhas” recebeu a dedicatória “Aos meus irmãos” e é narrada em primeira pessoa do singular. A voz narrativa relembra uma personagem importante de sua infância, a “Pobre árvore amiga!” (Valdez, 2017, p. 66). Quando estava a avistar as paisagens que a muito conhecia, buscou avistar a velha árvore, assim “vi-a inundada da claridade rósea de um pôr de sol lindíssimo” (Valdez, 2017, p. 66). Apesar da visão que teve da sua velha e companheira árvore, ela já não era como se recordava em sua primeira idade, agora possuía poucos galhos e folhas,

Os anos haviam-lhe arrebatado a beleza, e da magnífica fronde que eu conhecera, restavam galhos quase desertos de folhas oscilando aos beijos da vibração vespéral.

Flores amarelas, muito poucas, enfeitavam-lhe a escura roupagem, mas (ai das minhas recordações!) não tinha aquela opulência de outrora; a seiva que as nutria parece que se extinguiu toda (Valdez, 2017, p. 66).

Ao constatar a mudança sofrida pela amiga, “uma saudade suave dos meus primeiros anos” (Valdez, 2017, p. 66) se manifesta em seu interior, saudade de contemplar o horizonte, a paisagem e o final de tardes que encerravam dias repletos de inocência infantil e felicidade infinita.

É importante observarmos que o contato principal da personagem com a velha árvore ocorreu durante a sua infância e grandes marcar em si essa proximidade deixou, uma vez segundo Tuan “a criança é o pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências” (Tuan, 1983, p. 23). A infância é uma fase crítica para o desenvolvimento humano, na qual as bases para a formação das categorias perceptivas e a compreensão emocional são estabelecidas. Nossas primeiras experiências e as emoções associadas a elas desempenham um papel significativo na configuração de nossa perspectiva e interpretação do mundo como adultos. Nessa perspectiva é importante compreender o papel das experiências da infância na formação da identidade e da compreensão do mundo. Dessa forma, podemos perceber como é forte a recordação da velha árvore em seu ser, pois foi no momento em que a estava assimilando o mundo e construindo a sua compreensão que a sua amizade com a árvore surgiu e o marcou para o resto da vida.

Na continuidade de sua narrativa, a voz narrativa afirma que a saudade que sentiu a fez reviver todo o seu passado naquelas paragens,

E vi todo inteiro o passado ressurgir!
Encontrei-me pequenina no meio de outras a percorrer as faldas esmeraldinas à cata de ninhos de flores, de borboletas; ouvi repercutir nas quebradas os risos alegres e gritos de triunfo; julguei escutar ainda os mimosos contos narrados à luz do luar ou o clarão das estrelas das vaporosas noites de verão; as coisas misteriosas que segredava o vento no ramalhar das folhas; o evolar dos sonhos que do coração se perdiam nas profundezas do céu (Valdez, 2017, p. 67).

Essas memórias estão profundamente enraizadas no ser da voz narrativa, não como meras recordações de momentos passados, mas como lembranças vívidas e quase palpáveis, que continuam a pulsar em sua existência. Ao afirmar que "tudo isso foi como um sonho que passou fugaz, mas que deixou cintilações que nem o decorrer dos tempos há de apagar jamais! Uma música cujos acordes derradeiros me embalam ainda!" (Valdez, 2017, p. 67), a voz narrativa revela o poder duradouro dessas lembranças, que transcendem o tempo. Essa evocação ressoa com o espaço das lembranças femininas, onde as experiências e emoções vividas são preservadas com intensidade.

Quando a voz narrativa se dirige carinhosamente à velha árvore, dizendo: "As minhas alegrias quase que as tive todas a tua sombra amiga, oh! Adorada companheira da minha infância! E foi por isso que, ao fazer essa romagem à terra onde primeiro via a luz do dia, da cumeada da serra meu olhar te buscou" (Valdez, 2017, p. 67), a ligação com a árvore se revela profunda e indissolúvel. Essa árvore, simbolizando um refúgio e uma testemunha silenciosa de sua infância, torna-se uma metáfora para o feminino, representando um espaço de proteção e acolhimento. O retorno à terra natal é inseparável do reencontro com essa antiga companheira, sugerindo que as lembranças ligadas ao feminino e à infância são essenciais para a completude de sua jornada emocional. Assim, a árvore se torna um elo vital entre o passado e o presente, mantendo viva a conexão com as experiências e os afetos que moldaram sua identidade.

E, não somente a visão da árvore foi suficiente para amenizar a saudade que sentia, foi necessário estar próxima, "Sentei-me no mesmo lugar em que dantes o fazia: deixei vogarem em plena fantasia as minhas esperanças de mocidade; porém, as minhas esperanças, como as tuas flores, não tinham mais aquela seiva de vida dos primeiros tempos" (Valdez, 2017, p. 67). A proximidade levou a sua mente a vaguear pelo passado que o viveu sob suas sombras que eram distintas das de agora, os anos passaram para ambas. Tudo isso por sentir falta dos momentos que outrora viveu e, dessa forma, a "Peregrina saudosa, a alma vagueou por esses

lugares em que outrora fora feliz. Que de recordações!” (Valdez, 2017, p. 67), mas não são lembranças que lhe entristecem, são momentos que aquecem o seu ser, lhe provando que foi feliz, que soube aproveitar cada momento ao lado de sua amiga, “oh! minha doce amiga, quão suave me é sentir o dilacerar desta saudade!” (Valdez, 2017, p. 67). Ainda que o termo usado, dilacerar, por vezes é ligado a cortar, rasgar, aqui o recordar a infância é também algo forte que abre completamente o seu interior e o preenche de saudades.

“O Inverno e o Campo” é narrado em primeira pessoa e está em frente a uma janela de vidros lhe permite ter a visão do “céu de uma cor indecisa, semelhando chumbo, um verdadeiro céu de inverno, sem os cúmulos de graciosos e variados contornos que encobrem os horizontes azuis” (Valdez, 2017, p. 70). A estrutura narrativa da frase busca evocar uma atmosfera específica, associada ao inverno e ao céu nublado, enquanto contrasta essa imagem com a beleza e vivacidade dos céus azuis típicos. Essa construção contribui para criar uma sensação de melancolia e contemplação na narrativa. Assim, a escolha de palavras e a referência a falta de nuvens características do inverno sugerem uma apreciação ou desapontamento pessoal da voz narrativa em relação à atmosfera e à beleza do céu. Também podem interpretar a sua fala como uma forma de escrita de si, na medida em que a voz narrativa expressa sua visão subjetiva do mundo ao seu redor, descrevendo suas percepções e impressões pessoais. Ao descrever o céu dessa maneira particular, a voz narrativa insere-se na narrativa e compartilha sua perspectiva subjetiva com o leitor.

Ao nos depararmos com os personagens que constitui as narrativas até aqui apresentadas da obra *Em Sonho... (Fantasias)*, podemos refletir que muitos deles estão marcadas por uma abordagem simbólica e sugestiva ao buscarem explorar o mundo interior e o significado oculto das coisas. Suas narrativas estão elaboradas com o uso intenso de símbolos, metáforas e imagens evocativas para transmitir emoções, estados de espírito e ideias complexas. Uma vez que os simbolistas acreditavam que a realidade não poderia ser capturada diretamente pela linguagem ou pela representação objetiva, e, portanto, recorreram a símbolos e metáforas para sugerir significados mais profundos e sutis.

Também buscavam explorar a interioridade humana, os sonhos, os desejos e os estados de consciência alterados. Expressando assim os estados de ânimo, mistérios e questões metafísicas por meio da linguagem poética, evocando uma atmosfera de mistério, evasão do tempo e escapismo. No entanto, não podemos afirmar que a sua escrita se resume estritamente às marcas do Simbolismo, mas sim que Alba Valdez usou também de outras fontes estéticas na elaboração de seus textos. Por conseguinte, ao abordar sobre os temas percorridos por Alba Valdez, Silva expõe que:

Inverno e verão são temas obsessivos nos escritos de Alba Valdez, por fixarem imagens, odores, sentimentos ligados às duas estações dominantes no nordeste. Tempos de abundância e vivo colorido de tonalidades várias, no inverno; no verão, tempos de cores terrosas puxadas ao árido da devastação de tudo que é vivo e se move sob o sol que cresta e tira a seiva de plantas e animais e da terra. Alba recria cenas de dramaticidade entre os tons inverniais e os tons da estiagem que fazem o leitor vislumbrar os vultos cobertos de poeira, sedentos e desvalidos. Quando o verde cobre as serras, os tons do canto alegre dos pássaros, dos insetos em constante metamorfose imprimem ao cenário os movimentos da vida (Silva, 2019, p. 53-54).

O trecho apresentado destaca a importância das estações do ano, especialmente do inverno e do verão, nos escritos de Alba Valdez. É interessante notar como a autora consegue fixar em suas palavras as imagens, os odores e os sentimentos que cada estação evoca. No inverno, temos a abundância de cores variadas e vivas, enquanto no verão as tonalidades terrosas e áridas da devastação são predominantes. A habilidade de Alba Valdez em retratar a dramaticidade dos contrastes entre as estações é impressionante, e o leitor é transportado para cenários onde pode visualizar os vultos cobertos de poeira, sedentos e desvalidos.

A crítica ainda destaca como Alba Valdez faz as cores e os movimentos da vida, o canto dos pássaros e a metamorfose dos insetos, para imprimir vida e dinamismo aos cenários de seus textos, proporcionando-lhes certa vivacidade, o que nos faz refletir que estética do Romantismo é marcada pela fixação de imagens que evocam sentimentos intensos, como amor, saudade, tristeza e melancolia. As descrições detalhadas e minuciosas dos cenários e dos personagens têm como objetivo transportar o leitor para um mundo de sonhos, onde as emoções são exacerbadas e as paixões são vividas com grande intensidade.

Através de metáforas e símbolos, Alba Valdez retrata a natureza como um espelho das emoções humanas, refletindo o estado de espírito dos personagens. As emoções são vistas como algo sublime, que transcende a razão e as convenções sociais, e são retratadas com grande lirismo e sensibilidade. Observamos ainda que em suas narrativas curtas a valoração da subjetividade, da emoção e da imaginação, e a busca para expressar a beleza e a intensidade da vida através da arte.

Dando sequência à narrativa de "O Inverno e o Campo", a cena descrita é permeada por uma tristeza profunda, refletida na melancolia do inverno. A ausência do sol esfria os corações, intensificando o clima de desolação. Em harmonia com esse ambiente lúgubre, a chuva cai em gotas que serpenteiam pelas sarjetas, criando uma música suave e incompreensível que ecoa agradavelmente no coração da narradora. Essas gotas de chuva, que

se assemelham a lágrimas, parecem fazer o dia chorar junto com os sentimentos da personagem.

Além da tristeza imposta pelo clima, a narradora expressa desolação ao observar "o aspecto triste das minhas amigas, as novas velhas amigas, sem folhas secas pelo sol esplêndido, forte, que inundava a terra, e esparsas, ao sabor do vento, pelos caminhos" (Valdez, 2017, p. 70). Aqui, as árvores são personificadas como "amigas", revelando a proximidade íntima da narradora com a natureza e a maneira como essas figuras femininas naturais compartilham seus sentimentos. Essa relação simboliza o espaço das lembranças femininas, onde a natureza e as memórias se entrelaçam, refletindo os estados emocionais da narradora. A descrição carinhosa das árvores e a sensação de perda associada a elas destacam como as memórias e o afeto estão profundamente conectados ao ambiente natural, revelando a importância das figuras femininas na construção do universo emocional da personagem.

Apesar de toda tristeza que deixa transparecer até esse momento, os seus pensamentos e sensações começam a se modificar ao visualizar crianças brincando com barquinhos de papel nas águas da chuva que escorriam pelas ruas, foi nesse instante que, com a alegria daquelas vozes infantis distraídas em sua brincadeira, nesse instante

Também me sinto alegre: a imaginação leva-me ao campo. Vejo-te, minha casinha da várzea, donde parti há tempos! Não longe, no carnaubal que a vista não alcança o término, a passarada canta, saudando a luz que se levanta; do curral sai o gado e, pela campina verde, perolada do orvalho matutino, ele caminha vagaroso, mugindo, enchendo a amplidão luminosa de uma harmonia estranhamente bela (Valdez, 2017, p. 70 - 71).

Não somente vê a casa onde nasceu, mas também os pássaros a cantar, o verde da vegetação molhada pelo orvalho da manhã e as vacas que saem do curral com o caminhar a mugir e a pastar. A personagem é transportada de volta à casa da infância, no campo, ao som suave do canto dos pássaros e com a visão de animais pastando. Essa lembrança enche sua mente e cria a sensação de que ela está realmente vivendo aquele momento novamente. A natureza, mais uma vez, assume um papel coadjuvante essencial, facilitando a imersão nas cenas vividas e inesquecíveis. Por intermédio dessa conexão com o ambiente natural, a narrativa revela como o espaço das lembranças femininas é intensificado pela presença dos elementos naturais, que evocam e preservam as experiências e emoções da personagem. Assim, a natureza não somente reflete, mas amplifica a profundidade das memórias, destacando a importância do feminino e do espaço das lembranças na construção da identidade e na vivência das emoções da personagem, assim Bachelard postula que,

A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel. A imensidão é uma das características dinâmicas do devaneio tranquilo (Bachelard, 1993, p. 190).

O grandioso está no próprio ser, por isso ao estar diante da velha árvore ou da paisagem diante da janela o devaneio surge e leva a um estado fora de si. A imobilidade proporciona o mergulho a sentimentos vividos e compartilhados, que muitas vezes o chamado bom senso o instiga a esquecer, no entanto, a estagnação introduz a personagem ao momento da divagação, da quimera.

Quando nos encontramos imóveis, fisicamente parados, ainda assim estamos em algum lugar. É nesse estado de quietude que nosso espírito começa a sonhar e a se perder em um mundo imenso. A imensidão, de acordo com Bachelard, é o movimento do homem imóvel. Ela representa uma das características dinâmicas do devaneio tranquilo. A sua visão da antiga casinha insufla que a imensidão não se limita ao espaço físico, mas também é uma qualidade interior. É uma expansão da consciência que ocorre quando nos permitimos sonhar, imaginar e explorar além dos limites do mundo concreto. Na solidão, quando nos desligamos das distrações externas, podemos experimentar essa imensidão interior.

Sua contemplação não para por aí, “Afogo-me em lembranças impregnadas do aroma puríssimo da vida em flor, evocadas por esta vista de céu enevoado, pluvioso, que ora contemplo, exultando dentro do peito o coração” (Valdez, 2017, p. 71). Há uma certa contradição de sentimentos uma vez que um dia melancólico faz ter recordações felizes que há muito tempo viveu. Mais uma recordação que descreve em sua antiga morada são das “noites, alvas da lua brilhante... Dentre as gazas bordadas das estrelas, os anjos parecem sorrir ao infinito, que outro não pode ser o definir de tanta beleza da criação” (Valdez, 2017, p. 71). Exalta a beleza trazida pelo luar e que tantas vezes foi possível contemplar. Essa beleza é tão imensa e sublime que a voz narrativa considera difícil encontrar palavras adequadas para descrevê-la. Percebemos uma sensação de maravilhamento e contemplação diante da majestade do céu noturno. A descrição das noites alvas da lua brilhante e dos anjos sorrindo ao infinito sugere uma conexão entre o humano e o divino, ressaltando a beleza e a grandiosidade da criação. Já finalizando a sua narrativa apresenta um enaltecimento ao que a natureza tem para oferecer durante a noite,

A mata, estrelada de pirilampos bailando na claridade doce da noite, lembra os lugares encantados que espíritos benfazejos escolhem para repousar das suas excursões misteriosas, A alma, emanada de Deus e não maculada no ceticismo que escurece o mundo, guarda essas crenças que lhe fortificam e aformoseiam a vida como o rocío das madrugadas desabrocha as flores, fazendo-as belas e adoradas (Valdez, 2017, p. 71).

É interessante notar o contraste entre a luminosidade e a beleza da natureza retratada e o ceticismo considerado como algo que obscurece o mundo. Implica que a descrença pode prejudicar a alma e a vida das pessoas, privando-as da possibilidade de encontrar encanto e significado nas coisas. No entanto, é importante ressaltar que essa é uma perspectiva subjetiva e poética, e nem todos concordariam com essa visão romântica. O ceticismo pode ser visto como uma abordagem crítica e saudável, que incentiva a investigação racional e a busca por evidências. As crenças e a valorização da natureza podem ser interpretadas de maneiras diferentes por diferentes pessoas, dependendo de suas experiências e perspectivas individuais.

Para finalizar sua narrativa e sua contemplação das belezas noturna, afirma por fim que “É por isso, talvez, que a viola dedilhada pelo sertanejo ingênuo torna-se mais harmoniosa, e é mais da alma, mais unvida de doçura, a cantiga que ele entoia e que vai morrer, lá nas alturas, onde esvoejam os sonhos dos que cismam ao luar (Valdez, 2017, p. 71). Sugerindo assim que a simplicidade e a inocência do sertanejo dão um tom mais harmonioso e significativo à viola que ele dedilha. A música é descrita como algo que vem diretamente da alma, carregada de doçura e unvida com emoção. Ao mencionar que a canção do sertanejo "vai morrer, lá nas alturas, onde esvoejam os sonhos dos que cismam ao luar", usa desta frase para evocar uma atmosfera misteriosa, sugerindo que a música do sertanejo alcança lugares elevados e etéreos, onde residem os sonhos daqueles que refletem sob a luz da lua.

Por conseguinte, transmite uma apreciação pela música como uma forma de expressão genuína e poderosa. Ela ressalta a ideia de que a simplicidade e a autenticidade podem criar uma conexão profunda com a emoção e tocar a alma dos ouvintes. Além disso, a referência aos sonhos e à contemplação lunar acrescenta uma dimensão poética ao trecho, sugerindo que a música tem o poder de transcender a realidade e transportar as pessoas para um estado de sonho e reflexão.

“O Despertar de um Sonho” que recebeu a dedicatória, “A minha irmã Julia”, é narrado em primeira pessoa. A princípio faz uma descrição do cenário que a natureza projeta a sua frente, o qual “Cai o luar alvíssimo sobre a planície onde desabotoam flores silvestres e volitam, à beira dos tremendais, enxames de lucilações como pequeninas errantes” (Valdez, 2017, p. 76). A atmosfera harmônica e festiva executada por vagalumes entre a vegetação são

a causa da sua mente começar a recordar imagens do passado e, nesse momento “Minha alma ajoelha-se ante a ara sacrossanta dos antigos sonhos volta aos descuidosos dias da infância às cantigas melódicas do berço, às lendas encantadas que fazem cismar...” (Valdez, 2017, p. 76). A voz narrativa expressa uma conexão profunda entre sua alma e os antigos sonhos. O uso do termo "ara sacrossanta" sugere uma reverência ou adoração a esses sonhos do passado. A palavra "ara" pode ser entendida como um altar ou um local de culto, e "sacrossanta" enfatiza a sua importância sagrada.

Evoca uma sensação de nostalgia e regressão ao tempo de inocência e felicidade despreocupada. A referência às lendas encantadas que fazem cismar indica a presença de histórias fascinantes e misteriosas que levam à reflexão e contemplação. Essas lendas têm um poder de encantamento e podem transportar o indivíduo para um estado de devaneio.

Ainda em estado de divagação, postula que "Mais claro que o luar descido do céu é este recordar do coração!" (Valdez, 2017, p. 76), expressando a intensidade e a clareza desse processo de recordação, uma vez que os antigos sonhos surgem mais luminosos e nítidos do que a própria luz da lua que desce do céu. Isso sugere que a memória e a conexão emocional com o passado são tão poderosas que transcendem a realidade física. Ao seguir em seu estado de contemplação os prazeres vibrantes provocados pela vegetação, a água que se assemelha a um espelho que “eu via cintilar também pupilas de anjos espreitando o infinito” (Valdez, 2017, p. 77).

Ao abordar esse lugar que a sua alma se exultava em devaneios, alega que “O espírito evolava-se para essas regiões dos meus devaneios e lá se deixava ficar, esquecido da terra, horas que valiam por uma existência... Que cantares! Que harmonia! (Valdez, 2017, p. 77). Este trecho retrata uma experiência subjetiva profunda da voz narrativa, que se entrega aos seus devaneios de uma maneira intensa e absorvente, utilizando a figura de linguagem da hipérbole para enfatizar a magnitude e a importância dessa experiência em sua vida. Assim descreve uma experiência de transcendência do espírito para um mundo imaginário ou dos devaneios. O uso do verbo "evolava-se" pressupõe uma sensação de libertação ou elevação, como se o espírito se desprendesse do corpo e alcançasse essas regiões mais elevadas. Dessa forma, sugere uma sensação de êxtase ou ênfase na imersão nesse mundo de devaneios, onde o indivíduo se desconecta das preocupações terrenas e mergulha completamente nessa experiência.

Ao mencionar os "cantares" e a "harmonia" presentes nesse mundo dos devaneios, essas palavras sugerem uma experiência estética e sensorialmente rica, onde a música e a harmonia desempenham um papel fundamental. Podendo ser interpretado como uma metáfora

para as emoções e sensações profundas que o autor experimenta durante esses estados de devaneio, mas a sua vida se modificou, e,

Um dia puseram-me às mãos um livro e fui caminhando para a escola: meus olhares abatidos não viam as alegrias da natureza; esvoaçavam-me, no cérebro, não sei que coisas tristes! Sentia transpassar-me o peito a lâmina fria de agudo estilete... Então, lágrimas ardentes, as primeiras lágrimas verdadeiras, bailaram-me nos cílios, se afigurando a mim o mundo, vasta necrópole, um imenso deserto de tristeza (Valdez, 2017, p.77).

A natureza lhe parecia estar em silêncio, já não a ouvia mais e não sentia a sua alegria. No seu peito apenas a dor, algo dentro si se partia, lágrimas molhavam o seu rosto e tudo que enxergava como o de mais belo, agora se resumia a tristeza. A inocência da infância estava chegando ao seu fim, as novas descobertas viriam das páginas de um livro, os seus olhos seriam guiados por uma nova visão que expressa ao afirmar: “Eu acordara para a vida” (Valdez, 2017, p. 77). O mundo do devaneio, da contemplação e da inocência já não lhe pertencia, a nova fase da vida seria regada a realidade e de um novo conhecimento que adquiriria.

Em “Ao Voltar” narra a história de Lademir, um jovem soldado que de regresso à sua casa recorda as pessoas importantes para a sua vida. A primeira pessoa a se lembrar é da sua mãe, esta que “Apertara-o contra o seio, cobrindo-o de bênçãos, no instante da despedida. Talvez a essa hora melancólica do anoitecer, joelhos em terra, ante o tosco e antigo santuário onde Nossa Senhora se sorria” (Valdez, 2017, p. 78), a sua mãe que rezava diariamente por sua volta, “Minha santa mãe”, murmura ele, “tuas preces foram ouvidas, teu olhar qual facho de luz do céu guiou-me para o lado das vitórias. Uma coragem meio loucura avassalara-me; entrava nas lutas e delas saía ileso; respeitava-me a morte” (Valdez, 2017, p. 78). A crença da sua mãe foi significativa para o encorajar nas batalhas, não sair ferido e retornar para o seio materno. “Era o teu olhar vindo de longe – tanto poder possui uma mãe que chora! O que me protegia contra o inimigo era teu coração diamantino que me pulsava dentro do peito” (Valdez, 2017, p. 78-79), o fato de o olhar ser descrito como vindo de longe pode sugerir que a mãe está distante fisicamente, mas sua expressão emocional ainda é capaz de afetar profundamente Lademir.

O choro de uma mãe carrega uma força emocional profunda, capaz de evocar respostas intensas e oferecer consolo e proteção. Descrever o coração da mãe como "diamantino" sugere que ele é precioso, forte e resistente, simbolizando a solidez e a durabilidade do amor materno. O coração de uma mãe, pulsando dentro do peito, representa

uma conexão íntima e essencial entre mãe e filho, que transcende as adversidades e proporciona um senso de segurança e abrigo. Essa conexão reforça a importância da presença materna, mas também destaca como a figura feminina, em sua essência protetora e resiliente, é fundamental no espaço das lembranças. A presença e o amor de uma mãe deixam uma marca duradoura, oferecendo um refúgio emocional que molda e fortalece as memórias e a identidade das personagens femininas ao longo de suas vidas.

Após expressa a conexão profunda que possui com sua genitora, Lademir é tomado por outra memória, “Uma outra recordação desponta-lhe na alma: a recordação venturosa do amor” (Valdez, 2017, p. 79), que leva o nome de Rosina, “a morena de olhos negros”. O soldado guardou no coração a confissão apaixonada que a jovem lhe fizera antes de sua partida e este fato o fez carregar a esperança sempre consigo e ansiar pelo reencontro com a sua amada, pois sentia que a “vida seria horrível se não a dourasse o sol da esperança. Misérrimo do que a não tem! É naufrago arrojado a plagas estranhas e desertas” (Valdez, 2017, p. 79). Era somente a certeza da espera que o fazia ter forças para enfrentar as batalhas na sua vida de soldado para posteriormente retornar para casa. O trecho emprega metáforas poderosas para transmitir sua mensagem. A primeira metáfora é “o sol da esperança”, que doura a vida, sugerindo que a esperança é uma fonte de luz e calor que torna a vida mais bela. A segunda metáfora compara aquele que não possui esperança a um “naufrago arrojado a plagas estranhas e desertas”, transmitindo a ideia de desamparo, solidão e desolação. Podemos perceber o uso de metáforas poderosas e uma progressão lógica e fluida das ideias, visando causar um impacto emocional e transmitir uma mensagem sobre a importância da esperança na vida humana.

Não somente a certeza do amor que o esperava em casa, mas havia outro sentimento que o movia, pois “Só! Melhor acabar no campo de batalha, embalado pela voz consoladora da saudade. Talvez fossem esses os pensamentos que perpassassem no espírito do jovem soldado; uma angústia indefinível, dolorosa, transpareceu-lhe no semblante” (Valdez, 2017, p. 79). E assim os seus dias longe de sua terra, de sua mãe e de sua amada foram se arrastando devagar. Até a sua viagem de regresso lhe parecia demorar mais que o necessário, pois a distância se apertava em seu coração.

Quando finalmente do barco conseguiu avistar a terra querida, Lademir “estremece de alegria” ao admirar a beleza de sua pátria que há muitos anos havia partido, o tempo de separação o fez ver a sua terra com um olhar repleto de carinho, com uma visão poética, “Tudo aparece envolto num cendal de encantada poesia; a alma espia através dos olhos conhecidas paisagens, semblantes familiares de amigos; os mesmos inimigos parecem menos

cruéis” (Valdez, 2017, p. 79). E mais do que isso, viu as duas pessoas que mais ansiava por ver, sua mãe e Rosina que na praia o aguardavam, para enfim viverem juntos o amor que os manteve unidos por vários anos apesar da distância, para terminar em “noites consteladas, formosas do luar, confidentes eternas de sonhos que revoam, a algum bardo que cisma, para que a lira acompanhe o trovar etéreo, cantai docemente, languidamente, o poeta azul do amor” (Valdez, 2017, p. 80). Assim a música celestial das noites serviria como um apoio harmonioso para a expressão de seus sentimentos românticos e poéticos, celebrando a beleza e a influência das noites consteladas, destacando seu papel como inspiração para a expressão poética do amor.

Em “O Sonho do Cego” narra a triste vida que um pobre homem ao perder a visão, inicia descrevendo a dura lida diária pela qual passa para sobreviver, que aparenta ter algum alento somente ao anoitecer, quando o “lunar, escoando-se pelas fendas que se abrem ao mísero casebre, ilumina-o todo, deixando vislumbrar a um canto do graveto onde repousa da cansada lide diurna o pobre cego” (Valdez, 2017, p. 87). A imagem criada é de um espaço humilde e precário, com fendas nas paredes que permitem a entrada de luz. O uso do termo "mísero" sugere pobreza e dificuldade nas condições de vida dos moradores. A luz da lua ilumina todo o casebre, revelando os detalhes do ambiente. Nesse contexto, é possível vislumbrar, em um canto, um graveto onde repousa o pobre cego. Na fala podemos perceber que é narrada com uma camada de compaixão e tristeza à cena, sugerindo que o cego é uma figura vulnerável, que encontra conforto e descanso em um simples graveto.

A descrição utiliza elementos visuais e sensoriais para transmitir uma atmosfera de simplicidade, pobreza e solidão. O contraste entre a luz da lua e a escuridão do casebre, aliado à presença do cego, evoca uma sensação de fragilidade e desamparo, uma vez que a vida lhe reservava “inumeráveis dores” ao longo dos anos e, a partir da perda de sua visão, a alegria não mais encontrou a sua fase, “se lhe apagou para sempre a luz dos olhos; o riso fugiu-lhe da boca como da alma as lúcidas quimeras e só a esperança de um viver – além da cova – o alenta” (Valdez, 2017, p. 87), a sua última esperança de um bem viver se encontrava na morte que seria a seu descanso eterno em outra vida. Com relação a falta da visão na vida daquele homem, Tuan apresenta que

O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele e a audição não podem individualmente (nem sequer talvez juntos) nos tornar cientes de um mundo exterior habitado por objetos. No entanto, em combinação com as faculdades “especializantes” da visão e do tato, estes sentidos essencialmente não distanciadores enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo (Tuan, 1983, p.14).

O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele e a audição são considerados sentidos mais imediatos e envolventes, que nos conectam de forma mais direta às sensações físicas e às qualidades sensoriais dos objetos e ambientes. A visão, em particular, desempenha um papel crucial na percepção de distâncias, formas e relações espaciais. Dessa forma, a combinação desses sentidos amplia nossa percepção do mundo, além de contribuir para uma compreensão mais abrangente do seu caráter espacial. Ao usar uma variedade de sentidos, somos capazes de obter uma apreensão mais rica e complexa do ambiente ao nosso redor, o que faz com que “Os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade. A mente frequentemente extrapola além da evidência sensorial” (Tuan, 1983, p.18).

E a mente do pobre cego ia além das misérias sofridas por ele diariamente, na falta de todos os seus sentidos, surgia outra tranquilidade que ainda podia gozar eram as suas noites de “sono tranquilo que Deus lhe envia todas as noites é a celestial ambrosia para o tamanho desconsolo; doce sorriso clareia-lhe as feições emurchadas” (Valdez, 2017, p. 87), assim transmite uma ideia poética e espiritual sobre o poder e o valor do sono tranquilo em meio ao desconsolo, comparando o sono como algo enviado por Deus, comparando-o à ambrosia celestial, que era considerada uma comida divina na mitologia grega, capaz de proporcionar imortalidade e prazer aos deuses.

Sugestiona que, mesmo em momentos de grande desespero ou sofrimento, o sono pode trazer consolo e ser uma dádiva divina que oferece descanso e renovação para a alma. Isso tudo se deve ao fato de que no repouso noturno o “sonho lhe traz as perfumosas flores do passado. Uma casinha à beira do mar; seu pai e sua mãe que conversam em noite igual a esta sobre a recente pescaria” (Valdez, 2017, p. 88). O sonho lhe trazia memórias alegres do passado ao lado de sua família, que nesse momento já não se encontram mais ao seu lado. Recordando também a “meigos olhos amados” que luziam o seu futuro quando ainda não era homem feito, colocava neles a sua esperança de felicidade advinda, pois

É neles que cisma a hora de o sol se pôr, quando mais saudosa cai a tarde por sobre a imensidade marulhosa do oceano. “Amonte”, repete ele às brisas errantes, na ilusão de que segredavam ao ouvido dela essa confissão de sua alma que vibra apaixonada e julga ver na boca puríssima da linda menina a rosa do sorriso desabrochar. No sonho, ele também sorri... Ah! Que indefinível expressão de felicidade se espraia naquele rosto amargurado! Antes, assim mergulhasse em outro eterno dormir, nesse sonho e nesse sorriso velado da claridade alva do luar, revendo as belas coisas que passaram, as formosas visões da sua mocidade albente. Fora para tão escuros dia a mais deslumbrante aurora (Valdez, 2017, p. 88).

Imerso em seu devaneio nostálgico e apaixonado, dirige suas palavras às brisas errantes, como se esperasse que elas segredassem à pessoa amada sua confissão apaixonada. Há a ilusão de que a linda menina é capaz de desabrochar o sorriso mais puro e belo. O pobre cego sorri e experimenta uma felicidade indescritível, apesar de seu rosto ser marcado pela amargura. Ele expressa o desejo de se afundar em um sono eterno, onde poderia reviver as coisas belas que passaram e as visões formosas de sua juventude. Podemos notar que a voz narrativa destaca a dualidade entre a realidade difícil e a fuga para um mundo idealizado e romântico por meio do sonho, revela a busca do protagonista por momentos de felicidade e a saudade do passado, onde a beleza e a juventude eram mais presentes e as durezas da vida ainda não se faziam tão presentes e marcantes cravadas em sua alma.

“Rejuvenescimento. Uma Reminiscência Antiga” é narrada em primeira pessoa e a voz narrativa se dirige a Lena que aparenta ser uma amiga de infância, mas que em algum momento durante a amizade tiveram que se separar e, “com que tristeza pronunciei o meu último adeus; ia-me na alma dor inenarrável, o desalento dos que partem para o exílio sem aquecer-lhes o coração uma cintilha de esperança” (Valdez, 2017, p. 91). Ao se despedir de sua amiga, expressa uma profunda tristeza e desalento, assim, o uso de palavras como "tristeza", "dor inenarrável" e "desalento" transmite uma intensa sensação de pesar e desesperança. Pelas suas palavras é notável que a separação foi dolorosa e causou um profundo sofrimento emocional. A frase seguinte, "o desalento dos que partem para o exílio sem aquecer-lhes o coração uma cintilha de esperança", adiciona uma camada adicional de melancolia e desesperança. Ela retrata a sensação de partir para um exílio ou uma situação difícil sem ter nem mesmo uma pequena centelha de esperança para confortar o coração.

A sua despedida está sempre lhe acompanhando até mesmo durante o seu sonho, que tantas vezes lhe fazia reviver sua partida “É uma recordação que evoco e que tantas vezes te hei contado em sonho, minhas mãos nas tuas, como quando vivíamos no colégio, a sentir os mesmos pesares, a aclarar-nos mútuas alegrias” (Valdez, 2017, p. 91). O sonho se tornou um lugar para o reencontro e manutenção da amizade, se tornou abrigo seguro o qual guardava a esperança de um dia poderem se reaver. Ao adentrar esse universo de devaneios, narra que sua imaginação a levava “à calada da noite” a imergir na mata iluminada pelo azul do luar para encobrir os segredos que o balançar das folhas, mas isso não lhe provocava temor e sim ajudava-lhe a “suavizar as sombras que se alastravam pela minha alma. É que a alegria meu

fugira e toda eu me envolvera no crepúsculo merencórico dessa tarde que morria” (Valdez, 2017, p. 91).

Ao utilizar uma metáfora para descrever um estado de tristeza profunda as "sombras" podem representar os sentimentos negativos e a escuridão emocional que envolvem a alma do protagonista. O crepúsculo é um momento do dia associado ao fim, ao declínio. O adjetivo "melancólico" intensifica essa sensação de tristeza e nostalgia. A tarde "morrendo" também evoca uma imagem de desvanecimento e término. O seu estado é descrito com profunda tristeza e desilusão, onde o protagonista se sente imerso em uma atmosfera sombria e melancólica. A alegria o abandonou e ele está envolvido em um momento de declínio emocional. Essa expressão poética busca transmitir uma sensação intensa de desânimo e desesperança.

Ao longo de toda a sua narrativa, a dor e a tristeza são constantemente presentes na fala do protagonista, em um ambiente que não permite que esses sentimentos sejam deixados de lado. Seu sonho é cercado por elementos sombrios, como um "funeral tristíssimo", a "aridez do deserto", "esperanças mortas em flor" e a "hora nostálgica do crepúsculo", que intensificam ainda mais seu estado de espírito, diretamente ligado à estação do ano em que a natureza se encontra. Com a chegada do inverno¹⁰, o ambiente se transforma e, assim "quando voltei dessa viagem penosa, o inverno vestia de esperança as várzeas extensas; uma grama aveludada acaricia o caminho sombreado por trepadeiras floridas; as emanações da florescência silvestre permeiam o ar. Tudo havia mudado!" (Valdez, 2017, p. 92). A expressão "veste de esperança as várzeas extensas" indicam uma mudança na paisagem, sugerindo que a esperança está agora presente e cobre as vastas áreas de várzea. A imagem da "grama aveludada acariciando o caminho sombreado por trepadeiras floridas" cria uma atmosfera delicada e serena, com a natureza parecendo acolher e suavizar o trajeto do protagonista. Além disso, as "emanações da florescência silvestre permeiam o ar", trazendo consigo um aroma e uma sensação de renovação e vitalidade.

Essa descrição revela uma mudança positiva no ambiente, em contraste com a atmosfera anterior marcada pela dor e tristeza, pois

A orquestra da natureza povoava a espessura rescendente. Nenhum ninho vazio!
Quantas vezes a aragem não me trouxe nas asas sutis uma melopeia simples e doce vinda de canto ignorado e venturoso, de alguma habitação humilde

¹⁰ Em algumas regiões no interior do Brasil, para a sabedoria popular, a palavra inverno se remete ao período de intensas e constantes chuvas, enquanto que o período de baixas temperaturas é popularmente chamado de "tempo de frio".

escondida por entre as árvores; sons me embalavam, que traziam envolta com os aromas esparsos as minhas ilusões que eu julgava mortas, inteiramente mortas! (Valdez, 2017, p. 92).

Através dessas imagens vívidas, a voz narrativa enfatiza a transformação completa que ocorreu, sugerindo uma nova perspectiva e um estado de espírito renovado, onde os ninhos já não estão mais vazios, os cantares se apresentam venturosos, os sons embalavam o seu coração e os aromas invadiam e contornavam suas ilusões há muito perdidas, o renovar da natureza reanimou a sua alma, “Ai, Lena, e este rejuvenescer da Natureza foi como uma ressurreição para a minha alma!” (Valdez, 2017, p. 92). A frase transmite a ideia de que a natureza exerce um impacto profundo na alma do protagonista, trazendo-lhe uma sensação de renovação, esperança e rejuvenescimento. Essa conexão entre o estado emocional do protagonista e o ambiente natural reforça a importância da natureza como um elemento simbólico na narrativa, enfatizando seu papel na evolução emocional e psicológica do personagem.

“A Ermida” tem como protagonista uma “construção de teto abatido, paredes desfeitas, rodeadas de arvoredos que suspiram ao vento que passa” (Valdez, 2017, p. 95) que em outros tempos foi uma capela graciosa que tinha uma pequena povoação aos seus pés e uma serra “a perder de vista”. A capela era não só um prédio para as pessoas que viviam ao seu redor, mas se apresentava como um membro importante daquela comunidade, “Outrora a sua estreita nave regurgitava de povo chamado pelo som grave do sino que ecoava ao longe por vales e quebradas” (Valdez, 2017, p. 95). O sino da igreja é mencionado como o chamado que atrai as pessoas. O adjetivo "grave" sugere um som profundo e poderoso, capaz de se fazer ouvir mesmo a longas distâncias. O eco do sino pelos vales e desfiladeiros cria uma imagem de propagação sonora que alcança diferentes lugares e convida as pessoas a se reunirem na igreja. Além disso, o eco do sino evoca uma atmosfera de reverência e sacralidade, destacando o papel do som como um elemento simbólico na vida da comunidade. Mas esse som que atraía a multidão, que motivava a caminhada para o encontro ficou no passado, “Tudo isso passou... É, ao presente, uma ruína. A sua desolação, o seu acabar aos poucos, vão se constatando ante o olhar indiferente dos que vieram depois, dos que não compreendem nem sonham quanto de luminosas e inextinguíveis lembranças encerra” (Valdez, 2017, p. 95). Essa passagem transmite uma sensação de melancolia e nostalgia em relação a um passado glorioso que está se perdendo e sendo esquecido.

As ruínas são símbolos da efemeridade da vida e da impermanência das coisas, enquanto as "luminosas e inextinguíveis lembranças" evocam a beleza e a importância histórica e emocional que o lugar carrega. Destaca a perda de um local significativo, sua transformação em ruínas e a falta de apreciação e compreensão por parte daqueles que vieram depois, resultando na perda das memórias e da conexão com o passado. Para finalizar o seu desabafo, supõe que "Talvez algum velho coração a busque, lembrando venturas que foram, inacessíveis saudades de perdido amor" (Valdez, 2017, p. 95), somente a saudade um dia poderá fazer com que aqueles marcados pela ermida a procurem para fazer memória do que ali puderam presenciar. Podemos notar que nesta narrativa a personagem que narra se apresenta como uma testemunha, pois

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (Sarlo, 2007, p. 24-25).

Isso implica que a expressão da experiência não é apenas um ato linguístico, mas também envolve a presença física e a atuação do sujeito na cena do passado. A narração não é apenas um relato objetivo, mas uma forma de manifestar a presença e a subjetividade da voz narrativa. Através da linguagem, a experiência é transformada em algo comunicável, permitindo que seja compartilhada e compreendida por outros. A linguagem permite a tradução das experiências individuais em algo que pode ser partilhado e compreendido em um contexto mais amplo. Dessarte, o personagem desta narrativa não tinha somente o papel de expor sobre uma construção antiga, mas enquanto detentor dessa memória, como afirma Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 63), ele deveria compartilhá-la para registro.

"Caminho em Fora" é narrada em primeira pessoa sobre a sua viagem que "Por uma tarde de agosto, luminosa e tépida, tive de fazer essa viagem longa com lágrimas a fulgirem nos olhos e a saudade na alma. A saudade... Como em tudo me aparecia!" (Valdez, 2017, p. 98), já ao iniciar a sua jornada o sentimento era a falta que se implantava em seu ser de tudo a que estava acostumado. A sua primeira saudade estava em sua morada na "casinha que deixava por tempo indefinido, banhada de luz rósea de um pôr de sol magnífico! Doía-me abandoná-la, e vi-a como um antigo ninho desabitado de onde a frígida invernia fizera

emigrar para bem longe os passarinhos” (Valdez, 2017, p. 98). O uso da metáfora do "antigo ninho desabitado" para descrever a casa, enfatizando o sentimento de abandono que o protagonista experimenta ao deixá-la. A referência à "frígida invernia" sugere uma estação do ano fria e desoladora, que levou os passarinhos a emigrar para longe, deixando o ninho vazio. Essa passagem transmite uma mistura de nostalgia, melancolia e apreciação pela beleza do momento presente. O protagonista sente dor ao deixar a casinha e a vê como um símbolo de conforto e acolhimento que está temporariamente abandonado. A imagem dos passarinhos emigrando devido ao inverno reforça a sensação de transitoriedade e mudança na vida.

Ainda em tom nostálgico, a sua fala é quase pronunciada em tom de oração para que “Meus sonhos e esperanças que desabrochastes no albor das madrugadas perfumosas, velai o humilde pouso e enchei-o de harmonias como quando me cantáveis no coração, até que volte a forasteira” (Valdez, 2017, p. 98). Expressa um apelo sentimental e afetuoso aos sonhos e esperanças ao descrever os sonhos e esperanças como algo que floresceu no nascer das madrugadas perfumadas, evocando uma imagem de renovação e beleza. O uso da palavra "albor" para descrever o amanhecer sugere um momento de promessa e potencial. Solicita aos seus sonhos e esperanças que cuidem do "humilde pouso", que pode se referir a um lar modesto ou a um refúgio pessoal. Ele pede que esses sentimentos preencham esse lugar com harmonias, assim como costumavam cantar no seu coração. Isso indica uma conexão profunda entre os sonhos, as esperanças e a expressão emocional interior do protagonista. E segue pelo seu caminho de partida já com o aperto da saudade durante a despedida do seu lar:

Por outros climas, se belezas houver, a saudade consoladora da felicidade fruída será o halo resplandecente dessas recordações que me inebriarão sempre.

Isto eu murmurava, o olhar indeciso vagueando nas árvores que ramalhavam ao vento da tarde, suspiroso e brando.

A alma, saudosa e louca, fugia, a voltar para trás em busca desse lugar querido, como se anos houvera que dele se apartara (Valdez, 2017, p. 98).

Ao murmurar essas palavras, a voz narrativa descreve seu olhar indeciso vagando pelas árvores que balançam ao vento da tarde. Essa imagem sugere um estado de nostalgia e melancolia, com um suspiro suave e melancólico. A alma é retratada como saudosa e louca, pois anseia voltar atrás, como se tivesse se afastado desse lugar querido por muitos anos. Essa busca pelo lugar passado, mesmo que impossível de ser alcançado novamente, demonstra a intensidade do sentimento de saudade e a vontade de reviver a felicidade anteriormente experimentada.

Podemos notar que sua fala evoca um senso de melancolia e a compreensão de que certas experiências e lugares especiais têm um impacto duradouro em nossas vidas. A saudade descrita é consoladora, pois traz à tona as memórias da felicidade vivida e serve como uma fonte de conforto e inspiração. Através de sua linguagem emotiva, o trecho nos convida a refletir sobre a natureza transitória da felicidade e a importância das memórias afetivas em nossa jornada. Assim, segue pelo seu caminho se afastando mais e mais de sua morada, levando a saudade no peito para outras paragens com a esperança de um dia retornar.

“Folha de um livro” já se inicia apresentando um nome importante para essa narrativa, Angela, pois “Este nome evoca uma graciosa e doce recordação de última vez que estive no campo para onde me levou enfermidade pertinaz, que me abatia o espírito” (Valdez, 2017, p. 102). Antes de expor a importância do nome que dá início a narrativa, a voz narrativa expõe o ambiente no qual se encontrava naquele mês de setembro, onde “a canícula abrasava a natureza e, como se houvera um enorme incêndio nas matas, as árvores elevavam para o espaço os longos ramos enegrecidos e nus” (Valdez, 2017, p. 102). A frase é composta com uma comparação, sugerindo que as condições eram tão extremas que parecia “como se houvera um enorme incêndio nas matas”. Essa comparação evoca a imagem de um cenário de devastação e desolação, enfatizando a intensidade do calor e sua semelhança com as consequências de um incêndio florestal. A narrativa conclui descrevendo as árvores como elevando “para o espaço os longos ramos enegrecidos e nus”. Esta descrição visual sugere que as árvores estão desprovidas de folhas e queimadas pelo sol intenso, contribuindo para a imagem de desolação e aridez. Dessa forma, o aspecto visível da natureza carregava ainda mais de tristeza o seu espírito que já se encontrava abatido e necessitado de uma transformação que o campo talvez lhe pudesse proporcionar, mas “tudo aquilo era triste, desolado!” (Valdez, 2017, p. 102). Além do aspecto das árvores, os rios estavam sem vidas, as casas abandonadas e a beira da ruína, mas em meio aquela visão de destruição, havia vida.

Ao amanhecer, a cena retratada mostra a mulher dedicada às tarefas domésticas, enquanto as crianças, no alpendre, entretidas, criam pequenos mundos com suas brincadeiras e o marido, já cedo, parte para o trabalho no campo com a foice ao ombro (Valdez, 2017, p. 103). Mesmo diante das dificuldades da vida rural, a rotina reflete a resiliência e o papel central das mulheres na manutenção da vida familiar e privada na formação das memórias diárias.

Durante sua estadia no campo, a voz narrativa muitas vezes retorna de suas excursões pelos arredores do povoado com a mente repleta de reminiscências, que vão do alegre ao triste, enquanto ouve as badaladas do sino da capela entoando Ave-Maria (Valdez, 2017, p.

103). Esta imagem cria uma atmosfera de contemplação e reflexão, onde a voz narrativa está imersa em suas memórias, evocando uma gama de emoções que variam de tristeza a alegria. As excursões, ao redor do povoado, agem como catalisadores para a emergência de lembranças associadas a diferentes fases de sua vida, intensificando o espaço das lembranças femininas. As memórias ligadas às figuras femininas — a mulher dedicada ao lar e as crianças brincando sob o olhar atento da mãe — revelam o impacto duradouro das experiências e emoções vividas, formando um turbilhão de sentimentos que moldam a identidade e a visão da voz narrativa.

A menção às badaladas do sino da capela tocando Ave-Maria é um elemento significativo. Isso pode ser interpretado como um momento de serenidade e conexão espiritual para a voz narrativa. As badaladas do sino, associadas à oração da Ave-Maria, oferecem uma pausa na agitação das reminiscências, trazendo um senso de calma e espiritualidade. As badaladas do sino e a Ave-Maria são uma espécie de âncora emocional para a voz narrativa, que encontra uma sensação de tranquilidade em meio às suas reflexões e recordações.

Ao cair da noite algo sempre frequente acontecia, “se ouvia a voz dolente, harmoniosa, de alguém que entoava cantigas de berço. Era Angela, essa meiga moça que tão minha amiga fora e de quem, ainda hoje, me recordo com infinita saudade – Angela fazendo adormecer o irmão pequenino” (Valdez, 2017, p. 103). A voz de Angela é descrita como dolente e harmoniosa, o que transmite uma sensação de suavidade e ternura. Essa imagem cria um ambiente acolhedor e reconfortante, onde Angela desempenha o papel de protetora e cuidadora. Através de suas canções de ninar, ela tem o poder de acalmar e embalar seu irmão pequenino, oferecendo-lhe segurança e tranquilidade.

A saudade é um tema central na citação, manifestando-se através da profunda memória que a voz narrativa guarda de Ângela, descrita com "infinita saudade". Esta expressão revela a magnitude da ausência de Ângela e como sua falta desperta uma rica mistura de emoções no narrador. O sentimento de saudade, assim como sublinha a importância da conexão emocional com pessoas queridas, também ressalta o papel significativo que Ângela desempenhou na vida da voz narrativa.

A recordação vai além da simples imagem de Ângela; ela também abrange os momentos em que Ângela lhe contava histórias antigas e lendas locais, elementos que faziam parte do espaço das lembranças femininas. Estes relatos, que circulavam entre as pessoas do lugar, enriqueciam a experiência emocional da voz narrativa, conectando-o mais profundamente com seu passado. Quando chegou o dia da despedida, a voz narrativa preservou em seu coração o pranto da separação e, em sua memória, "a estrada silenciosa e

deserta, cuidava ainda avistá-la e o voejar de seu lenço branco em sinal de despedida" (Valdez, 2017, p. 103). A menção ao balançar do lenço não é apenas um gesto simbólico de adeus, mas também um reflexo da importância das lembranças femininas na construção da narrativa. Ao encerrar *Em Sonho... (Fantasias)* com essa imagem, Alba Valdez dá um adeus ao leitor que ecoa o sentimento de saudade, destacando como as memórias e as figuras femininas moldam e enriquecem a experiência emocional da obra.

A saudade é um tema recorrente na literatura, especialmente naquela escrita em língua portuguesa, onde o sentimento é culturalmente muito valorizado e profundamente explorado. Muitos escritores como Fernando Pessoa, Jorge Amado, José Saramago, dentre outros, utilizaram e utilizam a saudade como uma fonte de inspiração para criar narrativas ricas em emoção e nostalgia. Seus textos capturam a complexidade e a profundidade desse sentimento e o transformam em uma fonte de beleza e reflexão para os leitores.

Ao expor aqui algumas das narrativas que compõem a obra *Em Sonho... (Fantasias)* de Alba Valdez, reforçamos que estas fazem em algum aspecto menção ao passado, buscam por meio de uma voz narrativa transmitir o sentimento de saudade. Para o leitor, ler um texto em que a saudade se faz presente pode ser uma experiência profundamente emotiva e evocativa, sendo este um sentimento universal que todos podem compreender e que muitas vezes desperta lembranças e emoções pessoais. Quando esse sentimento é habilmente transmitido através da escrita, pode criar uma conexão íntima entre o leitor e o texto.

Ao se deparar com passagens que expressam a saudade, podemos sentir uma série de emoções, desde melancolia e nostalgia até conforto e empatia. A saudade pode evocar memórias de pessoas queridas, lugares amados, momentos felizes ou até mesmo a sensação de perda de algo que nunca foi plenamente vivido, assim como observamos ao longo das linhas escritas por Alba Valdez. Isso cria uma oportunidade para o leitor refletir sobre suas próprias experiências e relacioná-las àquelas apresentadas no texto, tornando suas narrativas de certa forma atemporal.

A habilidade da autora em descrever a saudade de forma vívida e autêntica é fundamental para envolver o leitor. Seus textos conseguem transmitir essa emoção através de imagens sensoriais, metáforas evocativas e uma linguagem carregada de significado, visto que tendem a ressoar mais profundamente com o leitor. Além disso, a saudade muitas vezes é acompanhada por uma sensação de ausência ou incompletude, o que cria uma tensão emocional que mantém o leitor engajado e ávido por mais. Uma vez que um texto permeado pela saudade, o leitor pode se sentir transportado para um estado de contemplação e introspecção, onde suas próprias emoções e experiências são despertadas e exploradas. Essa

conexão emocional pode tornar a experiência de leitura ainda mais significativa e memorável, deixando uma marca duradoura na mente e no coração do leitor.

CAPÍTULO III:

ANÁLISE DA OBRA *DIAS DE LUZ* (1907)

Ao chegarmos ao terceiro e último capítulo desta pesquisa, nos dedicaremos à análise da segunda obra de Alba Valdez, *Dias de Luz*. Neste capítulo, focaremos na narrativa da personagem feminina Ignez, explorando os acontecimentos de sua adolescência, como o ingresso em uma nova escola e a descoberta de novas amigas. Nossa análise buscará estabelecer conexões entre o feminino, as experiências de Ignez como mulher, e os temas de lembranças, memórias e saudades que permeiam a obra da escritora. Assim, pretendemos revelar como essas dimensões se entrelaçam na construção da identidade da personagem e na forma como Alba Valdez articula esses elementos para uma estética narrativa.

A segunda obra escrita por Alba Valdez recebeu o título *Dias de Luz*, publicada em 1907 pela tipografia Minerva de Assis Bezerra, situada em Fortaleza – CE. Obteve até este momento apenas essa única edição. Segundo Fátima Garcia (2014), a fundação da referida editora ocorrera em 1892:

A última década do século XIX trouxe para o Ceará a marca da arte da cultura. Em maio de 1892 nascia a Padaria Espiritual, agremiação que reunia jovens pintores, músicos e escritores cearenses, para falar abertamente sobre suas expressões artísticas. Seus componentes chamados padeiros, assinavam crônicas, contos, editoriais e poesias, num jornal editado por eles e simbolicamente chamado “O Pão”. Pouco antes, em 15 de março o livreiro Gualter Rodrigues Silva instalava uma nova oficina tipográfica em Fortaleza em um antigo prédio da Travessa da Assembleia, n 41 (atual Rua São Paulo), inspirado na deusa romana da sabedoria e das artes, das técnicas de guerra e padroeira das artes úteis, dá a empresa o nome de Tipografia Minerva. Ali seriam impressos “A Fome” de Rodolfo Teófilo e “Lendas e Canções Populares” de Juvenal Galeno¹¹ (Garcia, 2014, s/p).

A autora fornece um vislumbre de eventos culturais importantes do Ceará no final do século XIX ao citar a Padaria Espiritual, que foi um marco na cena cultural do Ceará e uma

¹¹ Juvenal Galeno da Costa e Silva nasceu em Fortaleza-CE, no dia 27 de setembro de 1836, em Fortaleza. Patrono da cadeira 23 da Academia Cearense de Letras. Foi sócio fundador do Instituto do Ceará e Cavalheiro da Ordem de Cristo. A Casa Juvenal Galeno, fundada com as filhas Henriqueta e Juliana, até hoje funciona como centro de cultura e sede da Academia de Letras Juvenal Galeno. Faleceu em 7 de março de 1931 (Academia Cearense de Letras, 2023, s/p).

plataforma para jovens artistas expressarem suas obras. Seu envolvimento com a tipografia Minerva se deu devido a esta ser responsável por grande parte das publicações produzidas pelo agrupamento de literatos. Interessante pensarmos que o nome Tipografia Minerva revela uma conexão entre a impressão de livros e a busca pelo conhecimento e pela sabedoria, que são características associadas à deusa Minerva. Podemos interpretá-lo como um gesto simbólico que ressalta a relevância da literatura e da cultura na sociedade da época. Ao mencionar que, na Tipografia Minerva, foram impressas obras de Rodolfo Teófilo e Juvenal Galeno, destaca-se a importância das tipografias como veículos para a divulgação da produção literária e cultural, contribuindo para o enriquecimento da cena cultural na região.

Na obra *Dias de Luz* (1907), observa-se que a capa da publicação não há qualquer tipo de ilustração, apenas é composta em sua totalidade da cor marrom. Para a nossa análise, o exemplar que temos em mãos se encontra no formato PDF, o qual foi composta com a digitalização de um exemplar da edição original e gentilmente cedido pelo Instituto do Ceará: Histórico, Geográfico e Antropológico para o desenvolvimento desta pesquisa. Anterior à folha de rosto, a obra apresenta uma fotografia da autora Alba Valdez, durante a sua juventude:

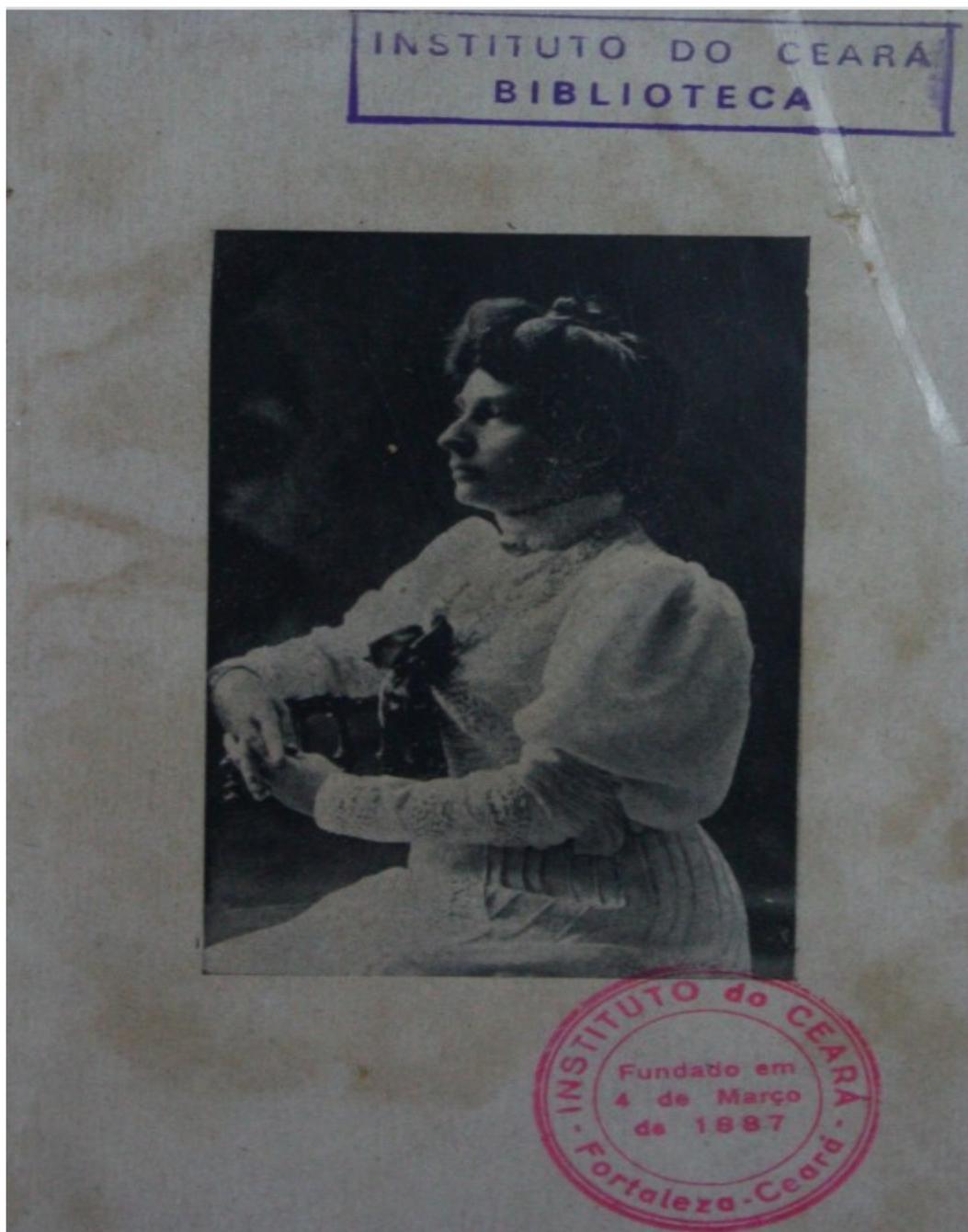


Imagem V: Alba Valdez

Fonte: Obra *Dias de Luz* (1997) cedida pelo Instituto do Ceará

Essa publicação ocorreu seis anos após a primeira obra de Alba Valdez, *Em Sonho...* (*Fantásias*) (1901). A escritora já havia se tornado um nome conhecido no meio literário e na imprensa cearense. Assim como já havia ocorrido em 1901, a publicação de *Dias de Luz* (1907) também lhe rendeu comentários por parte da mídia do estado do Ceará. Localizamos edições do periódico *O Rebate* que apresentam desde informações de vendas dos exemplares à apreciação da escrita de Alba Valdez.

Na publicação do dia 4 de maio de 1907 do referido periódico, consta o seguinte comentário: “Quem desejar um bello romance venha ao nosso escriptorio comprar *Dias de Luz* – da primorosa escriptôra cearense Alba Valdez” (O Rebate¹², 1907, p. 3). Aqui notamos que a participação da escritora na imprensa não somente contribuiu para a publicação de seus textos, mas também para a divulgação e venda de suas obras. Em outra publicação do já mencionado periódico, datada em primeiro de junho de 1907, apresenta:

((Dias de Luz))

Alba Valdez, a brilhante escriptora do – Em Sonhos-, acaba de publicar mais um livro, a que deu o titulo de – Dias de Luz.

Temol-o aqui ao lado. Alba nol-o mandou.

Esripto com muita elegancia e sentimento, o bello livro da estimada conterrânea!

O seu estylo fluente, dóce, imaginoso ás vezes, não é o mais o estylo rebuscado do principiante. A escriptora deixa que a penna corra livremente, como o batei nas aguas mansas de um lago. Evoca as dóces reminiscencias dos dias tepidos da infancia e vasa a sua alma de artista, em periodos, que vão formando capitulos primorosos.

Agradecendo a valiosa oferta que nos fez Alba de um exemplar do -Dias de Luz- sentinos que uos falte competencia para uma apreciação n’altura do merecimento da escriptora.

Sobra-nos, entretanto, muito bôa vontade; mas o que fazer, se não podemos remover essas dificuldades, á falta de estro? (O Rebate, 1907, p. 2).

Este trecho é um comentário elogioso sobre o livro *Dias de Luz* (1907), escrito por Alba Valdez, que é descrita como uma "brilhante escriptora". O autor destaca a elegância e o sentimento presentes na obra, elogiando o estilo fluente e doce da escritora, que evoca memórias calorosas da infância e expressa sua alma de artista em capítulos primorosos. O texto expressa gratidão pela oferta do livro, embora reconheça a própria limitação em oferecer uma apreciação à altura do mérito da escritora. Isso demonstra uma combinação de admiração pela obra e humildade por parte do escritor da coluna. Infelizmente, não menciona quem é o autor do texto jornalístico, mas destaca a maneira adjetivada como se refere à escritora, a descrevendo como uma escritora excepcional, enfatizando seu estilo delicado e afetuoso. Assim, fica evidente na descrição das palavras singelas e amáveis usadas para retratar a fase inicial da vida, sugerindo que essa abordagem pode ter um impacto emocional profundo no leitor.

¹²Após um breve hiato de informações decorrente do caráter fragmentário de nossas fontes, encontramos Vicente de Loyola fundando o seu jornal “O Rebate”, cuja primeira edição veio a público no dia 20 de abril de 1907, com oficinas próprias e uma redação comandada pelo próprio Vicente, auxiliado pelo Alexis Barbosa Morin e João Barbosa (Lima, 2021, p. 4-5).

Na edição do dia 7 de novembro de 1907, no jornal *O Rebate*, divulga-se também: “DIAS DE LUZ, romance da laureada escriptôra cearense *Alba Valdez*, com o retrato da auctora em fina xylographia, encontra-se á venda n’*O Rebate*” (*O Rebate*, 1907, s/p). Por último, na edição do dia 12 de setembro de 1908, encontramos:

<<DIAS DE LUZ>>

--

Alba Valdez è a autora d’esta collectanea primorosa, d’este florilégio espiritual, que tem o sugestivo nome <<DIAS DE LUZ>>.

Na sua totalidade, o livro é um repositório das reminiscências, em que tatala canoramente a alma da distincta escriptora cearense.

Sellecção de formosas perolas resumbrando a elegância do estylo e o aroma da alma da digna escriptora, ardentemente apaixonada pelas letras. Não è um producto de um espirito visionario; mas é um primoroso livro, em que a multiciente escriptora revela sua illustração.

Descreve, narra, ininterruptamente as scenas passadas, os dias que se foram e não voltam mais, em estylo consiso terso, tonante e agradável.

Alba Valdez è um lampejo da literatura cearense, como Theocrito o foi, do gênio hellenico.

Sua narração é singella e possue magia, que nos empolga e seduz. E’ um livro de luz mesclado puríssima, luz forte que obscurese a mais fraca; um livro confeccionado sem muita lucubração, *aujourd le jour*, no afan glorioso da vida jornalística...

Lendo-o somos inundado por uma catadupa de oiro de fino quilate, pois nas suas paginas se revela, se vislumbra a verdadeira, a lidima alma cearense, o coração cearense está feito para grandes luctas, feito para se expandir.

Não podemos lel-o perfunctoriamente, não; é preciso deixar que o nosso espirito se dilate para se embeber, para se absorver, para deleitar-se n’estes amenos contos escriptos á *vol d’oiseau*.

Dias de Luz, teve seo berço na <<Terra da Luz>> por isso não tem um valor accidental, seu valor é intrínseco.

Este exaltante livro, trescala de suas uma essencia [...] que nosso espirito haure com avidéz (*O Rebate*, 1908, s/p).

O texto não possui assinatura, mas diferente das referências feitas pelo mesmo periódico anteriormente, a publicação fez uma espécie de exaltação a autora Alba Valdez e a sua escrita. Apresenta que a sua segunda publicação contenha certa qualidade e méritos a serem concedidos à escritora, comparando a sua genialidade em meio à literatura cearense, ao poeta Teócrito¹³. Ainda elogia a capacidade de Alba Valdez de descrever e narrar eventos passados de forma contínua, usando um estilo conciso, claro, vigoroso e agradável. O texto

¹³ Teócrito foi o poeta grego de maior destaque no período helenístico. Pouco se sabe sobre ele além do que pode ser inferido de seus escritos. Seus idílios são expandidos em poemas bucólicos, mimos e contos épicos. Os versos de Teócrito revelam preocupação com a forma, mas, ao contrário de seus contemporâneos, a linguagem utilizada é simples. Influenciou fortemente a poesia bucólica posterior, como a de Virgílio e a poesia árcaica. Mas a poesia de Teócrito é natural e realista, ao contrário da poesia posterior, grandemente idealizada (Clássicos Literários, 2023, s/p).

destaca a habilidade da autora em recriar o passado de forma envolvente. Descreve-se *Dias de Luz* (1907) como uma obra literária que é pura e luminosa, capaz de ofuscar obras mais fracas.

Ao sugerir que a referida obra é valiosa e rica em significado, afirma-se que em suas páginas revelam a verdadeira essência da alma cearense, destacando a natureza combativa e expansiva do povo do Ceará. Alega-se que o título *Dias de Luz* se relaciona à "Terra da Luz"¹⁴, como é conhecido o estado do Ceará, ou seja, está profundamente ligado à região e à cultura cearense.

3.1 Nota Inicial: Minha Mãe

Na página quatro da obra *Dias de Luz* (1907) notamos que há a presença de um subtítulo entre parêntese, e este é: (Recordações da Adolescência). Como mencionado em nosso primeiro capítulo, a presença deste subtítulo ocasionou algumas especulações sobre uma terceira obra escrita por Alba Valdez. Algumas críticas apontavam que “Recordações da Adolescência” seria o título de uma outra publicação.

¹⁴ O Ceará é conhecido pelo cognome Terra da Luz. Muita gente julga que é devido ao seu forte sol tropical. Nada disso. Esse honroso título, dado por José do Patrocínio, se deve ao fato da então província ter abolido a escravatura antes do Brasil. Na verdade o povo cearense nunca gostou de escravizar os seus semelhantes e a prova disso é que muitos senhores de escravos libertaram os seus negros ainda antes de 25 de março de 1884, data em que, sem dar a menor satisfação a D. Pedro II, o Ceará libertou, definitivamente, os seus escravos (Nobre, 2010, s/p).

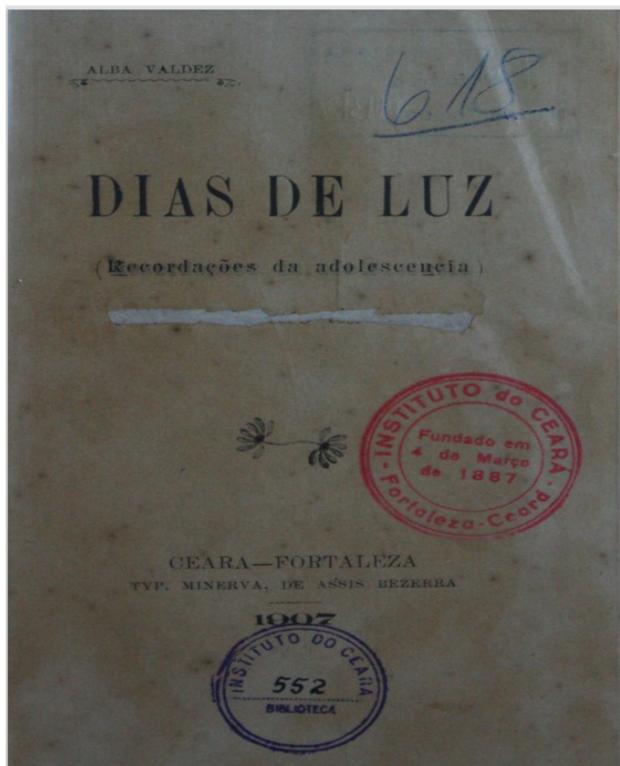


Imagem VI: Folha de rosto da obra *Dias de Luz*
 Fonte: Obra *Dias de Luz* (1997) cedida pelo Instituto do Ceará

A narrativa se inicia na página sete e segue até a página cento e dezoito. Nas páginas cinco e seis a nota que se segue foi intitulada “Minha Mãe”. A seguir transcrevemos o conteúdo:

Nestas paginas que deponho em teu regaço ha como que um perfume emanado dos jardins de ethers. A mór parte foi escripta logo após nossos serões povoados de reminiscencias e imagens, ias-te deitar ás 9 e eu, encostada á mesa, narrava-te silenciosamente no almasso o que me zumbia no craneo a memoria esmaltada de uns longes de fantasia.

O aposento em que dormias comunicava-se com o meu por uma porta aberta no centro da parede e a luz que me illuminava ia esbater-se mortíça no teu vulto amado, que eu olhava de quando em quando.

Tua respiração chegava té mim em musica rithmada, muito branda, que se extingüia dentro do meu eu, espalhando venturas inomináveis.

Quase sempre interrompias o dormir e me ordenavas docemente que repousasse.

Obedecia-te douda de alegria por ser uma cousa tua e uma vez no leito me visitava o somno cheio de sonhos nos quase me apparecias com a aureolas de santas.

Sabes que nesta narrativa nem tudo é ficção; abstrahindo do ideal a que se apegas, tento memorar ligeiramente factos typicos da nossa terra, costumes pittorescos, lembranças encantadoras e, por vezes, evoco figuras com quem convivemos.

Não existe nada de dramático nem de romanesco; se prende é sómente pelo candor natural de que toda se empregna e pela beleza dos grandes corações que nella palpitam.

Pensando em ti escrevi-a no silencio augusto da noite, bafejada pela sua respiração que cantava e envolta no manto resplandecente de teu amor.

Possam estas ingenuas e simples paginas do amanhecer da vida suavisar a melancolia dolorosa que te invade refluindo o teu sorriso e reviver em tua alma a meiga esperança tão scintillante como o astro que guiou os reis magos a Bethlem (Valdez, 1907, p. 6 -7).

A nota inicial se dirige àquela que esteve presente em sua vida, principalmente, durante os dias que escreveu o enredo das páginas que se seguem. O trecho foi escrito ao que parece ser uma passagem de uma carta, um diário, ou algum tipo de prosa poética que expressa sentimentos profundos e uma relação íntima entre o interlocutor e alguém a quem ele se dirige. Não há qualquer tipo de assinatura o que pode sugerir que seja Alba Valdez quem escreve se direcionando a sua genitora, mas se pode provocar ainda a ideia de que o escrito que se segue é parte de sua autobiografia, como afirma Silva: “Tanto nos devaneios de *Dias de Luz*, quanto nas crônicas, romancetes e cenas do dia-a-dia de *Em sonho...*, fundindo a memória de Maria Rodrigues Alves Peixe, nome abandonado ao assumir a figura de Alba Valdez à escrita na ficção de Inês” (Silva, 2019, p. 59). Assim propõe uma interação entre a vida pessoal da autora, suas experiências e sua expressão literária. Alba Valdez fez uso da sua memória e identidade como fonte de inspiração, explorando uma gama diversificada de gêneros e estilos literários ao longo de suas obras. No entanto, não temos aqui a intenção de adentrar a discussão sobre autoficção, mas notamos que é um aspecto que pode ser explorado e analisado na escrita da Alba Valdez em estudos futuros.

A nota inicial da obra *Dias de Luz* (1907) destaca-se pelo emprego de um estilo literário poético, que se manifesta através de metáforas e descrições sensoriais envolventes. Este trecho está repleto de imagens sensíveis que transportam o leitor para um mundo de beleza e encantamento. Por exemplo, a metáfora do "Perfume emanado dos jardins de etheros" utiliza o perfume como uma imagem sensorial para evocar um ambiente de sonhos e fantasias. Da mesma forma, a descrição da "Memória esmaltada de uns longes de fantasia" sugere uma narrativa vibrante e rica em imaginação.

Além disso, a narração detalha ainda mais as experiências perceptuais dos personagens, como quando descreve que "Tua respiração chegava até mim em música ritmada", criando uma atmosfera de proximidade e intimidade. A utilização da expressão "Espalhando venturas inomináveis" transmite a ideia de uma felicidade indescritível, reforçando a aura mágica da narrativa.

Outro ponto de destaque é a intensidade emocional presente no texto, como evidenciado em "Obedecia-te douda de alegria", que retrata uma entrega apaixonada e devota. A imagem do "Somno cheio de sonhos nos quase me aparecias com a aureolas de santas" adiciona uma dimensão de pureza e transcendência à narrativa, enriquecendo ainda mais a experiência do leitor.

Por fim, a descrição da escrita "Escrita no silêncio augusto da noite, bafejada pela sua respiração que cantava" cria uma atmosfera de inspiração e serenidade, sugerindo que a criação literária é guiada pela presença amorosa do outro. Esses elementos sensoriais e metafóricos se entrelaçam para criar uma narrativa envolvente e poética, que cativa e emociona o leitor ao longo de toda a obra.

Há uma forte conexão emocional com a pessoa a quem se dirige. Há um senso de intimidade nas descrições das noites compartilhadas e da comunicação silenciosa entre as duas. O cuidado mútuo e a preocupação com o bem-estar do outro são evidentes. Assim como a tentativa de recordar momentos compartilhados e características da sua terra natal, o que sugere um profundo senso de nostalgia e a vontade de preservar as memórias daquela época. Dessa forma, podemos observar que, segundo Ecléa Bosi,

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as preocupações imediatas, como também empurra, "descola" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 2003, p. 36).

A autora faz uma reflexão perspicaz sobre a natureza e o poder da memória, destacando sua influência na experiência humana e na consciência individual. Assim, sugere a ideia de que o passado não é apenas um conjunto de eventos distantes, mas algo dinâmico e fluido que continua a influenciar e interagir com o presente. A citação ressalta a dualidade da memória, retratando-a como uma força subjetiva que pode ser tanto profunda e ativa quanto latente e invasora. Essa dualidade reflete a complexidade da memória humana, que pode ser tanto uma fonte de conforto e compreensão quanto de conflito e desconforto.

A descrição da memória como uma força ativa que "empurra" e "descola" as preocupações imediatas destaca seu papel dinâmico na formação da consciência e na construção da identidade. Dessa forma, a memória não é apenas um repositório passivo de eventos ocorridos, mas uma força que molda e influencia constantemente nossa percepção do mundo. Portanto, podemos notar que para a autora da nota inicial da obra *Dias de Luz* (1907),

a memória é um instrumento crucial para a manutenção e ligação com momentos e pessoas importantes do passado.

3.2 Memória e Saudade

A obra *Dias de Luz* (1907) apresenta a história de Ignez de Oliveira Santos, contada em pouco mais de cem páginas, pelas próprias palavras da protagonista. Este relato se desenvolve através das memórias de sua adolescência, em que ela compartilha os momentos significativos ao lado de suas amigas. O ponto de partida para essa narrativa é a leitura de uma carta enviada por Ormindá a Ignez, desencadeando assim a exposição de sua vida.

Ignez nos conduz através de sua jornada desde o início de seus estudos na Escola Normal, marcando o surgimento de novas amizades com Ormindá Castilho, Celeste Augusta de Campos, Nenê Rayol, Gracinha Macedo, Genoveva Fernandes e Corina Silva. Essa rede de relações forma o pano de fundo para os eventos que ela compartilha.

O relato abrange uma ampla gama de experiências, desde os dias passados na escola até os momentos de lazer e interação com sua família e vizinhança. Ao longo das páginas, Ignez não compartilha apenas os acontecimentos, mas também os sentimentos e reflexões que os acompanham.

A narrativa é conduzida de forma ininterrupta, sem a divisão tradicional em capítulos, o que confere uma fluidez singular à experiência do leitor, imergindo-o na vida e nas experiências de Ignez de maneira contínua e envolvente.

Após a nota, a narrativa de Ignez se inicia com a leitura da carta enviada por Ormindá Castilho, que a faz recordar quando era uma adolescente que iniciava em uma nova escola e adquiria novas amizades. A seguir, apresentamos na íntegra a carta que é destacada por Ignez:

Eis uns topicos da evocadora carta de Ormindá:

<<Quase um anno sahi dahi e esta vida agitada e sem descanso do Rio não consegue esmaecer as vivas recordações que trago no íntimo. Que vontade de voltar, de rever a minha terra, abraçar doudamente as amigas e collegas! Tem-l'as visto, a Corina Silva, a Nenê Rayol, a Gracinha Macedo, a Genoveva Fernandes e as outras?

E a tua decantada Celeste?

Acredita, chego a ter saudade da Escola com todo o inferno das suas sabbatinas e exames que me faziam achar os dias trevosos que nem noites sem astros>>

Velada na penumbra da distancia e de longa ausência, Ormindá me provocava o riso. Lembrava-me do seu ar estudado comicamente triste nessas ocasiões, quando nos recommendava em meio tom: << Vai começar a batalha, minha gente: se eu estiver muito exposta, não me abandonem.

Meu heroísmo não obsta a que eu estremeça ante os horrores de uma *bomba*>> (VALDEZ, 1907, p. 9).

A carta de Ormindia desperta em Ignez uma atmosfera vívida e evocativa, além de despertar as memórias do passado da protagonista que transportam os leitores para outra época e lugares distintos. É com a leitura inicial da carta que a narrativa apresenta as descrições detalhadas de paisagens, ambientes e eventos ocorridos na vida de Ignez em sua adolescência. Dessa forma, é possível perceber que as cartas podem refletir as preocupações sociais e culturais de seu tempo, assim como oferecer *insights* valiosos sobre questões como política, moralidade, gênero e classe.

Quando analisadas sob a perspectiva do feminino, essas cartas revelam como as personagens femininas vivenciam e processam suas memórias, saudades e lembranças. Através do espaço íntimo e pessoal que a carta proporciona, as mulheres expressam suas emoções e reflexões, tecendo um retrato detalhado das expectativas sociais e das pressões de gênero. Essas correspondências tornam-se, assim, um espaço onde o feminino é explorado em toda a sua complexidade, e onde a memória e a saudade se entrelaçam na construção das identidades das personagens femininas.

A carta escrita por Ormindia também apresenta um teor saudoso dos tempos da escola, segue alguns trechos: “Que vontade de voltar, de rever a minha terra, abraçar doudamente as amigas e collegas! [...] Acredita, chego a ter saudade da Escola com todo o inferno das suas sabbatinas e exames que me faziam achar os dias trevosos que nem noites sem astros” (Valdez, 1907, p. 9). A reflexão revela um forte desejo de retorno à terra natal e ao ambiente escolar, expressando uma mistura de saudade e nostalgia, indicando uma conexão emocional profunda com o local de origem. A saudade da terra natal é um sentimento poderoso, muitas vezes associado às memórias afetivas da infância e das relações sociais.

O desejo de "abraçar doudamente as amigas e colegas" destaca a importância das relações interpessoais na experiência de vida. O reencontro com amigos e colegas é visto como uma fonte de alegria e conforto, sugerindo que as relações sociais têm um papel significativo na construção da identidade e na formação de memórias afetivas.

A saudade da escola, assim, com todas as dificuldades como "sabatinas e exames", revela uma visão saudosa que, em parte, transforma as experiências passadas em lembranças positivas. Dessa forma, pode ser interpretado como uma apreciação das vivências e desafios que moldaram a pessoa, ainda que na época tenham sido percebidos como "dias trevosos". A dualidade entre o desejo de voltar e a lembrança dos desafios enfrentados na escola cria um

contraste interessante. Essa perspectiva reflete a complexidade das emoções humanas, onde a nostalgia por vezes suaviza as dificuldades passadas, criando uma visão romântica do passado, ao Ignez afirmar que:

Velada na penumbra da distancia e de longa ausência, Orminda me provocava o riso. Lembrava-me do seu ar estudado comicamente triste nessas ocasiões, quando nos recommendava em meio tom: << Vai começar a batalha, minha gente: se eu estiver muito exposta, não me abandonem. Meu heroísmo não obsta a que eu estremeça ante os horrores de uma *bomba* >> (Valdez, 1907, p. 9).

Orminda é lembrada por Ignez através de suas recomendações exageradamente dramáticas e humorísticas antes de enfrentar situações difíceis ou desafiadoras, descritas metaforicamente como "batalhas". Essa memória sublinha a habilidade de Orminda em lidar com as adversidades com um toque de humor, uma estratégia que aliviava a tensão e fortalecia os laços de camaradagem entre as amigas. O "ar estudado comicamente triste" de Orminda revela um caráter performático e consciente, sugerindo que ela usava suas palavras e atitudes para provocar um efeito cômico nos outros, talvez como uma forma de criar momentos de leveza em meio às dificuldades.

Em um contexto mais amplo, essa lembrança destaca a personalidade vibrante de Orminda e o impacto duradouro que ela teve sobre as pessoas ao seu redor, especialmente sobre Ignez. A memória de Orminda, marcada por sua capacidade de transformar desafios em momentos de riso e companheirismo, reflete a importância das relações femininas e das memórias compartilhadas. Essas experiências não só moldam o espaço das lembranças de Ignez, mas também reforçam a saudade que ela sente por uma amizade que deixou marcas indeléveis em sua vida, ilustrando como as conexões entre mulheres são profundamente entrelaçadas com suas memórias e identidades.

Interessante refletirmos nesse momento sobre a escrita epistolar, ou seja, a prática de escrever cartas, desempenhou um papel significativo na literatura do final do século XIX e continuou a ser uma forma importante de expressão literária até mesmo com o advento de novas tecnologias de comunicação, assim, segundo Débora Clasen de Paula,

O hábito de escrever cartas, ao mesmo tempo em que obedece a determinados padrões textuais formais, também nos possibilita apreender as particularidades de escrevente e destinatário impressas na missiva. Ao servir como suporte de inúmeros assuntos, elas podem revelar marcas de como foram armazenadas e organizadas por seus destinatários (Paula, 2011, s/p).

As cartas oferecem um espaço íntimo e pessoal para os escritores explorarem uma variedade de temas e emoções. Por meio da carta de Orminda enviada a Ignez, as personagens podem expressar seus pensamentos mais profundos, revelar segredos e confrontar conflitos internos, oferecendo aos leitores uma visão privilegiada das complexidades da condição humana.

Em âmbito literário, as cartas podem ser usadas para desenvolver personagens de forma mais completa e aprofundada. Os escritores podem empregar a escrita epistolar para revelar detalhes sobre o passado, as motivações e os relacionamentos dos personagens, enriquecendo assim a trama e a caracterização, assim como observamos na obra *Dias de Luz* (1907). As cartas permitem que os escritores explorem diferentes vozes narrativas dentro de uma mesma obra. Por exemplo, um romance epistolar pode ser composto por cartas escritas por diferentes personagens, oferecendo uma variedade de perspectivas sobre os eventos da história e enriquecendo a narrativa com uma multiplicidade de vozes e pontos de vista.

Georg Otte infere que:

A narrativa não é um relato sobre uma experiência particular, mas faz parte “da” experiência compartilhada entre os indivíduos – se podem ser chamados assim, uma vez que a própria individualidade é um conceito moderno que se reflete num gênero textual próprio da modernidade. É no romance que temos o indivíduo isolado, seja como autor, seja como personagem ou ainda como leitor. No mundo pré-moderno idealizado por Benjamin, prevalece a relação metonímica do *pars pro toto*, pois cada narrativa representa o todo da experiência, assim como cada narrador fala em nome de toda a humanidade, atravessando as fronteiras do tempo e do espaço, sendo que o destino narrado das personagens servem de alegorias – com as devidas distorções alegóricas – da experiências de todos. A narrativa atualiza uma experiência que está onipresente na forma de arquivo inesgotável (Otte, 2021, p. 203).

O trecho discute como a narrativa está intrinsecamente ligada à experiência compartilhada entre os indivíduos, como a individualidade se manifesta na modernidade por meio de gêneros literários como o romance, e como as narrativas pré-modernas tendem a representar uma experiência coletiva. Também destaca a capacidade das narrativas de atualizar e refletir sobre experiências humanas ao longo do tempo. Isso pode sugerir que o romance é uma forma literária que destaca a experiência individualizada, contrastando com formas de narrativa mais coletivas ou sociais.

Em relação ao mundo pré-moderno idealizado por Benjamin, onde prevalece uma relação metonímica da parte pelo todo, significa que em narrativas pré-modernas, cada

narrativa representa o todo da experiência, e cada narrador fala em nome de toda a humanidade. As experiências das personagens servem como alegorias da experiência humana em geral. Dessa forma, a narrativa atualiza uma experiência que está onipresente na forma de um arquivo inesgotável. Podendo ser interpretado como uma referência à capacidade das narrativas de capturar e refletir continuamente sobre as experiências humanas, independentemente do tempo ou espaço.

Ignez não lê a carta apenas para recordar sua adolescência, mas para resgatar da memória os momentos mais significativos de sua vida. Ao afirmar que "a carta da minha antiga colega trouxe-me ao pensamento a época mais notável minha existência, por ser aquela em que sonhei mais e chorei menos" (Valdez, 1907, p. 9-10), ela revela uma conexão profundamente pessoal e emocional com o período em que frequentou a escola, evocada pela chegada dessa correspondência de uma amiga antiga. Essa declaração destaca as experiências e emoções que marcaram sua juventude, e sublinha a maneira como a memória é individualizada — o que é notável para Ignez pode não ter o mesmo peso para outra pessoa.

Ao longo de sua narrativa, Ignez nos conduz por meio de suas próprias experiências e perspectivas em relação ao passado, especialmente os anos escolares e as amizades que formou. Essa leitura, portanto, é um exercício de rememoração, bem como uma reconexão com o espaço das lembranças femininas que moldaram sua identidade. As emoções de saudade e nostalgia permeiam suas memórias, tornando-as vivas e significativas, e evidenciando como o feminino e as relações entre mulheres são centrais na construção dessas memórias e na formação do espaço emocional onde essas lembranças residem.

Se tratando da ligação memória e literatura, Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos pondera que,

Como suporte produtor de memórias, à literatura é permitido adivinhar os silêncios, os desvios e as lacunas, propositais ou não, da escrita historiográfica. Por apostar no dilema e no paradoxo, o discurso literário abdica da totalidade. Por isso, falhas e rasuras não podem ser vistas como "erros", mas como instrumentos sem os quais o discurso literário não se construiria em sua ambiguidade e polissemia (Ramos, 2011, p. 96).

Apresenta que a literatura pode oferecer uma visão mais abrangente e inclusiva do passado, complementando as narrativas históricas tradicionais. Dessa forma, enfatizar o papel do dilema e do paradoxo na literatura, o autor sugere que a literatura abraça a complexidade e a ambiguidade da experiência humana. Contrastando com a busca por totalidade na historiografia, que muitas vezes procura apresentar uma narrativa linear e coerente do

passado. Essa abordagem literária permite uma compreensão mais profunda das nuances e contradições da condição humana.

No entanto, é importante observar que essa perspectiva pode ser contestada, uma vez que alguns críticos podem argumentar que a literatura e a historiografia são disciplinas distintas, cada uma com seus próprios objetivos e métodos. Enquanto a literatura pode oferecer *insights* únicos sobre a experiência humana, a historiografia se baseia em evidências empíricas e métodos de pesquisa rigorosos para reconstruir o passado de forma precisa e objetiva. Portanto, embora a literatura possa complementar a historiografia, ela não deve substituí-la como fonte principal de conhecimento histórico.

Vale destacar que, no início, a amizade entre as duas, Ignez e Orminda, passou por alguns desentendimentos:

Orminda Castilho percebera logo, com a fina intuição que possuía, o meu retrahimento para com ella, a especie de desgosto quando a via.

[...]

Chamara-me desconfiada no que as outras acharam immensa graça. Parecia-me impossivel perdoal-a. As côres carregadas da minha paixão tingiam a sua graciosa belleza: não podia vel-a nem supportal-a. O franco sorriso parecia-me atroz; o olhar limpido e intelligente produzia o efeito de lamina que me ferisse (Valdez, 1907, p. 42 - 43).

Orminda é retratada como uma figura perceptiva, capaz de captar o distanciamento emocional da narradora e de responder a isso de maneira sutil. Por outro lado, Ignez revela-se profundamente dominada por emoções intensas e conflitantes, incapaz de suportar a presença de Orminda, o que sugere uma relação marcada por complexas dinâmicas de poder e sentimentos não correspondidos. A tensão entre as duas personagens destaca a forma como as relações femininas podem ser atravessadas por questões de desejo, controle e vulnerabilidade.

A narrativa, carregada de emoções, reflete o impacto profundo que essas dinâmicas têm sobre a narradora, especialmente em termos de memória e saudade. A paixão não correspondida de Ignez e a postura mais distante e observadora de Orminda criam um espaço onde as lembranças são impregnadas de dor e anseio, transformando a memória em um campo de batalha emocional. A construção cuidadosa da narrativa e a caracterização das personagens contribuem para uma experiência de leitura que envolve o leitor, levando-o a refletir sobre as complexidades das relações femininas, onde o espaço das lembranças se torna um lugar de confronto entre o que foi vivido e o que se desejou. Importante recordar aqui que, segundo Tayza Cristina Nogueira Rossini (2016, p. 5), a literatura escrita por mulheres, por meio de

suas diversas maneiras de representar a realidade, tem criado novas formas de expor e revelar a figura feminina, que durante muito tempo foi silenciada tanto na literatura quanto na realidade fora dos textos. Dessa forma, essa produção literária tem estabelecido novos padrões que buscam superar a distinção e separação das categorias binárias de gênero, uma vez que anteriormente apenas a voz masculina era o detentor deste discurso.

A relação evolui e a amizade começa a prevalecer, como destaca Ignez na seguinte reflexão:

Mas pensava commigo: Que destino desgraçado atravessou tal moça em meu caminho! Como se é victima da fatalidade!
 Ah! Orminda! Quem diria que poucos tempos depois me havias de patentear o teu coração aberto a todos os sentimentos generosos e bons com que Deus adorna os seus escolhidos?!
 Quem diria que nos tornaríamos o que depois fomos?
 Hoje no separam os caprichos da fortuna e a vastidão intermina do mar: no instante da despedida chorámos ambas esse affecto mutuo que ia transmutar-se em dulcissima recordação da nossa mocidade, em inextinguivel lembrança do passado (Valdez, 1907, p. 45).

Inicialmente, Ignez expressa descrença na possibilidade de um relacionamento feliz com Orminda, atribuindo sua presença em sua vida à "fatalidade". No entanto, ao longo do tempo, ela testemunha uma transformação profunda, reconhecendo em Orminda qualidades de generosidade e bondade que antes lhe escapavam. Através das palavras da narradora, somos conduzidos por uma jornada emocional que se estende da descrença inicial até a aceitação e o florescimento de uma afeição genuína.

Essa narrativa não é apenas reflete sobre as mudanças de circunstâncias e personalidades ao longo dos anos, mas aponta para uma evocação das complexas dinâmicas femininas. A melancolia e a saudade que permeiam a memória de Ignez refletem um espaço de lembranças onde as emoções conflitantes e as relações femininas se entrelaçam. O desenvolvimento da conexão entre Ignez e Orminda serve como um espelho para explorar como o feminino é moldado por essas lembranças, revelando um espaço íntimo e profundamente afetivo onde as relações entre mulheres são reavaliadas e reinterpretadas com o passar do tempo.

Moacyr Scliar ao analisar a *Melancolia I* (1514), de Albrecht Dürer, postula que

Como O cão, a memória é um fiel acompanhante do homem. Memória às vezes sombria, como evidenciado pela própria cor escura do animal, mas memória, de qualquer jeito, cuja presença correspondia à

obsessão renascentista de evocar, lembrar [...] Havia um preço a pagar por toda essa memória, toda essa cultura armazenada; era preciso voltar-se para dentro de si mesmo e até retirar-se do mundo, como fez Montaigne. O resultado era mais melancolia — que Vives associava à memória, às lembranças. Como diz Proust, que fez da memória um ponto de partida para sua obra: não há memória sem melancolia, não há melancolia sem memória (Scliar, 2003, p. 83).

O autor associa a memória à melancolia de forma direta, argumentando que não há uma sem a outra. Embora essa conexão seja intrigante e tenha raízes em várias tradições filosóficas e literárias, é importante reconhecer que a memória e a melancolia são conceitos distintos, embora possam estar interligados em muitos casos. Essa sobreposição pode simplificar demais a complexidade desses fenômenos e obscurecer outras facetas importantes de suas interações.

A citação pode nos sugerir que a memória e a cultura armazenada são atributos inerentemente valiosos, mas também menciona o "preço a pagar" por elas, que inclui a retirada do mundo e a melancolia associada. Essa reflexão levanta a questão de se a memória e a cultura armazenada são sempre benéficas ou se podem, às vezes, ser fontes de angústia e sofrimento. Além disso, o trecho pode idealizar a busca pelo conhecimento e pela introspecção, sem considerar plenamente os desafios e as complexidades envolvidos nesse processo.

Segundo a visão do crítico a melancolia é intrinsecamente ligada à memória e às lembranças, o que pode ser contestado. Embora a memória possa, de fato, desencadear sentimentos de melancolia ao recordar eventos dolorosos do passado, nem todas as formas de melancolia têm origem na memória. Existem diversas causas para a melancolia, incluindo fatores genéticos, bioquímicos e ambientais, que não necessariamente dependem da memória para se manifestarem.

O estudo, *Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil* (2003), de Scliar sobre a melancolia e a literatura oferece uma perspectiva valiosa sobre a relação entre esses dois temas. Scliar argumenta que a literatura é uma forma de expressão que permite aos indivíduos lidar com a melancolia de maneiras diversas, oferecendo uma plataforma para explorar e confrontar emoções dolorosas, bem como para encontrar significado e consolo.

O texto ainda destaca como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para explorar a experiência humana da melancolia. Através de personagens, enredos e imagens evocativas, os escritores podem transmitir de forma vívida e autêntica os sentimentos de tristeza, solidão, perda e desespero que acompanham a melancolia. Por conseguinte, preconiza

que a literatura oferece uma forma de catarse para os leitores, permitindo-lhes identificar-se com personagens e situações que ecoam suas próprias experiências de melancolia. Ao se envolverem com narrativas que refletem suas próprias lutas emocionais, os leitores podem sentir-se menos isolados em suas emoções e encontrar conforto na percepção de que não estão sozinhos em sua dor.

A transformação de Orminda ao longo do tempo e a lembrança nostálgica de seu relacionamento destacam a natureza fluida das relações humanas e a capacidade da memória de preservar e transformar o passado. Dessa forma, a linguagem poética e melancólica utilizada no trecho contribui para a atmosfera nostálgica e reflexiva da narrativa. Os sentimentos da voz narrativa são expressos de maneira vívida e emotiva, envolvendo o leitor na jornada emocional do personagem. É demonstrada a habilidade da Alba Valdez em criar uma narrativa envolvente e evocativa, capaz de transmitir nuances sutis de emoção e experiência humana.

Ignez não narra apenas a evolução da sua amizade com Orminda, mas também com Celeste, que a considera como sua melhor amiga. Expõe seus dias de rotina escolar ao lado de suas colegas e professores, além de apresentar seus dias com a família, na vizinhança e nos finais de semana. A princípio se tratam de recordações dos momentos vivenciados por Ignez, uma vez que inicia a narrativa afirmando: “Hoje relendo os velhos papéis dei com uma das missivas me que endereçou Orminda Castilho, antiga companheira de estudos e uma das minhas melhores amigas, enquanto cursei a Escola Normal” (Valdez, 1907, p. 8). A carta recebida da amiga a fez navegar pelos mares das memórias vividas ao seu lado. A imagem que lhe surgiu é da figura divertida de Orminda na adolescência, que esteve ao seu lado durante o seu tempo de estudos, pois “Estar triste ao pé de Orminda era tão impossível como um crente fervoroso ver passar o sagrado viático e não se por de joelhos” (Valdez, 1907, p. 7). Cena esta que manteve em sua mente mesmo com o passar dos anos.

Em relação a memória, Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos, observa que:

Ao aludir à possibilidade da experiência humana ser construída pela memória atemporal, percebida de forma caleidoscópica, Proust eleva a arte à condição de espaço privilegiado do cruzamento tempo espacial, percebendo-a como único núcleo possível de representação da síntese operada entre instante e duração. Esta percepção reaparece em outros discursos produzidos no oitocentos; pontuam o caráter criador da memória e situam-na fora da compreensão da possibilidade de um resgate tranquilo. Esta visão reaparece nos discursos da historiografia e da filosofia novecentista. A partir deste esteio, a memória é percebida como peça fundamental na construção de identidades e impensável fora da relação entre o individual e o coletivo (Ramos, 2011, p.101).

A autora postula que os estudos de Proust elevam a arte à condição de espaço privilegiado para a representação da síntese entre instante e duração, destacando a importância da memória como elemento fundamental nesse processo. Embora seja verdade que Proust tenha explorado de maneira magistral a relação entre memória, tempo e arte em sua obra *Em Busca do Tempo Perdido*, é importante não idealizar excessivamente a capacidade da memória ou da arte de capturar a complexidade da experiência humana. Tanto a memória quanto a arte têm limitações intrínsecas na representação da realidade, e é importante reconhecer essas limitações ao interpretar sua função e significado.

A citação ainda destaca que a memória é percebida como uma peça fundamental na construção de identidades individuais e coletivas. Essa ideia levanta questões importantes sobre a natureza da memória e sua relação com a identidade pessoal e cultural. No entanto, é importante reconhecer que a relação entre memória, identidade individual e coletiva é complexa e multifacetada, e pode variar de acordo com o contexto cultural, social e histórico. A carta enviada pela amiga reacende a memória de Ignez, dos fatos que ocorreram quando estiveram lado a lado e, por conseguinte, estes momentos foram também responsáveis por as moldar como sujeito e criar uma conexão que perduraria na vida adulta.

Na sequência da narrativa ao recordar a amiga durante os tempos de escola, a narradora apresenta uma evocação ao passado:

O passado!... Ha sempre nestas palavras a harmonia dolente de um suspiro que se ala, embora o presente não se debuxe tão mau e o caminho andado nem tenha sido sempre macio estendal de flores.
 Pobre atomo perdido nas grandezas do universo, a creatura humana basêa sua felicidade nesta legenda indelevel que Deus lhe insculpiu no coração: – Esperança e saudade.
 A evocação de um sorriso de amor que lhe povoou uma noite calada e melancólica basta-lhe – que de vezes! Para applacar dores profundas. Docemente consolador é a gente recordar-se de que ao menos um instante julgou-se feliz, entrevendo a miragem fugidia de um sonho.
 Nas grandes tormentas moraes, através de lagrimas que cáem, qual formoso arco-iris anunciando o bom tempo, rebrilhando no ether calmo e azul, a esperança surge: e sempre bela, sempre luminosa aparece e reaparece té na morte desvendando o glorioso humbral do paraíso (Valdez, 1907, p. 8).

O trecho em questão aborda temas profundos e reflexivos sobre o passado, a condição humana e a importância da esperança e da saudade. A expressão "O passado!..." aparenta estar repleta de uma carga emocional forte e ambivalente. A ideia de que o passado é

revestido pela "harmonia dolente de um suspiro que se ala" indica uma mistura de nostalgia e tristeza. Essa parte reflete a complexidade de olhar para trás, reconhecendo tanto as alegrias quanto as dificuldades enfrentadas ao longo do caminho. A referência ao ser humano como "pobre átomo perdido nas grandezas do universo" ressalta a pequenez da humanidade diante da vastidão cósmica. Essa visão pode evocar um sentimento de humildade e vulnerabilidade, destacando a importância de encontrar significado e felicidade em meio à vastidão do universo.

A citação sugere que a felicidade humana é fundamentada na "legenda indelevel" que Deus inscreveu no coração humano: "Esperança e saudade." Essa ideia de que a capacidade de esperar por um futuro melhor e a lembrança de experiências passadas são elementos essenciais para a busca da felicidade. A evocação de um "sorriso de amor" como uma fonte de consolo revela a importância das memórias e da capacidade humana de encontrar conforto nas lembranças felizes, mesmo em meio a momentos difíceis. O ato de recordar um momento de felicidade pode ser um antídoto para as dores presentes.

A metáfora do "arco-íris anunciando o bom tempo" propõe que, mesmo nas "grandes tormentas morais," a esperança persiste. Essa imagem poética destaca a resiliência humana e a capacidade de vislumbrar um futuro melhor, mesmo diante das adversidades. A referência à esperança que persiste "até na morte desvendando o glorioso umbral do paraíso" insinua uma crença na transcendência e na possibilidade de uma existência paradisíaca após a morte. Isso reflete uma perspectiva espiritual sobre a esperança como algo que transcende as fronteiras da vida terrena.

Na sequência, a carta escrita por Orminda lhe proporciona recordar do momento em que conheceu Celeste, uma grande amiga que conhecera no dia da matrícula, “<<E a tua decantada Celeste?>> perguntara Orminda. Celeste foi para a minha vida o que a estrella é para a nesga de ceu que a encerra” (Valdez, 1907, p. 10). Recorda assim o dia em que a viu pela primeira vez, o dia que do céu caía uma chuva torrencial. Em meio a rotina da Escola Normal, vozes das aulas e dos professores podiam ser escutadas pelos corredores, Ignez a viu,

Encostada á varanda do lado sul, alheia ao borborinho que se produzia em derredor, uma moça olhava demoradamente a serra que azulava no fundo do horizonte: sua fisionomia, donde resumbrava indefinível doçura mantinha-se impassível, empolgadora.

Tinha na face onde lhe fulguravam os olhos negros e seductores a pallidez delicada das rosas brancas: vestia traje de cassa, simples, sem uma fita, sem uma renda.

Que linda estava assim, o busto levemente inclinado para diante contemplando a serra que parecia immersa num copioso banho de anil!

O encanto, a poesia serenada sua mocidade, a aureola de bondade que circumdava aquella fronte virginal despediam um fluido de sympathy, quiçá de adoração por toda sua pessoa, que instintivamente, machinalmente me approximei da varanda a que se arrimava. Ella chamava-me, atraia-me com aquelle isolamento parecido com o meu (Valdez, 1907, p. 11 - 12).

Celeste é descrita como alheia a agitação ao redor, o que destaca sua singularidade e introspecção. A escolha de se distanciar do tumulto pode sugerir uma característica de contemplação ou mesmo de alienação, o que pode ter implicações para a caracterização da personagem. O seu traje desprezioso, sem fitas ou rendas, indica a sua simplicidade e naturalidade. Este detalhe simbólico sugere ser uma pessoa desprovida de adornos artificiais, o que reforça a pureza ou autenticidade da personagem.

A descrição destaca a meiguice na fisionomia da Celeste, sua aura de bondade e o fluido de simpatia que ela emana. Esses elementos contribuem para a criação de uma personagem carismática e cativante. A última parte do trecho sugere uma atração entre a narradora e a moça. A aproximação "instintiva" da narradora à varanda e a sensação de que ela o chama e atrai com seu isolamento cria um elemento de tensão ou fascínio na narrativa. O trecho utiliza uma linguagem poética e imagens vívidas para criar uma atmosfera envolvente e ao mesmo tempo saudosa. A caracterização da moça e a interação entre os personagens adicionam camadas de complexidade emocional à narrativa, proporcionando uma experiência sensorial e emocional ao leitor.

A sororidade, que diz respeito à solidariedade, empatia e apoio mútuo entre mulheres, é um conceito profundamente relevante na análise do trecho que descreve Celeste. Embora o texto não mencione explicitamente a sororidade, essa ideia pode ser explorada no decorrer da caracterização da personagem e suas interações, ou falta delas, com o ambiente ao seu redor. Ivana Carolina Santos da Silva, ao buscar definir sororidade, afirma que

De acordo com Ana Penkala, o termo sororidade tem origem no período pós Medieval, na palavra *sorōritās* (do Latim Renascentista) e do termo em latim para *irmã, soror*. Ademais, “nos EUA, muitas freiras ainda usam soror para se designarem com o mesmo sentido que se usa *irmã*, no português, como sinônimo de freira. Também nos EUA, as organizações femininas de universitárias são chamadas *sorority* como sinônimo de *sisterhood*” (PENKALA, 2014, p.225).

Para além da escrita, a pesquisadora define o significado de sororidade como um pacto político e ético de irmandade entre as mulheres que despertam práticas a fim de preservar e estimular a proteção, solidariedade e defesa entre as mulheres e, assim, enfrentar o patriarcado (PENKALA, 2014, p.225) (Santos da Silva, 2016, p. 47).

Para além da etimologia e do uso linguístico, Penkala define "sororidade" como um pacto político e ético de irmandade entre mulheres. Esse conceito visa despertar práticas que promovam a proteção, solidariedade e defesa mútua entre as mulheres, com o objetivo de enfrentar e desafiar o patriarcado. Portanto, a sororidade é entendida como um laço de amizade e apoio, mas sim uma estratégia de resistência e empoderamento feminino, essencial para a luta contra as estruturas patriarcais opressoras.

Essa definição é corroborada por Santos da Silva, que também enfatiza a importância da sororidade como uma aliança estratégica entre mulheres para promover mudanças sociais e políticas significativas. A sororidade, nesse sentido, se torna uma ferramenta crucial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as mulheres podem se apoiar mutuamente na busca por seus direitos e na superação das desigualdades de gênero.

Uma vez que Celeste é retratada como alheia à agitação ao redor, o que pode inicialmente sugerir um certo isolamento. No entanto, esse distanciamento pode ser interpretado como uma forma de resistência às expectativas sociais que cercam as outras mulheres. Sua introspecção e simplicidade podem ser vistas como uma escolha consciente de não se envolver em competições ou comparações superficiais que muitas vezes permeiam os ambientes femininos sob influência patriarcal. Nessa escolha, há uma forma de sororidade silenciosa: ao recusar-se a participar de dinâmicas que podem ser prejudiciais, Celeste está, de certa forma, optando por preservar a integridade das relações femininas.

A descrição de Celeste como alguém que se veste de maneira simples, sem adornos artificiais, podemos compreender como uma rejeição das normas que frequentemente pressionam as mulheres a se conformarem a certos padrões de beleza e comportamento. Esse ato de autenticidade pode inspirar outras mulheres a fazer o mesmo, criando um espaço onde a sororidade se dá não pela semelhança superficial, mas pelo reconhecimento e respeito pela individualidade e essência de cada uma.

A apresentação de Celeste como uma figura de pureza e autenticidade sugere que ela possui um papel simbólico dentro do texto. Ela pode ser vista como um ponto de referência ou contraste para outras personagens femininas, destacando como diferentes mulheres lidam com as expectativas sociais e suas próprias identidades. A sororidade aqui pode se manifestar na maneira como Celeste influencia, direta ou indiretamente, as outras personagens a refletirem sobre suas próprias escolhas e valores.

A presença de Celeste e sua forma de ser traz à tona questões sobre o que significa ser mulher em um ambiente que muitas vezes impõe máscaras e superficialidades. A sororidade,

então, pode ser vista como uma força latente que permite às personagens se apoiarem e se reconhecerem umas nas outras, em seus pontos fortes e em suas vulnerabilidades. Por conseguinte, a narrativa pode estar usando Celeste para questionar e desafiar as normas sociais, promovendo uma forma de resistência através da solidariedade e compreensão mútua entre as mulheres. Nesse sentido, ainda segundo Rossini (2016, p. 5), a crítica literária feminista começou a atuar com o objetivo de possibilitar a representação de perspectivas sociais que o cânone literário masculino não conseguiu evidenciar, desvendando a história tradicional e sexista da representação das mulheres na literatura produzida por homens. Esse movimento permitiu a inclusão de vozes que antes eram marginalizadas, tanto na criação de textos quanto na representação literária, contribuindo para que essas vozes fossem inseridas e legitimadas no campo literário.

Portanto, ao analisar esse trecho da narrativa, a sororidade vai além de uma questão de apoio explícito, é sim a escolha de viver de maneira autêntica e introspectiva pode criar um espaço no qual outras mulheres são convidadas a se reconectar com suas próprias verdades e a se apoiarem mutuamente nessa jornada. Fator que enriquece a narrativa e a complexidade das personagens, fazendo com que a sororidade se manifeste de forma mais profunda e significativa.

A saudade é despertada em Ignez por meio de suas memórias durante a narrativa e está associada a momentos como ao recorde de sua casa, mãe, escola e entes queridos, como observamos no trecho a seguir:

Como se o éco de minha propria voz viesse de muito longe, modulado por alheios labios, o pensamento, por uma associação de idéas natularissima, voou para minha mai, para minha casa. Procurei descobrir esta entre a confusão de telhados que se agglomeravam e saudade inexprimível que participava mais da dor assoberbou-se dentro de minh'alma, impetuosa como vaga encapellada.

Senti-me só como se estivera num ermo [...] tive desejos de ver-me fora daquele ajuntamento, descer as escadas e correr, correr mais que aquella amorosa mai que conduzia o filho nos braços, galgar a distancia e atirar-me de encontro ao coração dos meus, numa explosão de soluços, pedindo que me significassem um pouco de affecto (Valdez, 1907, p. 12 - 13).

A narradora utiliza uma linguagem poética e imagens sensoriais para transmitir a intensidade da emoção. A metáfora do "éco de minha própria voz" propõe uma desconexão emocional, como se a voz narrativa fosse distante e alterada por influências externas. A associação de ideias que leva o pensamento de volta à mãe e à casa contribui para a profundidade emocional. A descrição da confusão de telhados e a "saudade inexprimível" cria

uma atmosfera de desorientação e nostalgia. A saudade é apresentada como uma emoção avassaladora, o que intensifica a solidão e a dor sentidas por Ignez.

A sensação de solidão é acentuada pela imagem de estar em um "ermo" e o desejo de escapar do "ajuntamento". Essa falta não parece ser física, mas emocional, como se a narradora estivesse separada de seus entes queridos física e emocionalmente. Já o desejo de "ver-me fora daquele ajuntamento" e a vontade de correr em direção aos entes queridos revelam uma necessidade profunda de afeto e conexão. A imagem da mãe amorosa que conduz o filho nos braços contrasta com a solidão da narradora, destacando a falta de apoio emocional. Podemos notar que a imagem descrita por Ignez transmite uma experiência intensamente emocional, utilizando uma linguagem rica em metáforas e imagens sensoriais para capturar a solidão, a saudade e o desejo de conexão emocional.

Dessa forma, notamos que ao abordar sobre a saudade, Paulo Borges (2018, 469 - 470) a apresenta como uma experiência que transcende a percepção sensorial e a compreensão intelectual. Ao descrevê-la como algo inerente ao espaço que o sujeito se encontra, ela se torna extremamente abstrata e difícil de ser compreendida. Embora essa abstração possa ser interessante em termos poéticos ou filosóficos, é problemática quando se trata de comunicar efetivamente o significado da saudade. Percebemos que ainda nesse instante Ignez se encontrava ao lado da sua nova companheira da Escola Normal e antes de fazer sua devida apresentação, e nesse momento ela divaga por meio de suas memórias que a fazem transbordar de saudade. Uma vez que, ainda segundo o referido crítico, este sentimento está ligado a um aspecto transcendente e imanente da existência, algo que está além da compreensão racional e das experiências materiais. Pode-se ressoar com algumas interpretações espirituais ou místicas da vida e da realidade, mas pode ser difícil de conciliar com uma perspectiva mais científica ou empiricamente orientada.

Ainda se referindo a saudade, Hilário Franco Júnior postula que:

Saudade reporta-se a algo perdido, concreto ou abstrato – pessoa, objeto, espaço ou tempo, ou tudo isso junto – fato que afeta o presente e estabelece relações ambíguas com o futuro, pois indica a dor de um passado perdido e ao mesmo tempo desejo e esperança de recuperá-lo [...] quando relativo a pessoas, é bidirecional: é saudoso tanto o sujeito que parte quanto aquele que fica (Franco Júnior, 2017, p. 142).

O autor destaca que a saudade pode se referir a várias formas de perda, tanto concretas quanto abstratas, incluindo pessoas, objetos, espaços ou tempos. Essa abordagem reconhece a amplitude do fenômeno da saudade e sua capacidade de afetar diferentes aspectos da vida de

uma pessoa. Nesta perspectiva, ressalta que a saudade não se limita ao passado, mas também influencia o presente e estabelece relações ambíguas com o futuro. Dessa forma, a saudade pode moldar as experiências atuais de uma pessoa e influenciar suas esperanças e expectativas para o futuro, tanto por meio do desejo de recuperar o que foi perdido quanto pela dor da ausência.

Uma das observações mais interessantes da citação anterior é que a saudade é bidirecional quando se trata de pessoas. Tal ideia significa que tanto quem parte quanto quem fica podem experimentar sentimentos de saudade. Por conseguinte, desafia a ideia convencional de que apenas aqueles que ficam sentem saudade daqueles que partem, reconhecendo que a separação pode ser igualmente dolorosa para ambas as partes envolvidas, como é perceptível na relação de Ignez com suas amigas ao recordar os momentos os quais estavam reunidas ou o envio da carta de Ormindá para com a amiga se encontrava.

Retomando a narrativa, Ignez apresenta ainda mais uma lembrança feliz que tinha de sua amiga Celeste, desta vez referente à primeira vez que a recebera em sua casa:

Linda tarde aquella em que Celeste veiu passar commigo! Domingo. O bond parou á nossa porta e ella desceu toda vestida de branco com um farto ramallete de mimos do céu na mão direita. Pela manhan tinha-me escripto um bilhete avisando que viria ás 3 horas e não ás 10 como promettera por causa dos deveres do dia seguinte. Pessoalmente desculpouse da falta involuntaria, depois de cumprimentar meu pai e minha mãe, offerecendo a esta para o seu sanctuario, o ramallete e transmittindo protestos de estima de sua mãe, viuva de um professor aposentado. Conversou muito tocando em diversos assumptos. A Escola Normal proporcionava-lhe maior área de acção: referiu a meus pais como me vira a primeira vez no dia da matricula, triste, acabrunhada, a modo de quem soffria. Elles sorriram-se de minha fraqueza antecipada. Entrou em explicações pessoaes: estudava com o fim de ser professora para ajudar a mãe que costurava para fóra (Valdez, 1907, p. 39 - 40).

A passagem retrata uma cena carregada de emoções que destacam os sentimentos de saudade e nostalgia vividos por Ignez. Ela relembra com carinho uma tarde em que Celeste veio visitá-la, trazendo à tona memórias vívidas desse momento. A imagem de Celeste chegando com um vestido branco e um buquê nas mãos simboliza pureza e afeto, enquanto o fato de ela ter se atrasado e se desculpado pessoalmente revela seu cuidado e consideração por Ignez. A menção aos cumprimentos de sua mãe viúva sugere a importância das relações familiares e do apoio mútuo entre mulheres, reforçando a conexão emocional entre as personagens. Nesse contexto, a memória de Celeste se torna um espaço de lembrança onde o feminino se manifesta por meio da delicadeza e da atenção aos detalhes, fortalecendo a ideia

de que as experiências compartilhadas entre as personagens femininas são essenciais para a construção de suas identidades e afetos. Ao fazer um paralelo entre melancolia e nostalgia, Franco Júnior apresenta que:

Melancolia refere-se sobretudo ao tempo, ao presente esvaziado de desejos e pleno do pecado de tristeza que se reflete em futuro despedaçando [...] Nostalgia diz respeito ao espaço abandonado e que se tem desejo de recuperar [...] estados afetivos são unidirecionais, o sujeito é melancólico em relação a algo impreciso que não é ele mesmo, assim como a terra abandonada que provoca nostalgia não é ela mesma nostálgica (Franco Júnior, 2017, p. 142).

O autor destaca que a melancolia está principalmente ligada ao tempo, descrevendo um presente esvaziado de desejos e cheio de tristeza que se estende para o futuro, enquanto a nostalgia está relacionada ao espaço, referindo-se a um lugar abandonado que se deseja recuperar. Essa distinção entre as duas emoções fornece uma base interessante para entender suas diferenças fundamentais e como elas podem se manifestar de maneiras distintas nas experiências humanas.

Tanto a melancolia quanto a nostalgia são estados afetivos unidirecionais, em que o sujeito experimenta essas emoções em relação a algo externo a ele. No entanto, essa visão pode ser contestada, pois as emoções humanas são muitas vezes complexas e multifacetadas. Por exemplo, alguém pode experimentar melancolia em relação a aspectos de sua própria vida ou identidade, desafiando a ideia de que a melancolia é estritamente unidirecional em relação ao tempo.

Há ainda na citação a comparação do sujeito melancólico a algo impreciso e a terra abandonada à nostalgia, sugerindo uma desconexão entre o sujeito e o objeto das emoções. Essa comparação levanta questões interessantes sobre como as emoções são relacionadas e contextualizadas em relação ao mundo exterior e à experiência subjetiva. No entanto, pode-se argumentar que essa desconexão nem sempre é tão clara na experiência humana, e que muitas vezes nossas emoções estão intrinsecamente ligadas a pessoas, lugares ou eventos específicos em nossas vidas.

Ainda em relação a cena narrada por Ignez, a saudade está presente na descrição, pois a narradora parece reviver aquele momento com detalhes tão vívidos, sugerindo que é uma lembrança querida e significativa. Além disso, há uma ênfase nas interações pessoais e nos detalhes, como o vestido branco e o buquê de flores, que podem ser interpretados como símbolos de pureza e beleza, intensificando a atmosfera emotiva. Além disso, ao mencionar

os motivos pelos quais Celeste está estudando para se tornar professora, revela-se um desejo de ajudar a mãe, evidenciando a importância das relações familiares e das responsabilidades pessoais. Esses elementos contribuem para a construção de uma narrativa rica em emoções e reflexões sobre o passado, destacando a temática da saudade e da nostalgia.

Ao recordar o ambiente escolar, Ignez é transportada para o espaço físico da escola, para as lembranças de sua antiga colega da escola primária. O encontro entre as duas não é apenas um reencontro casual, mas um mergulho profundo nos momentos vividos nos primeiros anos de estudo, repletos de nostalgia e significado. Ao longo da conversa, elas revisitam as memórias da antiga escola, os laços de amizade e camaradagem que compartilharam durante aqueles anos formativos. As reminiscências se estendem além dos eventos e atividades escolares, abrangendo também a figura marcante de sua primeira professora, cuja influência e ensinamentos deixaram uma marca indelével em suas vidas. Este encontro não é apenas uma troca de histórias sobre o passado, mas uma oportunidade para reconectar-se com as raízes de sua educação e para celebrar os laços duradouros que foram forjados no contexto da sala de aula. Segue a cena:

Voltei-me e dei de cara com a Nenê Rayol, minha colega de escola primária.
Oh! ella também por alli! E porque não viera desde o primeiro dia?
[...]
Falávamos da nossa velha aula, da nossa mestra tão bôa e dedicada.
Saudade pungiam-nos: reminiscencias brotavam.
— Nunca mais passaste por lá, Ignez?
Abanei a cabeça, negando (Valdez, 1907, p. 29 - 30).

O trecho desperta sentimentos nostálgicos e reflexivos em relação à infância e à escola primária. A presença inesperada da colega de escola desperta sentimentos de surpresa e melancolia. A conversa sobre a "nossa velha aula" e a "mestra tão bôa e dedicada" indica uma lembrança carinhosa do passado. Já o uso da palavra "Saudade" sugere uma profunda nostalgia e anseio pelos tempos antigos, contribuindo para a atmosfera emotiva do trecho. O diálogo entre os personagens, especialmente a pergunta "Nunca mais passaste por lá, Ignez?" e a resposta negativa da protagonista, cria uma interação que revela algo sobre a vida dos personagens após a escola primária. A negação pode indicar uma desconexão com o passado escolar ou uma mudança na rotina da personagem.

A cena aponta ainda temas como a passagem do tempo, as mudanças na vida dos personagens após a escola e a importância das relações e experiências da infância. A pergunta sobre a ausência da colega durante um período prolongado pode indicar uma reflexão sobre as

escolhas e trajetórias de vida. A interação entre os personagens revela uma ligação com o passado e convida o leitor a refletir sobre a passagem do tempo e as mudanças na vida dos protagonistas.

O ambiente escolar é um lugar onde os personagens literários interagem com colegas, professores e outros membros da comunidade escolar. Essas interações podem influenciar seus valores, atitudes e comportamentos, bem como moldar seus relacionamentos sociais e emocionais ao longo do enredo. Portanto, se configura como um cenário rico e dinâmico que oferece uma ampla gama de possibilidades para a formação de personagens literários. Suas experiências e interações na escola ajudam a moldar quem são e como se relacionam com o mundo ao seu redor, enriquecendo assim a narrativa e a complexidade dos personagens literários.

3.3 Educação e Literatura

Ao se referir a educação no Brasil constatamos que obteve um aspecto importante com a publicação da “Carta de Lei de 11 de agosto e a Carta de Lei de 15 de outubro de 1827. Respectivamente, a primeira criando as Faculdades de Direito de São Paulo e de Recife; a segunda recomendando a organização da instrução primária e secundária na Corte e nas Províncias” (Andrade, 2010, p. 1). A partir desse momento o sistema educacional brasileiro começa a tomar forma, e, por conseguinte também no estado do Ceará,

foi sancionada a Lei nº 50, em 20 de setembro de 1836. Foi primeira de uma série voltada para a educação primária no Ceará. Regulamentava, dentre outras coisas, um plano de salários para os mestres de ensino, diferenciando os da capital das cidades e das vilas interioranas, o papel das câmaras municipais, ao estabelecer a prestação de contas dos mestres com aquele órgão e definiu o calendário escolar, a carga horária, o período reservado para as férias, bem como as datas e os critérios para os exames finais (Andrade, 2010, p. 4).

A obra *Dias de Luz* (1907) fora publicada em um período no qual o sistema de ensino cearense estava se estabelecendo, estruturado por leis e normativas. Ao iniciarmos esse tópico abordando brevemente a educação brasileira e cearense o fazemos com o intuito de analisar o diálogo sobre a idade de adentrar ao ensino da Escola Normal, que se encontra na já referida obra, como observamos seguir:

__ Descance. Isso é o menos, com pouco há de conhecer a todos. O que precisa é não desanimar. Estude. Não acha bonito uma menina estudiosa?
E examinando-me da cabeça aos pés:

__ Também, muito nova. Poia continuar na aula primária.

Era a segunda vez que ouvia alludir á minha extrema adolescência. A primeira tinha sido o Director que censurava o matricularem-se meninas que não possuíam um certo desenvolvimento intellectual (Valdez, 1907, p. 15).

Esse trecho parece transmitir a pressão social e a desaprovação enfrentadas pela narradora devido à sua idade e ao seu envolvimento na educação formal. A menção à "extrema adolescência" da narradora e a discussão sobre sua capacidade intelectual revelam uma visão sexista e estereotipada sobre as mulheres. A ideia de que uma menina deve possuir um certo "desenvolvimento intelectual" para frequentar a escola sugere normas discriminatórias de gênero e expectativas sociais injustas.

O conselho para "descansar" e a ênfase em sua juventude podem ser interpretados como uma tentativa de dissuadi-la de buscar educação avançada. Isso reflete a pressão social para que as mulheres se conformem a papéis tradicionais, em vez de buscar desenvolvimento intelectual e educacional. O fato de ser mencionada como "muito nova" e a sugestão de continuar na "aula primária" podem ser interpretados como uma forma de estigmatização da adolescência, como se a maturidade intelectual estivesse diretamente relacionada à idade. Dessa forma, reforçar estereótipos prejudiciais e limitar as oportunidades educacionais com base na idade e no gênero.

A atenção à "menina estudiosa" destaca a diferença de tratamento entre meninos e meninas quando se trata de educação. Essa diferenciação pode contribuir para a perpetuação de desigualdades de gênero, reforçando a ideia de que as mulheres devem priorizar características tradicionalmente associadas a feminilidade em detrimento da busca por conhecimento. A referência ao Diretor que critica a matrícula de meninas sem um certo "desenvolvimento intelectual" sugere discriminação e censura na busca por educação, destacando as barreiras que as mulheres podem enfrentar ao tentar acessar oportunidades educacionais.

Outra recordação dos tempos de escola, das aulas do seu professor de geografia, afirma que:

A palavra sahia-lhe malleaval e seductora para discorrer sobre as terras tradicionaes da velha Europa, a antiga civilisação da Asia, a Africa mysteriosa infestada de hordas barbaras e nomadas, a constituição geologica da Oceania, os painéis sem rivaes da America.

Recordo-me de que nessa epoca desenvolveu-se em mim desejo ardente de viajar, de navegar no Rheno em cujas margens se alteiam castellos fantásticos, nas janellas dos quaes scismam amorosamente louras fidalgas: de testemunhar os prodigios dos faquires. as miragens do deserto, o lotus do Ganges, os vestígios de grandeza da Roma dos cesares e da Hellade dos philosophos. E o Egypto com as suas pyramides, o Nilo legendário fertil de crocodilos medonhos! (Valdez, 1907, p. 37 - 38).

As aulas de geografia inspiraram em Ignez o fascínio por diversas culturas e regiões do mundo, provocando-lhe um desejo ardente de explorar e conhecer diferentes terras e civilizações. O trecho exposto abrange uma ampla gama de temas, desde as terras tradicionais da Europa até as miragens do deserto, pyramides do Egito e o Nilo lendário. Portanto, demonstra uma curiosidade abrangente e um desejo de explorar diferentes aspectos geográficos e culturais.

A narradora parece romantizar suas expectativas de viagem, mencionando castelos fantásticos, fidalgas loiras, prodígios de faquires e miragens do deserto. Tal fato pode indicar uma idealização das experiências de viagem, influenciada por uma perspectiva romântica ou fantasiosa da realidade. Há uma ênfase em terras e culturas diversas, como Europa, Ásia, África e Oceania. É importante observar como algumas descrições podem reforçar estereótipos exóticos sobre essas regiões. As referências a Roma dos césares, Hellade dos filósofos, pyramides do Egito e ao Ganges com o lótus sugerem uma conexão com a história antiga e mitologia. Notando uma apreciação das raízes históricas e culturais dessas regiões.

Há uma certa exaltação à presente figura do diretor da escola durante a sua formação:

Mas do pessoal docente o que se destacava incontestavelmente era o Diretor, ao mesmo tempo lente de Pedagogia e Methodologia. Nascera para ensinar e explicava tudo com pasmosa facilidade. Quando não comparecia um professor, substituiu-o e parecia que era sua aquella cadeira. Vigiava o ensino, mais por gosto do que por valer a sua autoridade e quando um methodo ou lição não lhe agradava procurava occasião para incutir no cérebro da assistencia conhecimentos mais bem encaminhados e mais sólidos (Valdez, 1907, p. 38).

Nesse trecho, o Diretor é descrito como uma figura proeminente no corpo docente, com sua habilidade enquanto professor e sua influência na gestão da instituição. A imagem apontada parece ser bastante idealizada, ao pontuar suas habilidades de ensino, facilidade em explicar e sua capacidade de substituir outros professores de maneira eficiente. Sugere-se que ele é um bom professor, exerce influência sobre a substituição de outros professores e na escolha dos métodos de ensino. Podendo levantar questões sobre a concentração de poder em

uma única figura, visto que se pode afetar a diversidade de perspectivas e abordagens no ambiente educacional.

O trecho ainda menciona que o diretor vigiava o ensino mais por gosto do que por autoridade. Uma vez que, pode indicar uma motivação intrínseca para melhorar o ensino, mas também poderia levantar questões sobre como sua opinião pode influenciar as práticas educacionais sem uma prestação de contas adequada. A frase "procurava ocasião para incutir no cérebro da assistência conhecimentos mais bem encaminhados e mais sólidos" destaca a abordagem ativa do Diretor em moldar a mentalidade das alunas. No entanto, pode gerar preocupações sobre a possibilidade de uma abordagem autoritária ou de manipulação da aprendizagem.

Interessante notar aqui que a figura do professor possuía certa relevância na visão de Ignez, visto que seus professores também escreviam para periódicos do Ceará, como destaca em sua narrativa:

Quase todos leccionavam também no Lyceu: o de Portuguez era redactor-chefe d'*A Tribuna* que surgira em pleno movimento abolicionista e desempenhara papel brilhantissimo na alforria dos escravos. Os folhetins que escrevia aos sabbados eram primores de elegancia e correcção adubados de humorismo e verve finissima (Valdez, 1907, p. 36).

Não somente os professores de Ignez eram educadores e escritores, assim também eram os da escritora Alba Valdez. Um dos nomes já destacado nesta pesquisa é o da Francisca Clotilde, escritora e professora, outro nome também já citado é o de Justiniano de Serpa, que também foi educador, escritor e editor do *Diário do Ceará*, periódico o qual Alba Valdez fez a sua primeira publicação. O trecho remete ao período do final do século XIX, quando o Brasil estava passando por intensas mudanças sociais, políticas e econômicas, particularmente em relação à questão da escravidão. O fato de o personagem mencionado ser um professor no Lyceu e atuar como redator-chefe de um jornal indica uma participação ativa nos debates públicos da época, especialmente durante o movimento abolicionista.

Podemos observar aqui que, quando as personagens em *Dias de Luz* (1907) fazem menção à educação ou à literatura, segundo os estudos apontados por Antonio Candido (2006, p. 35) em sua obra *Literatura e Sociedade*, a literatura não é apenas um reflexo da sociedade, mas também uma força ativa que influencia e é influenciada pelas dinâmicas sociais, refletindo as contradições, os conflitos e os valores de uma determinada época. Assim, observamos que a infância de Ignez estava marcada por um período histórico brasileiro que

despontava a interseção entre educação, jornalismo e ativismo social durante o período da abolição da escravatura no Brasil, destacando o papel dos intelectuais e dos meios de comunicação na promoção da mudança social e na defesa dos direitos humanos.

Outra cena interessante descrita por Ignez é uma discussão que ocorreu entre ela e suas companheiras de classe sobre a literatura nacional:

A conversa resvalou para as bellas letras, romances, poesias, dramas.
Dizia Gracinha Macedo, filha de um letrado da terra e membro do Instituto do Ceará:

— O livro que adoro, que acho o mais bello de todos, é *Iracema*. José de Alencar com a luz fulgentissima de talento genial synthetisou nesse poema de amor da patria todas as bellezas da nossa terra, todas as nossas dores e o desprezo da adversidade que é uma predominante do nosso character.

E Iracema?

Lembram-se voceis da bonita cabocla?

Daquelle infindavel amor aureolado das mais sublimes dedicações?

Iracema personifica a mulher cearense demonstrando como ella sabe ser esposa e mãe.

José de Alencar compondo aquella obra immortalisou o Ceará espalhando por sobre a sua natureza, as sua cousas, os seus filhos, um manto indestructivel de merecida admiração e doce poesia.

Legendaria terra de Alencar! proclama o Brasil de norte a sul.

Se os portuguezes se exprimem pelo estro do seu maior poeta:

<<Esta é a ditosa patria minha amada>> nós, os cearenses, repetimos o que escreveu o maior romancista brasileiro e um dos mais eminentes escriptores em lingua portuguesa:

<<Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba>> (Valdez, 1907, p. 48 - 49).

A conversa entre as colegas de classe revela uma visão apaixonada e elogiosa em relação à obra *Iracema*¹⁵, de José de Alencar¹⁶, e expressa um orgulho regional, especialmente em relação ao Ceará. O início do trecho destaca a mudança de assunto para "bellas letras, romances, poesias, dramas", demonstrando uma apreciação pela cultura literária, artística e um interesse por expressões artísticas mais refinadas.

A personagem Gracinha Macedo elogia *Iracema* como o livro que ela mais adora, destacando-o como "o mais bello de todos". A descrição da obra como um poema de amor à

¹⁵ Romance brasileiro escrito por José de Alencar em 1865.

¹⁶ **José Martiniano de Alencar** nasceu no Sítio Alagadiço Novo, em Messejana, Fortaleza-CE, no dia 1º de maio de 1829. De 1851 a 1855, fez parte do corpo redacional do "Correio Mercantil", sendo desse tempo, seus notáveis folhetins sob o título "Ao correr da pena". Foi, também, colaborador do "Jornal do Comércio". Em outubro de 1855 passou a dirigir o "Diário do Rio de Janeiro". Foi nomeado chefe de seção da Secretaria do Ministério da Justiça (1859). É o patrono da cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, escolhido por Machado de Assis. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 12 de dezembro de 1877, aos 48 anos de idade (Academia Cearense de Letras, 2024, s/p).

pátria que sintetiza as belezas e as dores da terra reflete uma interpretação emocional e nacionalista da literatura. A personificação de Iracema como a mulher cearense é apresentada como um exemplo de esposa e mãe, sugerindo uma idealização da feminilidade associada à cultura local, podendo ser interpretado como uma tentativa de vincular valores literários à identidade regional.

A análise destaca José de Alencar como um escritor que imortalizou o Ceará por meio de *Iracema*. A obra é vista como um manto indestrutível de admiração e poesia que se estende sobre a natureza, as coisas e os filhos da região. A referência à terra de Alencar como lendária e a comparação com a expressão dos portugueses sobre sua pátria sugerem um forte orgulho regional entre os cearenses. Há uma identificação profunda com a terra natal, e destacam-se as belezas naturais e a fauna característica. A conclusão com citações de obras de autores portugueses e brasileiros, reafirmando o amor pela terra natal, adiciona uma camada literária à declaração, estabelecendo uma conexão entre as tradições literárias portuguesa e brasileira.

A fala da colega foi ovacionada pelas companheiras de classe, mas uma das ouvintes, Corina Silva, questionou a sua colocação referentes às mulheres cearenses:

___ Santo Deus! Que sonho louco! De que serve uma mulher oradora e aqui no Ceará? O papel da mulher é outro bem diferente: creio que...

___ Sabes o que mais, Corina, interrompeu Ormindá com a sua melodiosa voz timbrada e com uma pequena ruga a cavar-se-lhe entre as sobrancelhas, ___ estás detestável com as tuas idéas retrogradadas: quem ouvisse diria ser tua bisavó a falar. Há oitenta annos atrás os pais não mandavam educar as filhas para que estas não escrevessem aos namorados.

Então queres que estacionemos na barbaria?

Quem amar a cozinha, faça-se cozinheira, quem se deleitar na costura, torne-se costureira e quem se julgar com força para as luctas da intelligência, mãos á obra.

Mera questão de gosto e de vocação.

Acho mais difficil a mulher ser soldado e não temos o exemplo de uma nossa patricia, pobre matuta dos Inhamuns que serviu na guerra contra o Paraguay? (Valdez, 1907, p. 50).

A discussão sobre o papel da mulher na sociedade, especialmente no contexto do Ceará, revela uma tensão entre visões conservadoras e o potencial de mudança nas percepções de gênero. O trecho começa com uma perspectiva tradicional, que restringe o papel da mulher, sugerindo que sua presença não é adequada como oradora e questionando a utilidade dessa posição para as mulheres cearenses. Essa visão reflete estereótipos de gênero profundamente enraizados, que limitam as ambições e o espaço de atuação das mulheres na esfera pública.

No entanto, ao fazermos um paralelo com o feminino e o espaço das lembranças femininas, percebemos que essas restrições não apagam as contribuições significativas das mulheres, seja na vida privada ou pública. As memórias femininas, muitas vezes confinadas ao espaço doméstico, carregam histórias de resistência, sabedoria e solidariedade que desafiam as normas impostas pela sociedade. Essas lembranças se tornam um espaço onde o feminino pode florescer, mesmo em meio às limitações. A oradora, mesmo questionada, representa uma ruptura com as expectativas tradicionais, abrindo caminho para que as vozes femininas sejam ouvidas e reconhecidas em todas as esferas, transformando as memórias e experiências das mulheres em elementos centrais para a redefinição de seu papel na sociedade.

Podemos destacar aqui que, segundo Rossini as “as práticas discursivas criadas a partir da perspectiva da mulher levam consigo novas formas de avaliar os papéis dos gêneros naturalizados pelas culturas patriarcais ao longo da história” (Rossini, 2016, p. 6). Assim observamos a importância das práticas discursivas desenvolvidas a partir da perspectiva feminina na reavaliação dos papéis de gênero. Essas práticas desafiam as normas de gênero naturalizadas pelas culturas patriarcais ao longo da história, propondo novas formas de entender e interpretar esses papéis. Ao trazer a voz e a visão das mulheres para o centro do discurso, essas práticas contribuem para a desconstrução de estereótipos e a criação de uma narrativa que reconhece a diversidade e a complexidade das experiências de gênero. Isso implica não apenas na redefinição dos papéis tradicionais, mas também na crítica das estruturas que sustentam essas concepções, promovendo uma visão mais inclusiva e equitativa das relações de gênero.

A interação entre as personagens Orminda e Corina evidencia um conflito de ideias. Orminda critica as ideias “retrogradadas” de Corina, indicando uma diferença de perspectivas em relação ao papel da mulher na sociedade. Esse conflito pode ser interpretado como uma representação das diferentes correntes de pensamento sobre a emancipação feminina na época. Orminda desafia as ideias conservadoras ao mencionar que, há oitenta anos, as filhas não eram educadas para escrever aos namorados. Podendo sugerir uma crítica às tradições e uma defesa da evolução dos papéis de gênero, argumentando contra a estagnação na “barbaria”. A personagem Orminda argumenta a favor da diversidade de escolhas para as mulheres, afirmando que cada uma deve seguir suas próprias inclinações e habilidades. A ideia de que as mulheres podem ser cozinheiras, costureiras ou participar das “lutas da inteligência” destaca uma visão mais progressista e inclusiva.

A referência à "matuta dos Inhamuns"¹⁷ que serviu na guerra contra o Paraguai destaca uma exceção à visão tradicional sobre o papel das mulheres na sociedade. Essa história serve como um exemplo de que as mulheres podem desempenhar papéis não convencionais, como o de soldado, desafiando as normas estabelecidas. Dessa forma, é perceptível uma crítica implícita às tradições antigas e defendendo a ideia de que as mulheres devem ter a liberdade de escolher seus caminhos com base em suas habilidades e preferências individuais.

Posteriormente a discussão volta a ser em torno da literatura:

__ Espera, Ormindá, atalhou Nêê Rayol, quero também dizer qual o meu favorito – Almeida Garret quando escreveu isto:
<<Saudade! Gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho>> (Valdez, 1907, p. 51).

A preferência de Nêê Rayol pelo trecho de Almeida Garrett sugere um apreço pela expressão poética e pela capacidade do autor de transmitir emoções complexas de uma maneira vívida e impactante. A escolha desse trecho específico ressalta a capacidade de Garrett em capturar a dualidade de sentimentos, característica importante na poesia. O trecho citado aborda a saudade como um sentimento paradoxal, misturando elementos de amargura e deleite. Após o comentário da Nêê Rayol, Ormindá Castilho demonstra o seu posicionamento em relação a preferência por algum autor literário. Segue sua fala:

__ Minhas senhoras, começou Ormindá Castilho, após venia graciosa. o maior escriptor no meu fraco entender é La Fontaine. As fábulas que compoz são primores da literatura franceza e encerram altos conhecimentos philosophicos. Elle apanhou quase todos os aspectos da vida humana e pôl-os nos immortaes apologos (Valdez, 1907, p. 51).

A afirmação de Ormindá Castilho de que La Fontaine é o maior entre os escritores é subjetiva e baseada em sua própria opinião pessoal. Utiliza termos como "primores da literatura francesa" e "altos conhecimentos filosóficos" para descrever as fábulas de La Fontaine, tais termos são bastante positivos. A expressão "venia graciosa" e o tom respeitoso contribuem para uma abordagem formal, o que é apropriado quando se faz uma análise crítica. No entanto, a formalidade não deve substituir a clareza e a substância do argumento. A fala parece ser para destacar o conhecimento literário abrangente da personagem,

¹⁷ Sertão dos Inhamuns, uma das microrregiões do estado brasileiro, pertencente à mesorregião Sertões Cearenses na porção sudoeste do Estado do Ceará. (IBGE, 2010). Trata-se de uma extensão no semiárido, em que o processo migratório foi motivado pela apropriação da terra e os conflitos entre famílias (Melo; Cruz, 2016, p. 202).

demonstrando que por ser mulher sua leitura não era restrita, mas possuía acesso e lia grandes nomes da literatura mundial.

Há ainda na narrativa uma menção a Lamartine¹⁸ quando a narradora Ignez fez uma reflexão sobre o comportamento da sua amiga, Alice, em relação ao dinheiro e à juventude. Cita o escritor para expressar o seu ponto de vista:

Lamartine escreveu num dos seus livros inesquecíveis: <<Ha seres assim, que irradiam, que deslumbram, que arrastam tudo na sua esfera de atracção, sem darem por isso, sem o desejarem e sem o saberem. Dir-se-ia que ha naturezas que têm um systema como os astros e que fazem gravitar em torno si os olhares, as almas, os pensamentos dos seus satélites. A beleza physica ou moral é o seu poder, a fascinação a cadeia com que prendem, o amor a sua emanção. A gente segue-as através da terra até o ceu onde cedo se somem: e quando deixa de as poder contemplar, o olhar fica como que deslumbrado e cego. Não se olha para mais ninguém merece ser visto. O proprio vulgo reconhece estes seres. não sei por que signal distincto. Admira-o sem os compreender, como os cegos de nascença que sentem os raios de sol sem verem a sua luz>> (Valdez, 1907, p. 69).

A citação que fora retirada dos escritos de Lamartine e expressa por Ignez, reflete sobre a presença magnética e cativante de certas personalidades, destacando a beleza física ou moral como fonte de poder, e a admiração que essas pessoas geram mesmo entre aqueles que não as compreendem completamente. O trecho foi escrito em um estilo poético e descritivo característico do poeta francês. Lamartine utiliza termos abstratos, como "seres assim" e "naturezas", sem fornecer exemplos ou características específicas dessas personalidades magnéticas. A falta de exemplos concretos pode tornar a reflexão mais difícil de relacionar ou entender completamente.

A visão apresentada parece simplificar a complexidade das relações humanas e da atração interpessoal, reduzindo-as a uma única fonte de poder. A ideia de que uma vez que alguém tenha sido deslumbrado por tais personalidades, "não se olha para mais ninguém merece ser visto", pode ser vista como uma visão restritiva da apreciação humana. Pode haver diferentes fontes de admiração e inspiração que coexistem e se complementam.

¹⁸ *Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine* (Mâcon, 21 de outubro de 1790 – Paris, 28 de fevereiro de 1869), escritor, poeta, diplomata e político francês, admirado por autores como Victor Hugo, Charles Nodier e Charles-Augustin Sainte-Beuve. Seus primeiros livros de poemas (*Primeiras Meditações Poéticas*, 1820 e *Novas Meditações Poéticas*, 1823) celebrizaram o autor e influenciaram o Romantismo na França e em todo o mundo. Seus poemas são caracterizados por profunda melancolia, cujos temas frequentes são religião e amor. Sua influência no Brasil pode ser encontrada em poetas como Castro Alves e Álvares de Azevedo (*Revista Prosa Verso e Arte*, 2024, s/p).

Após toda a discussão literária entre Ignez e suas colegas de classe, estas decidiram, em conjunto, criar uma organização para aprofundar os seus estudos:

Ormindá não estava menos radiante. Loquaz, espirituosa, progressista, ella aventou a idéa de se fundar uma sociedade cujo fim fosse o de auxiliar as consocias no estudo das diversas disciplinas que constituíam o curso, implantar o gosto pelo cumprimento dos deveres e outros artigos de mais ou menos valor cívico, intelectual e moral.

A directoria ficou composta por de Celeste, preside, por ser a mais adiantada de todas, de Genoveva Fernandes, Gracinha Macedo, Corina Silva e Nêê Rayol. Ormindá não aceitou cargo nenhum para poder agir com mais liberdade em favor da nascente agremiação.

[...]

— Inventei a sociedade e eu propria dar-lhe-ei o nome, submettendo-o á approvação de voceis: *Culto ao Saber*, pois que o estudo deve ser uma religião, merece mesmo logar de honra na historia das theogonias.

— Esplendido! Magnifico! *Culto ao Saber!* A divisa será: Amor e harmonia, exclamou enthusiasmada a Gracinha Macedo (Valdez, 1907, p. 62 - 63).

A sociedade idealizada por Ormindá visava promover o estudo e cultivar valores cívicos, intelectuais e morais, com a intenção de criar um espaço de aprendizado e crescimento para suas participantes. Embora o propósito da sociedade seja claramente delineado, os métodos específicos para alcançar esses objetivos permanecem vagos. A escolha das integrantes da diretoria foi influenciada pela competência e dedicação de Celeste, uma jovem com aspirações educacionais que, como filha de professor, almejava apoiar financeiramente a mãe. Sua nomeação destaca a importância do compromisso pessoal e da conexão familiar na construção do espaço da memória e da saudade, refletindo o papel fundamental das mulheres na sustentação das estruturas familiares e sociais.

A designação "Culto ao Saber" para a sociedade reflete a visão de Ormindá de que o estudo deveria ser reverenciado como uma forma de devoção. Esse nome evoca uma abordagem quase religiosa em relação ao conhecimento, sugerindo que o aprendizado é um caminho sagrado para o desenvolvimento pessoal e coletivo. No entanto, a resposta entusiástica das consocias à proposta de Ormindá, sem a menção de discordâncias ou conflitos, pode parecer idealizada, talvez omitindo as complexidades e tensões inerentes ao processo de formação de uma nova organização.

O espaço das lembranças femininas é enriquecido por essas dinâmicas, onde o papel das mulheres, suas ambições e suas interações são explorados. As memórias e a saudade dessas personagens são moldadas pela busca de um ideal comum, refletindo a importância da colaboração feminina e do suporte mútuo. Esse cenário evidencia como as experiências e

aspirações das mulheres são entrelaçadas, formando um tecido de recordações e sentimentos que sustentam suas identidades e contribuições para a sociedade.

Ao discorrer sobre a agremiação juvenil organizada por Ignez e suas colegas de classe há a possibilidade de se fazer um paralelo com a autora Alba Valdez que, como já expomos anteriormente, fundou em 1904, a primeira agremiação literária feminina intitulada Liga Feminista Cearense, e segundo Barroso, “O título dessa agremiação mostra-nos o espírito evoluído da nossa homenageada, com uma tônica diferente das de suas antecessoras intelectuais” (Barroso, 1971, p. 487). A liga foi uma iniciativa pioneira no contexto histórico brasileiro, promovendo a participação e organização das mulheres em atividades intelectuais e literárias. Barroso ainda postula que:

A vida e a obra de Alba Valdez, para quem as examina através de uma visão de conjunto, se desenvolvem num sentido de pioneirismo libertador, pois jamais lhe arrefeceu o ânimo forte e decidido em defesa de direitos que a mulher cearense teve dificuldades em ver reconhecidos. Vencendo tôdas as barreiras que a incompreensão da sociedade do seu tempo lhe antepunha, ao longo dessa caminhada de pioneirismo, certo é que Alba Valdez sempre as levou de vencida, impondo-se vitoriosamente e sendo respeitada e enaltecida pelo destemor pertinaz com que soube defender o direito da ascensão cultural, econômica e política da mulher cearense. Soube encarnar, à perfeição, o ideal feminista do seu tempo (Barroso, 1971, p. 489).

Segundo a bibliógrafa de Alba Valdez, o seu papel foi significativo na promoção da ascensão cultural, econômica e política das mulheres em sua comunidade, destacando sua contribuição para a causa feminista. Ao descrever sua vida e obra como marcadas pelo pioneirismo libertador, o trecho enfatiza a importância de seu legado na história das lutas pelos direitos das mulheres. Ao afirmar que Alba Valdez "encarnou à perfeição o ideal feminista do seu tempo", é importante reconhecer que o feminismo pode ter sido entendido e praticado de maneiras diversas ao longo da história.

Outro trecho que Ignez também traz à tona algo relacionado a literatura é sobre o dia que iria iniciar as suas aulas. A narradora recorda o momento em que organiza os seus velhos livros, a cena é descrita com certo pesar, em tom de despedida, como observamos a seguir:

Elles pareciam ciciar plangentemente: <<Adeus, Ignez! Outros horisontes vão descortinar-se ante os teus olhares, outras auroras mais deslumbrantes vão desmanchar a nossa lembrança. Nunca mais conviverás conosco, nunca mais beberemos as tuas lágrimas e os teus sorrisos, nem guardaremos as confidencias de tua infancia: mas metade de tua alma nos pertence, és quase nossa filha espiritual, pequena. Hemos de amar-te sempre. Adeus, adeus!>> (Valdez, 1907, p. 19).

A descrição é carregada de emoção, narrada com um sentimento de separação e melancolia. A metáfora dos livros "ciciando plangentemente" cria uma atmosfera de despedida, personificando os objetos inanimados e transmitindo uma sensação de perda iminente. Há uma certa idealização da relação entre Ignez e seus livros, sugerindo que eles detêm uma parte significativa de sua alma e que ela é quase uma filha espiritual deles. Essa idealização pode parecer um tanto fantasiosa e distante da realidade para alguns leitores, especialmente considerando que se trata apenas de objetos materiais. O trecho ainda consegue transmitir efetivamente uma sensação de partida e melancolia, contribuindo para o desenvolvimento do personagem de Ignez e sua relação com a literatura e seus objetos pessoais.

Assim como houve a despedida dos livros, houve também a despedidas dos brinquedos. Segue o trecho:

<<Tudo passa, Ignez: o dia glorioso, a noite misteriosa e negra: o sonho que descobre o céu e o pesar que o oculta. Tudo passa na voragem do tempo, querida. Adeus, adeus!>>
Lágrima, qual chama vitoriosa, luziu no meu coração e se reflectiu nos olhos.
[...]
Ao encaminhar-me para a Escola, elles acompanharam-me visualmente como se eu partisse para uma longa jornada.
E não era de facto a estrada da vida que eu devia palmilhar sósinha pela primeira vez? (Valdez, 1907, p. 20 - 21).

Ao retratar a despedida dos brinquedos, Ignez utiliza uma linguagem poética e metafórica que intensifica a sensação de transitoriedade da infância e a inevitabilidade da passagem do tempo. A expressão "voragem do tempo" encapsula a ideia de que o tempo avança de forma implacável, consumindo as memórias e os objetos que marcaram sua infância. Essa imagem poderosa sublinha o sentimento de perda e a efemeridade das experiências infantis.

A comparação da lágrima com uma "chama vitoriosa" é particularmente reveladora, sugerindo que, apesar da tristeza pela partida dos brinquedos, há um elemento de aceitação e força na expressão de suas emoções. A metáfora da chama acentua a profundidade do luto e aponta para uma resiliência interior e uma forma de celebração da transição.

A reflexão de Ignez sobre a sua primeira ida à escola adiciona uma dimensão significativa à sua separação dos brinquedos. Este momento é mais do que uma simples

despedida; é uma transição crucial para a vida adulta, que novos desafios e responsabilidades se apresentam. A partir dessa perspectiva, a partida dos brinquedos simboliza o início de uma nova fase em sua vida, marcada pela necessidade de enfrentar o desconhecido com coragem e determinação.

O espaço das lembranças femininas de Ignez é enriquecido por essas experiências, que moldam sua percepção da infância e do crescimento. A memória da despedida dos brinquedos e a introspecção sobre a nova etapa escolar revelam o impacto duradouro das experiências formativas na construção de sua identidade e na compreensão do papel da mulher em sua própria vida e na sociedade.

A personagem encontrava-se, naquele momento, despedindo-se da infância para ingressar em uma nova fase da vida, inaugurada ao entrar em uma nova escola. A menina viu-se compelida a crescer, uma vez que novos conhecimentos lhe seriam apresentados, transformando-a em um novo ser social. Embora a educação ainda estivesse sendo moldada para conformar a mulher aos preceitos da sociedade patriarcal, é perceptível que Ignez e suas amigas não se deixaram completamente enquadrar nesses padrões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nossa investigação podemos afirmar que embora a obra de Alba Valdez possa ser considerada como pioneira na representação da figura feminina como símbolo de liberdade, assim como postula Lopes e Câmara (2023). É lamentável constatar que, apesar de sua relevância, sua obra ainda não tenha recebido a devida atenção nos estudos acadêmicos dedicados à escrita feminina e à representação das mulheres na história.

Tal lacuna no reconhecimento acadêmico de Alba Valdez e sua obra é um fenômeno que merece ser investigado mais profundamente. A falta de material disponível para pesquisa sobre sua vida e obra indica um descompasso entre a importância de seu trabalho e o reconhecimento que ele recebe nos círculos acadêmicos. Dessa forma, a nossa decisão de iniciar uma pesquisa centrada em uma mulher escritora como Alba Valdez é um passo importante para preencher esse espaço e destacar a sua importância para a história da literatura brasileira. Ao buscar compreender quem foi Alba Valdez como escritora e educadora, procuramos abrir caminho para uma maior valorização de sua obra e uma compreensão mais profunda de seu legado.

No entanto, é fundamental que os estudos dedicados à escrita feminina e à representação das mulheres na história incluam uma análise mais detalhada da obra de Alba Valdez e seu impacto na cultura e na sociedade brasileira. Somente assim poderemos reconhecer plenamente a importância de sua contribuição e garantir que sua voz continue a ecoar através dos tempos.

Nesta tese, dedicamo-nos a apresentar a escritora cearense Alba Valdez, destacando suas contribuições intelectuais e literárias para a história da literatura brasileira. Realizamos um levantamento bibliográfico minucioso, explorando sua origem, trajetória educacional, carreira na educação, produção literária e seu papel no cenário literário do país. Este panorama é essencial, pois Alba Valdez, uma autora cujo nome muitas vezes foi esquecido, merece ser lembrada e valorizada.

Ao propor uma visita às obras escritas por Alba Valdez e iluminar sua importância no campo literário, buscamos reafirmar sua relevância, mas destacar como suas experiências pessoais e profissionais moldaram sua escrita. O espaço das lembranças femininas e o papel de Alba Valdez na literatura são centrais para nossa investigação, refletindo a importância de dar voz às autoras cujas histórias e legados ainda estão sendo redescobertos.

Na sequência, fizemos as análises das obras de Alba Valdez, colocando a mulher escritora e literata em questão. Em primeiro, concentramo-nos na análise de sua obra *Em*

Sonho... (Fantasias) (2017). Dentre as trinta e sete narrativas que compõem esta obra, destacamos quinze, tais como: “Noite cearense”, “Sonho e saudade”, “Recordações”, “Epístola”, “O frade de pedra”, “Fugitivas”, “Cair de folhas”, “O inverno e o campo”, “O despertar de um sonho”, “Ao voltar”, “O sonho do cego”, “Rejuvenescimento. Uma reminiscência antiga”, “A ermida”, “Caminho em fora” e “Folha de um livro”. Essas narrativas foram escolhidas por sua representatividade e relevância para a compreensão da temática e estilo literário de Alba Valdez. Ao analisar essas narrativas em detalhes, buscamos oferecer uma visão abrangente de sua contribuição para a literatura brasileira.

Fica evidente que a escrita de Alba Valdez de sua primeira obra está imersa em uma atmosfera rica de sentimentos e cenários, especialmente com suas descrições da natureza cearense, que têm o potencial de transportar o leitor para um espaço nostálgico. Os agrupamentos das narrativas ocorreram após a percepção de que estas, por meio da memória de seus enredos, personagens e descrições, transmitem ao receptor os aspectos da saudade dos momentos vividos no passado. Essa saudade se manifesta de forma marcante ao descrever o crepúsculo, as matas, as montanhas, a vegetação e as construções monumentais, proporcionando ao leitor uma imersão nas recordações guardadas pelos personagens.

A saudade se torna quase uma personagem nas narrativas, impulsionando a memória a revisitar experiências passadas. É essa saudade que desperta a lembrança, ativando a memória individual ao adentrar cenários que funcionam como gatilhos emocionais, trazendo à tona momentos significativos. A memória, assim, armazena e resgata essas lembranças, tecendo uma rede de emoções que conecta o presente ao passado, preservando a essência das experiências vividas. No espaço das lembranças femininas, essa dinâmica é particularmente forte, pois as mulheres, através de suas memórias, revisitam relações, afetos e espaços que moldaram suas identidades, fazendo da saudade uma força motriz na construção de suas histórias.

O terceiro capítulo foi dedicado a segunda obra de Alba Valdez, *Dias de Luz* (1907). A personagem Ignez convida o leitor a conhecer parte de sua história por meio de suas memórias. O enredo é repleto de suas experiências ao longo de seus anos de adolescência, principalmente ao lado de suas amigas e no ambiente escolar. Ao contrário de sua primeira obra, *Em Sonho... (Fantasias)*, em *Dias de Luz* o enredo é composto por uma narrativa contínua, tendo Ignez como narradora e sem divisões por capítulos.

Ignez utiliza sua memória como um fio condutor para transportar o leitor aos momentos mais marcantes de sua adolescência, como seu ingresso na Escola Normal, o primeiro encontro com Celeste, a criação do Culto ao Saber, e as aulas de professores que a

influenciaram profundamente. Essas lembranças não são meramente narrativas, mas evocam sentimentos intensos de saudade, conectando o passado ao presente e revelando o impacto duradouro dessas experiências em sua vida. Ao revisitar esses momentos, especialmente a transição para um novo ambiente escolar, Ignez destaca a passagem da infância para a vida adulta, evidenciando a importância do conhecimento, das amizades e das experiências que moldaram sua identidade feminina. Nesse espaço das lembranças femininas, a memória se torna um território onde saudade e identidade se entrelaçam, preservando as marcas deixadas por esses momentos cruciais.

Alba Valdez foi uma escritora que se destacou em meio aos escritores cearenses por suas obras escritas, suas publicações na imprensa, por seus discursos acalorados e defesa da educação feminina. Assim, ao analisarmos suas obras publicadas, *Em Sonho... (Fantasias)* (1901) e *Dias de Luz* (1907), observamos que seus personagens apresentam uma estreita relação entre memória, saudade, lembrança, feminino e experiência humana, especialmente ambientadas na região do Ceará, estado localizado no nordeste do Brasil. Suas características literárias se manifestam de diversas formas em suas obras, oferecendo ao leitor uma imersão profunda na atmosfera e na cultura da região.

Notamos sua notável habilidade de Alba Valdez em criar descrições atmosféricas vívidas, especialmente da natureza cearense. Sua prosa descritiva e evocativa transporta o leitor para os cenários ricos e variados do nordeste brasileiro, criando uma sensação de imersão e autenticidade que enriquece a narrativa. Em suas obras, a memória e a saudade funcionam como elementos literários centrais, conectando os personagens ao passado e à construção de sua própria identidade. Alba Valdez utiliza a narrativa para explorar os meandros da mente feminina, mergulhando nas lembranças de suas personagens e revelando como o passado continua a moldar e influenciar o presente.

As personagens que Alba Valdez cria são complexos e multifacetados, refletindo as nuances e desafios da experiência humana, particularmente sob a ótica do feminino. Em relação as protagonistas, estas enfrentam dilemas pessoais e emocionais que as levam a questionar suas crenças, valores e o próprio papel que desempenham na sociedade e em suas relações. A autora constrói um espaço onde a memória e a saudade são mais do que meros recursos narrativos; elas são forças poderosas que guiam suas personagens em uma jornada introspectiva, onde o passado é revisitado e reavaliado à luz das experiências presentes. Assim, a escrita de Alba Valdez não só explora as paisagens físicas do nordeste, mas também o espaço íntimo das lembranças femininas, onde a saudade e a memória se entrelaçam para revelar a profundidade e a resiliência da alma feminina.

É importante frisar que nossa análise, tanto da obra *Em Sonho... (Fantasia)* (2017) quando *Dias de Luz* (1907), não conseguiu, nem pretendia, explorar todos os aspectos da escrita de Alba Valdez. Nosso objetivo foi também deixar em aberto outras possibilidades para que futuras análises e pesquisas possam tratar da riqueza de suas descrições de cenários tão vívidos. Dessa forma, é evidente que a obra de Alba Valdez oferece inúmeras possibilidades de pesquisa. Sua grandiosidade exige anos de estudo, envolvendo várias perspectivas de pesquisadores da área, para ser melhor compreendida e valorizada. Nossa análise inicial é apenas o começo de uma leitura mais vertical e profunda que a obra de Alba Valdez merece. O legado de Alba Valdez para a história da literatura brasileira reside em suas contribuições para o cânone literário nacional por sua capacidade de capturar a essência da vida e da cultura do nordeste brasileiro. Suas obras oferecem uma janela para a rica diversidade da região, ao mesmo tempo em que exploram questões universais de identidade, memória e pertencimento. Além disso, seu foco na memória e na saudade ressoa com o público leitor, tocando em emoções e experiências compartilhadas por muitos.

Após nossa pesquisa, podemos concluir que a escritora Alba Valdez desempenhou um papel fundamental na história da literatura brasileira, especialmente como representante da voz feminina que foi negligenciada pela historiografia. Suas obras, embora atualmente pouco acessíveis ao público, carregam consigo uma riqueza de temas e abordagens que merecem ser (re)descobertos e valorizados. O estudo de sua vida e obra revelou uma escritora talentosa, uma educadora engajada e uma defensora dos direitos das mulheres. Sua incursão no mundo literário, especialmente na imprensa do século XIX, é um reflexo do crescente protagonismo feminino na esfera pública, apesar das adversidades enfrentadas.

A revisitação da obra de Alba Valdez tem o potencial de enriquecer significativamente o cenário literário brasileiro, ampliando o reconhecimento e a valorização das contribuições das mulheres ao cânone nacional. Ao trazer à tona a voz e as experiências femininas, este trabalho não só enriquece a compreensão da literatura brasileira, mas também promove uma visão mais completa e inclusiva da história literária, destacando a importância da memória e da saudade na construção da identidade e da narrativa feminina. Portanto, esta pesquisa é um ato de celebração de uma voz literária que merece ser ouvida. Seu legado transcende suas próprias obras, pois representa a luta das mulheres para se fazerem ouvir em um mundo dominado por vozes masculinas. Ao (re)apresentar o legado literário de Alba Valdez ao sistema cultural brasileiro, estamos reconhecendo e honrando apenas uma escritora talentosa, mas sim uma pioneira que desafiou as normas de sua época e deixou sua marca na história da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

Textos sobre Alba Valdez

BARROSO, Olga Monte. Alba Valdez. In: GALENO, Henriqueta. **Mulheres no Brasil: pensamento e ação**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno. 1971, Vol. 2, p. 485-502.

BEZERRA, José Augusto. Conversa com o leitor. In: VALDEZ, Alba. **Em Sonho... (Fantasias)**. 2ª Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2017.

CAMPOS, Eduardo. Discurso de posse. **Revista da Academia Cearense de Letras**. 63: 32-33 (1963) 188-189. Referência a Alba Valdez, no discurso de Eduardo Campos na Academia Cearense de Letras, na posse da cadeira 22 no dia 18 de out. de 1962.

CAMURÇA, Zélia de Sá V. A presença da mulher, a educação da mulher. **Revista do Instituto do Ceará (1968) 186-187**. Referência a Alba Valdez em discurso no Instituto do Ceará, como sócia efetiva, na sessão solene de 9 de abril de 1968.

DAMASCENO, Pantaleão. **Alba Valdez foi a primeira escritora e jornalista que apareceu no Ceará em 1890**. Fortaleza: Jornal Unitário, 1962.

DUARTE, Constância Lima. Alba Valdez. In: MUZART, Zahidé. (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**. Florianópolis: Editora Mulheres, v. 2, 2004, p.626-637.

FANGUEIRO, Maria do Sameiro. **Alba Valdez**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/alba-valdez/> Acesso em: 10 abril 2023.

FURTADO, Andrade. Didata e beletista. **Revista do Instituto do Ceará**, 1966.

GIRÃO, Raimundo. Posse do acadêmico Eduardo de Campos na Cadeira 22 – Discurso de saudação. **Revista da Academia Cearense de Letras**. 67: 32-33 (1963) 173-174.

GUTIÉRREZ, Angela. Em Sonho: A escrita terna da libertária Alba Valdez. In: VALDEZ, Alba. **Em Sonho... (Fantasias)**. 2ª Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2017.

LOPES, Brenda Lima dos Santos. CÂMARA, Yls Rabelo. A transgressão de Alba Valdez ao socialmente imposto e sua luta pela liberdade e pelos direitos das mulheres. **Revista LiteralMENTE**, João Pessoa- PB, v.3, n. Especial, Tomo I, p. 49-63, jul./dez. 2023.

SILVA, Odalice de Castro, **Alba Valdez: 1874 – 1962**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2019, p. 162.

SOUZA, Keyle Samara Ferreira de. **Alba Valdez: a palavra das mulheres na história da literatura e da imprensa do Ceará**. 2019, 427 p. Tese (doutorado) – UFPB / CCHLA – João Pessoa, 2019.

VALDEZ, Alba. **De pé**. Jornal Nação Brasileira: Rio de Janeiro, ago. 1930.

VALDEZ, Alba. Discurso: posse do Instituto do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1936, p. 197-202.

VALDEZ, Alba. Nosso lar, nossa escola. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1940, p. 46 – 49.

VALDEZ, Alba. Seção 2: Discurso em comemoração ao Quinquagenário do Instituto do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 04 mai. 1937, p. 422-430.

VASCONCELOS, Anna Heloisa de. **Ipoméias: Mulheres do Século XIX na Imprensa Cearense**. 2018, 112 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

Bibliografia geral

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. A academia: sumula histórica. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza – CE, v 1, p. 80 - 97, fev. de 1937. Disponível em: https://academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1937/ACL_1937_14_A_Academia.pdf Acesso em: 10 jan. 2023.

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. Acadêmicos. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/academicos/> Acesso em: 15 mar. 2023.

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. José de Alencar. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/jose-de-alencar/> Acesso em: 20 fev. 2024.

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. Justiniano de Serpa. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/justiniano-de-serpa-3/> Acesso em: 15 mar. 2023.

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. Juvenal Galeno. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/juvenal-galeno/> Acesso em: 08 Nov. 2023.

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. Rodolfo Teófilo. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/rodolfo-teofilo-2/> Acesso em: 08 Nov. 2023.

AGOSTINHO DA SILVA, Regina. **Entre mulheres, história e literatura: a escrita feita por mulheres em Fortaleza no século XIX**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, junho de 2011.

ALMEIDA, Gildênia Moura De Araújo. **Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935**. 2012, 356 p. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.

ALVES, Adriano Rodrigues. **A (de)sacralidade da vida em seis narrativas curtas de Rubem Fonseca**. 2015. 88 p. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Parana, Cascavel, 2015.

ANDRADE, Francisco Ari de. **A institucionalização da educação pública no Brasil: a experiência da Província do Ceará (1834-1844)**. Cadernos de Educação, Fortaleza, n.1, 2010, p. 1-8.

ARAÚJO, Regina Lúcia de. **Raul Pompéia: Jornalismo e Prosa Poética**. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

ASSUNÇÃO, Sâmia Ketley Guerra; SOUSA, Aline Pinheiro de. **A criação do grupo escolar em Fortaleza vista pela imprensa**. Encontro Cearense de História da Educação (Eche), 11.; Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação (Enhime), 1., 2012, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Impreco, 2012. p. 29-42.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?**. Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

BORGES, Paulo. **Saudade, Englobância e Incoincidência. Uma reflexão a partir de António Braz Teixeira**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ CFUL, 2018.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1996, p. 148- 155.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTELHO, Afonso. **Da Saudade ao Saudosismo**. Lisboa: Biblioteca Breve:1990.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helen Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHO, Gilmar de. Xilogravura: Os percursos da criação popular. **Rev. Inst. Est. Bras.**, São Paulo, nº 39, 1995, p. 143-158. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i39p143-158>
http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/41875 Acesso em: 29 jun. 2023.

CASTRO, Carla Pereira de. **A escrita feminina cearense do século XIX: uma perspectiva de análise da poesia de Ana Nogueira e Francisca Clotilde**. 2021. 156 p. Dissertação (mestrado)

– Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza, 2021.

CLÁSSICOS LITERÁRIOS. **Teócrito**. Clássicos Literários Disponível em: <https://classicosliterarios.com/teocrito.html> Acesso em: 10 Nov. 2023.

COELHO, Rebeca do Nascimento. **Contextos de participação política de mulheres: as candidaturas das prefeitas Maria Luiza Fontenelle (1985) e Luizianne Lins (2004)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Recife, 2014.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: José de Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2010.

DAL FARRA, Maria Lúcia. O ardil feminino do pseudônimo: a “Colombina” de Yde Schloenbach Blumenschein. **Revista Cadernos Pagu**, Campinas, nº 65, fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/GvxtMCSrPvWkRRkmkyyDxBG/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 18 jun. 2022.
<https://doi.org/10.1590/18094449202200650011>

D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: Mary Del Priore (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 223 - 240.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura: discurso e história. **O Eixo e a roda**: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 9/10, 2003/2004. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 18 jun. 2022.
<https://doi.org/10.17851/2358-9787.9.0.195-219>

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX**: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DUARTE, Constância Lima. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

FAEDRICH, Anna. O Conceito de Autoficção: Demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015.

FAGUNDES TELLES, Lygia. Mulher, mulheres. In: Mary Del Priore (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 669 - 672.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FILIPA LOURENÇO, Helena. **A Enunciação Feminina do Amor, da Ausência e da Saudade**. Dissertação de Mestrado em Estudos Ibéricos. Universidade de Évora. Departamento de Linguística e Literaturas: Portugal, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. “Saudade”, Memória do Paraíso. **Romania**. Paris, 2017.
<https://doi.org/10.3406/roma.2017.7519>

FREIRE, Camila de Sousa. SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. O Instituto do Ceará e a intelectualidade cearense: Identidade regional, sociabilidade e escrita da história da abolição na província. **Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. Rio de Janeiro: vol. 10, no3, setembro-dezembro, 2018, p. 440-463.
<https://doi.org/10.15175/1984-2503-201810306>

GARCIA, Fátima. **A Tipografia Minerva e as Artes Gráficas**. Disponível em:
<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2014/10/a-tipografia-minerva-e-as-artes-graficas.html>
 Acesso em: 07 Nov. 2023.

GIRÃO, Raimundo. Evolução Histórica Cearense. Fortaleza, BNB. **Etene**, 1985. Disponível em: <https://archive.org/details/evoluca-o-histo-rica-cearense-raimundo-gira-o/page/2/mode/1up?view=theater> Acesso em: 04 jan. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

INSTITUTO DO CEARÁ. **Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos**. Disponível em:
<https://www.institutodoceara.org.br/socio/julia-carneiro-leao-de-vasconcelos/> Acesso em: 27 Mar. 2023.

INSTITUTO DO CEARÁ. **O instituto**. Disponível em:
<https://www.institutodoceara.org.br/o-instituto/> Acesso em: 27 Mar. 2023.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil: “Travels in Brazil”**. Tradução e notas: Luiz da Camara Cascudo. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: Companhia das Editoras Nacional, 1942.

LANUZA, Branca de. Orvalhos: secção feminina. **Jornal do Ceará: Político, Commercial e Noticioso**. Ceará, 1905.

LIMA, Luiz Costa. Persona e sujeito ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 40-56.

LIMA, Jorge Luiz Ferreira. **Jornalismo no sertão do Ceará: Vicente Loyola e a república oligárquica em Sobral (1907-1919)**. ANPUH – BRASIL – 31º Seminário Nacional de História. Rio de Janeiro/RJ, 2012.

LIMA, Rosane Cordeiro da. **Entre missais e evocações: a prosa desterrada de Cruz e Sousa**. 2006, 279 p. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina / Curso de Pós-Graduação em Letras-Literatura Brasileira e Teoria Literária – Florianópolis, 2006.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da Saudade**: seguido de Portugal como destino: São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.), **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MARTINS, Carline. O Monge de Pedra. **A Razão**. Fortaleza- CE, 1937, p. 2.

MARTINS, Carlyle. Ulysses Bezerra. **Revista da Academia Cearense de Letras**, ano LXVIII, p. 98-100, nº 32 e 33. Disponível em: https://academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1963_64/ACL_1963_64_12_Ulysses_Bezerra_Carlyle_Martins.pdf Acesso em: 02 jun. 2023.

MELO, Cristiane e Castro Feitosa. CRUZ, Maria Lucia Brito da. O processo migratório no Ceará: evidências a partir da microrregião do Sertão dos Inhamuns. **Geosul**, Florianópolis, v. 31, n. 61, p 201-226, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2016v31n61p201/31915> Acesso em: 21 fev. 2024.

MENEZES, Fernando Chui de. Xilogravura: O sertão do nosso olhar. **Trama Interdisciplinar**, Ano 1, Volume 1, 2010, p. 180-188. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/2151/1501> Acesso em: 29 jun. 2023.

MILANI, Suellen Oliveira. SOUSA, Brisa Pozzide. Pseudônimos de autoras, aspectos contigenciados e o seu protagonismo social: FRAD, FRASAD e a representação temática em catálogos online. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p. 329-345, novembro 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v14i2.4474> Acesso em: 23 Maio 2022. <https://doi.org/10.18617/liinc.v14i2.4474>

NATALÍCIO BARROSO. **Breve história da imprensa cearense**. Disponível em: <https://oestadoce.com.br/artefenda/breve-historia-da-imprensa-cearense/#:~:text=Assim%2C%20surgiu%20um%20%C3%B3rg%C3%A3o%20noticioso%20e%20publicit%C3%A1rio%20tornando,1927%2C%20e%20%E2%80%9C%20Jornal%20O%20Povo%E2%80%9D%2C%20em%201928.> Acesso em: 13 de julho de 2024.

NETO, Vitor. Saudosismo. In: ROLLO, Maria Fernanda. (org.). **Dicionário de História da I República e do Republicanismo**. Vol. III. Lisboa: Raínho & Neves, 2014.

NOBRE, Leila. **Ceará – Terra da Luz**. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/09/ceara-terra-da-luz.html> Acesso em: 18 set. 2023.

ORICO, Osvaldo. **A saudade brasileira**. Rio de Janeiro: S. A. A Noite, 1940.

OTTE, Georg. A memória enquanto arquivo: a presença do passado em Walter Benjamin. In: MAIA, Cláudia. NAGAE, Neide Hissae (org.), **Coleção e arquivo: memória e tradição**. FFLCH, 2021, p. 197-212.

PAULA, Débora Clasen de. **Conversas a distância: o cotidiano epistolar da Baronesa dos Três Serros no início do século XX** (Rio de Janeiro/Pelotas-RS). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/6jTJbpfTC39xmXGygkmVHcv/> Acesso em: 15 Abril 2024.

PEREIRA E SILVA, Maria Goretti Lopes. **A Escola Normal do Ceará: luzes e modernidade contra o atro a terra seca (1884-1922)**. 2001, 198 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2001.

PONDÉ, G. (2015). **Releituras do feminino na literatura infantil**. *VIDYA*, 19(33), 9. Recuperado de <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/536> Acesso em: 26 de agosto de 2024.

PRADA, Cecília. **A pena e o espartilho**. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

RAFAEL, Gina Guedes. Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas?. **IRIS**, Recife, v.1, n.1, p. 32-42, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/IRIS/article/view/248117> Acesso em: 06 Abril 2023.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. Memória e literatura: contribuições para um estudo dialógico. **Linguagem em (Re)vista**, Ano 06, Nos. 11/12. Niterói, 2011, p. 92 – 104.

REVISTA PROSA VERSO E ARTE. **Alphonse de Lamartine – poemas**. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/alphonse-de-lamartine-poemas/> Acesso em: 22 fev. 2024.

ROSSINI, Tayza Nogueira. A Construção do Feminino na Literatura: Representando a Diferença. **Trem de Letras**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 97–111, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SANTOS DA SILVA, Ivana Carolina. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura de memória e guinada subjetiva**. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARAIVA, António José. **A cultura em Portugal: teoria e história**. 2. ed. Lisboa: Bertrand Editora, 1945.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil**. São Paulo Companhia das Letras, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 59-88.

SOETHE, Paulo Astor. Espaço Literário, Percepção e Perspectiva. 2007 - jan. - jun. - v. 15 - **Aletria**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit> Acesso em: 19 Abril 2022.
<https://doi.org/10.17851/2317-2096.15.0.221-229>

SOUSA, Mariana de Oliveira. **A configuração político-partidária imperial a partir dos debates acerca da Abolição no Ceará (1867-1884)**. Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação em Humanidades, 2. 2011, Fortaleza. SEMANA DE HUMANIDADES, HUMANIDADES: ENTRE FIXOS E FLUXOS, 8., 2011, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p.01-14.

SOUZA MARTINS, Paulo Henrique de. **Abolição e Pós-Abolição no Ceará: sobre silêncios e memórias de uma história laureada (1881-1934)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em:
<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/32-snh26>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos Trópicos**. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: Mary Del Priore (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 401 - 442.

TELLES, Norma. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, Século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2012.

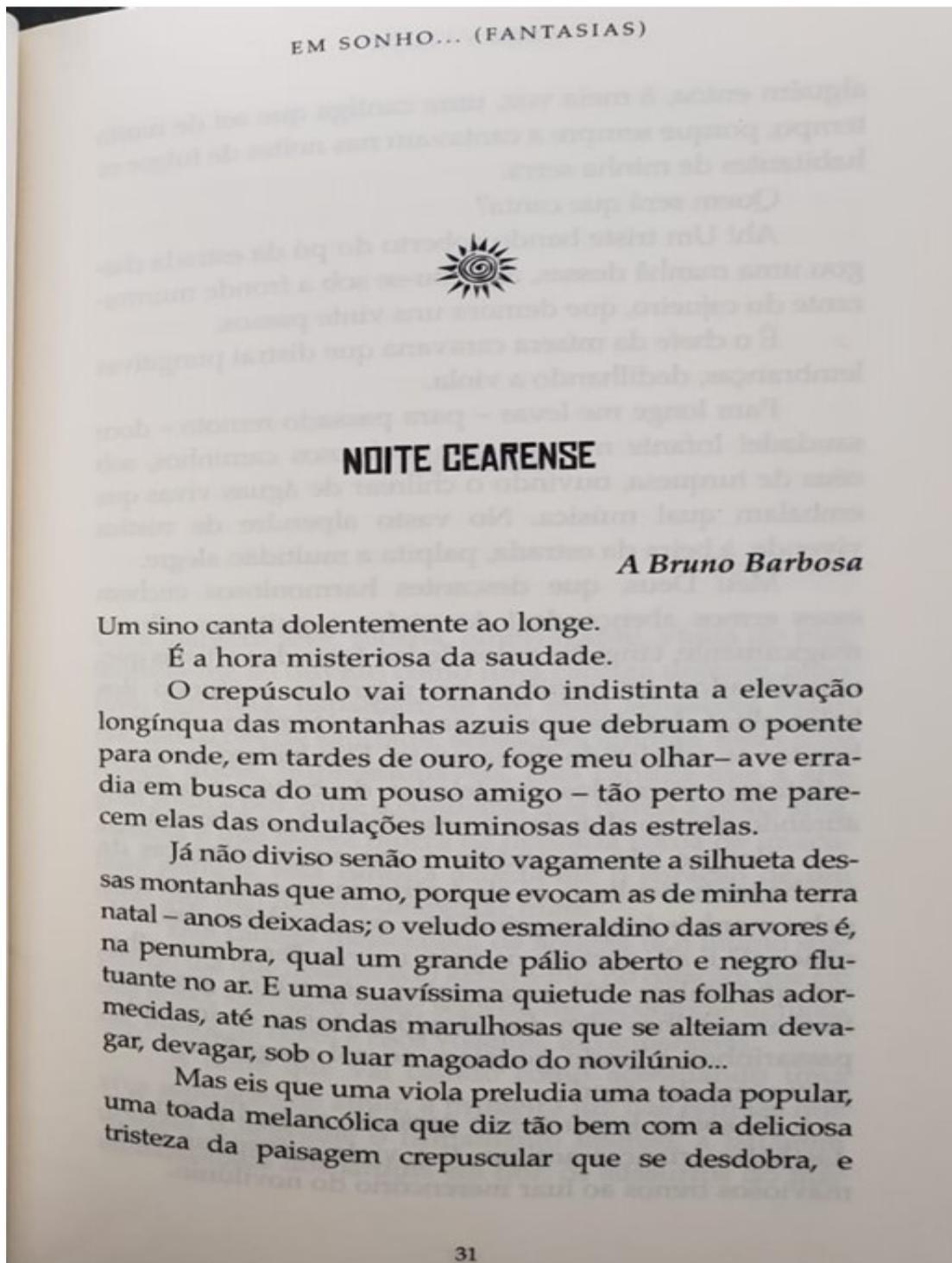
TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013. Disponível em: <https://doceru.com/doc/1x18e> Acesso em: 04 jul. 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Tradução dos poemas: Glauco Mattoso. Tordesilhas, 2020.

ANEXOS

ANEXO A – NARRATIVAS DA OBRA *EM SONHO... (FANTASIA)* (2017)
ANALISADAS NA ELABORAÇÃO DESTA PESQUISA



ALBA VALDEZ

alguém entoava, à meia voz, uma cantiga que sei de muito tempo, porque sempre a cantavam nas noites de fulgor os habitantes de minha serra.

Quem será que canta?

Ah! Um triste bando coberto do pó da estrada chegou uma manhã dessas, abrigou-se sob a fronde murmurante do cajueiro, que demora uns vinte passos.

É o chefe da mísera caravana que distrai pungitivas lembranças, dedilhando a viola.

Para longe me levas – para passado remoto – doce saudade! Infante me vou por umbrosos caminhos, sob céus de turquesa, ouvindo o chilrear de águas vivas que embalam qual música. No vasto alpendre de rústica vivenda, à beira da estrada, palpita a multidão alegre.

Meu Deus, que descantes harmoniosos enchem esses ermos abençoados! As violas e guitarras vibram magicamente, tangidas pelos dedos ágeis dos artistas que, emocionados, se inspiram no negrume profundo dos belos olhos das donas serranas. Nem também são mais bonitas as estrelas do firmamento! Elas bailam faceiras e sedutoras, os cabelos constelados de cravos e boninas, atirando o lenço alvíssimo ao escolhido de seu coração.

Porque não escondem o seu amor as moças de minha terra; oculta-o, se ele é puro como as névoas que, pelas manhãs frias, engrinaldam os coruchéus das eminências!? E ali, perante os pais, noivas derramam olhares que valem mil juramentos, segredam graciosas finezas que lhes vêm dos corações. Assim os inocentes passarinhos quando gorjeiam ao sol magnífico a sua primavera do amor!

O sonho levou-me ao passado, ao jardim em flor das belas crianças antigas. E a viola a suspirar ainda maviosos trenos ao luar merencório do novilúnio.

EM SONHO... (FANTASIAS)



SONHO E SAUDADE

A Ulysses Bezerra

Pela estrada larga, cheia de sol, deserta àquela hora embebendo-se em imagens do passado, vai o Agostinho em demanda da vila. Um lustro antes, na flor dos seus dezoito anos, percorrera essa mesma via, saindo da casa paterna, a custo recalçando lágrimas ao despedir-se dos pais para se ir pelo mundo afora onde ganhar a vida. No exílio, esse pranto por vezes inundou-lhe a vista, como as cheias em tempo de inverno fazem transbordar dos leitos dos rios de sua terra.

Agora voltava... Bastaria transpor o juremal que se via além para divisar o saudoso lar, abraçar os santos velhinhos, os irmãos; nunca mais sairia do seu lugarejo que, através da nostalgia, lhe parecera a região mais encantadora do mundo.

Que pungir de saudade durante aquele decorrer lento de anos!

Porém, fizera-se homem, forte; ah! a dor tem também seu lado útil.

– Ânimo, Agostinho! – dissera-lhe um dia camarada patricio com a franqueza característica dos rústicos ao ver-lhe os olhos úmidos. – Chorar não é próprio de homem.

Foi a última vez que estranhos lhe perceberam o íntimo sentir.

Nunca mais sorveria outro ar que não fosse o de sua pequena pátria, tinha-o dito à Santa Virgem, na sua crença de ingênuo aldeão; constituiria família e seu pai, radiando de contentamento, sentaria os netos nos joelhos narrando-lhes alguma coisa que os fizesse rir. Aninhas era como que o astro de maior brilho nesse céu de sonho.

Aninhas, a dona daquelas lágrimas que o indiscreto companheiro surpreendera! Como estaria ela? Deixara-a aos quinze anos, na graciosa simpleza de menina criada nos campos, crisálida tornando-se borboleta e, por isso, mais linda.

Ao luar dourado, após um tango em que ela lhe servia de par, numa véspera de S. João, embriagado talvez por aquela beleza de noite e mais por aquela se queria ser sua noiva.

– Sim. É a mimosa – ruborizada, afastou-se correndo.

Fora aquilo que o fizera expatriar-se, ir até a cidade, à beira-mar e partir...

Longe levava-lhe o fado, longe... para o meio de florestas imensas onde a luz que desce do alto raramente cintila; mas a esperança de um lar alumiado por aquela estrela de amor tornava insensíveis árdios labores.

Aninas, talvez represaras tuas lágrimas em horas escuras se soubesses quão ardentemente eras amada!

Em que se ocupara nesse instante a adorada noiva? E Agostinho, derramando o olhar por perspectivas que se horizontavam, fustigou o animal cujo chap-chap na areia era uma música desconhecida, entoada no silêncio, ao sol.

“Espera-te sempre”, dizia o velho pai nas cartas. “É uma moça qual não há outra por estas redondezas; estimo-a como se filha de meu sangue fora. Desde que lhe morreu a avó, temo-la em nossa companhia; cada dia que passa torna-se mais querida e mais bela. Deus abençoe.”

E como se a saudade arrebatasse as suas doces e intangíveis asas, ele viu lá, se alvejar por entre o rendado da folhagem, a moradia de seus pais, no fundo da várzea verdejante.



RECORDAÇÕES

A minha mãe

Foi o acaso de uma viagem, transpondo serras, agrestes, vencendo planícies que pareciam intermináveis, que me fez presenciar aquela cena que se me gravou na imaginação para nunca mais se extinguir.

Tínhamos feito longa caminhada nesse dia; era o fim de uma tarde, melancólica e serena, a aragem mal agitava as folhas das árvores e a natureza toda como que adormecera, participando da languidez invencível que descia com o crepúsculo. De vez em quando, uma asa de andorinha retardatária cortava o silêncio da noite em busca de abrigo. Saudades torturavam-me porque, além muito além, tinham ficado minha mãe, meus irmãos a quem talvez não abraçaria tão cedo; o corpo ia, porém, a alma, essa se desprendera de mim e volitava em torno do ninho paterno desde que de lá eu partira!

Longe, no fundo do horizonte, emergiam os vultos informes das montanhas iluminados aqui e ali por peque-

nos pontos brilhantes – eram fogueiras que em noites sem luar, próximas às habitações, costumam fazer os montanhese para quebrar a treva e monotonia da paisagem.

Deserto, quase deserto o caminho que percorríamos: numa ou outra ocasião, lucilava através do rendado da ramagem a chama bruxuleava de alguma candeia vinda de cabana abastada que apenas entrevíamos perdida no meio das árvores.

Silenciosos, fomos caminho afora, absortos em vago cismar...

Despertou-nos voz de mulher, voz suavíssima, que entoava uma canção cuja música jamais ouvira, porém, os versos eram semelhantes aos que cantava minha mãe, quando em pequeninos, nos punha ao regaço, a mim e aos meus irmãos. O canto era muito belo, que mais o fazia a solidão do ermo e nesse momento nem sei o que me passou pelo coração ao ouvi-lo!

Velara-me a percepção nuvem de misteriosa ventura que outra me parecera a travessia; nem mais me envolvia a tristeza; a cada folha rumorosa, em cada canto silencioso esvoaçavam na sombra os segredamentos dos bosques numa música suave de toda longínqua.

Partiam esses sons de pobre choupana que demorava à margem do caminho. Uma mulher ainda jovem acalentava nos braços, meio adormecida, uma criança de poucos meses; radioso sorriso entreabria-lhe os lábios como se visse no filho a felicidade sonhada.

Por muito tempo embalou-me aquela melopeia lindíssima, que infinita saudade e amor até cessou de todo, extinguindo-se lentamente, a morrer pelas quebradas.



EPÍSTOLA

Elmira – Doce amiga que tu foste! Nossa amizade veio com os primeiros alhures de julho, lembra-te? No tempo em que a tepidez do verão fazia voltar aos desertos lares a leva errante dos passarinhos.

O amor à solidão muitas vezes levou-me a me embrenhar nas árvores, no seio aromal da natureza, para desafogar melancolias vindas não sei de onde, para serenar lágrimas que assoberbavam; e sobre arrelevados macios e rescendentes que de vezes esta cabeça não repousou! Devaneando em quê? Ouvindo o que me dizia o Eterno na voz misteriosa dos ermos: o zumbir de um inseto dourado, o frêmito de uma folha que voa, o gemido do vento, um harpejo isolado de avezinha.

Ali tão longe da vida real, tão perto do paraíso! E na alma entrava-me algo de aventura que crera para sempre haver perdido. Manso lago sem que lhe arrufasse ondular sutil a aragem volúvel, fora-me a existência azul, mas tão silenciosa.

Fulguraram os primeiros sóis de julho. O coração já não me era como aqueles pobres ninhos que vira ermados no regaço luminoso da natureza, pois lá dentro cantavas. Nunca, Elmira, um marinheiro te narrou o fenômeno da calmaria no mar alto? É a falta de monção para o termo da viagem, é a sombra da morte que perpassa na imensidade, envolta em clâmide sombria. Também as calmarias da vida têm dessas visões escuras e, por vezes, mais terríveis.

– Canta, Elmira, e que a tua voz me embaie como as canções da minha mãe quando eu estava na infância e modulavas umas suaves harmonias que escutava com o corpo na terra e no espírito no céu. Assim evocavas os anjos vestidos de luz que, em obscuras eras, desciam das supremas delícias às masmorras dos mártires pela crença em Deus para despedaçar-lhes os pesados grilhões que os tolhiam.

Elmira! Ao seio mádido¹⁴ da corrente atira o cento das folhas que as margens dela vicejaram. Minha alma é folha caída na onda sonora da saudade.

¹⁴ Orvalhado

EM SONHO... (FANTASIAS)



O FRADE DE PEDRA

Ao ilustre romancista Rodolfo Teófilo

Tinha apenas doze anos quando fui em romaria de saudade à serra onde nasci, que, misteriosa e linda, me passava nas esfumadas reminiscências da primeira infância.

Princípio de verão quando partimos; corria o mês de junho, de manhãs frias e tardes radiosas e serenas.

O caminho, já muito longe da cidade, era na maior parte sombreado de árvores cujos longos ramos se enlaçavam no alto, formando virentes caramanchões cheios de discreta placidez.

Ninhos se balançavam entre as folhas e pássaros, à hora matinal, soltavam canções de inspirada música.

Eu caminhava no encantamento de um grande sonho...Aqueles recantos povoados de aromas, de sons melódiosos enchiam-me de inominável ventura.

Ah! Os meus brinquedos, os meus queridos companheiros dos momentos solitários, que deixei esquecidos num canto do baú!

Que deliciosas estâncias para deixar à solta a louca imaginação, falando com eles!

Anos depois, percorri esse mesmo caminho. O progresso destroçara os vegetais que o orlavam e embeleciam, e o coração me ficou como se dele fugisse uma revoada de fagueiras esperanças tão outra me surgira a ridente paisagem.

O machado cruel esfacelou toda a poesia selvagem daqueles sítios, e o viajante que tiver hoje de atravessá-los só se desviando da rota é que conseguirá alcançar sombra e pouco. É uma larga estrada, sempre em frente, que às vezes ondula para mais além estender-se infinitamente.

Pode ser ainda bela e pitoresca, não para mim, que retratei na mente a antiga. Abençoo-te, saudade, consoladora e amiga! Apropinquas¹⁵ o passado e para o triste és como a visão daquela terra das lendas bíblicas donde manavam leite e mel.

Descansávamos, ora à sombra fresca das árvores, ora nas casinhas construídas das palmas da carnaubeira que tão abundante é nos campos cearenses. A hospitalidade entre os sertanejos é quase uma religião. Podeis bater-lhes à porta que lá encontrareis agasalho e alimento nos bons anos de colheita; ouvireis narrativas interessantes, crônicas de velhos tempos que vos farão esquecer as fadigas do corpo lasso. E, ao despedir-vos, gratos e saudosos, eles no terreiro, seguindo-vos com o olhar, repetem: – Boa viagem!

Três vezes a aurora colorira o céu de rosa, quando avistamos uma alta serra de abruptas penedias que sembrava emergir de um banho de anil.

¹⁵ Deixa mais próximo

– É aquela! – falou-me minha mãe apontando com o índice. Em breve verás o frade de granito que dizem ser percebido de uma certa altura do oceano.

Vi-o na realidade. Seu enorme vulto destacava-se imponente e majestoso na tela grandiosa do infinito. A impressão de assombro e de admiração daquele instante ainda hoje perdura.

Lá estava de mãos postas, amplas vestes talares, fronte pendido sobre o peito em atitude de profunda concentração, com a rezar, a rezar eternamente...

Quem fora esse sombrio monge para assim atravessar as idades na vida imorredoura da pedra?

A esse respeito correm variadas e estranhas lendas na minha terra...



FUGITIVAS

Foi no inverno, quando os campos alfombram-se de macia relva, quando dos jardins floridos evolam-se os aromas sutis das primaveras e dos jasmims, que me veio ao pensamento ocioso essa loucura cuja lembrança ainda me enche de indefiníveis mágoas o coração.

Ah! Nem sei como aquilo se deu!

O despeito, talvez (eu o confesso), de ver em derredor, por toda parte, pela casa opulenta, pela choupana, campinas e matas um aspecto de felicidade que me obumbrava a visão, que me atordoava!

Do âmago da folhagem, no brando calor do ninho, os pássaros, saudando alegres os primeiros alcores do dia, garganteavam irresistíveis canções que voavam levadas pela aura da manhã, meiga como uma carícia de criança; o burburinho do rio chegava ao meu ouvido como a música estranhamente deliciadora de algum concerto ignoto convocado pelas amorosas náia-des habitadoras das águas mansas; a bruma tênue, ligeiramente azulada, que subia, parecia-me a corrente

dos sonhos do mundo inteiro espiralando-se em busca do céu após as venturas infindas. Enlouqueceu-me a natureza em festa; sem ter noção do que fazia, pedi ao coração que descerrasse a urna perfumosa das ilusões e que deixasse soltar doidamente no ambiente azul, quais vapores aéreos, as adoráveis prisioneiras.

Mas só existia solidão, onde eu julgara encontrar todas as minhas fantasias de mocidade entremeadas de sorrisos!

As caprichosas haviam-se escapado uma a uma sem que eu desse por isso, e tamanha desolação espalharam no itinerário, que chorei amargamente, sem consolo, sobre aquelas ruínas de extinta felicidade. Nenhuma lembrança da passada alegria, um rastro sequer deixaram as cruéis prófugas que pairam... nem eu sei onde!

ALBA VALDEZ



CAIR DE FOLHAS

Aos meus irmãos

Pobre árvore amiga! Lá estava ainda, a adorada, a querida companheira da minha infância, um pouco mais velha, mais desprovida de galhos e menos povoada de ninhos.

Meus olhos buscaram-na logo ao transpor as assomadas da serra: vi-a inundada da claridade rósea de um pôr de sol lindíssimo.

Os anos haviam-lhe arrebatado a beleza, e da magnífica fronde que eu conhecera, restavam galhos quase desertos de folhas oscilando aos beijos da viração vespéral.

Flores amarelas, muito poucas, enfeitavam-lhe a escura roupagem, mas (ai das minhas recordações!) não tinham aquela opulência de outrora; a seiva que as nutria parece que se extinguiu toda.

Uma saudade suave dos meus primeiros anos, desse deslizar de vida feliz e tranquila do campo, da contemplação de horizontes puríssimos e intermináveis onde o olhar se perde com os sonhos, infundiu-me a tristeza poética da paisagem e daquela tarde que ia morrendo.

EM SONHO... (FANTASIAS)

E vi todo inteiro o passado ressurgir!
Encontrei-me pequenina no meio de outras a percorrer as faldas esmeraldinas à cata de ninhos de flores, de borboletas; ouvi repercutir nas quebradas os risos alegres e os gritos de triunfo; julguei escutar ainda os mimosos contos narrados à luz do luar ou ao clarão das estrelas das vaporosas noites de verão; as coisas misteriosas que segredava o vento no ramalhar das folhas; o evolar dos sonhos que do coração se perdiam nas profundezas do céu. E tudo isso foi como um sonho que passou fugaz, mas que deixou cintilações que nem o decorrer dos tempos há de apagar jamais! Uma música cujos acordes derradeiros me embalam ainda!

As minhas alegrias quase que as tive todas a tua sombra amiga, oh! adorada companheira da minha infância! E foi por isso que, ao fazer essa romagem à terra onde primeiro vi a luz do dia, da cumeada da serra meu olhar te buscou.

Sentei-me no mesmo lugar em que dantes o fazia: deixei vogarem em plena fantasia as minhas esperanças de mocidade; porém, as minhas esperanças, como as tuas flores, não tinham mais aquela seiva de vida dos primeiros tempos.

Peregrina saudosa, a alma vagueou por esses lugares em que outrora fora feliz. Que de recordações!

Como num lago, tranquilas águas reflete o firmamento matizado de estrelas, assim surgiu-me à imaginação essa fase de vida que se escoava por entre risos.

Se ela voltasse!... Mas não tornam ao pedúnculo as pétalas que o vento arrebatou. E à hora em que tudo nos fala reminiscências remotas de perda ventura, oh! minha doce amiga, quão suave me é sentir o dilacerar desta saudade!

ALBA VALDEZ



O INVERNO E O CAMPO

Através dos vidros da janela, vejo o céu de uma cor indecisa, semelhante chumbo, um verdadeiro céu de inverno, sem os cúmulos de graciosos e variegados contornos que encobrem os horizontes azuis.

Chove. As gotas da água caem, e, serpeando nas sarjetas como rios minúsculos, fazem uma música incompreensível que repercute agradavelmente no meu coração. É que já me desolava o aspecto triste das minhas amigas, as novas velhas árvores, sem folhas, secas pelo sol esplêndido, forte, que inundava a terra, e esparsas, ao sabor do vento, pelos caminhos.

As crianças, despreocupadas, com gritos de alegria, soltam, nos efêmeros cursos da água que orlam os passeios das ruas, embarcações de papel que velejam velozmente impelidas pela correnteza. Como é feliz a infância sob todas as condições! Também me sinto alegre: a imaginação leva-me ao campo.

Vejo-te, minha casinha da várzea, donde parti - há tempos! Não longe, no carnaubal que a vista não

EM SONHO... (FANTASIAS)

alcança o término, a passarada canta, saudando a luz que se levanta; do curral sai o gado e, pela campina verde, perolada do orvalho matutino, ele caminha vagaroso, mugindo, enchendo a amplidão luminosa de uma harmonia estranhamente bela.

Afogo-me em lembranças impregnadas do aroma puríssimo da vida em flor, evocadas por esta vista de céu enevoadado, pluvioso, que ora contemplo, exultando dentro do peito o coração.

Diviso o rio que corre entre fragas, de ondas quietas que refletem nuvens, árvores, insetos multicores, marginando de oiticicas eternamente verdes a cuja sombra protetora tantíssimas vezes vi descansarem das longas caminhadas caravaneiros vindos do alto sertão.

E as noites, alvas da lua brilhante... Dentre as gazas bordadas das estrelas, os anjos parecem sorrir ao infinito, que outro não pode ser o definir de tanta beleza na criação.

Que encanto na paisagem plácida, no rumor vago da viração noturna!

A mata, estrelada de pirilampos bailando na claridade doce da noite, lembra os lugares encantados que espíritos benfazejos escolhem para repousar das suas excursões misteriosas. A alma, emanada de Deus e não maculada no ceticismo que escurece o mundo, guarda essas crenças que lhe fortificam e aformoseiam a vida como o rocío das madrugadas desabrocha as flores, fazendo-as belas e adoradas. É por isso, talvez, que a viola dedilhada pelo sertanejo ingênuo torna-se mais harmoniosa, e é mais da alma, mais unvida de doçura, a cantiga que ele entoia e que vai morrer, lá nas alturas, onde esvoejam os sonhos dos que cismam ao luar.

ALBA VALDEZ



O DESPERTAR DE UM SONHO

A minha irmã Julia

Cai o luar alvíssimo sobre a planície onde desabotoam flores silvestres e volitam, à beira dos tremedais, enxames de lucilações como pequeninas estrelas errantes.

Enche-me de gratos pensamentos esta noite radiosa porque ainda não se me varreram do imaginar épocas e imagens que passaram, recordações que, à semelhança de astros, cruzam-se e fogem rapidamente deixando atrás um estendal de luz.

Minha alma ajoelha-se ante a ara sacrossanta dos antigos sonhos, volta aos descuidosos dias da infância, às cantigas melodiosas do berço, às lendas encantadas que fazem cismar...

Mais claro que o luar descido do céu é este recordar do coração!

Parece que a aragem noturna memora todos os prazeres idos vibrando a soluçante coma dos vegetais; no espelho das águas mira-se a abóbada iluminada

EM SONHO... (FANTASIAS)

onde, outrora, eu via cintilar também pupilas de anjos espreitando o infinito. O espírito evolava-se para essas regiões dos meus devaneios e lá se deixava ficar, esquecido da terra, horas que valiam por uma existência...

Que cantares! Que harmonias!

Um dia puseram-me às mãos um livro e fui caminhar para a escola: meus olhares abatidos não viam as alegrias da natureza; esvoaçavam-me, no cérebro, não sei que coisas tristes! Sentia transpassar-me o peito a lâmina fria de agudo estilete...

Então, lágrimas ardentes, as primeiras lágrimas verdadeiras, bailaram-me nos cílios, se afigurando a mim o mundo, vasta necrópole, um imenso deserto de tristeza.

Eu acordara para a vida.



AO VOLTAR

A Nené Salasar

Encostado à amurada do navio, Lademir, o jovem soldado, contempla os fulgores indecisos das primeiras estrelas com olhar vago, um desses olhares que nada dizem porque nada vislumbram.

Lembra-se de sua mãe que com lágrimas, tantas lágrimas! Apertara-o contra o seio, cobrindo-o de bênçãos, no instante da despedida. Talvez a essa hora melancólica do anoitecer, joelhos em terra, ante o tosco e antigo santuário onde Nossa Senhora se sorria, coroadada de astros e tendo a lua por pedestal, implorasse o regresso da alegria da sua velhice que era toda o filho, único esteio de uma planta pende.

"Minha santa mãe", murmura ele, "tuas preces foram ouvidas, teu olhar qual um facho de luz do céu guiou-me para o lado das vitórias. Uma coragem meio loucura avassalara-me; entrava nas lutas e delas saía ileso; respeitava-me a morte. Era o teu olhar vindo de

longe - tanto poder possui uma mãe que chora! O que me protegia contra o inimigo era teu coração diamantino que me pulsava dentro do peito.

Calara-se Lademir; agora já não via as pálidas estrelas do levante: a vista imergira no escuro das águas profundas.

Uma outra recordação despontava-lhe na alma: a recordação venturosa do amor.

Ah! Rosina, morena de olhos negros! Guardaste no seio a confissão apaixonada que ouviste naquela luminosa tarde em que as aragens sutis e musicais vibravam no ar plangências de doçura?

A vida seria horrível se não a dourasse o sol da esperança. Misérrimo do que a não tem! É náufrago arrojado a plagas estranhas e desertas.

Só! Melhor acabar no campo de batalha, embalado pela voz consoladora da saudade.

Talvez fossem esses os pensamentos que perpassassem no espírito do jovem soldado; uma angústia indefinível, dolorosa, transpareceu-lhe no semblante.

Oh! Como a terra ainda está longe! Nesse dia, levantara-se muito cedo, manhã corria serena; a tremulina das águas tinha reverberações do arco-íris. "Terra!", grita um marinheiro.

Lademir estremece de alegria. Que linda és, terra da pátria, ao pisarmos teu solo hospitaleiro depois de compridos anos de ausência! Tudo aparece envolto num cendal de encantada poesia; a alma espia através dos olhos conhecidas paisagens, semblantes familiares de amigos; os mesmos inimigos parecem menos cruéis.

E... que são esses dois vultos - um de moça gentil - que, na praia, acenam com alvos lenços, cujo ondular se assemelha a pequenos pavilhões desfraldados ao vento?

EM SONHO... (FANTASIAS)



O SONHO DO CEGO

Ao Dr. Targino Filho

O luar, escoando-se pelas fendas que se abrem no mísero casebre, ilumina-o todo, deixando vislumbrar a um canto o gravato onde repousa da cansada lide diurna o pobre cego. Vida de inumeráveis dores ele leva a um bom par de anos, desde o dia fatal em que se lhe apagou para sempre a luz dos olhos; o riso fugiu-lhe da boca como da alma as lúcidas quimeras e só a esperança de um viver melhor – além da cova – o alenta.

É triste esse esperar da morte: quer dizer que tudo se acabou.

Penar no mundo sem pão, nem lar, às tontas, qual uma folha desprendida do galho, que a rígida ventania sacode e atira para longe, envolta com a poeira das estradas!...

Nada que doa mais!

O sono tranquilo que Deus lhe envia todas as noites é a celestial ambrosia para tamanho desconsolo;

ALBA VALDEZ

doce sorriso clareia-lhe as feições emurchecidas: é que o sonho lhe traz as perfumosas flores do passado. Uma casinha à beira do mar; seu pai e sua mãe que conversam em noite igual a esta sobre a recente pescaria, enquanto as vagas harpejam a sua cantilena melancolia e vão morrer, suavemente, numa floração de espumas, na areia branca das dunas que bordam a costa.

Ele, já quase um homem, vendo luzir brilhante a estrela do futuro nuns meigos olhos amados. É neles que cisma a hora de o sol se pôr, quando mais saudosa cai a tarde por sobre a imensidade marulhosa do oceano. "Amonte", repete ele às brisas errantes, na ilusão de que segredavam ao ouvido dela essa confissão de sua alma que vibra apaixonada e julga ver na boca puríssima da linda menina a rosa do sorriso desabrochar. No sonho, ele também sorri... Ah! Que indefinível expressão de felicidade se espria naquele rosto amargurado! Antes, assim mergulhasse em outro eterno dormir, nesse sonho e nesse sorriso velado da claridade alva do luar, revendo as belas coisas que passaram, as formosas visões da sua mocidade albente. Fora para tão escuros dias a mais deslumbrante aurora.

EM SONHO... (FANTASIAS)



REJUVENESCIMENTO. UMA REMINISCÊNCIA ANTIGA

A Luiz Barreiros

Sabes, Lena, com que tristeza pronunciei o meu último adeus; ia-me na alma dor inenarrável, o desalento dos que partem para o exílio sem aquecer-lhes o coração uma cintila de esperança. É uma recordação que evoco e que tantas vezes te hei contado em sonho, minhas mãos nas tuas, como quando vivíamos no colégio, a sentir os mesmos pesares, a aclarar-nos mútuas alegrias.

O sol enviava a terra o derradeiro beijo quando de ti me apartei. Deixava esse ameno abrigo onde esvoejaram meus sonhos e floriram minhas ilusões, sem esperança de revê-lo. E à calada da noite, quando na mata só era mistério como segredos de folhas que flutuassem no Azul, procuravam meus olhos os fulgores celestes para suavizar as sombras que se alastravam pela minha alma. É que a alegria me fugira e toda eu me envolvera no crepúsculo merencório dessa tarde que morria.

ALBA VALDEZ

Folhas amarelecidas juncavam o caminho e o plac-plac monótono dos passos do animal sobre as desventuradas era como que o funeral tristíssimo, entoadado na aridez do deserto, das minhas esperanças mortas em flor; outras vezes, levava-as o vento dos descampados, confundindo-as com a poeira fina, dourada pelo sol moribundo.

E cheguei ao ninho estranho... pobre ave foragida!

O luar inundava de prata a noite serena: o favonio frio modulava cantilenas maviosas, suavemente tristes, corno gemer de rolas à hora nostálgica do crepúsculo...

Quando voltei dessa viagem penosa, o inverno vestia de esperança as várzeas extensas; uma grama aveludada acareava o caminho sombreado de trepadeiras floridas; boiavam no ambiente as emanções da florescência silvestre. Como tudo houvera mudado!

A orquestra da natureza povoava a espessura rescendente. Nenhum ninho vazio!

Quantas vezes a aragem não me trouxe nas asas sutis uma melopeia simples e doce vinda de canto ignorado e venturoso, de alguma habitação humilde escondida por entre as árvores; sons que me embalavam, que traziam envolta com os aromas esparsos as minhas ilusões que eu julgava mortas, inteiramente mortas!

Ai, Lena, e este rejuvenescer da Natureza foi como uma ressurreição para a minha alma!



A ERMIDA

Essa construção de teto abatido, paredes quase desfeitas, rodeada de arvoredos que suspiram ao vento que passa, foi uma graciosa capela, a única, nesse tempo, da pequena povoação encravada no sopé da serra que se alonga, a perder de vista, para os lados do ocidente.

Outrora a sua estreita nave regurgitava de povo chamado pelo som grave do sino que ecoava ao longe por vales e quebradas.

O tempo levou a alegria das noites de Natal, o aroma das flores de maio já não se evola do seu altar pontilhado de luzes, e as encostas das colinas e os atalhos da planície já não se enchem da multidão que, pressurosa e satisfeita, caminhava ao apelo do bronze sagrado.

Tudo isso passou... É, ao presente, uma ruína. A sua desolação, o seu acabar aos poucos, vão se constatando ante o olhar indiferente dos que vieram depois, dos que não compreendem nem sonham quanto de luminosas e inextinguíveis lembranças encerra.

Talvez algum velho coração a busque, relembrando venturas que foram, inacessíveis saudades de perdido amor.



CAMINHO EM FORA

A Elmira Ribeiro

Por uma tarde de agosto, luminosa e tépida, tive de fazer essa viagem longa com as lágrimas a fulgirem nos olhos e a saudade na alma.

A saudade... Como em tudo me aparecia! Na minha casinha que deixava por tempo indefinido, banhada da luz rósea de um pôr de sol magnífico! Doíame abandoná-la, e vi-a como um antigo ninho desabitado de onde a frígida invernia fizera emigrar para bem longe os passarinhos. Parecia envolta num véu de poesia misteriosa que eu nunca conhecera, quando a fitei com o derradeiro olhar.

Meus sonhos e esperanças que desabrochastes no albor das madrugadas perfumosas, velai o humilde pouso e enchei-o de harmonias como quando me cantáveis no coração, até que volte a forasteira.

Por outros climas, se belezas houver, a saudade consoladora da felicidade fruída será o halo resplande-

cente dessas recordações que me inebriarão sempre.

Isto eu murmurava, o olhar indeciso vagueando nas árvores que ramalhavam ao vento da tarde, suspiroso e brando.

A alma, saudosa e louca, fugia, a voltar para trás em busca desse lugar querido, como se anos houvera que dele se apartara.

Há sempre no coração dos que partem uma indizível dor a pungi-lo; e essa ia-me muito funda, apesar do encanto da tarde que caía, saturada do aroma disperso das matas floradas.

Em frente à estrada branca e imensa, surgiam os cabeços de uma serra muito azul que se debuxava no ouro e rosa do horizonte, ao longe...

ALBA VALDEZ



FOLHA DE UM LIVRO

Angela... Este nome evoca uma graciosa e doce recordação de última vez que estive no campo para onde me levou enfermidade pertinaz, que me abatia o espírito, deixando-o pairar indeciso sobre as coisas como uma ave a quem arrancassem o ninho e se visse bem longe do céu, debaixo do qual modulara a primeira canção do amor.

Era em setembro; a canícula abrasava a natureza e, como se houvera um enorme incêndio nas matas, as árvores elevavam para o espaço os longos ramos enegrecidos e nus.

Cigarras zumbiam e o seu grito monótono e ininterrupto enchia o ar – estridente, ensurdecedor.

Como tudo aquilo era triste, desolado!

Aqui era o álveo de um rio que secara; além, casinhas em ruínas que os donos haviam abandonado; em algumas viam-se as cercas em completo estado de conservação, para onde, ao pôr do sol, voltavam as brancas ovelhinhas balindo saudosamente.

EM SONHO... (FANTASIAS)

E eu recompunha todo o passado da pobre ruína... Via-a iluminada de um sol nascente e no interior palpitar intensamente a vida de rústicos felizes: a mulher ocupada no *ménage*, enquanto as crianças no alpendre, entretidas, cantarolando, faziam curraizinhos, construía casas. O marido, esse saía ao amanhecer, de foice no ombro, para a faina da lavoura.

Muitas vezes, quando voltava dessas excursões pelos arredores do povoado, com a imaginação cheia de reminiscências ora tristes, ora risonhas, as badaladas do sino da capela soavam Ave-Maria...

La caindo a noite; em todas as casas bruxuleava a luz avermelhada das candeias e, não raro, se ouvia a voz dolente, harmoniosa, de alguém que entoava cantigas de berço. Era Angela, essa meiga moça que tão minha amiga fora e de quem, ainda hoje, me recordo com infinita saudade – Angela fazendo adormecer o irmão pequenino.

Depois, ela vinha encurtar os longos serões daquelas noites, contando-me histórias antigas que a imaginação fantasiosa do povo dava feição lendária, as quais mais interessantes se tornavam pelo pitoresco da dicção, pela música de sua voz cadenciada que suscitava algo de branda viração a sussurrar por entre a folhagem das árvores.

Um dia, ao dizer-lhe o derradeiro adeus, tive de recalcar no coração o pranto para que o não visse desfiar pelo meu rosto entristecido; e já muitíssimo distante do povoado que serras azuis muravam, em meio à estrada silenciosa e deserta, cuidava ainda avistá-la e o voejar de seu lenço branco em sinal de despedida.